9500

5.º Anno Janeiro de 1902 N.º 1

REVISTA DE INFANTERIA

Historia da infanteria portugueza

INTRODUCÇÃO

1.º — A infanteria na edade media.
2.º — A infanteria da Peninsula Iberica anteriormente á fundação da monarchia portugueza.— Os Lusitanos.

I

Foi em plena edade media que raiaram os primeiros alvores da nacionalidade portugueza.

Foi em plena edade media que se separou da monarchia de Leão o minisculo Condado que, pouco depois, se havia de transformar n'esse glorioso reino, insignificante pelo territorio, mas grande, immensamente grande pela historia, cujo sol brilhante, que nem os seculos poderão eclipsar, illuminará sempre os feitos epicos de tantos d'esses heróes que levaram a cabo emprehendimentos tão

arrojados que quasi parecem fabulósos; no pequeno reino que tinha reservada para si a missão sublime, a tarefa grandiosa, de revelar aos povos do occidente os mundos desconhecidos, abrindo á civilisação e ao progresso os caminhos dos mares, com pasmo e assombro das sociedades cultas.

Corria o cyclo d'esse longo, e tambem fecundo periodo historico — por tanto tempo calumniado como de absolutas trevas e de retrocesso, mas que, em verdade, gerou a moderna civilisação, tal qual se ostenta agora, com todo esse sequito de descobertas, de conquistas nas sciencias e artes, e de progressos em todos os ramos da actividade humana — em que a cavallaria assume todo o seu explendôr.

E' positivamente a epocha mais obscura para a historia militar da humanidade, e a menos importante para a historia da infanteria.

Então, o nobre, senhor da terra e de tudo o que a habitava, homens e coisas, só sabia combater a cavallo. A pé batia-se apenas a turba vil da peonagem, cujas frechas e bestas eram impotentes perante as pesadas armaduras de que se reveste o cavalleiro. Contra o peão arremette elle impavido e ousado, de viseira cahida, soltas as redeas do fogoso corcel, de lança em riste, ou brandindo o pesado montante.

O infante, reduzido ao infimo papel de serventuario, de apoio material do fidalgo, do senhor, ou fugia amedrontado e receioso do gladio que abria na multidão confusa um sulco terrivel de destroço e de sangue, ou, lançado em terra, prostrado pelos golpes do temivel adversario, era esmagado pelo cavallo no redemoinhar da refrega.

As pugnas transformam-se, a bem dizer, em duellos individuaes, e n'esses recontros singulares transparecem e admiram-se apenas o ardor guerreiro, a destreza e valentia pessoal, e resplandecem as douradas armaduras.

A ellas assiste o infante como um simples comparsa, envergonhado, confudido pelo seu nenhum prestigio.

O valor individual guinda-se ás maiores culminancias, tocando o apogeu. A gloria, a honra e a fidelidade são proclamadas, sem contestação, como as mais brilhantes e admiraveis virtudes guerreiras. Como as Cortes d'Amor, exaltadas pelo espirito romantico da epocha, constituem a verdadeira escola do sentimento, assim tambem as justas, os torneios eram a genuina e unica escola guerreira.

Mas, desde que a organisação militar n'um dado periodo historico não é mais do que o reflexo da constituição civil, do estado social, necessario se torna estudar e reconhecer as causas da degeneração, do abatimento, do desprestigio da infanteria, (que fôra, por assim dizer, a arma unica dos tempos classicos), nos primeiros periodos medieváis, muito embora a partir do seculo XII comece ella a reconquistar o seu logar sobranceiro a despeito da cavallaria, e o seu direito de verdadeira e genuina arma de combate, que só accidentalmente havia perdido.

O feudalismo foi o systema politico dominante em quasi toda a Europa (1) na segunda metade da edade media. Os povos barbaros, como avalanche formidavel, terrivel, que tudo destróe na sua passagem, invadiram o Imperio Romano, que foi sepultado com toda a sua arte militar no chaos produzido por essas hordas que irrompem impetuosamente do norte da Europa e da Asia.

Esse immenso imperio — que com a sua famosa legião chegou a submetter quasi todo o mundo então conhecido — exhausto por uma larga serie de conquistas, enervado pela corrupção do tempo dos imperadores, que tendo tambem invadido o seu exercito lhe fez perder a antiga virilidade, não poude suster-lhes a marcha impetuosa.

Na primeira linha, na avançada, vêm os Frankos que, dominadores da Gallia, fundam a França: seguem-se-lhe os Germanos que lançam as bases, fundam os alicerces d'uma das mais poderosas nacionalidades actuaes, mas então ainda barbara.

O primeiro cuidado dos reis francos é premiar os relevantes serviços dos seus chefes subalternos, dando-lhes o senhorio das terras conquistadas, com direitos quasi eguaes aos dos soberanos, e conjunctamente titulos honorificos de nobreza. Os germanos que, segundo é hoje opinião corrente, foram os primeiros a estabelecer o feudo, com a designação especial de *beneficium,* querendo recompensar os serviços dos leudes, faziam-lhes concessões de terras.

Com o predominio dos barbaros desapparecem todos os ger-

(1) O feudalismo propriamente dito não existiu na Peninsula. Diz Oliveira Martins na *Historia da Civilisação Iberica:* «Não poude crear-se e medrar na Hespanha um systema feudal puro».

Na Italia tambem não chegou a organisar-se definitivamente por causa das reminiscencias do municipalismo romano.

mens da antiga civilisação, e implanta-se um novo e genuino estado de coisas em que só a força domina como o unico e indiscutivel direito. O povo, as classes desprotegidas e desprovidas de fortuna, a grande massa dos habitantes tanto das cidades como dos campos é o servo, o vassalo do seu nobre senhor, ao qual é obrigado a pagar impostos, alguns dos quaes vexatorios e outros odiosos e ridiculos. O dever mais importante e mais particularmente imposto ao vassallo era o de defender o suzerano contra qualquer aggressão, o de se enfileirar no seu exercito, constituindo como que a sua escolta, a sua guarda mais ou menos sumptuosa, mais ou menos luzida, conforme o poderio do senhor. D'uma tal constituição social provinha pois o papel infimo do peão. Comprehende-se portanto bem que a infanteria perca todo o seu antigo poder, desde que os elementos que a constituem, a materia prima destinada a alimental-a, não o tinha tambem socialmente considerada. Comprehende-se bem, assim devia ser forçosamente, que se torne impotente e secundaria desde que ninguem se occupa em lhe dar uma organisação regular, base essencial da sua força. Mas com a descoberta das armas de fogo, e com outras causas de caracter social, que em breve fixaremos, o combate a pé começa tambem a ser honroso para os que se convenceram, com a logica irrefutavel dos factos, que eram legitimas e importantes as consequencias da tactica sobre a acção individual, engrandecida pelo espirito cavalheiresco da epocha.

Fundado pelo neto de Carlos Martel, o collossal imperio do occidente não é mais do que um fulgido lampejo de unidade, porque dura quasi tanto como o seu fundador. Dividido entre os seus filhos erigem-se duas das maiores nacionalidades modernas: A França, essa nação hegemonica da raça latina, que decadente materialmente pela diminuição progressiva da sua população, é no dizer d'um dos seus filhos mais illustres «como que a alma e o coração do mundo, o berço das liberdades e a gloria perene do cerebro humano»; e a Allemanha, cujo poder cresce prodigiosamente de dia para dia, cuja superioridade se affirma social, militar e scientificamente considerada.

Os successores d'esse grande homem, de Carlos Magno, carecendo da energia sufficiente, faltando-lhe o espirito supinamente civilisado que tanto distinguiram aquelle eminente vulto medieval, deixam escorregar das suas debeis mãos o poder real de que tanto abusam os nobres

senhores feudarios, e acabam assim de consolidar o feudalismo na Europa central.

A Peninsula Iberica — á qual a natureza parece ter querido dar a feição d'um baluarte inexpugnavel, cingido pelo mar e pelos alcantilados Pyrineos — foram attrahidos os invasores (1) pela riqueza exhuberante do seu solo, como já anteriormente o haviam sido os Phenicios e Carthaginezes. Fundam a monarchia gothica.

Foi imponente, decisiva, a influencia das instituições vesigothicas no organismo dos estados peninsulares; ainda hoje se conservam profundos vestigios d'essa civilisação.

Foram os godos, de todos os barbaros que vieram á peninsula, os mais adiantados na arte de guerra, mas as suas pesadas formações que, para resistirem, deviam ser fortalecidas pela disciplina e incendidas pela idéa da solidariedade da patria, por que estes poderosos esteios lhes faltaram, não poderam resistir ao embate das hordas musulmanas que invadiram a Iberia, chamadas pelos proprios godos, contra partidos adversos da sua raça.

Em 711 afunda-se em Guadelete a monarchia dos godos. O seu numerosissimo exercito (2) é completamente anniquilado pela tradicional e famosa cavallaria agarena, e pela sua infanteria, constituida por gente ávida de ricos expolios e cujo espirito guerreiro era poderosamente exaltado pelo fanatismo.

Ao entrarem na Europa, traziam os arabes uma organisação politica e militar que lhes permittia conquistar rapidamente os povos que os attrahiam, desconexos e divididos.

A conquista arabe transforma a parte não occupada da Iberia, divide-a em pequenas nacionalidades, avigorando assim o systema feudal.

Mas o feudalismo não conseguiu crear raizes profundas na Peninsula. Os arabes, cheios de ardor e de coragem, preferindo tambem a acção individual á acção da massa, enfermam tambem e resentem-se da falta d'um regimen disciplinar fecundo.

A lucta para a emancipação, lucta gigantesca entre a cruz e o crescente, que se prolonga por mais de oito se-

---

(1) A Peninsula foi invadida successivamente pelos Suevos, Alamos, Vandalos e Vesigodos.

(2) De mais de 80:000 na sua maioria de infanteria.

culos, representa-nos um quadro brilhante, resplandecente de heroismo, de epicas façanhas d'uma e d'outra parte. N'esse periodo notavel, attingem ja um progresso palpitante a tactica e a estrategia, e despontam os primeiros germens da fortificação, que vem depois a desenvolver-se bastante com a perfeição do armamento.

D'essa prolongada guerra em que, por seu lado, cada uma das duas raças contendoras procura anniquilar o adversario, animadas, uma pelo fanal da liberdade, pelo ideal da Patria, iman que prende todos os espiritos, nome que adoram todos os corações, e a outra impulsionada, fortalecida pelo fanatismo religioso, que tanto engrandeceu os sectarios de Islam, d'essa escola, sahiu a infanteria peninsular e particularmente a infanteria portugueza, que passa a ser das primeiras do mundo.

(Continua)

J. Gil.
Capitão de infanteria.

OS QUADROS DO EXERCITO

Vox clamantis in deserto...

(Continuado do n.º 7 — Julho de 1900)

Como prefacio do nosso trabalho, affirmámos e julgamos ter demonstrado em anteriores artigos : (1)

(1) Paginas 79 a 84, 116 a 120 e 225 a 230 do 3.º volume da *Revista de Infanteria*, (1900).

— Que a adopção de um curso unico para as tres armas é racional, possivel e absolutamente necessaria.

— Que a construcção e reparação do material de guerra deve estar a cargo da engenharia.

— Que a missão do *official engenheiro*, tal como o consideramos, é bastante complexa, sendo impossivel ser-se grande engenheiro e grande capitão, visto que a omnisciencia é um dom exclusivamente divino.

— Que, por identicas razões, o official de artilharia, para ser um razoavel official e poder aspirar ao generalato, se deve entregar exclusivamente e de corpo e alma ao tiro e tactica da sua arma, não esquecendo nunca as relações de combate entre ella e as duas armas suas irmãs.

— Que a engenharia não é uma arma, pois que, quando combate, é uma especie não justificada de infantaria.

— Que ainda que um engenheiro possa ser um bom tactico, essa qualidade, difficilima de adquirir, em nada aproveita propriamente á *engenharia*, antes pelo contrario.

— Que o serviço de engenharia deveria comprehender: o *corpo de officiaes-engenheiros* e as *tropas de engenharia*.

— Que a engenharia, alem das varias especialidades, deveria, pelo que diz respeito a *sapadores*, ter apenas os *sapadores de praça*, passando a missão dos sapadores de campanha a ser desempenhada pelas tropas das tres armas.

— Que a administração, disciplina e instrucção militar das tropas de engenharia, convenientemente grupadas por secções, deveriam estar a cargo de officiaes auxiliares, de cuja proveniencia fallaremos quando tratarmos do novo recrutamento dos quadros do exercito.

— Que a instrucção technica e o commando das unidades da engenharia seria a unica missão dos officiaes engenheiros enquadrados nas unidades em que seria subdividido o actual regimento.

— Que o fornecimento de mobilia e utensilios seria mais proprio de uma secção especial da administração militar.

— Que, addidos á direcção do arsenal do exercito, deve haver um certo numero de officiaes das tres armas, encarregados da experiencia, armazenagem e distribuição do armamento e outro material das respectivas armas.

— Que o museu denominado impropriamente *de artilharia*, devia denominar-se, per todas as razões, *museu militar* ou *museu do exercito*.

— Que o actual processo de recrutamento de officiaes para o serviço do estado maior não é o mais proprio para obter officiaes com manifesta aptidão para aquelle serviço.

— Que qualquer official habilitado com o curso da respectiva arma não necessita de *tonelagem* scientifica de tres annos de preparatorios superiores.

— Que dia a dia se vae reconhecendo que necessita antes de outros predicados indispensaveis, relativamente faceis de reconhecer e comprovar.

— Que se deve adquirir por um *crible d'épreuves* a garantia de que o official a promover *por antiguidade* tenha incontestavel aptidão para o bom desempenho das funcções do posto immediato.

— Que é de absoluta necessidade e extraordinariamente facil acabar com a dualidade de procedencia dos officiaes de infantaria, e cavallaria.

— Que, com uma organisação mais racional da Escola do Exercito,

se poderá conseguir que todos os officiaes das tres armas possuissem todas as habilitações precisas para, depois, com a pratica, poderem desempenhar os mais melindrosos serviços militares, incluindo o serviço dos estados maiores, para o que seriam sujeitos ás mais rigorosas provas.

— Que o estudo e a pratica de anno para anno melhor methodisados, uma sequencia de provas bem reguladas, o habito progressivo do commando e o criterio da edade, farão naturalmente do alferes o general.

— Que os officiaes ao serviço dos estados maiores, para serem *auxiliares valiosos, indispensaveis* dos seus generaes, devem apenas ter em maior grau as qualidades proprias da edade: memoria, vista, resistencia e destreza a cavallo.

Accrescentaremos agora, para mais clareza; que d'estas qualidades essenciaes e d'outras pelas quaes porventura se distinguissem dos seus camaradas, dariam préviamente prova cabal, irrefragavel, como depois explicaremos.

Posto isto, nós, que até aqui não temos sido mais que um écho tenuissimo de tantos e tão distinctos camaradas, de quem temos ouvido e lido a opinião de incontestavel auctoridade, tentaremos agora expôr qual a organisação de estudos da Escola do Exercito que julgamos necessaria para a base de um novo recrutamento de quadros.

Estabeleceremos como que um traço de união entre a opinião dos illustres escriptores que apontam os males e a opinião de outros não menos illustres que indicam o *desideratum*.

No processo de transição ha grandes divergencias, razão porque, mau grado nosso, marcharemos isolados n'esta escabrosa etape.

E' bastante ardua a tarefa, mas, tendo chegado ao objectivo principal da nossa empreza, inconsciente e desairoso seria retrogardarmos.

O curso de engenharia civil na Escola do Exercito, faz-nos lembrar, — salvo seja — um chapeu de chuva posto n'uma panoplia...

Parece-nos que esse curso, como o seu nome indica, é mais de molde a professar-se em uma escola civil — a Escola Polytechnica de Lisboa — por exemplo.

Transferido pois o curso de engenharia civil para aquella escola, o que reputamos facil, os lentes encarregados das 12.ª a 20.ª cadeiras da Escola do Exercito, cadeiras que com a 11.ª constituem o curso de engenharia civil e de minas, passariam a fazer parte do corpo docente da Escola Polytechnica.

As materias professadas nas restantes onze cadeiras da Escola do Exercito deveriam ser divididas pelas 18 cadeiras propostas, do modo indicado no seguinte quadro:

1.ª cadeira	{	Direito politico administrativo. Direito internacional. Organica militar.
2.ª »	{	Legislação militar portugueza. Administração militar portugueza.

3.ª	»	Armamento portatil e pesado (noticia historica resumida e descripção dos modelos actualmente usados nos principaes exercitos). Noções sobre o fabrico do armamento. Noções sobre o fabrico de polvoras, explosivos, artificios e munições; seu acondicionamento, aproveitamento, inutilisação e transporte. Correame, equipamento e arreios. Material de engenharia, viaturas, reparos e mais material auxiliar de artilharia; sua conservação.
4.ª	»	Topographia. Cartographia.
5.ª	»	Balistica; sua applicação ao tiro das armas portateis e e bôcas de fogo.
6.ª	»	Tactica elementar das tres armas. Noções de estrategia. Trabalhos de acampamento e bivaque. Communicações militares. Applicação da photographia aos usos da guerra. Serviço de subsistencias em campanha. Serviço sanitario em campanha.
7.ª	»	Fortificação passageira. Noções de fortificação provisoria e permanente. Ataque e defensa das fortificações.
8.ª	cadeira	Geographia e estatistica militar da peninsula Iberica. Noções de historia militar antiga e medieval. Historia militar moderna e contemporanea.
9.ª	»	Curso colonial militar: Geographia colonial portugueza. Organisação militar colonial. Historia militar colonial portugueza. Tactica colonial.
10.ª	»	Curso complementar da tactica e estrategia. Serviços do Estado maior.
11.ª	»	Historia critica da guerra. Defeza do paiz.
12.ª	»	Infantaria: Tiro. Tactica. Serviços. Material portuguez.
13.ª	»	Cavallaria: Tiro. Tactica. Serviços. Material portuguez.
14.ª	»	Artilharia; Tiro. Tactica. Serviços. Material portuguez.

15.ª » Curso complementar de balistica.

16.ª » Fabrico de ferramentas, armas brancas, correame e equipamento; arreios, reparos e material auxiliar de artilharia, viacturas e material de engenharia.

17.ª » Serviços de engenharia.
Construcção de fortificações provisorias e permanentes.
Ataque e defensa das fortificações.
Sapas e minas militares.
Defeza sub-aquatica de rios e portos.

18.ª » Fabrico de armas de fogo portateis e respectivo cartuchame.
Fabrico das bôcas de fogo e respectivos projecteis, cartuchame, espoletas e escorvas.
Fabrico de artificios.

As materias d'estas cadeiras deveriam ser expurgadas do superfluo e inutil, para se poder ter em mais consideração do que até hoje assumptos da maior utilidade pratica.

As quatorze primeiras cadeiras constituiriam o curso das tres armas, e as quatro restantes o curso de engenharia militar.

Os preparatorios exigidos para a matricula na Escola seriam :

Para o curso da tres armas : — Curso dos lyceus, algebra superior, trigonometria espherica e geometria analytica.

Physica experimental.

Economia politica.

Estas tres cadeiras das Escolas polytechnicas ou Universidade seriam professadas em um anno (1).

Cumpre-nos dizer que os preparatorios superiores que indicamos para a matricula no curso das tres armas, não são por nós julgados absolutamente imprescindiveis, sob o ponto de vista de preparação technica militar, mas esses preparatorios de um anno, sem so tornarem demasiado pesados, illustram e põem o futuro official em convivio de escola com individuos cujas profissões futuras lhes garantem um logar de élite na sociedade, onde o official deve occupar uma situação proeminente.

Chamamos em nosso auxilio um distincto escriptor = o capitão Mr. Ch. Bride :

«*Pour tenir dignement son rang dans la nation et dans la société, le chef militaire doit être le pair intellectuel des médecins, magistrats, professeurs, ingénieurs...*»

---

(1) Não julgamos necessaria a frequencia de mechanica e geometria descriptica, para o que seria preciso mais um anno, porque a parte d'estas materias indispensavel para o estudo da balistica e da fortificação póde ser estudada, respectivamente como preliminar d'estas cadeiras, na Escola do Exercito.

Von der Goltz diz mais:

«Com o serviço universal e obrigatorio, o corpo de officiaes deve ser a élite das nações».

Para o curso de engenharia militar:

Curso dos lyceus.
Curso de engenharia civil e de minas.
Para a admissão no curso de engenharia militar seria aberto concurso entre os engenheiros civis que houvessem terminado o curso n'esse anno, sendo preferidos os melhor classificados, tendo aptidão physica.

Para o curso de administração militar:

5.º anno dos lyceus.
As cadeiras dos Institutos industriaes e commerciaes exigidas actualmente (Art. 83.º Cond. 7.ª).

A duração dos cursos seria:

Tres armas — 3 annos.
Engenharia militar — 2 annos.
Administração militar — 2 annos.

Os alumnos das tres armas teriam as seguintes graduações e vencimentos:

1.º anno — aspirantes de 3.ª classe, 300 réis diarios (1).
2.º anno — aspirantes de 2.ª classe, 500 réis.
3.º anno — aspirantes de 1.ª classe, 800 reis (2).
Terminando o curso seriam promovidos a alferes e quatro annos depois a tenentes.
Os alumnos de engenharia militar teriam a graduação de alferes e o vencimento unico da patente.
Frequentariam a escola como externos e terminando o curso seriam promovidos a tenentes.
Os alumnos de administração militar teriam a mesma graduação e vencimento dos alumnos de egual anno do curso das tres armas.
Terminando o curso seriam promovidos a aspirantes de 1.ª classe

---

(1) A designação de *cadete* seria applicada exclusivamente aos ex-alumnos do Real Collegio Militar.
(2) O uniforme seria o actual, sem divisas.

um anno depois a alferes e quatro annos depois da promoção a este posto seriam promovidos a tenentes

O 1.º e o 2.º anno do curso das tres armas seriam communs, frequentando-se no 1.º anno as cinco primeiras cadeiras e no 2.º as quatro seguintes:

O que determinaria a separação por armas, na passagem ao 3.º anno, seria exclusivamente a equitação.

Os alumnos classificados em primeiro logar iriam, dentro do limite fixado, para cavallaria, os seguintes para artilharia e os ultimos para infanteria.

Seria permittida a opção por qualquer arma, sendo exigido para a cavallaria um minimo de 14 valores e para a artilharia um minimo de 10.

No 3.º anno frequentar-se-hiam em commum as 10.ª e 11.ª cadeiras e mais: Os alumnos de infanteria a 12.ª, os de cavallaria a 13.ª, e os de artilharia a 14.ª.

Os exercicios militares seriam feitos em commum durante os dois primeiros annos; no 3.º anno cada arma faria os da respectiva especialidade.

Os trabalhos de gabinete, de campo, missões e reconhecimentos seriam divididos racionalmente pelos tres annos.

A hygiene professar-se-hia no 1.º anno e a hippologia no 2.º.

A instrucção de gymnastica, esgrima e tiro seria ministrada durante os tres annos.

A instrucção de equitação seria tambem obrigatoria durante todo o curso, mesmo para os alumnos destinados á arma de infanteria

---

Os alumnos do curso da engenharia militar frequentariam, álem das cadeiras da especialidade, as 1.ª, 2.ª, 6.ª, 8.ª e 9.ª, divididas da seguinte fórma:

1.º anno — 1.ª, 2.ª 15.ª e 16.ª cadeiras
2.º anno — 6.ª 8.ª, 9.ª, 17.ª e 18.ª cadeiras.

Os alumnos do curso de administração militar frequentariam:

1.º anno — 1.ª. 2.ª, 3.ª e 4.ª cadeiras.
2.º anno — 6.ª 8.ª, e 9.ª cadairas.

O ensino de hygiene, hippologia, equitação, gymnastica, esgrima e tiro de revolver seria extensivo aos alumnos de engenharia e administração, assim como a instrucção militar correspondente d'instrucção do soldado de infantaria e cavallaria.

Parece-nos ficar exposta, de um modo geral, mas claro, a fórma de recrutamento (que julgamos mais racional e productiva) dos officiaes das tres armas, de engenharia e de administração militar.

Em artigos subsequentes trataremos do serviço de estado maior e dos outros quadros do Exercito.

(*Continúa.*) G. V.

A REORGANISAÇÃO

DO

Exercito colonial

D'um nosso assignante recebemos a seguinte carta, que publicamos na integra:

... *Sr. Redactor*:

Permitta-me V. que com a lealdade de camarada e na qualidade de assignante da *Revista de Infanteria*, tome a liberdade de fazer umas breves considerações a respeito do decreto de 14 de novembro, pelo qual são reorganisadas as forças ultramarinas.

No ultimo numero da sua *Revista* vem um artigo que me impressionou mal, e posso-lhe affirmar mesmo que a toda a arma, pois que n'elle se advoga a nomeação para o ultramar com preterição. Como V. sabe, a antiguidade, entre nós, é a garantia á sombra da qual o official vive tranquillo e se dedica de coração ao seu mister, porque sabe o que tem e conhece com o que deve contar para o seu futuro. Pelo decreto a que me estou referindo ha de haver fatalmente grandes perturbações na escala e, portanto, essa garantia perde-se. Verdade é, eu reconheço, que, segundo a lei, quem não quizer ser preterido offerece-se e embarca para as colonias, mas embora assim succeda não posso deixar de dizer que é um duro encargo lançado sobre o exercito e que ha muitos officiaes a quem o seu estado de saude não permitte viver nos climas das colonias. Além d'isso os que acceitarem não teem uma recompensa condigna, pois que o dinheiro não é muito e as vantagens no accesso são pequenas ou podem mesmo ser nullas, caso se offereçam todos a quem pertença.

A pretrição alem de ser, entre nós, um principio injusto e contraproducente, porque nem tedos os officiaes que se offereçam o fazem de boa vontade, podendo, portanto, os serviços deixar muito a desejar. Como V. sabe, as nossas colonias o que precisam é de dedicações e vontades firmes e resolutas.

N'estes casos, sendo necessario acudir ao estado vergonhoso das nossas actuaes forças coloniaes, como é dito no artigo a que me estou referindo e com o que eu concordo plenamente, o que parece preferivel era lançar mão do voluntariado expontaneo. Com as vantagens que dá a lei actual ou mesmo dando sómente vantagens monetarias, não faltaria gente e, n'este caso, gente de vontade e de dedicação. Porque não advoga V., pois, esse alvitre? Faça-o e póde crêr que torna a sua *Revista* sympathica a todos os nossos camaradas e, que alem d'esta razão, que talvez o não preoccupe, presta um bom serviço ao exercito e talvez mesmo ás colonias e ao paiz.

Diz-se no artigo a que me refiro, e diz-se muito bem, que as forças coloniaes não devem estar á mercê dos governadores, que é necessario estabelecer a pensão de sangue e deitar fóra a prohibição de o official que adoeça só ter direito a passagem pagas para o reino se tiver mais de 6 mezes de serviço. Justo é que ista se faça, mas ainda ha

mais pontos falsos na lei ; que são, por exemplo, os adeantamentos, que são pequenos e que não chegam para se comprar sequer o uniforme do ultramar; a maneira como é organisada a escala em funcção de *n* tem grandes inconvenientes, que não aponto por esta ser longa, mas direi apenas que desappareciam se fosse organisada em funcção de *2n* e *4n*, que é o tempo das commissões.

A outros pontos desejava referir-me, mas não o faço porque alongar-me-hia demais a ponto de roubar o espaço da sua *Revista*, o que difficultaria a publicação d'esta, que eu peço a V. não deixe de fazer.

Agradecendo-lhe este favor peço, sr. redactor, me creia

De V.

Obg.do Att.o e camarada

***

P. S. — Caso a publique peço-lhe não divulgue o meu nome.

Não só temos o maximo prazer em publicar a carta do nosso destincto camarada e amigo ***, mas até lhe vamos responder, porque a divergencia de opiniões de modo algum altera ou modifica a estima e a consideração que tão destincto camarada nos merece.

Devemos, porém, desde já fixar um ponto de doutrina que convem ter sempre presente.

A «*Revista de Infanteria*» não vive para lisongear a vaidade ou o capricho de qualquer individualidade, nem ainda para agradar a este ou aquelle camarada.

Com a mais absoluta e completa liberdade de acção propõe-se advogar os legitimos interesses da arma de Infanteria, como elemento preponderante da defeza nacional, mas sem esquecer o que deve a esta grande collectividade que se chama Patria.

E nunca nos passou pela mente, um só instante, que haja no nosso exercito quem quer que seja que hesite em prestar o seu serviço, arriscar a sua vida, sacrificar o seu bem estar e tranquillidade, aos grandes interesses communs da nossa querida Patria, quer ella seja Lisboa ou Moçambique, quer seja Vizeu ou Guiné.

Portanto, permitta-nos o distincto camarada, que sobre esse ponto não discutamos, porque seria injuriar os nossos camaradas se acceitassemos a hypothese de tal hesitação.

Vamos todos, todos, sempre que seja preciso, e vamos quotidianamente até que as forças portuguezas nas colo-

nias sejam uma garantia da civilisação n'esses queridos e uberrimos pedaços da nossa patria.

E esta opinião, que sempre temos sustentado e defendido na imprensa, corresponde em absoluto a uma instante necessidade nacional.

Quem escreve estas linhas tem auctoridade moral para fallar de cabeça erguida, sobre este assumpto, por que já foi prestar o seu serviço nas colonias em circumstancias bem excepcionaes e bem perigosas.

E irá tantas vezes mais quantas for necessario.

Pois se o exercito é todo uma familia, sujeito ás mesmas leis e ás mesmas contingencias, como pode admittir-se que para uns sejam os duros sacrificios, as grandes provações, os trabalhos, as fadigas, e para outros os confortos, as commodidades, as conveniencias pessoaes?

Não, não seria justo.

Nenhuma consciencia honesta pode desejar tal, e até o proprio sr. *** se mettesse as mãos na consciencia ella lhe diria que estava em erro.

Todos deviam ir, mas vem a lei benefica e diz: *não vá, se isso o encommoda,* mas não se queixe que o outro camarada que vai, que deixa a familia, que arrisca a vida, que arruina a saude, tenha alguma compensação mais util, mais pratica, mais radical do que não seja apenas o interesse pecuniario, que esse é uma utopia, por que todo o dinheiro é preciso, e não sobra, para o official manter no ultramar a dignidade e o prestigio da sua posição.

Não pode queixar-se, não tem o menor direito a queixar-se, e é uma vergonha queixar-se.

Não quer ir servir nas colonias? Soffre a consequencia logica do facto, sendo preterido.

Não quer ser preterido? Vai servir nas colonias.

Está tudo na nossa mão.

Não ha lei mais justa.

Vestir uma farda, ser soldado, trazer este nobilissimo emblema de honra e de virtude, não é o mesmo que ter uma profissão qualquer, um ganha pão apenas.

Dentro de nossos corações está o coração da patria, e dentro d'este mundo material, onde se agita a vida, ergue-se para nós outro mundo moral, imponderavel, intangivel, mais fino do que ouro, mais brilhante do que as estrellas, tão sublime como a ideia, tão vasto como os ceus, que nos domina, que nos empolga, que nos absorve n'esse amor dos amores, o casto amor da patria.

E está n'esta bella estatura moral do soldado, n'esta incomparavel superioridade psychologica da nossa classe, a nossa grande força, o nosso prestigio, o nosso valor e até a nossa honra.

Deitem tudo isso por terra e o que fica?

A materialidade chata e mesquinha do ganha pão, e nada mais.

Aqui ou além, onde quer que termule hasteada a bandeira portugueza, a nossa honra, o nosso dever, o nosso coração leva-nos, e leva-nos sem hesitações, a manter-nos sem manchas essa bandeira, symbolo de um grande povo que tem na Historia um nome immorredouro.

Não discutamos isso.

Se o que é bom deve ser repartido por todos, com identica razão o que é mau por todos deve ser distribuido.

E será mau o servir nas colonias.?

Isso é outra these a discutir. A prova que não é tão mau como se diz é que quem lá for uma vez fica desejando voltar.

Mas seja bom, seja mau, o que é impreterivel é organisar-se a força militar nas colonias em condições de offerecer garantias serias para o progresso d'essas colonias e para honra e bom nome da Nação Portugueza.

E isso só se pode fazer pelo processo agora adoptado na nova lei, que é, sem contestação, a melhor de todas quantas se tem publicado entre nós sobre o assumpto.

Para nós é-nos absolutamente indifferente que seja *n* ou *2n* ou *4n* o limite onde se começa a contar a preterição.

E' uma questão de sorte.

Todavia o nosso assignante refere-se a outros assumptos, embora de natureza secundaria, em que estamos completamente de accordo.

E' impossivel que uma lei tão complexa e tão vasta como essa que se refere á reorganisação do exercito ultramarino podesse sahir perfeita.

A perfeição não é dada aos homens.

Tem defeitos, e em nossa consciencia e com toda a lealdade e independencia já apontamos alguns. Mas isso nunca foi motivo para se deitar uma lei por terra, mas, antes ao contrario, deve ser o estimulo para a aperfeiçoar. Dê-se tempo ao tempo.

Isto é que é sensato, isto é que é pratico.

Concordamos ser pequeno o adeantamento feito aos

officiaes que embarcam para as colonias, porque é insufficiente para a mudança forçada de uniformes; que é mister ter-se em consideração a situação dos officiaes regressados do Ultramar emquanto não teem cabimento; a questão do commando superior das tropas coloniaes; e ainda a pensão de sangue para as victimas do dever no Ultramar.

E' indispensavel baratear a vida ao official nas colonias, e, emfim, promover por todos os modos as maiores commudidades lá, para que a saude se mantenha com proveito de todos e não menor do paiz.

Por esse caminho encontrará sempre o nosso assignante e amigo, e todos os nossos camaradas, abertas as portas d'esta redacção, porque é assim que intendemos bem defender os legitimos interesses da classe.

Medidas de excepção, medidas odiosas, portas falsas para o favoritismo, conveniencias pessoaes, não teem entrada na nossa modesta Revista, que trabalha pelo bem e que só deseja e ama a verdade.

AS ESCOLAS PRATICAS

E

A INSTRUCÇÃO COMPLEMENTAR

(Continuado do n.º 10 — 4.º anno)

II

Se a Escola Pratica fez progressos de 1887 a 1901, os regimentos não lhe ficaram a traz.

Foi quasi exclusivamente no *meio* e na instrucção regimental que se prepararam as tropas e quadros que fizeram brilhantemente a campanha de Africa, bem como as que realisaram os primeiros exercicios

de quadros, de tactica applicada e armas combinadas, da epocha moderna.

Em 1886 foram publicadas as «Instrucções para ensino theorico-pratico nos corpos de infanteria», estabelecendo no regimento a instrucção annual dividida em quatro periodos, de inverno, de primavera, de verão e de outomno, pelo systema progressivo, desde a instrucção individual até ao regimento, sobre os conhecimentos essenciaes ao soldado, exercicios no campo, tactica applicada, serviço de campanha, tiro ao alvo e fortificação.

Para desenvolver a instrucção dos officiaes determinava theorias, conferencias, pratica de tiro, esgrima, resolução de problemas e exercicios de esqueleto sobre applicações tacticas, serviço de campanha e fortificação.

Em 1890 foram publicadas novas instrucções, dividindo a instrucção annual das tropas em tres periodos; instrucção de recruta, instrucção elementar e instrucção geral. Este ultimo periodo durava de 1 de agosto a 31 de outubro, e era consagrado á instrucção no campo, da companhia, batalhão e regimento.

Em 1894 novo regulamento dividiu a instrucção geral e annual das tropas em quatro periodos, dando grande impulso á instrucção das tropas e quadros, e estabelecendo o ensino de recruta por companhias.

Finalmente, o regulamento actual, de 1899, não obstante não ser isento de defeitos (1), estabeleceu mais acertadamente os exercicios de quadros e os reconhecimentos militares, melhorou a resolução de problemas e os exercicios de tactica applicada.

Ao mesmo tempo que os regulamentos e a sua execução se foram aperfeiçoando, tambem os effectivos melhoraram sensivelmente, de modo que os corpos dispõem durante alguns mezes, fóra do periodo da recruta, de uns 200 a 300 homens para exercicios.

Estas breves indicações dão ideia dos progressos realisados pela instrucção regimental, não vindo para aqui investigar qual o grau de influencia que a Escola terá tido n'esse progresso

Todavia, se é injusto negar que a Escola tenha produzido uma benefica influencia na instrucção em geral, tambem não é menos verdade que foi dos corpos que a Escola recebeu sempre os melhores elementos. Por consequencia, parece-nos que não póde haver duvida, que o regimento — *meio normal* — é o mais proprio para os aspirantes fazerem uma iniciação proveitosa, onde se pódem desenvolver durante a recruta como instructores e educadores, e nos periodos seguintes como commandantes de pelotão.

Para que se consagrassem inteiramente á instrucção, determinar-

---

(1) A nossa convicção é que este regulamento se, n'uns pontos é melhor que o de 1894, n'outros é inferior. A restauração dos exercicios com inimigo supposto, supprimidos no regulamento de 94, e ordenanças de 1896 e 1898, é um retrocesso.

As honras de um periodo á tactica abstracta não tem exemplo em nenhum regulamento moderno. A mesma divisão em periodos apertados ou exclusivos é prejudicial. São precisas a liberdade e a iniciativa dos chefes para se fazerem em cada periodo exercicios que se possam ou devam fazer, segundo os effectivos em tropas e quadros, e mais circumstancias.

se-hia que durante um anno não fizessem nenhum serviço exterior, de escala, e tomassem parte em toda a instrucção da companhia, dos batalhões e do regimento.

Nos mezes de instrucção menos intensa podem assistir ou tomar parte, por periodos de quinze a trinta dias, no serviço do rancho geral, secretaria regimental, conselho administrativo, procuradoria do conselho, sendo instruidos pelos encarregados d'esses serviços, a quem auxiliariam, sob á fiscalisação do tenente-coronel.

Para aprender a gymnastica que as tropas precisam saber executar, e os quadros ensinar, não é necessario estar dez mezes em Mafra.

Toda a gente que conhece as condições em que se pode e deve fazer o adestramento corporal das tropas, entende que os exercicios gymnasticos do soldado devem ser simples e faceis. Em Mafra devem conhecer quaes são essas condições, até por exemplos de casa.

Em 1893, na Escola, malogrou-se uma tentativa para ensinar ás praças da companhia normal um programma elementarissimo de gymnastica. A experiencia foi suspensa em meio, suppomos que nunca mais se renovou, e d'este modo ficou a gymnastica só para uso de tropas *anormaes*, que aliás provaram já nos regimentos que um programma que seja o que deve ser é exequivel.

Hoje (como em 1890), para assegurar o ensino da gymnastica militar, basta que o programma rigorosamente conveniente seja incluido na 1.ª parte do regulamento tactico, ou escola de soldado, onde não occuparia mais de seis paginas. Isto teria sido mais efficaz que a creação da secção de gymnastica em Mafra.

A esgrima, se nós provassemos que os aspirantes não devem fazer em Mafra a sua iniciação no serviço, ou o tirocinio de dez mezes, não poderia deixar de soffrer egualmente.

Ha, porém, duas cousas a attender. Uma é que o ensino e pratica do jogo de armas se deve fazer em toda a parte onde se reunam officiaes, existam escolas e alumnos.

Outra é que a esgrima em Mafra, se visa o ensino rudimentar a todos, visa tambem o aperfeiçoamento de alguns, ou habilitação para instructores.

Por consequencia, as nossas apreciações não affectam egualmente toda a esgrima, mas apenas a parte d'ella que visa ao ensino rudimentar dos aspirantes.

Existindo alli a Escola Central de sargentos, e sendo um ponto onde se reunirão bastantes tropas e officiaes, não poderá deixar de haver o ensino da esgrima.

Além d'isso, emquanto aos instructores de esgrima e sua preparação se não der outra solução, o seu ensino terá de fazer-se em Mafra, no que não ha nenhum inconveniente.

Como está naturalmente indicado, é na Escola da Bemposta que o ensino rudimentar se deve fazer, e para esse fim poderiam os quatro instructores permanentes que ali ha ser ainda reforçados por outros eventuaes idos dos regimentos.

O curso de instructores em Mafra seria então frequentado apenas pelos alferes ou tenentes que fossem approvados e escolhidos n'um exame previo.

*

* *

Os tiros?...

Sim. Os tiros é que se não podem executar no regimento. E não só

os tiros, como tambem a fortificação, aperfeiçoamento da tactica e trabalhos de campanha.

Mas esta instrucção não pode durar ou encher todo o anno, e embora o podesse, sendo uma instrucção complementar, deve vir só depois da elementar.

Para toda aquella instrucção deve ter-se como sufficiente um periodo de dois ou tres mezes. Durante este tempo estudam-se os tiros de combate, e fazem-se as experiencias balisticas sufficientes. (1) O mais é estragar munições; é confundir os estudos tacticos do tiro, que todo o official precisa ter, com o estudo e ramo especialissimo do armamento portatil desenvolvido, e com a balistica experimental.

Conhecimentos geraes ou succintos d'este ramo adquirem-se n'um mez. Conhecimentos completos e rigorosos, podem não se adquirir n'um anno, nem em dois, nem mesmo em dez.

A tal respeito è necessario que se extremem os campos. O estudo completo das armas e da balistica interessa ás *commissões especiaes do armamento portatil*. O que interessa ao official em geral são os tiros de combate.

Para esses tiros não offerece o regimento campo proprio, mas infelizmente tambem não offerece esse campo a Tapada de Mafra.

Um campo proprio para a execução dos tiros de combate e mais trabalhos da instrucção complementar das tropas e quadros, não pode ter menos de 25 kilometros quadrados, porque, de mais, a ideia de campos e polygonos exclusivos d'esta ou d'aquella arma está banida.

Os campos são *regionaes*, utilisaveis pelas tropas e quadros de todas as armas, infanteria, cavallaria, engenheria e artilheria.

Na Allemanha foi fixada em 50 kilometros quadrados a superficie que deve ter um campo, para permittir em muitas direcções o tiro de infanteria e artilheria, os exercicios de tactica applicada e fortificação de campo de batalha, por uma brigada mixta, divisão ou destacamento de todas as armas.

Comquanto tenha ao todo uns dez kilometros quadrados, a Tapada de Mafra é de tal modo ravinada, montuosa, arborisada e cultivada, que apenas uns 3 ou 4 kilometros de superficie são utilisaveis para os tiros, exercicios e trabalhos escolares. (2)

Sendo de absoluta necessidade fazermos alguma cousa, e não havendo entre nós nenhum outro campo em melhores condições, forçoso è recorrer á Tapada de Mafra; porém afigura-se-nos que ella se poderá aproveitar um pouco melhor do que se tem feito até hoje, mandando desde maio, junho, julho, agosto e setembro, por periodos de dois mezes, companhias organisadas nos corpos, indo tambem os aspirantes, sargentos ajudantes, e os officiaes recentemente promovidos.

Essas companhias, compostas na maior parte de soldados recentemente promptos da recruta e do tiro elementar, seriam ali ensinadas na avaliação de distancias, no tiro de combate, sobretudo o *tiro individual*, na fortificação, serviços de campanha e tactica applicada.

---

(1) A Escola do Exercito devia iniciar os cadetes n'esses estudos praticos, indo uma temporada a Mafra e Vendas Novas.

(2) Em 1898 o fallecido general Telles realisou ali um exercicio de armas combinadas com fogos de combate, infanteria, cavallaria e artilheria, mas isso foi em *tour de force* para nos dar uma amostra d'esses exercicios.

A vantagem d'este systema é que em vez de uma companhia que ali permanece uns poucos de mezes a fingir que não sabe a recruta, a servir de *instrumento*, teriamos seis ou doze companhias que receberiam a instrucção complementar, ficando mais aptas para tomar parte nos exercicios do outomno. Para os subalternos e aspirantes tambem estes periodos seriam mais proveitosos e methodicos que a actual instrucção, que na maior parte dos dias e casos se resume em *ver*, em *assistir*. Os capitães tirocinantes e os majores poderiam tomar parte em mais exercicios e mais completos, e os coroneis egualmente poderiam ir ali commandar grupos de batalhões e até destacamentos mixtos, repetindo o *tour de force* do coronel Telles, com os fogos de combate.

Como é obvio, aproveitar-se-hia para os exercicios de batalhão, regimento e armas combinadas o terreno circumvisinho.

O campo de Tancos, o polygono de Vendas Novas e a charneca perto de Alcochete devem tambem ser quanto possivel utilisados para a instrucção complementar de todas as armas.

Na região do norte deveria tambem haver um campo ou polygono permanente, mas em quanto o não houver talvez fosse conveniente e possivel recorrer a um campo improvisado, pois que improvisados se podem considerar todos os outros que temos, visto que a sua pequena extensão obriga a utilisar os terrenos circumvisinhos.

(*Continua*).

JULIO DE OLIVEIRA.
Tenente de infanteria

AS COMPANHIAS DE GUERRA DE MOÇAMBIQUE

(Continuado do n.º 11-4.º anno)

Instrucção dos quadros

1.º Periodo — Estação chuvosa

Officiaes — Theorias sobre as leis e regulamentos em vigor na provincia. Sessões semanaes - uma de 1 hora e meia.

Tactica colonial. Leitura e critica de differentes trabalhos nacionaes e estrangeiros sobre questões militares coloniaes. Campanhas coloniaes mais importantes nossas e estranhas. Hygiene e pequena medicina colonial. Sessões semanaes — uma de 1 hora e meia.

Sargentos — Theorias sobre a legislação militar da provincia mais importante para elles. Escripturação. Sessões semanaes — uma de 1 hora.

Theorias de tactica colonial, tiro, fortificação e trabalhos de campanha; educação dos indigenas. Preparação de instructores. Hygiene e pequena medicina colonial. Sessões semanaes — uma de 1 hora.

Cabos — Thoerias como para os sargentos, mais elementares, porém. Noções d'hygiene, conhecimentos mais importantes para um enfermeiro. Sessões semanaes — uma de 2 horas e meia.

2.º Periodo — Transição para a quadra fresca

Para todos os quadros — Continuação e desenvolvimento da instrucção ministrada no 1.º periodo.

3.º Periodo — Quadra fresca

Officiaes — Theorias como no 1.º e 2.º periodos mais desenvolvidas. Sessões semanaes — uma de 1 hora e meia.

Topographia, reconhecimentos, relatorios. Sessões semanaes — uma de 2 horas,

Sargentos — Instrucção theorico-pratica como no 1.º e 2.º periodos. Sessões semanaes — duas de 1 hora e meia.

Cabos — Instrucção theorico-pratica como no 1.º e 2.º periodos. Sessões semanaes — duas de 1 hora e meia.

Para todos os graduados — Tiro ao alvo nos dias em que acompanhem as praças á carreira e antes d'estas começarem a instrucção.

NOTA — As theorias aos officiaes e sargentos serão dadas pelo commandante da companhia. Convem determinar ao medico official residente na localidade que ministre aos graduados, principalmente officiaes e sargentos, umas noções de hygiene geral e colonial, de pequena cirurgia, de pathologia e therapeutica dos casos clinicos mais vulgares, de primeiros soccorros. Esta instrucção será o mais possivel pratica, e sempre que haja opportunidade será acompanhada de visitas ao hospital (quando o haja), do estudo de casos clinicos mais interessantes para a instrucção dos quadros — emfim, um pequeno curso de medicina colonial. Saber applicar um vesicatorio, manusear uma seringa Pravaz, fazer um penso, estudar o curso

d'uma febre para a classificar e tratar conveniemente, combater os primeiros rebates d'uma biliosa, d'uma perniciosa, d'uma congestão de qualquer viscera, etc., é coisa essencial e imprescindivel para o chefe d'uma tropa colonial, que destacado para dezenas de leguas de todo o recurso medico, terá de prover elle só a qualquer caso de doença que se depare.

Aos cabos será util ensinar os conhecimentos indispensavel ao enfermeiro. Será utilissimo o ensino da esgrima aos quadros e mesmo um certo treinamento nas marchas e corridas simples e com certo obstaculo. Recommendar-se-ha que, pelo menos, os graduados acompanhem os indigenas n'esta especie de exercicios.

Esta instrucção será mais intensiva na quadra fresca.

Instrucção do recruta

1.º MEZ

Tactica — Exercicios sem arma, marchas por 1, por 2 e em linha em ordinario e em accelerado. Sessões semanaes — seis de 1 hora.

Lingua portugueza — Termos mais frequentemente empregados na linguagem e technologia militares relativos aos outros ramos de instrucção que se forem ministrando paralellamente. Termos mais empregados relativos ás necessidades quotidianas da vida. Sessões semanaes — seis de 1 hora.

Instrucção theorico-pratica — Graduações militares, continencias. Deveres militares. Recompensas. Conselhos moraes. Hygiene. Sessões semanaes — cinco de 1 hora.

2.º MEZ

Tactica—Exercicios com arma, recapitulação dos exercicios do 1.º mez. Marcha de costado por 4. Passagem á linha. Mudanças de frente e de direcção.

Todos os exercicios terminarão com algumas corridas (sem arma) em accelerado e passo gymnastico, cuja intensidade augmentará, lenta mas progressivamente. Sessões semanaes—seis de hora e meia, com intervallos de tres quartos de hora depois de 1 hora.

Lingua portugueza — Continuação e desenvolvimento da instrucção dada no 1.º mez. Numeros. Sessões semanaes—cinco de 1 hora.

Instrucção theorico-pratica — Recapitulação. Regula-

mento disciplinar. Vencimentos e descontos. Nomenclatura e limpeza do armamento e equipamento. Sessões semanaes—seis de 1 hora e meia, com intervallo de tres quartos de hora.

3.º MEZ

Tactica — Continuação do manejo d'arma. Manejo de fogo. Escola de esquadra em ordem unida e ordem extensa.

Todas as sessões terminadas com corridas (com arma) como no 2.º mez e com esgrima de bayoneta (simplificada e com applicação á lucta com um adversario armado de azagaia ou móca). Sessões semanaes—seis de 2 horas com intervallo de tres quartos de hora.

Lingua portugueza — Ligação de substantivos com adjectivos. Emprego de pronomes e verbos. Desenvolvimento da instrucção dos mezes anteriores. Sessões semanaes — 5 de 1 hora.

Instrução theorico-pratica —Noções elementares de tiro. Ensino das alças até 600 metros. Pontarias em cavalete e a braços. Regulação e verificação de pontarias. Sessões semanaes — seis de 1 hora e meia.

4.º MEZ

Tactica — Exercicios de secção, de pelotão e dobramentos, mudanças de frente e de direcção, marchas para o flanco em columnas de costado. Formar quadrado, circulo, colchete offensivo e defensivo. Fogos em massa. Ordem extensa. Signaes e toques.

Todas as sessões terminadas com corridas em passo gymnastico, em marche-marche; corridas de velocidade, exercicios de tracção e de opposição. Esgrima de bayoneta, percedendo a outra instrucção de gymnastica. Sessões semanaes — 6 de 2 horas, com intervallo de tres quartos de hora.

Lingua portugueza — Continuação da instrucção anterior. Construcção de pequenas phrases mais communs. Sessões semanaes — 5 de 1 hora.

Instrucção theorico-pratica — Instrucção pratica de tiro; pontarias de pé, de joelhos e deitado. Noções mais importantes do codigo de justiça militar. Serviço de guarnição. Sessões semanaes — 6 de 1 hora e meia.

(Continúa).

ALFREDO DE LEÃO PIMENTEL.
Tenente d'infanteria.

O serviço de dois annos

E

A REDUCÇÃO DOS EFFECTIVOS

Bem sabido é que o serviço de dois annos é um facto verdadeiro consumado em quasi todas as nações da Europa e mesmo em algumas da America.

Não é nossa intenção fazer a historia d'esse acontecimento verdadeiramente militar que tantas modificações veio trazer nos exercitos modernos.

Não nos furtaremos, em todo o caso, ao desejo de dizer que em todas ellas foi um assumpto muito contravertido e que, devido a isso, levou mesmo bastantes annos a implantar. A lucta chegou mesmo a ser violenta e até encarada debaixo do ponto de vista patriotico, mas, ou as theorias dos *novos* ou as exigencias das sociedades modernas, fizeram com que os seus adeptos ficassem triumphantes e que o principio fosse convertido em facto.

Entre nós nada d'isso succedeu; não se desembainharam espadas, os gladiadores não vieram á arena, mas comtudo o systema foi implantado. O que nos outros exercitos foi uma revolução, no nosso paiz foi uma verdadeira evolução, não levada a cabo por doutrinas d'apostolos fervorosos nem mesmo imposta pelas exigencias da nossa sociedade, mas pelo estado minguado do erario publico, razão sempre forte e convincente. O orçamento do ministerio da guerra não permittia os effectivos de tres annos. E' sempre assim, em casa do pobre a economia não é feita pela

applicação productiva e judiciosa dos minguados haveres, mas pela reducção de despezas que muitas vezes são necessarias.

Pelo facto de ser esta a causa e a razão não queremos dizer que a medida seja má; a nossa opinião é mesmo outra, achamos até a medida boa, mas não nos parece identicamente boa a maneira como foi posta em pratica.

Nos outros paizes da Europa em que o recrutamento é pessoal e obrigatorio e, portanto, os exercitos verdadeiramente nacionaes, na accepção lata da palavra, impunha-se esta medida, não só pelas razões doutrinarias, mas tambem pelas razões economicas, pois que tendo todos os cidadãos de ir ao exercito receber a instrucção militar, era necessario que esses cedessem o logar aos outros. Com esta medida, posta em pratica pelos paizes que adoptaram o serviço de dois annos, os exercitos não ficaram desfalcados, os serviços continuaram a correr com a mesma regularidade e sem perturbações.

Outro tanto não succedeu comnosco. Sendo necessario reduzir o tempo de serviço para tornar mais facil a reducção dos effectivos, o exercito ficou verdadeiramente desfalcado e hoje os regimentos encontram-se sem soldados.

Que isto succeda, não verdadeiramente pela adopção do serviço de dois annos, mas pela reducção dos effectivos, para o que quasi chega a ser necessario pedir aos soldados por favor que deixem o serviço para se irem dedicar aos seus misteres, póde-se admittir, tanto mais que são as razões economicas que o aconselham, mas o que não se tolera são os seus effeitos.

*
* *

E' a analyse d'estes effeitos que nos vae prender a attenção. Antes da exagerada reducção dos effectivos o exercito tinha serviços a desempenhar que estavam em harmonia com os recursos, em pessoal, com que estava dotado. Corriam todos, fossem serviços de instrucção, fossem de disciplina, fossem de policia, com a regularidade necessaria, pois que havia pessoal para tudo, mas reduzindo os effectivos e continuando a pedir os mesmos serviços, havia de se perder fatalmente a harmonia no funccionamento d'esses serviços.

Outra cousa não era de esperar e foi exactamente o que, infelizmente, succedeu.

A uma modificação deve sempre corresponder outra modificação, mas modificando os effectivos não se modificaram os serviços, os quaes, tendo de ser feitos, só o podem ser, como são, em detrimento da instrucção.

D'aqui, como consequencia de não saber applicar o principio da reducção dos effectivos, isto é, de não fazer corresponder a uma reducção d'effectivos a necessaria reducção de serviços, a instrucção é a prejudicada, pois que é só á custa d'ella que os serviços, interno, de guarnição e externo, se podem fazer.

O estado d'um exercito não se avalia sómente pelos seus quadros, como muitos querem, mas principalmente pelo estado da sua instrucção, que é verdadeiramente a pedra philosophal da sua existencia e a pedra de toque do seu valor.

Ora, sendo necessario *atabalhuar* a instrucção para acudir ás guardas, a essas infinitas guardas, a essas tantas procissões, algumas quasi indecorosas, que por este bello paiz se fazem, a esse desmoralisador e improprio serviço de policia, que lança sobre o exercito as antipathias da nação, e *tutti quanti* outras coisas que taes, é facil de comprehender que aquella seja a prejudicada e que o exercito esteja ameaçado, e bem sériamente! n'um dos mais solidos fundamentos sobre que assenta e do qual depende o seu verdadeiro valor.

(Continúa,)

David Rodrigues.
Tenente d'infanteria

Monumentos militares

A Cruz de Pedro Jaques

Mais uma joia preciosa e quasi perdida, maltratada, mettida n'um muro de pedra solta. A cruz de Pedro Jaques fica a cerca de uma legoa de Figueira de Castello Rodrigo, no terreno chamado da Salgadella, proximo á mata de Lobos.

E' uma simples lapide posta verticalmente sobre um embasamento de tres degraus e rematada por uma pequena cruz, ao todo com uns dois metros a dois e meio d'altura.

Foi alli, n'aquella vasta planice chamada da Salgadella, e proximo a Castello Rodrigo, que o general duque de Ossuna, cercava, com 4000 infantes, 700 cavallos e 91 peças de artilheria, conjunctamente com D. João d'Austria, que foram derrotados os caudilhos hespanhoes por Pedro Jaques de Magalhães com 2:500 infantes e 500 cavallos, além de 150 bravos que guarneciam o castello, em 7 de julho de 1644.

Da enorme carnificencia do combate veio o nome de Salgadella ao terreno.

Pena é que este, como a maioria dos monumentos militares, esteja absolutamente ao abandono, pois que a sua inscripção, já quasi illegivel, apagar-se-ha de todo e um dia desapparecerá completamente mais um marco glorioso da nossa historia militar.

MANUEL ROQUETTE.
Tenente d'infanteria

BIBLIOGRAPHIA

«*El año del ejercito*, e *El año de la infanteria*» por D. Antonio Gil Alvaro capitão da infanteria hespanhola.

Recebemos estes dois volumes com que nos honrou o capitão D. Antonio Gil Alvaro, bem conhecido em Hespanha, pelas suas obras escriptas em estylo claro e elegante e onde, a todos os momentos, resalta um fervoroso patriotismo, que tanto caracterisa o povo hespanhol, e que D. Alvaro põe bem em evidencia e relevo. Todos os seus trabalhos, que são muitos e variados, versam principalmente sobre historia onde são enaltecidas as paginas mais gloriosas do exercito hespanhol, não esquecendo a sua arma, a sua querida infanteria, de que é um ornamento.

Os livros com que nos honrou D. Alvaro são, o primeiro um *almanach* do exercito, e o segundo um *almanach* da infanteria hespanhola, onde se encontram coisas curiosas e interessantes.

Agradecemos ao nosso distinto confrade a sua valiosa offerta.

SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

Allemanha — **A lista de antiguidade dos officiaes do exercito allemão.** — Foi publicada ha pouco tempo a lista do exercito e corpo d'exercito do Würtunberg respeitante a 1901-1902 e referido a 9 de novembro ultimo.

Vê-se, pelo exame d'este documento, que é necessario, em média; 34 a 35 annos de serviço para chegar a major-general; e na infante-

ria; 30 annos de serviço para chegar a coronel; 27 a 28 para tenente coronel; de 25 a 26 para major; 14 para capitão e 8 a 9 para tenente.

Falta de sargentos. — Não é só entre nós que se nota falta de sargentos; o mesmo succede na Allemanha apezar de lhe serem concedidas vantagens e regalias importantes

Devido a essa falta as escolas para sargentos não teem a concorrencia que marca a lei e, para evitar essa falta, admittem sargentos á matricula por varias vezes, admissões que são gratuitas, ao contrario de todos os mais estabelecimentos.

O *Berliner Tageblatt* diz sobre este assumpto; «A falta de sargentos toma um caracter verdadeiramente alarmante para as auctoridades militares. Na guarda e nos corpos *d'elite* a falta de sargeutos não se faz sentir tanto, mas nos regimentos da provincia os chefes luctam com difficuldades.

As causas da falta de sargentos não são demasiado conhecidas. Os premios de readmissão de 100 marcos e outras vantagens supplementares concedidas pelos corpos não são sufficientes para levar os sargentos a readmittirem-se depois de terminarem o seu tempo de serviço. O premio de 1:000 marcos dados aos readmittidos depois de 12 annos de serviço ha já muito tempo que não produz effeito. O alto commando procura constantemente os meios d'augmentar o valor do corpo de sargentos e, com este fim, os commandantes dos corpos receberam instrucções especiaes, que dão vantagem e que elevam o nivel intellectual. E' assim que para permittir aos sargentos adquirir uma instrucção em relação com o emprego civil que desejem obter mais tarde, vae ser organisada uma escola de brigada, constituindo tres classes, onde os sargentos poderão aprender o francez e inglez.

Aquelles que obtiverem a nota de «bom» no fim do curso da 1.ª classe tem direito aos empregos civis e são dispensados d'exame d'entrada. Seria tambem importante facultar aos sargentos que tivessem 12 annos de serviço a entrada nos empregos civis, a qual lhe devia ser garantida logo que completassem os 12 annos, caso preferissem. Com esta medida evitar-se-hia o pensarem em empregos civis antes d'esse tempo e conseguia-se que se dedicassem portanto, de melhor vontade ao serviço militar».

A questão dos sargentos em toda a parte merece o maximo interesse. O alvitre apresentado pelo *Berliner Tageblatt* é bom, assim como optimas são as medidas tomadas pelo alto commando militar allemão. Entre nós, bem menos protegidos, necessitam tambem que as vistas dos dirigentes se lancem sobre a sua classe, para bem d'elles e para bem do exercito. A falta entre nós não é menos e o valer-lhe é a tempo.

Ensaio d'uma mochila. — Nas ultimas manobras allemães foi ensaiada pela infanteria uma nova mochila de lona. O capote era enrolado pela parte superior e latteraes da mochiia envolto na tenda de campanha que cada soldado leva comsigo. Nas partes latteraes são collocadas duas patronas para cartuchos, mais pequenas do que as que levam no cinturão. O resultado do ensaio foi bom e parece que vae ser adoptado este modelo.

Belgica. — **Soldo dos capitães.** — Foi votado o projecto de lei relativo ao soldo dos officiaes e funccionarios da cathegoria de capitão.

O maximo de soldo concedido a um capitão em effectivo serviço

era de 3:000 francos, contando 40 annos de serviço e 10 de serviço no posto de capitão. Pela lei votada é de 3:240 francos em identicas condições.

O soldo minimo, com 40 annos de serviço e 2 d'actividade de posto é de 2:808 francos. Por 4 annos de effectividade no posto e de 2·916 francos, e por 6 annos, 3:024, e por 8 annos 3:132. Esta disposição é extensiva aos funccionarios assimilados.

As pensões das viuvas d'estes officiaes, ou o soccorro eventual dos osphãos foi elevado de 858 a 927 francos.

Italia.—**Os effectivos do exercito.** — Da *Revista de Infanteria* hespanhola, transcrevemos o seguinte, que indica os effectivos do exercito italiano:

Officiaes: tenentes generaes, 52; majores generaes, 86; coroneis, 314; tenentes coroneis, 525; majores, 908; capitães, 4:312; tenentes, 6:188; alferes, 1:091; mestres de musica, 98; total, 13:572.

Sargentos, cabos, soldados, etc: em effectivo serviço 249:821 e com licença 571:254; total, 821.075.

Ha mais 843 officiaes em disponabilidade, 11:152 de complemento, 4:118 da milicia territorial e 6:263 da reserva.

A milicia movel comprehende 307:696 homens e a territorial 2.222:637.

O total mobilisavel ascende a 3.387.356, homens, comprehendendo os officiaes.

Russia.—**As marchas-manobras.**— Todos os annos, no verão, as tropas russas abandonam os seus quarteis e acampam, por 4 mezes, nos campos d'instrucção.

Durante o primeiro periodo da sua estada nos campos de instrucção, as diversas unidades das differentes armas executam separadamente manobras exclusivas da arma a que pertencem a fim de se prepararem a desempenhar o seu papel tactico no campo de batalha.

Em seguida reunem-se as differentes armas para executar manobras de conjuncto, destinadas a estabelecer solidariedade entre as tropas e a acostumar os officiaes generaes e superiores ao commando de columnas de todas as armas. Estas reuniões duram 4 semanas, começando depois *marchas-manobras* executadas em terrenos desconhecidos afim de que a instrucção seja mais proveitosa, e executam: o serviço de segurança e exploração, de dia e noute, occupação e organisação defensiva das posições, ataque e defeza das posições, passagens de rios e operações de noite.

Inglaterra.—**A arma Lee modificada.** — Já ha tempo dissemos aqui que o governo inglez tinha mandado introduzir na arma Lee, distribuida à infanteria, as modificações que a campanha sul-africana tinha aconselhado. Essas modificações visavam principalmente o systema de repetição, que é defeituoso.

Agora Hylard, de Melbourne, introduziu-lhe outras modificações, cujas experiencias se fizeram ultimamente.

A nova culatra é mais simples e offerece uma segurança completa, é facil de desmontar e concertar. A arma modificada consta de 24 peças que se desmontam egualmente com facilidade e rapidez.

As experiencias foram feitas nas condições seguintes;

Um bom atirador fazia fogo com a Lee modificada por Hylard e um sargento com a Lee não modificada. Cada atirador de via gastar 20 cartuchos, que foram gastos n'um minuto e 45 segundos pela Hylard e em dois minutos e 57 segundos pela Lee.

Hylard inventou tambem uma cartucheira que se carrega mais facilmente, havendo uma economia de 1 minuto em 50 cartuchos.

Uma outra experiencia foi feita gastando 20 cartuchos cada sendo tirados um a um das cartucheiras respectivas, gastando um minuto e 65 segundos o que empregava a Hylard e tres minutos e 10 segundos o que empregava a Lee não modificada.

SECÇÃO OFFICIAL

Licenças para estudos — uniformes

Circular n.º 37 A da 3.ª repartição da secretaria da guerra, de 15 de março de 1901.

Determina que as praças que frequentarem os estabelecimentos de instrucção com licença registada, concedida nos termos do art.º 136.º do regulamento dos serviços do recrutamento do exercito e da armada de 6 d'agosto de 1895 e que hajam sido encorporados anteriormente á publicação do decreto de 31 de maio de 1900 sejam dispensados de ter uniformes emquanto se conservarem na referida situação de licença.

Tiro ao alvo

Ord. circular da 1.ª Divisão Militar ord. 7 D de 8 de março de 1901.

Manda recommendar a execução das prescripções regulamentares na execução do tiro ao alvo a fim de evitar algum desastre pessoal, visto o director da carreira da guarnição ter communicado achar-se o tecto da marquise furado em varios pontos devido a balas disparadas accidentalmente.

Ferradores exercendo interinamente as funcções de mestres da sua classe, aprendizes ; soldados

Circular n.º 6 da 5.ª repartição do ministerio da guerra, de 15 de março de 1901.

Determina que aos ferradores exercendo interinamente as funcções de mestre da sua classe seja abonada a gratificação de 100 réis diarios e aos aprendizes de ferradores ou soldados que na falta de ferradores tenham de desempenhar os respectivos serviços se abone tambem diariamente, a cada um, a gratificação de 80 réis.

5.º Anno Fevereiro de 1902 N.º 2

REVISTA DE INFANTERIA

A ORGANISAÇÃO DA INFANTERIA

A nova divisão militar territorial do paiz não só corresponde a uma imperiosa necessidade como facilita em extremo ao exercito a sua passagem do pé de paz ao pé de guerra.

E' uma divisão racional e logica, tendo além d'isto a vantagem de estatuir em bases solidas o serviço militar regional, que é sem duvida o mais suave para os povos.

Em cada circumscripção militar do nosso paiz, que poderá corresponder a uma area de corpo de exercito, embora tal denominação não se dê, e a nosso vêr com bem fundadas razões, existem:

2 divisões de infanteria;
1 brigada de cavallaria;
2 regimentos de artilheria;
4 companhias de engenheria.

E além d'estas tropas:

6 batalhões de caçadores com uma organisação especial que sobre modo lhes augmenta as suas prosperidades de combate, batalhões que podem ser distribuidos

1 a cada divisão; uma divisão de cavallaria independente, reforçada com um grupo de baterias a cavallo; um grupo de artilheria de montanha, e 6 grupos de artilheria de posição destinada aos pontos fortificados.

Vê-se, em face d'isto, que ha uma certa harmonia na composição organica do nosso exercito, e que os principios seguidos são, em regra, identicos aos adoptados pelas nações mais adeantadas.

Não nos desvanece, comtudo, nem nos seduz a idéa de irmos copiar servilmente ao estrangeiro as suas organisações militares para as transportar para o nosso meio.

E' certo que a Allemanha ainda hoje conserva na sua organisação militar vestigios da organisrção militar portugueza, tão nossa e tão impensadamente deixada esquecer e perder.

O nobre ministro da guerra lançando novas bases para restaurar essas tradições do nosso exercito, creando as tropas especialmente destinadas á defeza do logar, da aldêa, creando as antigas milicias, a *landsturm* da Allemanha, inicia um movimento sympathico que merece os applausos do exercito e do paiz.

Seria curioso, se o espaço nos não faltasse, transcrever n'este logar o edito real, datado de Breslau, a 12 de abril de 1813, e assignado por Frederico Guilherme, creando a *landsturm*.

N'esse documento encontrar-se-hia por exemplo:

«Nas cidades occupadas pelo inimigo, os bailes, as festas, os proprios casamentos são prohibidos.»

«O combate é uma necessidade, e uma legitima defeza auctorisa e sanctifica todos os meios. Os mais terriveis são os melhores.»

Mas, deixemos esta divagação para continuarmos no nosso estudo, repetindo que achamos inconveniente e até prejudicial a applicação cega ao nosso meio dos principios adoptados no estrangeiro referentes á organisação militar.

A indole do povo, o seu temperamento, a sua educação, a natureza do solo, os recursos proprios do paiz, o clima, emfim, mil circumstancias que teem uma influencia directa e positiva na organica militar aconselham-nos e impõe-nos o dever de sermos prudentes e reflectidos.

Ha porém principios que são essenciaes, verdades scientificas que não pódem ser esquecidas.

E n'esta ordem de idéas muito nos apraz registrar quan-

to esses principios e essas verdades foram respeitadas nas modificações introduzidas ha pouco no nosso exercito.

Vamos tratar em especial da organisação da nossa infanteria porque a indole d'esta Revista nos impõe esse dever, primeiro que tudo.

A organisação de regimentos a 3 batalhões, além de ser a mais geralmente seguida na Europa, é sem duvida a mais economica.

Os allemães teem regimentos de infanteria a 3 e a 4 batalhões.

Esta ultima hypothese não podia ser admittida entre nós pela impossibilidade absoluta de haver no paiz quarteis que podessem alojar regimentos a 4 batalhões.

A modificação introduzida pelo illustre titular da pasta da guerra tem a enormissima vantagem de elevar o numero de batalhões de infanteria, que de 66 passam a 88, facilitando na mobilisação um augmento real de 18 batalhões na primeira linha, o que tem evidentemente, a maior importancia para a defeza do nosso territorio.

Mas, como seria impossivel, attentas as circumstancias do thesouro publico, embora Portugal seja proporcionalmente das nações da Europa a que menos gasta com o exercito, effectuar realmente um tão importante augmento de batalhões em tempo de paz, determinou o nobre ministro que esses batalhões fossem constituidos a 3 companhias.

E' claro que as 4.as companhias que faltam serão creadas no acto da mobilisação.

Este alvitre é o mais acceitavel, não só porque é mais facil e mais pratico a creação de companhias na unidade batalhão já constituida, do que a creação, no acto da mobilisação, de batalhões novos; como evidentemente é tambem melhor enquadrar companhias novas em tropas solidamente organisadas do que organisar tudo de novo.

E' o principio do desdobramento.

Já em tempo a nossa *Revista* advogou estes principios por serem na verdade os mais acceitaveis para o nosso paiz.

E se acaso, o que é inadmissivel, fosse impossivel ou mesmo difficil crearem-se as 4.as companhias que a mobilisação reclama, ainda assim a infanteria tinha augmentado realmente uma companhia em cada regimento, e, provado ficaria que mais difficil e mais impossivel, deixem-nos assim dizer, seria então a creação dos batalhões de reserva de que resava a organisação anterior.

Com a organisação dos regimentos de infanteria e a sua distribuição pelo paiz, fica realmente existindo o recrutamento regional, correspondendo o numero de cada districto de recrutamento e reserva, ao numero da unidade activa aquartelada na região.

As tropas de caçadores que teem uma composição inteiramente nova entre nós, e que ficam constituindo tropas de élite, recrutam-se em todo o paiz.

Dá-se com os caçadores um facto inverso do que se dá com a infanteria.

A infanteria na mobilisação desdobra, augmenta o numero de companhias, o que vae de accordo com os principios; os caçadores diminuem, retrahem-se, passam de 6 companhias a 4 em cada batalhão, o que é opposto aos principios.

Mas esta inversão será casual, será a resultante de algum capricho, a velleidade de não se querer attender aos principios consagrados?

Nada d'isso.

Duas razões muita importantes e imperiosas impõem esta ordem de cousas.

A primeira reside na difficuldade de mobilisar-se uma unidade que tem as suas reservas espalhadas por todo o paiz; a segunda na necessidade de contar na paz com quadros sufficientes para a guerra, attentos os variados serviços e especialidades que são commettidas a esses quadros, nos batalhões de caçadores.

Quer dizer, o ideal seria ter no pé de paz o quadro completo para o de guerra nos batalhões de caçadores.

Com o principio adoptado quasi que se consegue isso.

Os batalhões de caçadores, além do pelotão de sepadores que é inherente a todo o regimento de infanteria, teem mais um pelotão de cyclistas e uma secção de metralhadoras em cada companhia.

Esta variedade de serviços impõe uma instrucção muito cuidada e aturada, e justifica o motivo e a razão porque os caçadores devem ser considerados tropas da élite, mobilisando de differente modo.

O complemento d'esta obra de organisação que trouxe incontestaveis vantagens para o exercito está na revisão dos quadros, porque não só é em extremo exiguo o numero de generaes de brigada de infanteria para o commando das brigadas existentes, mas insufficiente o numero de majores para o commando dos batalhões.

E tanto isto é verdade que o nobre ministro da guerra, sempre solicito em remediar todas as faltas do exercito, já nomeou uma commissão de distinctos officiaes especialmente encarregada de estudar o assumpto.

Resta esperar pelos resultados dos trabalhos da commissão, e contar com a boa vontade do illustre ministro da guerra, que procura todos os meios para engrandecer o paiz, engrandecendo o exercito.

O MUSEU D'ARTILHERIA

O museu historico do exercito é das mais uteis e grandiosas instituições que conhecemos, elle reune em si a historia gloriosa das acções de guerra, e no conjuncto d'aquelles tropheus, modelos, retratos, desenhos e armas ha o quer que é de soberbo e epico, que nos engrandece o espirito, provoca o estimulo e desenvolve o patriotismo. E' como que a alma do passado que nos grita de longe e nos recorda o cumprimento sagrado dos deveres militares.

A França occupa-se ardentemente do seu museu militar e não satisfeita com a brilhante exposição retrospectiva que apresentou no ultimo certamen internacional de Paris, sob a sabia direcção do notavel pintor Eduardo Detaille, deseja ainda dar maior desenvolvimento ao seu museu do exercito.

Somos tentados em apresentar aos nossos briosos camaradas o que ultimamente foi resolvido, pelos dirigentes d'aquella republica, sobre esta famosa instituição.

Attendendo a varias circumstancias decidiu-se a fusão do museu d'artilheria e do museu historico do exercito, que já encerrava valiosissimas collecções, com o museu de marinha, tão mal alojado nos corredores do Louvre, formando-se assim um unico museu, o *Museu da Guerra*, que será installado no edificio dos Invalidos.

Não podia ser escolhido melhor local para o Museu da Guerra, do que o soberbo e glorioso monumento onde repousam os velhos soldados do imperio, entre outros, não menos heroicos, de todos os tempos da França. Se este projecto se realisar, Paris possuirá o mais notavel museu militar do mundo, onde, em frente das suas collecções, podem seguir-se, durante seculos, as phases historicas d'esta arte de matar e de morrer gloriosamente que parece imprescendivel á pobre humanidade.

O museu d'artilharia, ignorado de quasi todos em França, terá muito a ganhar reunindo-se ao museu do exercito que regorgita de visitantes. Fundado por Sully, o museu d'artilheria é o mais antigo dos museus de Paris, contendo armas e modelos de todas as especies, desde os tempos mais remotos, em que a artilheria não tinha o sentido especial da linguagem actual e comprehendia não só as machinas de guerra mas ainda toda a atrelagem e o material que acompanhava os exercitos, até á nossa epoca, em que se ostentam famosas e mortiferas bocas de fogo de colossaes dimensões. E' um museu esencialmente technico que interessa mais os profissionaes do que o vulgo.

Transportado, em 1873, de S. Thomaz d'Aquino, para o lado oeste dos Invalidos, tem por conservador o coronel Bernadac e está entregue á alta direcção do general Delvye presidente da commissão superior (comitée) d'artilheria. As suas collecções fazem a admiração dos especialistas, encerrando raros objetos infinitamente preciosos sob o ponto de vista historico e da arte militar. De anno para anna este museu se desenvolvia graças ao zelo, quasi fanati-

co e apaixonado, que sempre manifestaram estes dois officiaes, que continuarão a tel-o a seu cargo mesmo sob a fusão proposta actualmente.

O museu do exercito, em França, tornou-se em pouco tempo muito popular e é necessario confessar que interessa muito a sua visita. Com que emoção não percorre um francez aquellas galerias onde julga ver resuscitar as glorias do seu exercito! As armas, os uniformes e as bandeiras são testemunhas palpaveis dos acontecimentos historicos cujas consequencias se repercutem nos destinos da França. Aqui, está o chapeu de Napoleão, o grande imperador que quasi venceu a Europa, alli, o seu retrato, como primeiro consul, acolá, o sabre que elle cingira na batalha d'Aboukir, depois, a sua querida farda de caçadores da guarda; seguem-se o pelouro que matou Turene, o retrato do Duque de Vendome, o do marchal de Campo conde de Dulong de Rosnay, que é um dos primores artisticos do talento de Ingres, o do conde d'Astorg, ajudante de campo do marechal Bessières, o do marechal de Moutluc, o busto de Massena, o do marechal d'Harcourt, as dragonas de Gudin, quando foi morto em Valoutina, a bandeira esfarrapada que a 9.ª meia brigada de linha levou ao Egypto, a granada d'honra offerecida ao cidadão Pannot, ex-sargento do 7.º batalhão do trem d'artilheria, os sabres de Marceau, de Suchet e de Burthe, o bastão do marechal Oudinot, etc., etc.; os brilhantes uniformes, vestidos em manequins de todo o exercito francez, e n'elles estão as recordações de todos os soldados do Rei, da Republica e do Imperio. Por ultimo a bandeira do corpo expedicionario a Madagascar, e a tenda, de seda amarella, sob a qual dormia a misteriosa e tragica imperatriz da China.

Admiram-se e comtemplam-se n'este museu milhares de recordações dos feitos militares do exercito francez. Em cada dia affluem os donativos; os possuidores d'objectos, que tenham interesse historico, sob o ponto de vista militar, apressam-se em offerecel-os ao patriotico museu, que se enriquece sem cessar. Invade já as sallas visinhas, trasborda para os corredores, apodera-se da escadaria, e entre tantas reliquias de epocas gloriosas, parece viver-se no passado, nos tempos em que a França era senhora do mundo!

Entre nós, ainda ha pouco tempo, é que alguns homens de espirito começaram a dar a devida attenção ao nosso museu d'artilheria, ha mesmo quem considere ainda aquel-

la grandiosa, util e patriotica instituição como uma cousa banal, como um simples passatempo, um pretexto para occupar imaginações frivolas, pois tudo quanto rescenda a arte ou a nobres sentimentos guerreiros é despresado e amesquinhado no nosso bello paiz. Uma intriga, uma simples occupação material de caserna, são os serviços que melhor merecem da patria!

Felizmente não teem pensado assim alguns dos ultimos directores geraes do serviço d'artilheria, generaes na sua maioria illustrados e intelligentes, salientando-se os Ex.mos Sns. Candido da Costa, Eduardo Brito e Silveira Ramos, que, comprehendendo a importancia da instituição, se esforçaram por melhorar e engrandecer o nosso museu d'artilharia, que bem poderia e deveria tambem ser chamado — *Museu da Guerra.*

Um vulto ha, porém, que é necessario exaltar, o director do proprio museu, general de divisão, e Ex.mo Sr. Eduardo Ernesto de Castel-Branco, que dotado do mais fino gosto artistico e conhecedor profundo do que sobre o assumpto se passa no estrangeiro, se tem dedicado, ha muitos annos, com todo o zelo e proficiencia ao desenvolvimento do museu d'artilheria, que merece já hoje uma particular attenção. Acompanha-o n'esta ordem de ideais o nobre ministro da guerra, o sr. general Pimentel Pinto, a quem não me canso de prestar honroso preito.

E' sob a influencia benefica do actual ministro da guerra que o nosso museu d'artilheria vae ter os fóros de um dos primeiros museus militares da Europa.

As suas antigas e vastas salas, em estylo D. João V, ornamentadas de magnificas pinturas, onde a *rocaille* sobresae sempre na esplendida obra de talha, foram associar-se outras creações d'arte não menos grandiosas, taes são as das bellas pinturas dos tectos, executadas pelo nosso mais caracteristico e distincto pintor, Columbano Bordallo Pinheiro, nas novas salas que se lhe seguem. Mas o museu vae ser ainda ampliado com outras salas e um pavilhão accessorio, destinando-se este a uma secção colonial e aquellas ao estudo historico dos uniformes do nosso exercito. Estas salas que serão formadas por columnas imitando finos marmores, com os capiteis de bronze, apresentarão um magnifico conjuncto e n'ellas serão collocados soberbos *panneaux* decorativos representando os dez cantos do nosso grande epico, encimados por medalhões com pinturas allegoricas. A obra d'estuque é confiada ao notavel

modelador e fingidor o sr. Meira, que tantas provas deu do seu notavel talento na reconstituição do famoso palacio Foz, os *panneaux* serão uma das obras primas de Columbano e o restante das pinturas, certamente um encanto, serão devidos ao fino e magistral pincel de Salgado. N'estes bellos aposentos, em cujo arco de entrada se admirará uma arrogante allegoria da guerra, executada em marmore pelo nosso grande esculptor Teixeira Lopes, é que vae desenvolver-se, em relevo, com perfeitissimos manequins adquiridos na Allemanha, a historia dos uniformes dos nossos soldados desde 1762 até á epoca presente. A primeira d'estas salas, a da entrada, denominar-se-ha Pimentel Pinto e n'ella se verá, ao fundo, o retrato do ministro que tanto honra e exalta o exercito.

Belem, janeiro de 1902.

RIBEIRO ARTHUR.
Tenente Coronel de Infanteria

Os sargentos

Os sargentos, constituindo os quadros inferiores do exercito, formam uma classe tão importante como necessaria, e por isso digna da nossa estima, tanto mais que entre nós constitue uma classe regularmente illustrada e altamente conscia do cumprimento dos seus deveres, que são arduos e nem sempre attrahentes

Affirmar o que dizemos não envolve a mais pequena lisonja, pois que não queremos agradecimentos, mas representa uma verdadeira justiça, razão que sempre em nós teve o maximo predominio.

Por isso, reconhecendo que formam uma classe importante e necessaria entendemos lançar as nossas attenções para a melhorar, a fim de se poder aperfeiçoar, que é o ideal que se deve procurar attingir em tudo.

A classe dos sargentos, como a classe dos officiaes, lucta hoje com difficuldades que complicam a sua vida particular e que podem compremetter o regular e satisfactorio cumprimento dos seus deveres.

O sargento, como o official, está mal pago, o que ainda é aggravado pelo limitado numero e valor das regalias com que conta.

N'estas condições, tendo de passar dias inteiros debaixo da acção esmagadora de encargos que contrahiu e que mal pode satisfazer e ter de andar muitas vezes a estudar a maneira ou o expediente de lhe valer, raros serão aquelles que se poderão consagrar com prazer, amor e dedicação aos deveres da sua missão, que, debaixo do ponto de vista militar, só podem ser satisfactoriamente cumpridos quando essa missão fôr olhada como um sacerdocio que prende, attrahe e nobilita.

E' assim encarado o materialismo da vida, factor importante e que não se pode desprezar.

Sabido por todo o paiz que é uma classe mal remunerada e sem regalias ou garantias equivalentes, poucos serão aquelles que podendo seguir melhor carreira, venham alistar-se n'esta classe, perdendo-se portanto a garantia, sempre necessaria, de se poder fazer selecção e ter de ficar reduzido á contingencia, como quasi hoje se está, de acceitar nem sempre bons elementos.

D'aqui se vê já que não é somente a sympathia pela classe dos sargentos que nos leva a pugnar pelos sens interesses, mas tambem os interesses do exercito, que é, finalmente, o verdadeiro prejudicado.

Tendo, portanto, de aceitar o que apparecer não se pode fazer selecção. Além d'isso, tendendo o ideal em tudo para a maxima perfeição, vemos que, n'estes casos, não se pode attingir, porque, para aperfeiçoar é necessario impôr e exigir condições e deveres, o que actualmente não se pode fazer, porque ainda aggravaria mais a situação d'esta classe.

Não lançando exigencias novas ha sómente a emulação, mas esta só póde produzir fructos quando offereça vantagens, tal é a materialismo da vida.

Portanto, em qualquer dos casos querendo aperfeiçoar a classe dos sargentos, seja debaixo de qualquer ponto de vista, sómente se pode conseguir melhorando as suas condicções de vida.

Para se poder fazer alguma cousa talvez não seja necessario muito nem exigir grandes encargos.

Nós não queremos que o sargento portuguez tenha *pret* equivalente ao sargento inglez, assim como tambem não queremos que nos quarteis sejam luxuosamente installados em pavilhões apropriados e elegantes como succede na Inglaterra, onde elle e sua familia encontra excellentes alojamentos, nem queremos mesmo que nos quarteis lhe sejam cedidas algumas salas luxuosamente mobiladas onde façam club e encontrem todas as distrações etc., mas queremos, ao menos, que tenham uma *messe* bem organisada, como succede na Allemanha, um refeitorio bem montado, uns alojamentos decentemente mobilados, mesmo uma sala onde possam receber as pessoas que os procurarem etc.

Não é com isto, bem sabemos, que se salva a classe e se defendem os interesses do exercito, mas junto a umas vantagens moraes, ou, para melhor, sociaes, que lhe devem ser concedidas e a algumas outras materiaes, talvez valham de muito.

Aos sargentos não é dispensada uma consideração em harmonia com a missão que desempenham. Officiaes inferiores, devem approximar-se mais dos officiaes do que dos soldados. Além d'isso, os castigos, desmoralisando sempre os que os recebem perante os seus subordinados,

devem-lhes ser applicados com mais parcimonia. Emfim, moral e socialmente, deve-se dar aos sargentos uma situação com uma mais justa e ligitima independencia.

Até aqui, pedindo tudo isso para os sargentos, ainda não indicamos nada que envolvesse verdadeiros encargos para o thesouro, mas para melhorar a sua situação e aperfeiçoar a classe é necessario fazer alguma cousa que envolva despeza.

A creação d'um *monte-pio* para sargentos, o que podia e devia ser apropriado o *monte-pio official*, para o que bastaria modificar os estatutos, podia suavisar a sorte de muitas familias, razão bastante forte para prender muitos á carreira das armas.

A creação d'um collegio para os filhos dos sargentos á semelhança do antigo *asylo dos filhos dos soldados* ou conforme as escolas dos *enfants de troupe*, em França, é uma medida que se impõe.

A promulgação d'uma lei que exija *dote de casamento*, como existe em quasi todos os exercitos incluindo o hespanhol, onde ha pouco tempo foi promulgada uma lei n'esse sentido, embora entre nós pareça immoral, devia dar bons resultados e evitar talvez muitas miserias.

Augmentar o premio das readmissões, melhorar a reforma ou augmentar os logares de empregos publicos que seriam dados com facilidade depois de longos annos de serviço, são medidas que se tornam necessarias.

O dar aos casados que não arranchem o auxilio para rancho, que hoje reverte a favor dos arranchados, em geral solteiros, é uma medida justa e que se deve pôr em pratica.

D'outras medidas se pode lançar mão; mas indicamos sómente estas por nos parecerem as mais praticas e viaveis.

Antes de terminarmos este artigo, não podemos deixar de nos referirmos á disposição da lei que determina o limite de idade para os sargentos.

Quando foi publicada havia 2.os sargentos que em concurso tinham ficado approvados e mediante o qual depois foram promovidos, mas, como na data da publicação ainda não eram 1.os sargentos, passou para elles, assim como para os que de futuro forem promovidos, o limite de idade a ser de 35 annos, ao passo que para aquelles que já tinham sido promovidos e provenientes do mesmo concurso, passou a ser de 45 annos.

Não parece justa esta determinação da lei, pois que os 2.os sargentos que estavam á espera de vaga e que depois foram promovidos, tinham e teem, pois que foram approvados no mesmo concurso, direito ás vantagens que a lei faculta aos que tiverem a sorte de ter vaga antes da lei ser posta em vigor. O que parece justo é que a lei só venha a ser applicada para aquelles que fizeram concurso depois da lei promulgada.

David Rodrigues.
Tenente d'infanteria

A INSTRUCÇÃO ESPECIAL DOS EXPLORADORES

Continuado do n.º 12=4.º anno

§ 3.º

Avaliação de distancias até 1.000

(a) **Generalidades.** — Para termo de comparação das observações feitas por cada explorador podem servir os seguintes dados, apontados pelo regulamento de tiro, e que se referem a uma vista regular.

«A 400 metros distinguem-se claramente os movimentos individuaes e as cabeças, mas não se distinguem os rostos nem o contacto dos pés com o solo.

«A 500 metros ainda se distinguem os movimentos das pernas, e a linha das cabeças dos homens reunidos em fileira.

«A 600 metros contam-se as filas e distinguem-se os movimentos individuaes ou d'uma fracção, se esta receber bôa luz; se os homens estão isolados ou de joelhos é já difficil distinguir aquelles movimentos, salvo se estiverem vestidos de branco.

«A 700 metros ainda se contam as filas, mas com difficuldade, e os movimentos de fracções são já muito confuzos.

«A 800 metros já se não podem contar os homens na fileira, bem como se não distinguem os movimentos individuaes, mesmo quando muito pronunciados.

«A 900 metros a apparencia das filas é já confuza, distinguindo-se não obstante a separação entre ellas, posto que já se não possam contar.

«A 1.000 metros uma fileira parece uma faixa uniforme, com dentes na parte superior e inferior, formados pelas cabeças e pernas.

(b) Pratica.— O instructor divide os exploradores em duas fracções, uma commandada pelo sargento e outra por um cabo, e, dando-lhe as necessarias indicações, manda marchar as duas fracções em sentido opposto, até se distanciarem 400 metros ou 572 passos, devendo as fracções fazer alto, com a frente voltada uma para a outra. Em seguida, manda postar á direita e esquerda das fracções, homens isolados em differentes posições: de pé, de joelhos, deitados, e cada commandante chama a attenção dos homens da fracção do seu cammando para os da opposta. Explicam-lhes quaes as partes do corpo ou do vestuario que se distinguem á distancia de 400 metros, fazendo-lhes notar o effeito produzido á vista pela linha dos homens formados ao lado um dos outros. Fazem-lhe tambem notar o aspecto do terreno e observam-lhes que para uma vista ordinaria o rosto d'um homem isolado já se não distingue a 400 metros, ao passo que n'uma fileira de soldados a linha dos rostos forma ainda um faixa bem distincta, assim como se conhece qual a especie de cobertura da cabeça.

Depois d'estas observações, cada uma das praças se affasta do ponto em que se acha, mas em sentido contrario, 50 metros ou 71 passos, ficando entre ellas a distancia de 500 metros, fazendo cada commandante de fracção as observações convenientes, tendo em attenção os principios expedidos nas *generalidades*. Pela mesma forma se farão as observações a 600, 700, 800, 900 e 1.000 metros.

Depois d'esta primeira instrucção, seguir-se-hão exercicios de apreciação de distancias pela observação de fracções isoladas, para o que o instructor mandará separar as fracções de distancias, que convencionará com os seus commandantes, comprehendidas no limite de 1.000 metros, avaliando os varios exploradores as distancias que os separa da fracção opposta, pela mesma fórma que acima se indicou, com a differença das praças não conhecerem essas distancias e terem de as apreciar á vista.

Nota. — Esta instrucção deve ser muito repetida e variada, recahindo as observações em homens isolados (vedetas ou exploradores) patrulhas, secções, pelotões, companhias etc., e nas casas, arvores e tudo o mais que se encontre no terreno e que possa servir para tal fim.

Tambem podem ser instruidos os exploradores em medir e avaliar a distancia entre dois objectos distantes, por exemplo, entre uma fracção collocada longe e uma arvore, casal, moinho, etc.

§ 4.º

Avaliação de distancia até 1.500 metros

(a) **Generalidades.** — E' difficil a uma vista regular distinguir os detalhes d'uma força de tropas collocadas a distancias superiores a 1.000 metros; os poucos que se poderão observar variam muito mais rapidamente com as condições do terreno, influencia da luz, clareza da atmosphera ou collocação dos objectos, do que para as distancias inferiores.

«A 1.200 metros, não sendo o terreno plano e perfeitamente regular ou se o alvo não estiver bem illuminado, não se póde já distinguir a linha formada pelos pés, podendo contudo observar-se ainda se as tropas estão formadas n'uma ou em duas fileiras, se as filas estão ou não unidas, se estão a pé ou a cavallo, ou finalmente se executam movimentos simultaneos.

«A 1.500 metros já se não distinguem as fileiras, e as tropas apresentam o aspecto de uma faixa obscura, na qual se distingue apenas a linha dos hombros. Se as tropas estiverem a cavallo, essa faixa torna-se aparentemente mais larga e dentada irregularmente na parte superior.

«Para alem de 1.500 metros, mesmo estes pequenos detalhes desaparecem, não se distinguindo mais que o brilho e scintillação das armas.

(b) **Pratica.** — N'este exercicio seguir-se-ha o mesmo methodo que nos anteriores.

Na primeira licção collocar-se-hão as duas fracções a 1.000 metros (1.428 passos) uma da outra, fazendo os seus commandantes as observações e rectificações que julgarem convenientes.

Iguaes observações se farão estando as duas fracções distanciadas de 1.200 e 1.500 metros (1.714 e 2.142 passos). Em cada nova estação repetirão os instructores as observações convenientes, seguindo as mesmas regras que foram estabelecidas para as distancias menores.

Terminando estes exercicios, passar-se-ha aos de avaliação de distancias, que serão executados como anteriormente, collocando as fracções a 1.100, 1.200 e 1.400 metros. Farse-hão tambem avaliar as distancias entre as fracções oppostas e um grupo de homens que d'ellas se destacará de 50 a 500 metros.

§ 5.º

Avaliação de distancias superiores a 1.500 metros

(a) **Generalidades.** — Para se avaliarem distancias superiores a 1.500 metros não se podem tomar para pontos de referencia as tropas de infanteria, e tornando-se quasi inexequivel a medição d'estas distancias a passo, como se fez para as distancias menores, pois importa uma grande perda de tempo, seguir-se-hão normas differentes das dos exercicios anteriores.

Devem tomar-se para pontos de observação grandes arvores, caminhos, jardins, casas, pontes, situadas a distancias comprehendidas entre 1.000 a 3.000 metros.

«Para uma vista ordinaria em condições normaes de ar e luz, observa-se o seguinte:

«A 1.800 metros podem contar-se as peças e as outras viaturas vistas de flanco, não se podendo distinguir a sua natureza.

«A 2.000 metros distinguem-se os grossos troncos de arvores e differença-se ainda a cavallaria da artilheria, porem os homens e os cavallos parecem pontos.

(b) **Pratica.** — O instructor colloca-se com os exploradores n'um ponto d'onde possam ser observados os objectos notaveis ou bem apparentes situados nos terrenos circumvisinhos, taes como: grossas arvores, arvores com uma configuração especial, caminhos, casas, pontes, etc; evitando-se tomar para referencia signaes artificiaes como bandeirolas, estacas, ou outras similhantes.

As distancias serão primeiramente medidas por meio de estadias ou telemetros, ou sobre a carta.

Quando se uza d'este ultimo meio, podem-se traçar circulos, de 100 em 100 metros, em torno dos pontos principaes d'estação, dividindo o terreno em tantas zonas quantas as necessarias para o instructor poder reconhecer im-

mediatamente as distancias de todos os pontos, comprehendidos em cada uma d'ellas.

Depois, faz observar a cada um d'elles os objectos importantes que escolher, indicando-lhes as distancias verdadeiras a que se acham do ponto d'estação, fazendo-lhes examinar com a maior attenção as particularidades de cada um d'esses objectos, assim como o terreno que os separa do ponto em que se acham. Em seguida, para apreciar a distancia dos pontos mais afastados, rectificando os erros commettidos, terminará perguntando quaes d'entre esses objectos parecem estar egualmente distantes dos pontos d'estação.

Nota.—Repetem-se muitas vezes estes exercicios em terrenos variados, a differentes horas e em varias condições de luz.

§ 6.º

Avaliação das distancias por meio do som

Observação. Este meio para avaliar distancia, não é, actualmente, de facil execução, principalmente de dia, fazendo o inimigo uso da polvora sem fumo, que é geralmente empregada; expomol-o em todo o caso por poder utilisar-se facilmente e com vantagem nos combates de noite que terão, n'uma guerra futura, uma certa importancia e um maior emprego.

As distancias inferiores a 400 metros não pódem ser determinadas por este processo d'uma maneira sufficientemente exacta, sendo preferivel de dia avalial-as á simples vista.

1.º **Generalidades.** A avaliação de distancia por meio do som funda-se na differença consideravel da velocidade do som e da luz.

Observando, a distancia, um tiro feito com uma espingarda carregada com um cartucho cuja polvora, ao dar-se a combustão, produza um certo fumo, vê-se primeiro o fumo ou a chama produzida pela deflagração da polvora e só depois de passado algum tempo se ouve a detonação.

A velocidade da luz é de 77:000 leguas por segundo, emquanto que o som não percorre senão approximada-

mente 340 metros por segundo. (1) Esta velocidade varia com a temperatura, a pressão atmospherica e a velocidade do vento.

Contando o numero de segundos que decorrem entre o apparição da luz e a detonação, multiplicando esse numero por 340 e fazendo as correcções necessarias temos avaliada a distancia. (2)

Por diversos modos se póde fazer essa contagem: ou por meio de relogio, ou pela cadencia dos 7, ou pela cadencia hectometrica.

(a) Relogio.(3) Empregando o relogio ordinario de segundos, observa-se quantos segundos medeiam entre a apparição da luz e a detonação, obtendo-se a distancia multiplicando mentalmente o numero de segundos pela velocidade do som.

(b) Cadencia até 7. Consiste em contar de 1 a 7 com a maior velocidade possivel.

Está demonstrado pela experiencia que os primeiros sete algarismos se pronunciam em um segundo proximamente, fazendo-o com a maxima rapidez possivel. Ora como em um segundo o som percorre 340 metros, quantas vezes se contar o numero de 1 a 7 desde que se viu o fumo ou a chamma produzida pelo tiro até se ouvir o es-

---

(1) A' temperatura de 16° e á pressão de 760^{mm}.

Experiencias feitas em França em 1738 deram a velocidade do som de 333,13 por segundo; e a repetição das mesmas experiencias em 1822 deram 340,^{m}89 por segundo, á temperatura de 16.° e á pressão de 760.^{mm}

(2) Para uma elevação ou diminuição de temperatura de 1°, a velocidade do som augmenta ou diminue de 0,^{m}5 por segundo; e a alteração de 3^{mm} na pressão produz a mesma modificação que um grau de calor. O vento tem uma influencia notavel sobre a velocidade da propagação do som, acelerando-a ou retardando-a, conforme segue no mesmo sentido ou em sentido contrario.

A influencia do vento ordinario, sobre tudo quando a sua direcção é obliqua, póde considerar-se como nulla. Quando porém o vento é muito forte e que os erros pódem attingir 10^{m} por segundo, devem-se fazer as necessarias correcções.

(3) Não havendo relogio podem-se utilisar as pulsações, que variam geralmente entre 55 e 80 por minuto, 1,33 por segundo. Tendo contado 3 pulsações entre a luz ou o fumo e o ruido da detonação teremos $\frac{340\times3}{4} = \frac{340\times3}{4} = 765^{m}$

Este numero deve soffrer a correcção dependente da força do vento.

tampido, tantos segundos temos a multiplicar por 340, cujo producto dá a distancia. A ennunciação d'um só algarismo corresponde a $^1/_7$ de 340^m, isto é 50^m proximamente.

Este processo é o mais facil e mais geralmente seguido, por ser o que encerra maior uniformidade.

(c) Cadencia hectometrica. Consiste a cadencia hectometrica em numerar, com intervallos eguaes os 10 primeiros numeros em 3 segundos. Ora como o som percorre 340 metros em um segundo, em 3 segundos percorrerá $340 \times 3 = 1020^m$ (1:000 metros com um pequeno erro para menos). A ennunciação d'um algarismo corresponde á decima parte de 1:020 metros (100 metros proximamente.)

A diffculdade está em educar os exploradores a contar com regularidade até 10, em 3 segundos. Obtem-se isto por meio do relogio; por meio de um pendulo da extensão de 1 metro que dará 3 oscillações emquanto se conta (1); e ainda pelo tempo decorrido entre a apparição do fumo e a audição do estampido d'um tiro feito a 1.000 metros.

2.° Pratica. Depois de educados convenientemente os exploradores na contagem por qualquer dos processos expostos, proceder-se-ha ao exercicio de avaliação de distancias pela seguinte fórma.

O instructor faz collocar a uma distancia rigorosamente medida um grupo de 4 soldados armados com espingardas $^m/_{1886}$, carregadas com cartuchos com bala simulada cuja combustão produz um fumo visivel (2), se é dia, e um clarão se é de noite. A um signal do instructor os 4 homens fazem uma descarga. Os exploradores que ficam juntos d'elles, avaliam a distancia contando o numero de segundos entre a apparição do fumo ou da luz e o som.

Deverão habituar-se a proceder a contagem logo no momento da apparição do fumo ou da chamma.

Depois de repetidos estes exercicios a distancias variadas e desconhecidas, o instructor destaca uma esquadra

---

(1) N'um pendulo constituido por um peso suspenso na extremidade d'um fio de um metro de cumprimento, cada oscillação dura um segundo.

(2) Empregando a polvora negra.

ou uma secção para um abrigo de terreno, por detraz do qual se, posta repetindo-se a experiencia com o fogo lento e com o fogo vivo.

As distancias superiores a 800 metros substitue-se o fogo individual pelas descargas.

Nota. A avaliação de distancias com o tiro de espingarda póde fazer-se até 2:000 metros e com o tiro de artilheria até 5:000 metros.

(a) Ha um pequeno instrumento devido a *Redier* que dispensa todo o calculo, e até o cuidado de avaliar o tempo. Tem a fórma de um relogio, em cujo mostrador graduado um ponteiro indica logo os metros a que o observador se acha da arma de fogo. No começo da experiencia está o ponteiro no zero, e conserva-se immovel emquanto se não inverter o instrumento de baixo para cima o que se faz no acto de apparecer a luz ou o fumo. Percebida a detonação inverte-se de novo e o ponteiro pára. Le-se em seguida o numero de metros da distancia procurada.

(b) Tambem o explorador póde improvisar uma estadia com uma pequena regua, que graduará por esta fórma: Toma uma regua de madeira de $0^{m},2$, e manda collocar um seu camarada á distancia de 100 metros. Depois empunhando a regua, verticalmente, com a mão direita estende o braço a todo o comprimento, encosta a unha do dedo pollegar a uma das arestas da regua, fecha o olho esquerdo e olha com o direito pela mesma aresta, para o soldado collocado em mira, isto de modo que o raio visual tangente ao ponto superior da regua se dirija á palla da barretina. Faz em seguida escorregar a unha ao longe da aresta até que o raio visual a ella tangente passe pelos pés do soldado, e obtido isto faz com a unha um signal na regua que se cobre depois a tinta, escrevendo ao lado 100. Do mesmo modo e a partir do mesmo ponto gradua a regua para 200, 300, 400 metros.

(Continúa).

J. Gil
Capitão d'infanteria

O combate de Marraquene

Foi no dia 28 de janeiro de ha 7 annos que pela estrada de Lourenço Marques—Anguane, seguiu a columna que, em 2 de fevereiro seguinte, havia de em Marraquene attestar ao mundo inteiro quanto eram infames e iniquas essas calumnias que sobre nós, portuguezes, assacava a vil imprensa da Africa do Sul, tão ouvida e acreditada na Europa. E tambem cá n'este canto, n'este nosso querido torrão, havia quem julgasse que nada era possivel fazer-se; e quando o *impossivel* foi feito, não faltou (nem ainda hoje falta), quem deprimisse o valor dos feitos commettidos, que no combate de Marraquene levaram logo o conspicuo e prudente conselheiro Antonio Ennes a fazer esta affirmação: «Podemos e sabemos combater em Africa, agora, como nos seculos XV e XVI e havemos de conservar intacto o dominio ganho com tanto esforço pelos nossos antepassados.»

Arrojada e muito arrojada parecia tal affirmação, porque eram grandes os perigos que corria esse dominio e enormes as difficuldades que o rodeavam. Esse arrojo, porém, firmava-o no animo do illustre Commissario Régio a fé que depositou na valentia dos nossos soldados, tão rudemente, tão exorbitantemente posta á prova em Marraquene. E tinha razão — tudo se venceu com um exito assombroso.

Nunca é demais commemorar taes factos, quando até entre nós portuguezes ha quem os tenha em pouca conta.

Quem bem se recordar das condições em que teve logar essa importante campanha d'Africa de 1895, quer das difficuldades que eriçavam de agudos espinhos os esforços herculeos que ella exigia, quer das circumstancias politicas que então imperavam em torno de Portugal, que velho se pretendia impotente para vencer tão formidavel revolta de gentio indomito, não poderá bem considerar a importancia que para Portugal, para o seu poderio, teve o combate de Marraquene.

E' no bello livro do fallecido conselheiro Antonio Ennes, *A guerra d'Africa em 1895*, d'onde serão todas as transcripções que aqui fizermos, e pelas quaes se vê bem o perigo que a nação correu. N'elle se lê..... «a persistencia da revolta dava tempo e dava ensejo a que a politica—e não só a politica dos indigenas,— fundasse n'ella projectos e calculos e tractasse de os realisar... Os gabinetes estrangeiros vigiavam os acontecimentos, e, provavelmente, estavam ja preparando projectos para os casos, verosimeis, de não podermos apagar, só nós, o incendio ateiado em nossas terras...»

Foi a valentia dos nossos soldados, habilmente conduzida, que pôz ponto a esses preparos. Se do ataque dos cafres ao nosso quadrado, em Marraquene, tivesse resultado para nós uma derrota, aquellas previsões ter-se-iam muito certamente realisado.

A auctoridade em Lourenço Marques só era respeitada no terreno que os seus pés cobriam; o districto todo, com excepção só da Capital, da linha ferrea e da antiga séde do commando das terras da corôa, estava revoltado, em virtude da sublevação de Mahazulo, regulo da Magaia, o primeiro que se revoltou, a pretexto dos *milandos* com o tio, e que só á sua parte apresentava 3.500 homens d'armas, segundo o re-

censeamento, (1) ligado com o Matibejana, regulo da Zichacha, intelligente, audaz e ambicioso, que se impozeram aos regulos visinhos, fazendo-os entrar na revolta.

A propria linha ferrea foi na manhã de 7 de janeiro assaltada por uns 3:000 revoltosos, bem perto da cidade, ao kilometro 2, matando 2 capatazes que não poderam fugir e trucidando umas 70 mulheres. D'estas mulheres, que pertenciam a Matolla, algumas eram concubinas do proprio regulo, o Segaul, que nem mesmo ligado com o da Moamba e com o auxilio das nossas tropas regulares, que o Commissario Régio auctorisou, quiz tirar vingança do desacato feito á sua neutralidade perfida, tal era o seu medo aos regulos revoltados e a sua pouca fé no valor das nossas forças!

A guarnição da cidade não podia, pois, manter sequer o prestigio da auctoridade nas circumvisinhanças. Mais; — a propria cidade, apesar de rodeada de elementos de fortificação improvisada, levantados á ultima hora, não se julgava segura; já n'ella tinha havido um panico, (e outros mais houve depois); já se tinham armado os proprios paisanos; já tinha sido alvejada pelas azagaias dos regulos da Moamba e da Zichacha, o esperto e pertinaz Matibejana, considerado o peior e mais perigoso inimigo da cidade. A empreza da tomada da cidade chegou-se a julgar cousa tão facil que até a maioria dos serviçaes que n'ella haviam aspiravam á sua conquista e bandearam-se para esse fim com os revoltosos!

A toda esta tormenta se ajuntava um perigo formidavel, que se via imminente, e que chegou mesmo a ser annunciado, como a realisar-se por via do telegrapho, para Lisboa, dando aqui logar á nomeação de Commissario Régio do conselheiro Antonio Ennes, em fins de 1894.

Era esse perigo a invasão do districto de Inhambane pelas temiveis mangas do temeroso Gungunhana, o potentado vatua!

50 a 60 mil era o numero de homens d'armas, valentes e aguerridos, que, com boas razões, se diziam ás ordens do regulo de Gaza. Esta revolta junta á dos landins do Incomati, ainda nem sequer combatida, e que fatalmente se tornaria mais ousada ainda, importaria a perda, d'uma vez para sempre, d'esse reino ao sul do Zambeze. E tinha todas as verosimilhanças essa invasão, porque de ha muito corriam boatos assustadores sobre propositos traiçoeiros d'esse vatua, que em presentes dados com o fim de o ter contente e socegado tão caro nos estava custando.

Iria ter logar esta outra revolta?

Ainda em janeiro de 1895, diz o mallogrado Antonio Ennes, não era facil perceber o que o Gungunhana queria, se porventura já sabia

---

(1) Segundo se vê na *Revista do Exercito e da Armada*, de 1896, a força dos revoltosos era a seguinte:

Mahazulo	3:500	homens	com	400	esp.
Zichacha	1:000	»	»	500	»
Chirinda	800	»	»	300	»
Munhangua.....	200	»	»	50	»
Mutua	300	»	»	50	»
Total	5:800	»	»	1:300	»

o que havia de querer; mas conhecia-se que não estava indifferente aos acontecimentos nem disposto a presencial-os de braços cruzados. Parece que premeditava, emquanto que as forças do governo andassem entretidas para os lados de Lourenço Marques, voltar-se elle para as bandas de Inhambane e vibrar um golpe vigoroso aos chopes, seu constante pesadello, refugiados e estabelecidos na orla meridional das terras da corôa. Os rebeldes invocaram-n'o e offereciam-se-lhe; os estrangeiros, que noite e dia lhe zumbiam aos ouvidos, incitavam-n'o a saciar a desmedida ambição do seu caracter, encarecendo a nossa fraqueza e o poder das mangas vátuas.....

«Os perigos da situação mostravam-se, pois, de todos os lados....

«Bem se revelavam elles na linguagem dos estrangeiros. No Natal, em Captown, até no Transvaal, dava-se o districto de Lourenço Marques como irremediavelmente perdido para os portuguezes, e perguntava-se já quem havia de tomar conta d'elle, com o encargo pesado de reduzir os indigenas á obediencia.»

O que mais se dizia, «fazia tremer de raiva e chorar de vergonha.»

Foi n'estas circumstancias que se emprehendeu o abafamento da revolta e o restabelecimento do nosso dominio.

Mas em que condições se emprehendeu esse commettimento, de que ninguem nos suppunha capaz, mesmo empregando todos os nossos recursos?

A columna que iniciou as operações, depois d'um reconhecimento feito a 21 de janeiro, partiu pelas 5 horas da manhã do dia 28, tendo por objectivo Marraquene. Era composta de uns 800 homens, dos quaes 300 eram indigenas. Havia grande falta de vehiculos para o transporte das cousas mais indispensaveis; a necessidade obrigou até a lançar mão de seis fracos jumentos que se descobriram, quando se basculhavam carros ou cavallos. Abrigos para os bivaques, nem um foi; talvez lá se podessem improvisar cabanas de mato (mussaças). Um carro de bois foi destinado para transporte de feridos; uns trinta pretos, soldados de caçadores 3 d'Africa, serviriam de maqueiros, á falta de competentes. Para cuidar d'esses 800 homens que iam entrar em combate, um unico facultativo!

Os viveres que se conduziram chegariam para tres dias. Não havia mais carros em Lourenço Marques com que se reaprovisionasse a columna. Todavia era rigorosamente indispensavel o reaprovisionamento porque só na marcha se gastariam 4 dias, ida e volta. Havia o recurso do rio, o Incomati. Mas navios do calado preciso só havia o Bacamarte, uma lancha a vapor, chaveco impotente para arrostar com o gentio revoltado! Mas foi atamancado e prestou serviço. (1)

N'estas condições tão pouco animadoras, marchou a columna para Marraquene. Iam os soldados animosos e alegres. Commandava-os interinamente o desditoso Caldas Xavier, major d'infanteria.

M. A.

(Continúa)

---

(1) Havemos de escrever sobre este barco, para quem o Commissario Régio tencionava propôr a Torre Espada. Foi um dos heroes da campanha.

A PISTOLA AUTOMATICA BROWNING

Já tivemos occasião de dizer aos nossos leitores, na *Secção do Extrangeiro*, do n.º 4 — Abril — do anno passado — que a Belgica tinha adoptado esta pistola para uso dos officiaes do exercito.

Entre nós estuda-se actualmente a substituição do revolver Abbadie, extremamente pesado e pouco justo, por uma pistola automatica que faça desapparecer aquelles inconvenientes e que dê ao mesmo tempo uma maior velocidade de tiro.

Como a Browning excede as pistolas Mauser e Mannlicher do mesmo genero, e como foi tambem uma das submettidas a experiencias, que foram optimas, sendo, portanto, provavel que seja a preferida, vamos, como complemento da noticia já dada, descrever esta pistola com o fim de orientarmos os nossos leitores.

Pela figura 2 vê-se que o deposito é na coronha, e formado por uma caixa metalica que entra de baixo para cima, n'uma cavidade semelhante que existe na coronha.

O carregamento é muito facil; fazendo pressão sobre a alavanca D e puxando pela saliencia E, o deposito, cuja base é representada pela letra A, sae immediatamente.

Junto á base tem uma mola em espiral achatada, que impelle os cartuchos para a parte superior, onde são detidos por dois rebordos, que os impede de saltar fóra.

Na parte superior do cano, n'um alojamento apropriado, tem a mola recuperadora da força do recuo, designada pela lettra B.

O movimento automatico, devido á expansão dos gazes da polvora, é conseguido da seguinte maneira: ao mesmo

tempo que os gazes da polvoral ançam a bala para a frente, impellem tambem para a retaguarda o involucro do cartucho, que arrasta no seu movimento retrogrado a parte designada na fig. 1 pelas lettras B D E, comprimindo portanto a mola recuperadora B.

O envolucro, devido a este movimento retrogrado, bate no ejector e salta por uma janella aberta na face direita da pistola. Terminado este movimento retrogrado a mola recuperadora tende a voltar á posição primitiva e arrasta para a frente, no seu movimento, toda a parte que recuou, excepto o percutor que fica preso pelo gatilho, sendo tambem arrastado o cartucho superior do deposito a ponto de entrar na camara. Fica portatanto apisola prompta a disparar, pois que tem um cartucho na camara e o percutor sómente seguro pelo gatilho.

A pistola pode carregar-se com 7 cartuchos no deposito e um na camara. Tendo só os 7 no deposito, para começar o fogo puxa-se fortemente a culatra á retaguarda, segurando-a pelas duas serrilhas lateraes que existem na parte superior.

Este movimento serve para trazer o percutor á retaguarda e para com o movimento de avanço da culatra se introduzir um cartucho na camara, ficando assim a pistola prompta a disparar.

Querendo que a pistola fique carregada com oito cartuchos, carrega-se primeiro com 7, faz-se aquelle movimento para introduzir um cartucho na camara e em seguida abre-se o deposito para introduzir o oitavo cartucho.

Em qualquer dos casos, para fazer fogo, basta sómente

puxar pelo gatilho, pois que já um cartucho está na camara e o percutor armado.

Esta pistola funcciona bem, é leve, justa e tem um grande alcance.

No Sul da Africa

A BATALHA DE PAARDEBERG

A batalha de Paardeberg é, sem contestação, a licção mais proveitosa de toda a campanha, seja debaixo do ponto de vista estrategico, porque houve concepções primorosamente delineadas e executadas, seja debaixo do ponto de vista tactico, que nos fornece elementos concludentes.

Além d'isso foi o coroamento da obra de antemão concebida pelo velho lord Roberts.

O seu primeiro objectivo era libertar Kimberley para entrar no Transvaal e tomar Pretoria.

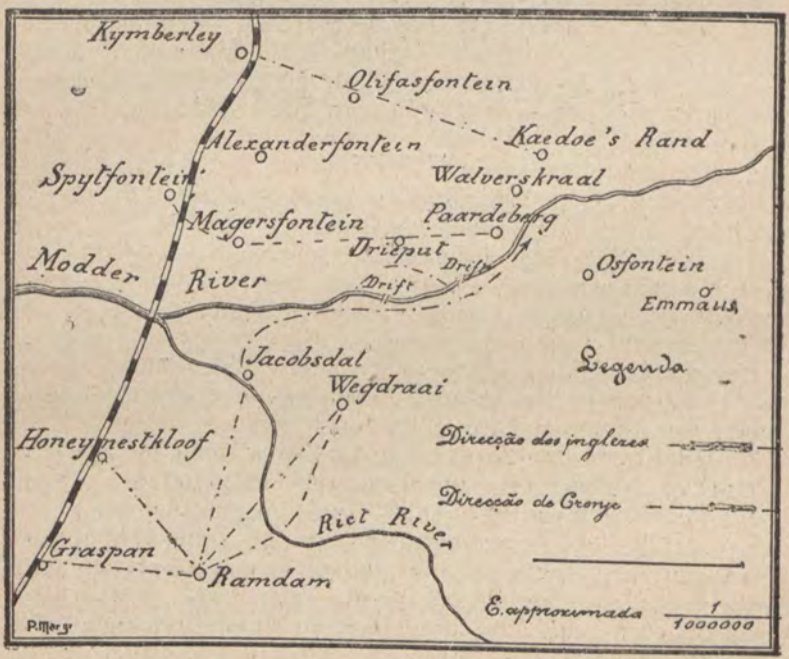
Depois de ter sido feliz em Graspan, Belmont e Modder River, soffreu a primeira contrariedade, aliás bem dura, nos *copjes* de Magersfontein. Cronge, com os seus federados deu-lhe, ahi, uma batalha sangrenta, que não só lhe impediu o proseguimento da marcha invasora, mas que até o fez voltar novamente a occupar as posições de Modder, onde, 10 dias antes, as suas tropas se tinham coberto de gloria.

Este revez inesperado fez-lhe alterar um pouco o seu plano. Perante o obstaculo que Cronge levantou em Magersfontein com o tiro certeiro das *mausers* dos seus alliados, resolveu seguir caminhos differentes que, por Este ou pelo flanco esquerdo boer, levassem as suas tropas a Kimberley e Pretoria.

Para isso mandou retirar as forças que tinham sido batidas em Magersfontein para Honeynest Kloof, Enstin e Graspan afim de se encontrarem em Ramdam, á direita da linha ferrea Cabo-Bollowayo. Para proteger este movimento deixou Roberts a divisão de Methuen em frente dos boers.

A 12 de fevereiro estavam as restantes forças inglezas em Ramdam, prefazendo um effectivo de 37:000 homens.

No dia seguinte, com os primeiros alvores, a 6.ª divisão, Kelly-Kenny, acompanhada por lord Kitchener, poz-se em marcha, e, passando o Riet em Waterval Drift, chegou no dia seguinte a Wegdraai, chegando no dia 15 a Klip Drift sobre o Modder. Este mesmo itenerario foi seguido pela 9.ª divisão, Colvile, e a infanteria montada.



Para proteger o flanco esquerdo da 6.ª divisão foi encarregado French com a sua divisão de cavallaria, mas logo que aquella chegou ás margens do Modder poz-se este novamente em marcha, executando um soberbo *raid* sobre Kimberley.

A 7.ª divisão, Tucker, com a qual marchava lord Roberts, dirigiu-se para Jacobsdal, chegando tambem no dia 15 á margem sul do Modder.

Esta columna soffreu duas contrariedades. Ao passar o Riet, em Waterval, o comboio, de 180 viaturas com 4:000 animaes, que marchava sem escolta, foi atacado violentamente por uma columna de 1:000 boers. O general Tucker

foi logo com a 14.ª brigada em seu soccorro, mas vendo que para o salvar era necessario empregar grandes esforços, o que retardava a marcha da columna, e reconhecendo que essa demora podia alterar ou compremetter o plano de Roberts, pois que não havia tempo a perder, resolveu abandonal-o. Na guerra assim deve ser; os pequenos resultados perante os grandes effeitos pouco valor teem.

Em Jacobsdal teve tambem esta columna de repellir um destacamento boer.

Assim, depois de 4 dias de marchas violentas, executadas debaixo d'um sol ardente e desapiedado e tendo muitas vezes de percorrer mais de 20 kilometros sem que apparecesse uma gota d'agua com que se mitigasse a sede ardente, occupava Roberts a margem sul do Modder.

Emquanto os inglezes executavam estas marchas penosas e cheias de difficuldades, os boers federados conservaram-se na mais condemnavel innação. Talvez julgassem que os louros de Magersfontein lhe servissem de guarda para os dias futuros sem se lembrarem, que se a victoria umas vezes os dá com as folhas espalmadas, outras vezes os dá com ellas cravejadas d'espinhos. Foi este o caso presente. Emquanto acolhidos pela acariciadora e esperançosa sombra dos louros de Magersfontein se entregavam ás suas libações habituaes e aos monotonos psalmos que por altas horas da noite lhe elevavam a alma para Deus, os inglezes, praticos e positivos, conceberam o seu plano e, debaixo de inclementes contrariedades, lá o iam executando.

Cronge teve logo nos primeiros dias conhecimento do succedido, julgando-se inexpugnavel em Magersfontein olhou com indifferença para o que se passava, mas dentro em pouco a realidade do perigo tornou-se bem patente e no dia 14, pelas duas horas da manhã, dá a ordem de retirada sobre Bloemfontein, por Olifantsfontein.

Se tivessse retirado para o Norte, em logar de o fazer para Este, não teria cahido nas mãos dos inglezes. Tem sido esta retirada muito discutida, mas o que parece provado é que sendo orangista de coração, o que tinha em vista era salvar o capital do seu querido Estado Livre.

Tentou, portanto, fazer uma retirada politica, o que foi a causa do seu desastre.

Roberts, logo que teve conhecimento das intenções de Cronge resolveu modificar o seu plano, deixar Kimberley e internar-se para Este, afim de o perseguir e tomar Bloemfontein, mas no dia 16, Kitchener, que estava no Klip Drift,

vendo de manhã uma densa nuvem de poeira, comprehende o que se passava e manda logo a sua infanteria montada atacar o comboio de Cronge. Ao mesmo tempo, e sem a mais pequena delonga, a brigada Knox foi mandada pela margem direita do Modder afim de impedir o avanço da columna dos alliados.

Vendo-se, Cronge, atacado pela retaguarda e flanco direito e reconhecendo que as forças dos alliados estavam exhaustas, resolveu estabelecer-se em tres *copjes* que distam 3 kilometros do Klip Drift, mas sendo repellido pelas forças inglezas, foi estabelecer-se em Drieput, dando-se ahi, de parte a parte, um renhido combate que durou até á noite.

Depois de fadigosas marchas executadas em dias consecutivos e entremeadas de duros combates não deixaria de appetecer que esta noite, de 16 para 17, fosse uma noite de descanço na qual se podesse dormir um somno reparador. Embora fosse desejado não foi isso o que succedeu.

Os inglezes, pondo em acção a sua reconhecida energia, mandaram logo, pela escuridão da noite, a brigada Stephenson, da 6.ª divisão, por-se em marcha para impedir o avanço de Cronge para Este, o que devia conseguir em Paardeberg, á qual se juntou, ás 10 horas da manhã do dia 17, a brigada Knox.

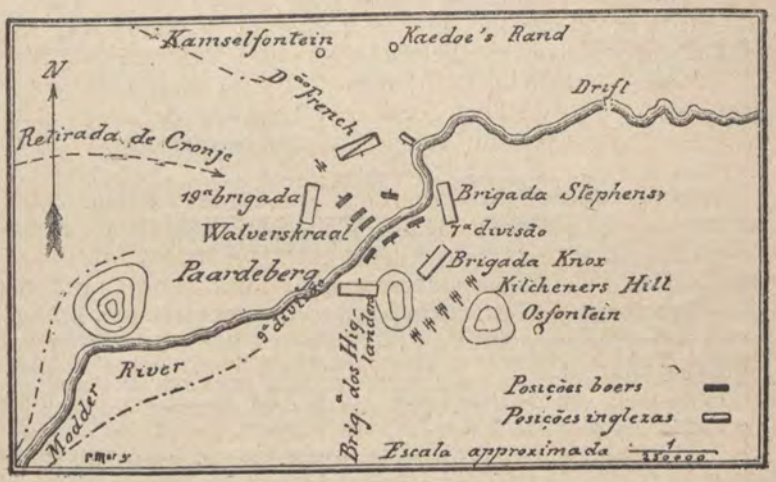
Assim reunida novamente a divisão Kelly-Kenny, descançou até ás 6 horas da tarde e pondo-se novamente em marcha na direcção Este, perdeu-se no caminho e bivacou a 3 kilometros para Este de Paardeberg Drift, que era exactamente o ponto onde Cronge tencionava passar o Modder, erro este, que podendo ser fatal aos inglezes, lhe foi, pelo contrario, util e vantajoso.

Depois do combate de Drieput, no dia 16, o velho Roberts telegraphou a French, que já tinha levado o seu *raid* até Kimberley, que viesse em seu auxilio e que impedisse que Cronge marchasse para o norte.

Emquanto os inglezes procuravam envolver os alliados n'um circulo de ferro, Cronge, pelo seu lado, procurava, não libertar-se d'esse circulo, mas marchar cegamente para Este, afim de salvar a querida capital do seu Estado Livre d'Orange. Cego e dominado pelo objectivo politico da sua marcha não previu e calculou o erro em que podia cahir.

Com este intuito, logo depois do combate de Drieput, abandonando 78 viaturas, poz em marcha a sua columna, formada mais por mulheres e creanças do que por solda-

dos armados, e marchou todo o dia 17 com o intuito de passar o Modder em Kaedoe's Rand Drift, mas logo depois de passar o Paardeberg Drift, viu que French, vindo de Kimberley com a velocidade d'um phantasma, occupava ja uma serie de *copjes* que dominavam aquelle vau.



Perante a inesperada perspectiva de não poder seguir para Bloemfontein, que tanto o attrahia, pelo itinerario que tinha delineado, e reconhecendo que os seus alliados, depois de uma noite e um dia de marcha, necessitavam de descanço, desistiu de seguir para Koodoerand e resolveu bivacar um pouco ao sul de Paardeberg afim de n'esta altura passar o Modder no dia seguinte, 18 de fevereiro.

Doce, mentirosa e ephemera foi esta esperança; doce porque lhe alimentou a ideia seductora de alcançar Bloemfontein, mentirosa porque ignorava que a 6.ª divisão, Kelly-Kenny, bafejada pela sorte, occupava uma posição a 3 kilometros na margem sul do Modder, que lhe impedia a sonhada realisação do seu intento, e que a divisão Colvile estava a alguns kilometros á retaguarda e que ia chegar ao vau de Paardeberg antes do romper do dia 18, e ephemera porque logo, durante a noite, a infanteria montada, que estava um pouco ao sul, lhe atacou o comboio, que durante a noite teve de soccorrer.

N'esta critica situação, tendo para nordeste, em Koo-

doesrand, a divisão de French, para noroeste a divisão Kelly-Kenny, para sul a infanteria montada e para sudoeste, á sua retaguarda, a divisão de Colville, o unico sector do circulo de ferro que lhe ficava aberto era o do norte, mas o ideal que o chamava para Bloemfontein e que o attrahia para a rendicção em pleno campo de batalha não deixou que o seu espirito se esclarecesse e ali permaneceu até ao dia 18, dia memoravel da batalha de Paardeberg.

(Continua)

David Rodrigues
Tenente de infanteria

SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

França. — **Tiro automatico movel.** = O tenente coronel francez Coussaud-Dullié construiu ultimamente, com o nome de *tiro automatico movel*, um apparelho que deve prestar excellentes serviços ao tiro. Compõe-se de uma placa dupla de aço; a maior, que está no primeiro plano, adapta-se ao terreno e serve para proteger o apparelho e è resistente ás balas de 6mm.

A' retaguarda da segunda placa, menos espessa do que a primeira, mas assente sobre o terreno e parallela a élla, circula, animada d'um movimento uniforme dado por um systema de relojoaria, uma *silhouette*, que serve de alvo, que tem 16 a 17 centimetros e que representa um soldado dos exercitos extrangeiros. Devido ao movimento apparece e desapparece em differentes pontos.

Uma outra *silhouette*, accionada á mão, desloca-se com movimento irregular, accelerado ou lento, á vontade d'aquelle que manobra o cordel que lhe dá movimento.

Com o auxilo d'estas duas *silhouettes* obteem-se pois alvos de eclipse. Para poder obter alvo fixo colloca-se sobre a chapa maior cartões rectangulares, que teem tambem pintadas umas *silhouettes* especiaes.

Com o auxilio d'estas tres *silhouettes* póde-se graduar perfeitamente as difficuldades do tiro.

O apparelho está assente sobre um tripé que permitte collocal-o ás tres alturas do tiro; de pé, de joelhos e deitado.

Le Foyer du soldat. — Ultimamente o ministro da guerra francez inaugurou em Vincennes o *Foyer du soldat*. Esta importante instituição, de que o presidente da republica acceitou a presidencia honoraria, é creada pela *Liga franceza d'ensino*. O fim d'este estabelecimento è offerecer aos militares da guarnição e dos arredores um meio confortavel e onde possam encontrar sãs distrações e os meios de desenvolver a sua instrucção, pois que, para este fim, brevemente vão abrir differentes cursos. A instituição occupa-se ainda de dar uma collocação aos sargentos e soldados depois de deixarem o serviço militar.

Esta instituição é devida á doação generosa do fallecido general

Edmond Goudchaux, que por gratidão lhe deram o mesmo nome, e occupa um 2.º andar, n.º 47 de rua Maulin, Vincennes.

Conferencias regimentaes illustradas. — Ultimamente, no amphitheatro da Escola de guerra, o capitão de reserva Guerin-Catelain fez aos sargentos e soldados do 2.º de couraceiros, na presença do coronel e officiaes do regimento, uma conferencia muito interessante com projecções luminosas e tendo por thema *Os heroes de 1870.*

Estas conferencias, devida á iniciativa da *Sociedade nacional de conferencias populares* e que tem por fim luctar contra o alcoolismo, a tuberculose e as doenças contagiosas, esperam em França que ellas sejam um precioso instrumento sob ponto de vista do ensino technico militar e da educação civica.

Hespanha. — **Casamento dos officiaes.** — As difficuldades da vida vão augmentando por toda a parte, mas como a Hespanha não póde melhorar os soldos aos seus officiaes, tratou, com uma lei recente, suavisar-lhe ao menos os encargos que de futuro possam tomar, que, sob todos os pontos de vista, o casamento é o maior.

Com este fim, o general Weyler, ministro da guerra, promulgou uma lei n'este sentido. Conforme os termos do decreto nenhum official, qualquer que seja a sua patente, póde casar sem auctorisação real, que será pedida, não directamente pelos interessados, mas por intermedio dos commandantes dos corpos, directores de estabelecimentos ou serviços ou pelo governador militar da provincia, conforme os casos.

Cada um d'estes chefes fará o pedido acompanhado de uma informação clara e minuciosa sobre a moralidade da futura esposa e de sua familia, sobre as condições sociaes d'esta e sobre a opportunidade ou inopportunidade do casamento projectado.

E' prohibido o casamento aos officiaes com menos de 25 annos. A todos os outros que não tenham o posto de capitão só lhe será permittido o casamento se apresentarem documentos comprovativos d'uma certa renda para representação e que deve rer equivalente ao soldo de capitão. Só são dispensados d'esta obrigação os officiaes com mais de trinta e cinco annos e contando ao menos doze de serviço. Esta medida não é applicavel aos officiaes subalternos de reserva de todas as armas, corpos ou serviços, de alabardeiros, invalidos, da guarda civil e carabineiros.

O decreto prevê certas medidas para a constituição da renda e do casamento *in articulo mortis.*

Esta medida, por uns artigos que temos visto na imprensa hespanhola, principalmente na *Correspondencia Militar*, foi recebida com geral applauso pelo exercito, apenas levantou alguns reparos as exigencias sobre as informações a respeito da noiva e sua familia.

Não nos admira que assim succedesse, porque crescendo as difficuldades da vida e não podendo augmentar os soldos deve-se procurar por todos os meios suavisar a vida do official.

Allemanha. — **Cursos de tiro.** — A Allemanha cada vez se preoccupa mais com a instrucção de tiro. Este anno terão logar na escola de tiro de infanteria os seguintes cursos:

Dois *cursos de informação* para 66 tenentes coroneis e majores das tropas apeadas.

Um *curso de informação* para 43 chefes d'esquadrão.

Um *curso de informação* para 30 commandantes dos regimentos das tropas apeadas.

Alem d'isso serão mandados para a mesma escola de infanteria os officiaes que não seguiram nenhum dos cursos de 1897 a 1901.

Haverá tambem mais quatro *cursos de instrucção* a que assistirão 340 capitães e 120 tenentes das tropas apeadas, e nos campos de Spandau-Ruhleben, Elsenborn e Lockstedt organisar-se-hão *cursos praticos* para 420 sargenros dos corpos de infanteria e caçadores e para 120 sargentos de cavallaria.

Armée portugaise

O excellente jornal parisiense — *Revue du Cercle Militaire* — trouxe ultimamente dois artigos, com o titulo que nos serve de epigraphe, nos quaes o capitão do exercito francez, M. Esperaudieu, inspirado no trabalho do nosso camarada, tenente Julio de Oliveira, *As manobras de 1901*, descreve as manobras que no verão passado se realisaram nas cercanias de Cintra. E' um trabalho feito com consciencia e onde se faz verdadeira justiça.

Todos aquelles que julgam que os extrangeiros olham com indifferença para tudo que é nosso encontrarão n'este exemplo um formal desmentido. A *Revue du Cercle Militaire* trazendo dois artigos, acompanhados d'um excellente *crocquis* do arredores de Cintra, mostra perfeitamente que dá valor ao que nós fazemos e possuimos, honrando assim o nosso paiz e o nosso exercito, mas é necessario que frizemos bem que se foi este anno a primeira vez que o fez é porque foi tambem a primeira vez que se fizeram manobras com effectivos em pé de guerra e que se procurou approximal-as o mais possivel da imagem da guerra.

Depois de dar todas as indicações necessarias para a comprehensão das manobras, descreve com uma precisão notavel o desenvolvimento dos exercicios, indicando mesmo as posições que occuparam as differentes unidades e a maneira como executaram os differentes movimentos.

Na critica que faz, em muitos pontos justa, começa por condemnar a publicação antecipada dos themas, o que já tem sido tambem feito n'esta *Revista*.

Remata a serie d'estes artigos por umas considerações geraes, que nós não transcrevemos na intrega por não termos espaço.

O capitão M. Esperaudieu diz, o que não contentará tantos descrentes e pessimistas que na occasião das manobras muito se evidenciaram, que as *tropas se mostraram instruidas e disciplinadas e que os officiaes deram provas de reaes qualidades militares.*

Condemna o facto da infanteria do sul não ter manobrado antes de tomar as disposições definitivas, isto é, de se ter entregado á defensiva pura, o que attribue ao antecipado conhecimento dos themas. Identicamente condemna a immobilidade da artilheria.

Termina o capitão M. Espéraudieu a sua critica por estas judiciosas palavras.

«Mas se as operações dos grupos oppostos do exercito portuguez não são isentas de faltas, não é duvidoso que estas lhe aproveitarão para o futuro. Nas manobras, os erros de todos os generos trazem comsigo o proveito de um ensinamento. Nós ficariamos muito surprehendidos se não tivessemos, em Portugal mesmo, uma occasião proxima de o constatar.

5.º Anno Março de 1902 N.º 3

REVISTA DE INFANTERIA

As metralhadoras

Pelo decreto de 24 de dezembro de 1901 foram os corpos de caçadores transformados em batalhões independentes e dotados, alem do pelotão de sapadores, com um pelotão de cyclistas e com uma secção de metralhadoras por companhia. Não é nosso fim encarecer o valor d'esta medida, pois que correspondendo a uma das justas aspirações da arma e das necessidades do exercito fica, por si, perfeitamente justificada. Não é, pois, necessario que o echo das nossas palavras, embora convictas e sinceras, se vá repercutir por esse paiz fóra. Não é tambem com esse fim que escrevemos, repetimos, mas alguem nos tem dito que se faz *guerra surda* contra a adopção das metralhadoras nos batalhões de caçadores e é para esclarecer a verdade que nós lançamos mão da penna.

Essa guerra, se guerra se faz, é *surda* e tão *surda* que ainda não vimos uma palavra escripta que a denunciasse. Não nos admira o processo, perfeitamente indigena e que tanto nos está a caracter. Com isto não temos em mira offender ninguem; mas os factos que vemos todos os dias auctorisam-nos a que nos exprimamos assim.

Ora, fechado o parenthises da urbanidade, que repre-

senta uma justificação perante a nossa consciencia, vamos vêr se conseguimos, com as vagas indicações que temos, esclarecer o caso.

Diz-se, primeiro que tudo, que as metralhadoras não se deviam adoptar no nosso exercito por duas razões. A primeira porque o seu funccionamento só offerece garantias de bom resultado quando se faz uso de cartuchos muito bem fabricados, e, como entre nós os cartuchos não satisfazem a esta condicção, se devem por isso pôr de parte.

Este argumento tem algum valor e é em parte verdadeiro. Se os cartuchos das metralhadoras não forem muito perfeitos fazem com que ellas se encravem com frequencia, principalmente a Maxim, perdendo-se, portanto, a velocidade de tiro, unica razão que as justifica. Para fazer desapparecer este inconveniente, que é certamente pequeno perante os resultados que se obtem com o emprego das metralhadoras é necessario consequentemente empregar cartuchos bem fabricados.

Ora, se os nossos cartuchos não são bem fabricados a culpa não é nossa nem da infanteria; se são necessarias as metralhadoras e bons cartuchos, venham as metralhadoras e pessoal technico capaz de os fabricar como é necessario. Em todo o caso, quando ellas chegarem, o que não deve levar muito tempo, far-se-hão as experiencias necessarias e ver-se-ha então o valor d'este argumento.

A segunda razão com que se tenta condemnar o emprego das metralhadoras no nosso exercito reside, dizem-nos, na sua principal vantagem, isto é, na extraordinaria velocidade de tiro que offerecem, pois que podendo dar cada metralhadora 600 tiros por minuto, ao cabo d'uma hora dá 36:000 e ao cabo de 10 horas, hora media dos combates modernos, dá 360:000 tiros, e que n'estas condições não ha cano que se aguente nem estrias que resistam, nem mesmo reabastecimentos de munições que se possam fazer.

Para haver alguem que se abalance a tirar uma tal conclusão é necessario que o odio ás metralhadoras o tenha obcecado ou que desconheça por completo o seu emprego nos campos de batalha. As metralhadoras não são destinadas a fazer fogo constantemente, nem emquanto durar o combate; a tactica das metralhadoras não é a mesma que a da infanteria. Ellas são empregadas, permittam-nos a expressão, como armamento de reserva, que fica na mão do chefe e que só se emprega em casos muito especiaes e

cuja opportunidade seja conhecida. Devem-se empregar na defensiva quando seja necessario augmentar a intensidade do fogo da infanteria em qualquer ponto da linha de combate para resistir a um ataque impetuoso, ou quando seja necessario defender *à outrance* um casal, um monte, etc. que fiquem isolados, mas cuja posse seja importante, ou quando seja necessario accudir a qualquer ponto da linha que não esteja bem guarnecido. Na offensiva tambem sómente devem ser empregadas para reforçar o fogo da infanteria quando se pretenda conquistar uma posição importante e tenazmente defendida ou quando, com um pequeno effectivo, se precisem obter grandes resultados.

N'estas condições não é necessario nem devem as metralhadoras fazer fogo constantemente, tanto mais que só devem entrar em acção quando a distancia seja pequena e o seu fogo efficaz.

Nas operações de pequena guerra, taes como escoltas de comboios, em que em geral não se pode empregar grandes effectivos, teem ellas uma grande applicação.

Não tendo pois de fazer fogo constantemente não ha perigo de que se inutilizem nem ha mesmo difficuldade de maior no reabastecimento de munições.

Mas tendo de ser empregadas sómente em casos especiaes dir-nos-hão, como dizem, que não deviam estar affectas aos batalhões de caçadores, porque sendo tropas de infanteria teem de entrar em combate e occupar sempre o seu lugar.

Não é esse o papel que deve ser, e que realmente não é, o destinado aos caçadores, pois que estes, pela organisação e composição que teem, não devem ser empregados como a infanteria, pois que devem constituir tropas especiaes que devem estar sempre promptas para serem empregadas em casos tambem especiaes, e, em geral, n'aquelles em que as metralhadoras devem entrar em acção. E' para isso que são consideradas tropas independentes. Alem d'isso as metralhadoras precisam apoio, para o que nada ha melhor do que as tropas a que estam affectas.

A constituição de *baterias* de metralhadoras não se justifica, porque alem de terem de entrar em acção ao lado e juntas á infanteria podem, e é isso mesmo a maior parte das vezes conveniente, ser dessiminadas pela linha de combate.

Estam, portanto, muito bem onde foram collocadas, o que fica provado sem ser necessario dizer que na Inglaterra

fazem parte dos batalhões de infanteria, que na Allemanha fazem parte dos batalhões de caçadores, que na França fazem parte dos batalhões de caçadores e tropas alpinas e que em todos os mais paízes, em que estam adoptadas, á excepção da Suissa, estam affectas á infanteria.

O combate de Marraquene

(*Continuado do n.º 2 — 5.º anno*)

Passava das 10 horas quando Caldas Xavier chegou a Angoane, distante uns 17 kilometros. Estavam cançados todos, porque o dia estava abafadiço.

Uma hora depois da chegada, principiou a chover, contra a espectativa dos bordas-d'agua da terra, e choveu sempre toda a noute.

Pelas sete horas da manhã seguinte continuou a marcha e a chuva continuava tambem. Pesavam bastante os capotes ensopados e provocava arrepios em todo o corpo a linhagem das calças a collar-se á pelle ; mas marchavam já. Ia n'esta altura a columna reforçada com a guarnição de Angoane : — uma companhia de caçadores 2 do Reino e 150 praças de caçadores 3 da Provincia—e tinha assumido o commando o major de caçadores 2 sr. José Ribeiro Junior. Em Guavá, comeram o rancho frio, tendo por molho as gotas d'agua que caia.

Começaram por ahi a ver-se os revoltosos, que fugiam ao primeiro tiro para fóra do alcance das balas, abandonando as aldeias, até que perto de Marraquene passaram em almadias para o outro lado do rio. Eram 4 horas da tarde quando chegaram ao local em que os nossos soldados provaram, e provaram logo na primeira occasião que se lhes proporcionou, que não lhes cabia o epitheto de *cobardes* que os estrangeiros lhes concediam, nem o de *gallinhas brancas* com que os pretos os açoitavam. Durante toda a noite, como na precedente, o tempo pa-

recia estar de mãos dadas com os revoltosos, chovendo continuadamente.

«Todo o campo era um lameiro. Não se podia accender fogo para cozinhar, nem para enxugar o corpo e a roupa, nem para ajudar a vigilancia das sentinellas. Quantas invenções se escogitavam para conservar enxuto algum vão onde se dormitasse, onde se desse repouso aos membros lassos, todas eram inutilisadas pelo peso e pela pertinacia da agua torrencial. Havia já quem se despisse, querendo antes expôr á chuva o corpo nú do que sentir collada á pelle a roupa ensopada. Os soldados tiritavam, apesar da atmosphera estar morna; a lama em pasta cobria-lhes o fato e a pelle; andavam embrulhados nas mantas e nos capotes, que deitavam sobre a cabeça, mas a lã encharcada augmentava-lhes o mal-estar. Se ao menos podessem aquecer o estomago! Só a policia, já affeita ao viver do mato, tinha artes para accender lenha e fazer ferver o contheudo das caldeiras inundadas; as outras unidades rilhavam cousas duras, frias, humidas e bolorentas. Chegou a ser quasi impossivel accender um phosphoro, por não haver uma superficie sêcca onde o esfregar. Esperanças de melhor tempo nenhumas!»

«O céu era todo elle uma placa lisa de chumbo; o vento soprava rijo do quadrante sul. Fazia chorar de dó o estado d'aquella pobre gente. Custava a comprehender como se podia supportar tanto tempo aquelle tormento, inglorio, depressivo, que reduzia homens á condição de rãs e ameaçava dar cabo d'um exercito como se afoga um formigueiro.»

«E todavia, nem uma voz exigente ou supplicante falou nunca em retirar!»

Os dias 30 e 31 passaram-se á espera do inimigo que não appareceu. Chegou-se a suppor que ali o unico inimigo era o tempo!

No dia 1 disposeram-se as cousas para a passagem da columna para a outra margem, em busca do inimigo que ali se não via, apesar de procurado a distancia por piquetes de caçadores 3 d'Africa. Não se adivinhava que um d'esses piquetes fôra victimado e que o uniforme dos homens que o compunham serviria na antemanhã seguinte para o embuste dos revoltosos no seu ataque ao quadrado, fazendo-se passar nos postos avançados por *camaradas angolas*.

No dia 2 teve logar o combate, em que na historia militar se abre o exemplo de se reconstituir sob o fogo um quadrado já desmantelado. Demos agora logar á brilhante prosa do eminente escriptor.

«A columa devia atravessar o Incomati na manhã de 2. A noite foi tranquilla. Em toda ella, os oito postos avançados de angolas nunca ouviram rumor suspeito, nem descobriram vulto proximo ou luz distante, que desse rebate de inimigo.

Rondas de officiaes visitaram intervalladamente esses postos e encontraram sempre as sentinellas com os olhos esbugalhados, querendo furar com a vista as trevas condensadas no arvoredo. Depois das 3 horas rondaram o tenente Ornellas e alferes Raul Costa, e em toda a parte lhes sahiu ao encontro a voz esperta de *Quem vem lá?* Os dois officiaes apontavam as lapternas ás escuridões, escutaram as vozes confusas dos silencios nocturnos, e recolheram ao bivaque socegados e confiantes. Provavelmente adormeceram repetindo comsigo que os revoltosos tinham fugido para longe, e que as tropas soffreriam o desgosto de retirar sem baptismo de fogo...

«A's 4 horas tocou-se á alvorada. Era ainda noite fechada; apenas da parte do oriente principiavam a esbranquiçar-se as nuvens. Er-

gueram-se os soldados, que dormiam sob as armas, alinharam-se, e o quadrado ficou formado.

Pouco depois, e sem que no bivaque se desse por tal, e sem que agora mesmo se possa reconstruir exactamente a scena, negros ageis e subtis como cobras, se tinham entranhado nas moitas avisinhadas das sentinellas, de rojo, colleantes, sem fazer estalar um ramo ou rumorejar um folhedo, devendo ter fulminado algumas d'ellas com azagaiadas certeiras; outros, mascarados com os capotes e os bonés do piquete que saira a talar o campo e não voltara, terão passado surrateiros pelos postos, falando-lhes em portuguez como se fossem praças tresmalhadas d'esse mesmo piquete que reuniam ao corpo; ainda outras talvez os mais numerosos, conseguiriam insinuar-se pelas abertas da linha de vigilancia, cosidos com a terra, cobertos com a vegetação e a noite: agrupados depois estes traiçoeiros assaltantes junto á margem do Incomati, avançaram para a face direita do quadrado, na sua parte formado pelos pelotões de caçadores 3, para abrir uma primeira brecha na desprotegida muralha dos peitos humanos, que elles já sentiam palpitar ao alcance das zagaias.

Tudo isto foi instantaneo, mais prompto do que um grito d'alarme. As tropas só se sobresaltaram ao distinguirem, já ali ao pé, um tropel de gente que vinha correndo e gritando:

Camaradas, não façam fogo! camaradas angolas! e quando ouviram mais longe, um tiro solto e depois outros tiros, disparado o primeiro pelo cabo Domingos, d'um dos postos, que teve tempo de saber que ia ser exterminado e quiz morrer matando; mas ainda não se tinha percebido que gente era aquella e o que succedera, quando um preto, que se deitára de bruços a sondar as trevas, reconheceu os revoltosos por terem os corpos nus, e chamou pressuroso: *São landins! são landins!* Responderam a este grito vozes vibrantes de commando; troou uma peça espalhando metralha e em todas as faces relampaguearam descargas. Era tempo. Um bulcão negro, que seguira os primeiros assaltantes, embatêra rijamente na linha dos angolas e desabára sobre a segunda companhia de caçadores 2, que egualmente frontejava o norte; quasi simultaneamente pronunciava-se o ataque pelo lado sul, onde tambem o inimigo se desemboscára do arvoredo espesso que orlava a borda do rio. O fragor do combate punha mêdo — contava-me o tenente Rocha, que tudo ouvira, sem nada ver, de bordo do *Bacamarte* — e apesar dos estampidos dos canhões e das descargas cerradas e continuas de fusilaria atordoarem como trovões ribombando dentro do ouvido, ainda lhes sobrelevava a gritaria infernal dos landins, tão medonha que fazia crêr estar ali toda a selvageria d'Africa a estracinhar ululante a minguada hoste portugueza.

«A infanteria europêa aparou a investida do gentio sem se abalar, com serenidade de veteranos. Cada soldado comprehendeu que só poderia salvar-se dispondo-se a morrer no seu posto. Mas os angolas, que receberam o primeiro mais inopinado e vigoroso choque; os miseros angolas, recrutados na vadiagem das cidades da costa occidental, sem cohesão, sem disciplina, sem clara consciencia do perigo que os assoberbava, apenas sentiram sobre si um bando trepudiante e uivante de demonios emplumados, apavoraram-se, romperam as filas e recuaram em magotes para o interior do quadrado, já ennovellados com os mais audaciosos assaltantes, que logo se espalharam no bivaque, pulando como onças, vibrando zagaiadas com a instantaneidade de scentelhas, soltando berros ensurdecedores de *Avança landim! avança landim!* Foi um momento terrivel! Mais um golpe de gente que se engolfasse pela

pela face rota, e nem um milagre poderia reformal'a, se mais algumas zagaias fossem revolver-se no ventre do quadrado violado, as fillas combatentes seriam retalhadas pelas costas! Sem se lembrarem — felizmente — de que não havia exemplo de se salvarem quadrados arrombados, alguns officiaes, Caldas Xavier, Couceiro, Eduardo Costa, Raul Costa, Ornellas, Pinto, atiraram-se para a frente do rasgão escancarado, exhortavam os angolas desvairados, empurram-n'os, levaram-nos adeante de si a murro e a cutilada; ao mesmo tempo, os landins que se haviam precipitado para dentro do vulcão de fusilaria foram n'um relance prostrados e mortos em heroicos combates corpo a corpo. Um d'elles, quando ia a trespassar pelas costas o capitão Machado de artilheria, foi agarrado pelo impedido d'esse official, que lhe arrancou das mãos a zagaia e o arrojou ao chão, onde o selvagem acabou ás coronhadas; outro, que feriu no hombro o alferes de cavallaria de policia Antonio Manuel, se escapou ao tiro de revolver que lhe apontou o ferido, porque o tiro falhou, não escapou das bayonetas que logo ali o esfrangalharam; e como estes, outros valentes — honra lhes seja! — que haviam golpeado a barraca e a cama do major Ribeiro, não o golpeando tambem a elle porque n'esse mesmo instante saira da barraca; que tinham varado corpos de lado a lado, e espicaçado uma praça caida de caçadores 3 com mais de 20 pontuadas, e ferido artilheiros junto dos reparos das peças, e posto a columna toda a pique de se perder, cairam uns apoz outros atraz dos soldados europeus, que, sem voltar o rosto, continuaram impavidos a varrer com descargas as mangas compactas, que aquelles temerarios chamavam em seu auxilio. Emquanto o quadrado assim devorava o ferro todo que lhe entrára nas entranhas, tambem se lhe cozia a face dilacerada. Junto do seu angulo de sueste, abalou-se uma esquadra de infanteria de policia, á voz do seu bravo capitão Roque d'Aguiar, para soccorrer os angolas ainda desordenados contendo as hordas que cresciam sobre elles, e n'um soberbo arranco, que foi um dos mais gloriosos episodios de combate, levou adeante das bayonetas os landins espavoridos... Favorecidos por este auxilio, impulsionados pelos officiaes, dominados por Caldas Xavier, que tinha brazas nos olhos, persuadidos pelo alferes Pinto, da guarnição da Africa occidental, que bracejava deante d'elles como um possesso falando-lhes ao brio na sua propria linguagem, os caçadores africanos recobraram animo, uniram-se, reformaram as fileiras, e então o quadrado recomposto, salvo, poude oppor aos assaltantes linhas ininterruptas de fogo, tão vivo, tão nutrido, que os seus clarões abriam um rasgão enorme de dia avermelhado na penumbra da madrugada, e as suas detonações estremeciam a terra como refervencias reconditas d'um vulcão Era terrivelmente bello!

A columna permaneceu no local do combate, a attestar a victoria, o resto do dia 2 e os dias 3 e 4. Entretanto a chuva continuava desapiedada; foi debaixo d'ella que a columna retirou na madrugada do dia 5.

Assim terminou gloriosamente o inicio d'essa campanha, suspensa pelo periodo das chuvas, cujo desenlace, firmemente assegurado pelo combate de Coollela, havia de ser a jornada de Chaimite!

M. A.

AS COMPANHIAS DE GUERRA DE MOÇAMBIQUE

(Concluido do n.º 1—5.º anno)

5.º MEZ

Tactica — Continuação da ordem extensa e dos signaes e toques; flexibilidade. Conducta do atirador isolado. Exercicio de pelotão; fogos, reunião, assalto. Os homens concorrem á instrucção com equipamento e carga de campanha. Todas as sessões terminarão com exercicios gymnasticos como no 4.º mez. Saltos, transposição de obstaculos — seis de 2 horas com intervallo d'um quarto de hora.

Lingua portugueza — Continuação da instrucção do 4.º mez. Trechos curtos e faceis da conversação trivial do soldado — cinco de 1 hora.

Instrucção no campo e na parada — Instrucção pratica de tiro. Serviços de guarnição e de campanha, vedetas e exploradores. Fortificação, trincheiras e defezas accessorias — seis de uma e meia hora.

6.º MEZ

Tactica — Exercicios de pelotão. Exercicios de applicação com inimigo figurado e representado. Ataque e defeza de posições fortificadas ou não. Marchas de guerra em terrenos variados. Retiradas, perseguição. Os exercicios menos longos ou menos fatigantes terminarão com jogo de bayoneta, transposição de obstaculos correndo e outros trabalhos gymnasticos de applicação pratica na guerra; —

os homens concorrem a todos os trabalhos com carga completa de campanha — seis de 2 horas.

Lingua portugueza — Desenvolvimento da instrucção ministrada até ahi. — Se o aproveitamento dos homens o permittir, prohibe-se-lhes o uso da lingua nativa na conversação entre si — cinco de 1 hora.

Instrucção no campo e na parada — Serviços de guarnição e de campanha. Fortificação, construcção, trincheiras, defezas accessorias. Trabalhos de campanha — abrigos, cosinhas, nós e ligações mais empregados nos trabalhos de campanha. Construcção rapida de cavaletes para pontes, etc. — seis de 1 e meia hora.

NOTA — Cada um dos tres ramos de instrucção de recruta deve ser commettido aos menos graduados que mais competencia mostrarem para essa especialidade, devendo tambem cada um d'elles ser presidido por um official que assistirá e dirigirá os trabalhos, assumindo a responsabilidade dos progressos de instrucção das praças n'esse ramo de ensino. Esta creação de especialidade no ensino é vantajosa, pois define responsabilidades e aguilhôa o amor proprio do instructor creando o incentivo e a emulação. — Não fatigar muito a attenção do soldado no primeiro e ainda segundo mez. Dar-lhes descanços frequentes, mas exigir-lhes desde o principio toda a firmeza, não prolongando as posições fatigantes. Convém não exgotar desde logo a attenção e alguma boa vontade que o negro porventura tenha, caminhando progressivamente em todos os ramos de ensino. D'uma creatura sahida da selva ou dos antros das cidades não se faz de repente um automato, uma entidade com o ouvido sempre attento ás vozes, aos conselhos d'um chefe e immovel nas posições prescriptas pela ordenança. — Destinar-se-hão um ou dois dias por semana á repetição da materia ensinada. Aos sabbados por ser dia de limpeza de armamento etc., haverá apenas duas instrucções. — O ensino de portuguez pode fazer-se mostrando á escola um objecto qualquer e pronunciando o seu nome lenta e nitidamente. O interprete explica isso aos soldados e toda a escola em côro e muitas vezes repete o termo em questão, emendando-se os defeitos da pronuncia, etc.; depois pergunta-se a alguns o nome do objecto e passa-se a outro. Tendo-se feito isto por varias palavras, misturam-se os objectos, pergunta-se a differentes recrutas como elles se chamam, recapitulando assim muitas vezes. Facil será

mais tarde fazer-lhes fixar alguns adjectivos, pronomes, verbos...

Instrucção das praças promptas

1.º periodo — Estação chuvosa — Sessões semanaes

Instrucção theorico-pratica — duas de 1 e meia hora.

Instrucção pratica de tiro — uma de meia hora.

Tactica (escola de esquadra) terminando com esgrima de bayoneta e corridas na ultima meia hora — duas de 2 horas, com intervallo de um quarto de hora.

Fortificação e trabalhos de campanha (nós e ligações, defezas accessorias) — uma de 1 e meia hora.

2.º periodo — Transição da estação chuvosa para a fresca

Instrucção therioco-pratica — duas de 1 e meia hora.

Escola de pelotão, tactica applicada, ou serviço de campanha — uma de 2 horas.

Escola de pelotão tactica abstracta; a ultima meia hora destinar-se-ha a corridas, saltos e esgrima de bayoneta — uma de 2 horas com intervallo.

Instrucção pratica de tiro na parada — uma de 2 horas.

Fortificação e trabalhos de campanha (trincheiras, defezas accessorias, abrigos etc.) — uma de 2 horas.

3.º periodo — Quadra fresca

Instrucção theorico-pratica — uma de 1 e meia hora.

Tiro na carreira e, depois de completa esta instrucção, serviço de campanha — duas de 2 horas.

Escola de pelotão ou de companhia (tactica abstracta ou applicada); corridas, saltos, luctas, esgrima de bayoneta,... na ultima meia hora, quando o exercicio fôr de tactica abstracta — duas de 2 horas com intervallo.

Fortificação e trabalhos de campanha, trincheiras, defezas accessorias, abrigos, cosinhas...; construcção, aproveitamento e melhoramento de vias de communicação, pontes, jangadas — uma de 2 horas.

4.º periodo — Transição para a estação quente

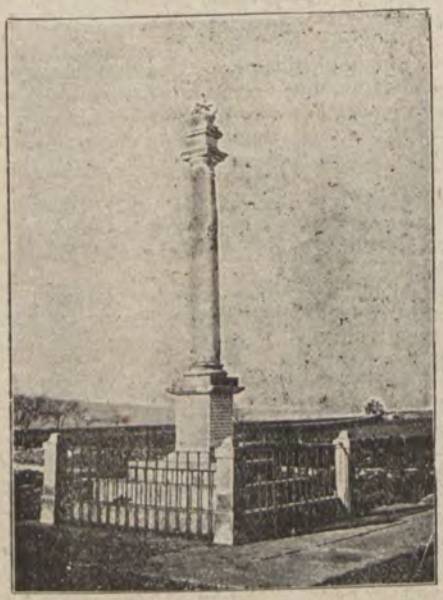
A applicação de todos os trabalhos ensinados durante o anno effectuando-se um ou dois exercicios de combate e

de fogo por semana com inimigo primeiramente figurado e depois representado, precedidos ou seguidos de marchas de guerra e de estacionamentos variados, ensaiando-se assim todas as situações em que as tropas podem encontrar-se n'uma guerra colonial.

NOTA—Os graduados acompanharão as praças n'alguns exercicios gymnasticos, como corridas, transposição de obstaculos, esgrima (servindo alternadamente os sargentos e cabos de modelos nos movimentos) etc., e isto mormente na quadra fresca; convém não deixar amollecer os europeus que, não effectuando nenhuns exercicios physicos, melhor presa serão da doença e menos aptos se tornarão para desempenhar qualquer serviço violento que lhe seja incumbido.

ALFREDO DE LEÃO PIMENTEL.
Tenente d'infanteria.

MONTES CLAROS



E' a guerra um monstro; assim a classificou esse immortal talento do padre Antonio Vieira. Um monstro que deveria ser banido resolvendo-se todas as questões pela diplomacia.

Mas quando chegará esse dia?... nunca.

Uma futilidade como em 1870 ou uma usurpação como no Transvaal, provocam guerras injustas e crueis.

Comtudo ha outras que podem cognominar-se de sacrosantas, tal como a que, ultimando o glorioso feito do dia 1.º de Dezembro de 1640, teve logar a 17 de junho de 1665 nos campos de Montes Claros.

Foi n'este anno que terminaram para sempre as illusões da Hespanha e que as nossas façanhas da guerra da restauração fecharam com chave d'ouro.

Tendo findado em 1665 as questões entre a Hespanha e Italia, Fi-

lippe IV pensou novamente em Portugal para o que pediu á Allemanha dois mil infantes e tres mil cavalleiros, e, á Italia e á Suissa dez mil homens. Ao mesmo tempo o traidor duque d'Aveiro, que tinha passado á Hespanha, aconselhava o rei hespanhol a organisar uma expedição maritima contra Lisboa ou Setubal.

D. João d'Austria, bastardo de Filippe IV, descontente pela derrota do Ameixial e Valencia d'Alcantara, irritado com o procedimento da côrte, indignado com os embaraços que o governo punha ás suas operações militares, abandona o commando do exercito, sendo substituido pelo marquez de Caracena.

Nos primeiros annos da regencia de D. Luiza de Gusmão o nosso exercito era pouco numeroso e os ministros habeis, mas a Hespanha andava tambem em lucta e tinha o seu exercito entregue a D. Luiz d'Haro, que alguns historiadores classificaram de nullidade. Succede-lhe D. João d'Austria que depois de nos ter tomado algumas praças, abandona o commando pelos motivos expostos.

O governo hespanhol estava disposto a coadjuvar o marquez de Caracena com toda a força e este na firme convicção de marchar até Lisboa, ou pelo menos até Setubal. Não contava encontrar tão numeroso exercito, nem tão bem disciplinado e instruido.

O conde de Castello Melhor, nosso ministro, com a sua actividade, energia, bom senso e talento tudo havia fortificado e organisado, equilibrando assim Portugal e Hespanha, duas nações de tão desproporcionada grandeza.

«Quem lhe diria que dois annos depois, já em traje de viagem, era «forçado a pedir ao rei, a quem só elle deu o cognome de conquistador, «a sua demissão, victima das intrigas capitaneadas pela ambição des«medida do infante D. Pedro e da ingratidão de D. Maria de Saboya.»

O governo hespanhol não contava que o nosso exercito estivesse tão bom e não imaginava que a esquadra que a conselho do duque d'Aveiro tinha partido, tivesse de ficar em Cadiz esperando os galeões da prata de cujos thesouros se havia ordenado sahisse o dinheiro para o abastecimento da mesma.

O marquez de Caracena, vendo que a esquadra não sahia, determinou principiar as operações tomando VillaViçosa para seguir depois a Setubal, principal objectivo, e d'ahi com o auxilio da esquadra atacar Lisboa.

O exercito hespanhol commandado pelo marquez de Caracena tinha por mestre de campo o general D. Diogo Caballero, generaes de cavallaria o irmão do duque de Parma, Alexandre Farnasio, D. Diogo Correia, general d'artilheria D. Luiz Ferrer.

No dia 1 de junho pôz-se em marcha chegando deante de VillaViçosa em 9, depois de ter occupado Borba que estava despovoada.

Villa Viçosa estava commandada pelo energico e intelligente Christovão de Brito e Moura, na ausencia do mestre de campo Francisco de Moraes. As fortificações pessimas constavam apenas do castello e d'um reducto estrellado tendo ao todo onze peças d'artilheria e mil e quatro centos infantes de primeira linha.

Depois d'um heroico, mas improficuo esforço, os nossos, em numero de 150 mosqueteiros que haviam occupado o forte arruinado de S. Bento, foram obrigados a abandonal-o, retirando para a praça n'essa mesma noite de 9, tendo porém conseguido demorar a marcha do exercito hespanhol.

Havia seis dias que os portuguezes se defendiam heroicamente animados pelas promessas de soccorro do marquez de Marialva e pela en-

trada de Francisco de Moraes, que vindo de Lisboa, soube em Extremoz que o terço que commandava estava sitiado em Villa Viçosa aonde entrou atravessando disfarçado as linhas inimigas.

A 15 de junho, depois dos trabalhos d'aproches, deram um assalto rompendo dois alojamentos da estrada coberta, tendo a nossa guarnição, só em feridos, trezentos homens.

Era quasi impossivel sustentar por mais tempo a posição; comtudo o exemplo e energia de Francisco de Moraes fez com que se sustentasse por mais dois dias.

A 16 de junho o marquez de Marialva, que estava em Extremoz, pôz-se em marcha na intenção de soccorrer Villa Viçosa, bem longe de suspeitar que teria batalha n'esse dia.

O nosso exercito compunha-se de 20:500 homens, sendo 4:800 estrangeiros e 15:700 portuguezes. (1)

Ao chegarem a Montes Claros seis esquadrões que marchavam em reconhecimento sob o commando de Bartholomeu de Barros, descobriram a cavallaria inimiga conhecendo pelos uniformes ser a guarda do marquez de Caracena, o qual tinha resolvido marchar ao encontro de marquez de Marialva.

Suppunha o marquez de Caracena que, surprehendendo-nos em marcha, nos desbaratava por completo.

Retrocedem os nossos immediatamente annunciando a proximidade da cavallaria inimiga.

O marquez de Marialva manda fazer alto, e dispôr em ordem de batalha.

As evoluções executam-se com uma rapidez vertiginosa o que só se poude conseguir pelo habito das marchas se fazerem de modo a estarmos sempre promptos para combate.

O conde de Schomberg, surprehendido mas não desnorteado, ordena a concentração da nossa cavallaria no flanco direito por suppor, pelos movimentos inimigos, ser este o primeiro ameaçado.

Ao mesmo tempo os movimentos da infanteria inimiga convenceram-nos que queria cahir em massa sobre o nosso flanco esquerdo por o terreno não permittir o auxilio da cavallaria.

Tudo estava prevenido. Ia começar a carnificina.

As nossas evoluções foram tão bem executadas e com tal presteza que mal a nossa cavallaria tinha chegado ao nosso flanco direito recebia a carga da cavallaria inimiga esmagando os terços de João Furtado de Mendonça, Tristão da Cunha e Francisco da Silva e Moura.

Valeu-nos a nossa artilheria que sob o commando de D. Luiz de Menezes, muito a tempo recebeu á queima roupa o inimigo, obrigando-o a retirar.

As cargas succederam-se umas após outras.

O reflexo d'estas ondas impetuosas era terrivel Mas ao mesmo tempo que o marquez de Marialva sustentava na direita o furioso embate dos hespanhoes, a nossa infanteria, na esquerda, não foi menos heroica nem menos sublime sob o commando de Antonio Saldanha, que ahi morreu como um heroe.

---

(1) Separámos estes algarismos para demonstrar a falsidade de Voltaire que, no Siècle de Louis XIV, attribue ás tropas francezas as glorias de Montes Claros.

Sete horas durou esta gloriosa batalha, que só uma penna d'oiro pode descrever e na qual tantos immortalisaram o seu nome.

Sete horas de lucta sem treguas em que avalanches humanas se chocavam juncando o solo de cadaveres e na qual tres mil bravos perdendo a vida deixaram escripta com sangue a phrase=Liberdade eterna.

O conde de Schomberg, em constantes idas e voltas do flanco direito ao esquerdo, teria sido prisioneiro, por morrer debaixo d'elle o cavallo, se não fossem seus filhos, os condes de Marais e Rozan.

Ao fim das 7 horas o inimigo estava visivelmente enfraquecido.

A cavallaria fatigada pelos inuteis esforços (mas sem duvida heroicos) procurou retirar em boa ordem, não o conseguindo, porque o general Diniz de Mello e Castro lançou sobre elles a nossa cavallaria, obrigando-os a fugir desordenadamente.

Só a infanteria persistia na lucta no nosso flanco esquerdo, mas logo que a cavallaria inimiga desappareceu foi envolvida e, vendo-se perdida, destroça e foge.

No alto da serra da Vigaria, que se vê no ultimo plano da nossa gravura, estava o quartel general de Caracena, o qual reconhecendo a impossibilidade de retirar em ordem, e esmorecido pela derrota procura a salvação na fuga.

Emquanto se dava esta memoravel batalha, Nicolau de Seayres que, commandando mil e oitocentos homens, ficára guardando os entrincheiramentos de Villa Viçosa, tenta tomar a praça d'assalto e intima o governador a render-se.

Este sabendo que se dava batalha em Montes Claros e tendo recebido um reforço de sessenta mosqueteiros, responde abrindo as portas, mas fazendo uma sortida furiosa ataca os sitiantes, morrendo valorosamente Nicolau de Seayres, com tanto ardor e energia que colhe os louros da victoria.

Se ao conde de Schomberg se deve a maneira como marchava e a presteza com que fez passar a cavallaria da esquerda para a direita, o marquez de Marialva não é menos digno de louvor pelo sabio commando, pela perspicacia com que, a tempo, foi soccorrer o nosso flanco esquerdo e pelo modo como á frente da segunda linha sustentou inabalavel o impeto do inimigo.

Não se pode dizer bem qual das armas se distinguiu. (1)

A cavallaria avançava com um denodo inquebrantavel para a morte. A infanteria não menos heroica, sustentou, repelliu e desbaratou o furioso embate do inimigo. A artilheria, dirigindo os seus fogos certeiros e sempre pelos intervallos rotos, foi um auxiliar poderoso, mostrando sciencia e sensatez.

Na batalha de Montes Claros perdemos quasi tres mil homens e os hespanhoes quatro mil.

Em nosso poder cahiram seis mil prisioneiros, entre elles oito generaes, tres coroneis, um tenente coronel, dois sargentos móres, sessenta e um capitães, dezenove tenentes, onze ajudantes, setenta e nove alferes e setenta e seis sargentos.

Tomámos quatorze canhões, dois morteiros, cento e quatro bandeiras, tres mil e quinhentos cavallos e muitas armas.

---

(1) Historiadores de indiscutivel merecimento attribuem quasi completamente a victoria ao bom emprego da artilheria.

A batalha de Montes Claros foi a ultima das grandes victorias da guerra da restauração.

Em 1644 ganha Mathias d'Albuquerque ao barão de Molligen a batalha de Montijo; em 1646 os mesmos generaes se encontram na batalha de Telena pendendo a victoria para os hespanhoes porque fomos obrigados a retirar, ainda que em boa ordem; em 1658 ganha Joanne Mendes de Vasconcellos ao habil general italiano, duque de San Germano, a batalha do forte de S. Miguel; em 1659 o conde de Cantanhede, depois marquez de Marialva, ganha a D. Luiz d'Haro, orgulhoso ministro de Filippe IV, a victoria das linhas d'Elvas; em 1663 o conde de Villa Flor ganha a D. João d'Austria, o domador de Napoles, vencedor de Barcelona e de Valenciannes, companheiro d'armas do grande Condé, a victoria do Ameixial; em 1664 Pedro Jacques de Magalhães ganha ao activo e resoluto fidalgo hespanhol duque d'Ossuna, a victoria de Castello Rodrigo; finalmente em 1665 o marquez de Marialva ganha ao experimentado veterano das guerras d'Italia marquez de Caracena a gloriosa batalha de Montes Claros.

Todos viram o seu orgulho abatido aos pés dos portuguezes, filhos d'esta pequena mas briosa nação que não tinha outra força mais do que a resolução energica, inabalavel e unanime de defender contra o estrangeiro o solo sagrado da patria.

Se estamos um tanto enfraquecidos, o nosso sangue felizmente não está adulterado. Assim o demonstram as ultimas campanhas d'Africa que enchendo de gloria os felizes que n'ella tomaram parte tanto engrandeceram Portugal, mostrando ao mundo civilisado que os portuguezes de hoje ainda sabem sacrificar-se pela patria encarando a morte com o sorriso da indifferença.

No sitio onde teve logar a batalha de Montes Claros mandou Villa Viçosa levantar a memoria que a nossa gravura representa.

Sobre um tronco de pyramide quadrangular, tendo em cada face tres degraus, ergue-se uma columna encimada por uma almofada sobre a qual está a corôa real e no pedestal quadrangular a seguinte inscripção que começando na face do nascente segue para a do norte terminando do lado poente:

Lado nascente

NO ANO D 1665 REINANDO EM PORTVGAL DOM AFO 6.º EM QVARTA FEIRA D IVNHO DO MESMO ANNO DIA INFRA OITAVA DO GLORIOSO SAN^{TO} PORTVGES NESTE SITIO DE MONTES CLAROS D ANT^{O} LVIS D MENEZES MARQUES D MARIALVA CAPITAO GERAL DO ALEMTEIO EMBATALHA SINGVLAR POR ESPAÇO D 9 ORAS Q COMESARAO AS 9 D MENHAM E AS 6 D TARD MA

Lado norte

TOV ROMPEO DESBARATOV EVENCEO O EXERCITO CASTELHANO Q O MARQVES D CARRASSENA CAPITAO GERAL D ESTREMADVRA GOVENAVA O QVAL DEIXOV NA CAMPANHA HVM CRAD NVMARO D PRISIONEIROS E MUITOS CABOS TODA ARTILHARIA E CARRVAGE E A VILA VICOZA LIVRE DO SITIO Q LHE TINHA POSTO ESTA MEMORIA FES P^{A} OS PRESEN-

Lado poente

TES E VINDOVROS REDREMA
DOS GRAC E RESARAM PELAS ALMAS DOS QVE SE ACHARAM E
MORRERAO EM TAO NOTAVEL
CONTENDA

A photographia representada pela gravura foi tirada do lado sul para apanhar a serra da Vigaria.

O quartel general, segundo a tradicção, estava collocado na eminencia que está á direita das arvores, ao fundo e á esquerda do padrão

Antonio Candido de Mendonça Furtado de Menezes Pinto
Capitão d'infanteria

Decima de renda de casas

O nobre Ministro da Guerra, o sr. conselheiro Pimentel Pinto, que por tantos titulos é credor da gratidão e sincero reconhecimento do exercito, renovou na presente sessão legislativa a sua proposta de lei isentando os officiaes arregimentados do pagamento, aliás injusto, da decima de renda de casas.

Essa proposta de lei já teve a approvação das commissões de guerra e fazenda da Camara dos senhores deputados.

Esperamos vel-a em breve tornada lei do paiz.

E' mais um motivo de gratidão do exercito para com o nobre Ministro da Guerra, principalmente por vermos assim affirmado solemnemente a sua estima, a sua consideração, a sua protecção, para os officiaes arregimentados, esses que dia a dia, hora a hora, trabalham afanosamente para instruirem e prepararem os soldados para a defeza do nosso lar.

Bem haja.

Historia da infanteria portugueza

INTRODUCÇÃO

1.º — A infanteria na edade media.
2.º — A infanteria da Peninsula Iberica anteriormente á fundação da monarchia portugueza. — Os Lusitanos.

(Continuado do n.º 1 de 1902)

I

A organisação feudal tinha por fim facilitar e tornar effectivo o dominio sobre os povos conquistados; por isso, os senhores d'então reservavam só por si, com urgulhosa avareza, o direito de combater, direito que symbolisava o poderio e o mando.

Ricos, montando vistosos e energicos cavallos, cobertos de reluzentes e invulneraveis armaduras, que lhe tolhiam os movimentos quando apeados, taes eram os principaes homens d'armas d'aquelle tempo.

O cavalleiro constituia, pois, o elemento predominante dos exercitos medievaes na Europa, sob o regimen do feudalismo.

O infante, pobre servo arrancado inesperada e violentamente aos labores do campo, mal resguardado por armas defensivas, não passava d'um auxiliar, muito secundario, no combate entre os homens d'armas, que as armaduras tornavam, a bem dizer, invenciveis, a não ser que fossem desmontados do corcel, porque, n'esse caso, d'elles tirava o peoneiro terrivel vingança, introduzindo-lhe pela gorgeira (1) a folha da sua adaga.

A missão da infanteria feudal reduzia-se a levantar o cavalleiro derrubado na refrega, e a matar, com a espada ou acha d'armas (2), o inimigo que, sendo desmontado, jazia inerme no campo da batalha.

Excepcionalmente encetava o combate escaramuçando com as armas de arremesso, que consistiam em fundas, arcos e béstas. Não usava armas defensivas, e comtudo era muitas vezes exposta a perigos enormes, como o prova a historia das batalhas d'este periodo.

O vencedor, encontrando-a indefesa, aniquilava-a completamente, sujeitando-a á mais horrivel carnificina.

Dois factos mostram d'um modo mais palpitante do que tudo o que deixamos expendido, a quasi nenhuma importancia da infanteria d'então:

Na batalha de Bouvines (3) o conde de Bolonha fórma a sua infanteria em quadrado vasio; e, apoz algum tempo de combate, elle e os cavalleiros que o acompanhavam vinham descançar dentro do quadrado, para depois, mais frescos, continuarem na peleja. Serviam-se da infanteria como d'uma especia de muralha.

Na batalha de Crécy (4), não podendo os archeiros genovezes que faziam parte do exercito francez, avançar em consequencia das pontarias certeiras dos besteiros inglezes, o rei Filippe de Valois, descontente por os ver recuar, faz carregar contra elles os seus proprios cavalleiros. Os geno-

---

(1) A parte da armadura destinada a cobrir a garganta. As armaduras constavam das seguintes partes: Elmo, gorgeira, couraça, espaldares, braçaes, guante, escarcella, coxotes, joelheiras e grevas.

(2) Usavam como armas offensivas a espada e acha d'armas, fundas e béstas.

(3) A batalha de Bouvines feriu-se em 1214 entre os tempos de Filippe Augusto rei de França e as de Othão 4.º imperador da Allemanha e dos seus alliados. Ficou vencido Filippe Augusto.

(4) A batalha de Crécy dada entre francezes e inglezes, no tempo de Filippe de Valois e Eduardo 3.º, teve logar em 1346.

vezes são desbaratados, e o inimigo aproveitando habilmente este facto, desbaratou tambem por sua vez as tropas francezas, que soffreram uma derrota completa (1).

*

* *

Conhecidas as determinantes da decadencia da infanteria no periodo feudal, conveniente se torna conhecer as causas que produziram o seu rejuvenescimento, e fixar a epocha em que ella recomeça a reconquista do seu logar como arma de combate.

Ninguem ignora hoje que, se a edade media, a parte do decimo segundo seculo, foi um periodo fecundo de elaboração para as instituições sociaes, cujos germens brotaram depois e fructificaram com todo o explendor á vivida luz da Renascença, foi tambem no seculo 13.º que a arte da guerra deu os primeiros passos, lançou as suas primeiras bases. Os guerreiros d'este seculo, com os elementos empiricos colhidos nos dois anteriores, constituiram uma escola que, embora rudimentar, era já moldada em principios fixos e determinados, principios que, desenvolvidos e aperfeiçoados com a espantosa multiciplicidade dos instrumentos e utensilios guerreiros, determinaram e produsiram esse organismo complexo, mas genuinamente perfeito, a que se chama exercitos permanentes.

A descoberta da polvora, e o emprego e aperfeiçoamento das armas de fogo, transformam e fazem progredir constantemente a tactica e a estrategia.

Tudo o que hoje se encontra desenvolvido e completo lá estava em embrião.

Dois factos de caracter bem differente concorreram para a rehabilitação da infanteria.

As cruzadas e a descoberta das armas de fôgo.

N'essas famosas expedições guerreiras que se denominam cruzadas, longe da patria commum, nobres e plebeus confraternisam no mesmo acampamento, á sombra da mesma bandeira, guiados pela mesma inexcedivel fé compartilham dos mesmos trabalhos e das mesmas esperanças.

---

(1) Duparcq — «Histoire de l'infanterie.»

O peão, infimo serventuario até alli, aproxima-se do cavalleiro e do senhor. Para premiar os serviços militares do servo, é lhe dada a liberdade.

Começam a desapparecer as differenças sociaes.

As enormes riquezas e as terras adquiridas originam o terceiro estado, a burguezia, que depois havia de ter um papel tão importante na sociedade moderna.

Fortalece-se o poder real, e o nobre vê enfraquecido, aniquilado o seu poderio e diminuidas as riquezas. Baqueia o feudalismo, resuscita a infanteria, e a Europa aprende, no contacto com o Oriente, novos processos de guerra, novos engenhos, novas formaturas (1).

A cavallaria fôra a arma feudal por excellencia, mas, no Oriente, muitos cavalleiros por falta de cavallo de combate, são obrigados a luctar a pé ao lado da vilanagem, e, assim reconhecem, por experiencia, a vantagem que se podia e devia tirar de tal especie de combate.

O combate a pé começa tambem a ser honroso, e evidenceiam-se as vantagens da tactica sob a acção individual, engrandecida pelo espirito cavalheiresco da epocha. Tornam-se manisfestas as vantagens da infanteria que, pela sua extrema simplicidade, independencia e economia, tinha sido e devia de futuro ser a arma por excellencia.

Ao mesmo tempo as violencias do regimen feudal aproximavam tambem os dois poderes mais afastados da hierarchia politica: o rei e o povo.

Os monarchas que viam o seu poder fraco e abatido e a aristrocacia ousada e poderosa, apoiam e secundam a grande revolução contra os nobres.

Os habitantes d'algumas cidades formaram entre si associação jurada, pelo qual se compromettiam a luctar pela sua emancipação.

Originam-se as communas (2), que gosam de direitos politicos, com a clausula de pagarem um imposto e de organisarem milicias que soccorressem o rei.

---

(1) As formaturas do caracol e do corral introduzidas na Peninsula, e pela primeira vez empregadas nas batalhas das Navas e do Salado, haviam sido aprendidas dos cruzadaos. — Chrystovam Ayres— «Theoria da Civilisação Militar.»

(2) O signal da insurreição communal foi dado pela cidade de Mans, que em 1067 se revoltou contra o seu suzerano.

Dá isto origem ás milicias communaes, constituidas na sua mór parte de tropas a pé.

Quasi todas as nações europeas d'então e especialmente a França, na qual o feudalismo havia creado raizes tão profundas, organisam a infanteria communal, e esta prova mais uma vez, nas contendas com os senhores, que podia combater com vantagem contra os cavalleiros, cujo prestigio tendia a desapparecer perante a logica irrefutavel dos factos.

Comtudo, esta infanteria pouco valia, muito embora fosse, como é obvio, muito superior á feudal em organisação, armamento, disciplina e coragem.

A descoberta das armas de fogo é que, secundando o movimento social que já estava iniciado, havia de favorecer abertamente o engrandecimento da infanteria e proclamar sem contestação a sua superioridade.

Muitos povos da Europa, por circumstancias particulares de organisação social, pelas condições especiaes do seu territorio, e até mesmo por não terem seguido tão abertamente as tendencias da epocha, conservaram sempre ideias favoraveis á infanteria. Destacam-se entre elles os Suissos, Inglezes, Lombardos e Flamengos.

Os suissos fazem reviver no seculo 14.º a antiga infanteria não só porque, por falta de recursos, mal podiam prover ás avultadas despezas que originava a organisação da cavallaria, mas tambem por o solo da Helvecia, completamente montanhoso e cortado, se não prestar as manobras d'esta arma.

Fazendo reviver nos combates pela sua liberdade as velhas formaturas, as antigas ordens de batalha, os peões suissos vencem os formidaveis exercitos inimigos, garantindo assim a sua independencia e lançando as bases de uma nova e interessante phase na arte militar.

N'essa serie gloriosa de combates desde o de Mogarten em 1315 até ao de Morat em 1476, succumbiram os senhores feudaes e o seu suzerano austriaco perante a energia e intelligencia da infanteria suissa.

E tal foi a nomeada, tal foi a fama que lhe grangeou essa titanica lucta, que, não havia um unico monarcha que não almejasse por ter ao seu serviço um corpo d'esta formidavel tropa.

Eram até chamados gara servir de modelo, para ensinar a infanteria dos outros paizes.

Depois de Morat e de Nancy, Luiz XI contractou

6.000 suissos propositadamente para instruirem 10.000 infantes francezes, os quaes, depois, constituiram a primeira infanteria permanente da França.

Luiz XII já na edade moderna, reconhecendo as vantagens que podia tirar d'uma boa infanteria bem disciplinada e instruida, exforça-se por vencer a relutancia d'alguns nobres que se julgavam desprestigiados por servir n'ella. Depois de profunda lucta consegue que alguns dos gentishomens de mais reputada fama, pelos seus talentos militares, se colloquem á frente da sua infanteria o que deu uma organisação similhante á da Suissa.

Pedro de Terrail (senhor de Bayard) que passou á historia com o typo perfeito do ideal romanesco do cavalleiro francez, tomou o commando d'uma *banda* (1). Como elle procederam muitas das mais proeminentes figuras da nobreza.

Ficaram assim destruidos por completo os ultimos preconceitos, que, por tanto tempo, prejudicaram o progresso da infanteria.

Aos Suissos se deve, pois, a mór parte da sua influencia nos ultimos cyclos medievaes.

Em presença de factos tão convincentes, os outros povos da Europa, imitando os Suissos, reorganisam as suas tropas de pé, e seguem os seus processos de combate.

Os archeiros inglezes, cultivando como poucos a arte da guerra e atirando com uma precisão inexcedivel, são os vencedores de Crécy e Poitiers.

Na Peninsula—a infanteria hespanhola eguala em fama a suissa, ultrapassando-a em valor. Foi a Hespanha um dos primeiros estados que deu á sua infanteria uma organisação permanente.

Aos portuguezes cabe, como depois veremos, a honra de haver iniciado esse grande e immutavel principio de que a infanteria é a arma principal dos exercitos, é aquella que por si só, sem auxilio estranho, póde luctar e vencer. Tão importante principio, que factos posteriores vieram con-

---

(1) A banda tinha a seguinte composição: Officiaes: 1 capitão, 2 tenentes e 2 alferes. Officiaes inferiores: 10 centuriões, 40 chefes de esquadra, 4 furrieis e 6 sargentos de batalha.

Soldados: 20 arcabuzeiros, 600 piqueiros e 200 arbaleteiros. Tinham ainda 4 tambores e 2 pifanos.

firmar plenissimamente, foi demonstrado pelas milicias dos concelhos, que, nas Navas de Tolosa, concorreram habilmente para essa epica victoria em que os mussulmanos soffreram um completo desbarato.

Affirma-se desde então entre nós, a preponderancia d'esta arma, que se prepara para tempos depois, guiada pelo refulgente gladio do Condestavel, consolidar a monarchia portugueza e ainda para mais tarde ajudar os nossos navegadores, que assombraram o mundo com os seus inauditos arrojos, a lançar o fundamento do nosso poderio, além mar, assegurando a esta pequena nação um logar invejavel e altamente distincto, nos annaes dos povos.

A descoberta da polvora e a sua applicação ás armas portateis, foi tambem um dos factores que mais directamente concorreu para que a infanteria readquirisse a sua antiga importancia.

As armas de fogo portateis foram empregadas pela primeira vez no anno de 1339, na guerra entre a França e a Inglaterra, pela successão ao throno de França; mas as verdadeiras armas de guerra só foram adoptadas no seculo XVI.

O arcabuz, apezar de a principio ser considerado como uma arma vil, que só os cobardes uzavam, venceu a causa da infanteria.

Multiplicam-se e aperfeiçoam-se as armas portateis, o tiro toma de dia para dia maior importancia; a par de tal multiplicidade, de taes aperfeiçoamentos, cresce assombrosamente o valor d'esta arma, que, na phrase já caduca e velha, mas genuinamente expressiva e intensamente verdadeira é hoje *«a rainha das batalhas»*.

Depois de esboçada apenas — nem outro era o nosso intuito — a infanteria medieval, vejamos qual a constituição d'esta arma na Iberia e as transformações que soffreu antes da fundação da monarchia portugueza.

(Continúa).

J. Gil

Capitão de infanteria

Assumptos Militares

Se de um canto da provincia pode chegar á nossa *Revista de Infanteria*, que sempre tanto tem defendido os nossos interesses legitimos, interesses que se ligam e consubstanciam com os da Patria, o echo de nobres e generosas aspirações d'aquelles que teem levado toda a sua existencia na vida regimental, permitta-me a illustre direcção que eu reclame pela opportunidade d'esta occasião para que todos trabalhem com ardor n'um assumpto deveras importante, qual é o de se chamar aos regimentos activos todos os officiaes habilitados com o curso da arma e de valor, acabando-se de vez com a sensivel differença de vencimentos entre os officiaes arregimentados e aquelles que se acham em diversas commissões ou prestando serviço em ministerios estranhos ao da guerra.

Porque razão, porque motivo se preferem os officiaes habilitados com o curso da arma para servirem nas guardas municipal e fiscal?

Expliquem-me essa razão e esse motivo.

Pois não ha postos da guarda fiscal commandados por sargentos ou cabos e tantos commandados por officiaes *privativos*, excrescencia que nunca ninguem comprehendeu o que era e para que servira, mas que veiu ferir o direito consuetudinario da promoção dos sargentos ajudantes do exercito ao posto de alferes?

Então para que exigir a habilitação do curso para os officiaes da arma em serviço na tal guarda?

O serviço de rondas, dias á companhia e guardas, acaso reclamam, nas guardas municipaes, aptidões especiaes?

Não será no serviço dos corpos que os officiaes encontram o mais vasto e variado campo para mostrar, desenvolver e tornar proveitosas as suas aptidões e o seu saber?

Não é nos corpos que se torna mais necessaria a sua cooperação instruindo os outros e instruindo-se a si proprios, com manifesta vantagem e proveito do exercito e do paiz?

Se a organisação do exercito ultramarino não contivesse principios tão justos e racionaes, veriamos, talvez, ainda os officiaes em serviço n'aquellas guardas isentos do serviço colonial, como se isso fosse um passeio de recreio reservado para premio dos officiaes arregimentados.

Quanto a vencimentos a minha opinião é que ninguem deveria receber mais do que nós, os arregimentados.

Pois póde haver analogia entre aquelles serviços e o regimental, onde o official anda constantemente sobrecarregado de serviço interno, de instrucção, diligencias, destacamentos e serviços especiaes que com aquelles se accumulam?

Não é com o serviço regimental que o official mais sobrecarrega a sua vida economica?

Quem o poderá negar?

Ao Ex.mo Ministro da Guerra, espirito esclarecido, devotado propugnador pelos progressos reaes do exercito, e aquelle que mais tem trabalhado para erguer entre nós o nivel moral da força armada, peço um momento de attenção para este assumpto, de capital importancia para as instituições militares e de elevado interesse para os officiaes de infanteria, e aos camaradas da arma peço que desenvolvam o mesmo assumpto, com a proficiencia que carece, aliás, o auctor d'estas linhas.

M.
Official de infanteria.

Sempre que os nossos camaradas se nos dirijam com maneiras proprias da indole d'esta *Revista* a pugnarem pelos interesses geraes da arma teem estas columnas á sua disposição.

Sempre o temos affirmado.

O assumpto que o nosso camarada e amigo M. esboça no seu escripto é, no fundo, eminentemente verdadeiro, mas de difficil realisação pratica.

E' uma aspiração generosa, não ha duvida, e inspirada por um grande sentimento de amor ao exercito e á patria.

Mas parece-nos que por emquanto só póde ficar n'uma aspiração.

Todavia, fica o assumpto posto em discussão e todos os camaradas poderão apresentar os seus alvitres, dos quaes o melhor parece-nos ser o de elevar todos os vencimentos dos officiaes de infanteria até aos que percebem os officiaes da guarda fiscal, e depois naturalmente e successivamente attrair ao exercito todos os officiaes de valor e tendo sempre em vista dar consideração e preferencia ao serviço regimental.

O serviço de dois annos

E

A REDUCÇÃO DOS EFFECTIVOS

Continuado do n.º 1=5.º anno

Reduzido o tempo de serviço a dois annos e reduzidos principalmente os effectivos dos corpos ao extremo, é necessario, como já dissemos, para que a instrucção não fique prejudicada, reduzir todos os serviços n'uma proporção identica. Não é isso o que se faz, pois que ainda hoje se exige á infanteria que forneça as mesmas guardas que eram pedidas ha muitos annos passados, o mesmo numero de destacamentos e diligencias e talvez hoje ainda seja maior o numero de praças pedidas para escoltas, procissões, etc., do que antigamente, serviços estes que além de nem todos serem compativeis com a missão dos exercitos modernos, dos exercitos nacionaes, teem de ser desempenhados por recrutas com uma instrucção rudimentar, incompleta.

Não entraremos hoje na analyse dos effeitos perniciosos que um tal processo acarreta; deixemos isso para outro dia e vamos agora fazer passar pelo cadinho da nossa observação os serviços regimentaes de escripturação e administração. Se aquelles serviços roubam diariamente aos corpos, não só muitos graduados necessarios para ministrar a instrucção, mas até o proprio recruta que a está recebendo, estes, os serviços da escripturação e administração, em nada lhe ficam atraz.

O serviço de escripturação nos corpos constitue a preoccupação constante, senão por vezes unica, de todos os graduados do exercito, de tal maneira é complexo e da tal maneira está rodeado de peias, que são tão grandes que sem querer pôr em duvida as qualidades de trabalho de algum nem negar competencias, diremos que nem sempre andam em dia, o que não admira pois que com um systema demasiadamente centralizador, como se segue, para justificar a mais insignificante despeza é necessario lançar mão de muitos mappas, que se escripturam por vezes de uma maneira confusa, exigindo por isso um pessoal habilitado e com conhecimentos especiaes e demandando, ainda por cima,muito tempo.

N'estas condicções a maior parte dos graduados se não tem a desempenhar qualquer dos serviços já mencionados, é prezo pelas exigencias da escripturação que tem de andar em dia. Vamos vendo, portanto, que este serviço tambem lança para segundo logar o serviço da instrucção, e que, por isso, é necessario valer-lhe quanto antes.

Para salvar a instrucção d'este entrave a mais ha dois caminhos a seguir, que são, ou crear um pessoal encarregado expressamente d'esses serviços e que não seja necessario á instrucção, ou reformal-os por completo.

O primeiro systema é o que offerece melhores garantias e menores inconvenientes, sendo portanto o que se impõe ao nosso espirito, mas em todo o caso entendemos que o segundo se torna d'uma necessidade urgente, urgentissima.

Mas vamos por partes. Em escripturação militar não se deve attender á *perfeição*, mas á *simplicidade*.

Para alcançar este *desideratum* é necessario acabar não só com o que é inutil, mas tambem reduzir o que é dispensavel, o que deve ser feito d'uma só vez com uma medida radical, porque medidas esporadicas, seja para aperfeiçoar, seja para simplificar, só servem para confundir e complicar.

Para lançar as bases d'um systema de escripturação que obedeça a este fim é necessario, primeiro que tudo, acabar com a centralisação, que quasi só deve ser regimental, e, feito isto, reduzir tudo que é inutil e dispensavel, unificar o mais possivel os vencimentos e dar finalmente ás companhias uma certa autonomia administrativa.

Simplificado a este ponto o systema de escripturação deixa não só de ser menos complexo, mas tambem deixa de exigir um pessoal tão numeroso e com conhecimentos especiaes, o que não succede com o systema actual que requer um pessoal numeroso e muito conhecedor do assumpto.

Tinha, alem d'isso, mais a vantagem, aliás importante, de poderem estes serviços ser desempenhados com facilidade, promptidão e por toda a gente, porque o actual systema, além de roubar um numeroso pessoal aos serviços propriamente militares, leva á necessidade de fazer desempenhar esses serviços sempre pelo mesmo pessoal, o que muitas vezes tem arrastado inconvenientes gravissimos. Em questões de escripturação não deve haver *sciencia* para não haver *sabios*.

Simplificado o systema de escripturação a este ponto tinha a vantagem de todos, quaesquer que fossem os seus conhecimentos sobre este assumpto, poderem desempenhar esses serviços com facilidade e sem dependencia de tempo, e tinha além d'isso a vantagem capital de todos se poderem dedicar aos serviços de instrucção. Além d'isso quem tem de aprender a combater não tem tempo a perder com phantasias de escripturação.

O meio dos exercitos se prepararem para a guerra para preencherem o fim que se tem em vista, é o dedicarem-se á instrucção, pois que é com ella que se prepara o soldado para o combate. Exercito que não tenha esta orientação não póde de fórma alguma desempenhar-se cabalmente da missão ardua, difficil e complexa que lhe é imposta. Todos os serviços que não sejam de instrucção que prepare para o combate são serviços seccundarios. E' necessario portanto que os encaremos como tal.

N'estas condições não se pode admittir que em cada corpo haja tres officiaes distrahidos por completo do serviço da instrucção para desempenharem as funcções administrativas de director do rancho, director dos casões e secretario do conselho.

Na mesma ordem de ideias o capitão mal se póde dedicar á instrucção, porque a administração da sua companhia não lhe deixa tempo para nada, o que tambem succede aos sargentos que são presos pelo serviço da escripturação. Os officiaes superiores ainda estão em peores condicções, pois que com o actual systema não se podem dedicar a outra cousa que não seja escripturação e administração.

Com todo este pessoal affastado da instrucção e com mais o pessoal distrahido pelos diversos impedimentos, que são vastos e numerosos, o que ainda é aggravado pela falta de quadros, as companhias ficam sem pessoal para ministrar a instrucção aos recrutas ou aos soldados promptos.

Bem sabido é, e ninguem o duvida, cremos, que é esta a triste e desanimadora conclusão a que se chega, mas se o mal é conhecido, o que já apresenta uma garantia, venha quanto antes o remedio se quizermos ter um exercito instruido, se quizermos ter um exercito digno d'este nome. De contrario perder tempo, energias, dedicações e vontades, com serviços esteries, para deixar o soldado inculto, o soldado sem instrucção, é o mesmo que fardar homens

com o euphemismo de combatentes quando no fundo não passam de elementos inuteis, se não perigosos.

DAVID RODRIGUES
Tenente de infanteria

SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

França — Adopção de metralhadoras. — Os batalhões de caçadores n.os 5 e 10, de guarnição em Remiremont (Vosges) obtiveram bons resultados com as experiencias feitas com metralhadoras. Em face d'estes resultados a França adoptou as metralhadoras nos regimentos e batalhões alpinos e de caçadores em guarnição na fronteira allemã

A metralhadora adoptada foi a Hotchkiss, que utilisa o recuo para o tiro automatico. O carregador contem 24 a 30 cartuchos Lebel. Esta metralhadora dá 500 a 600 tiros por minuto.

Officiaes de reserva. — Com o fim de obter mancebos bem instruidos e aptos a serem promovidos aos postos de officiaes de reserva foi publicada ultimamente uma instrucção ministerial. Por ella se organisará em cada corpo d'exercito um pelotão de instrucção formado pelos *dispensados*, taes como os alumnos das escolas superiores, e que só servem um anno.

Este pelotão terá quartel especial e forma uma unidade completamente independente.

Allemanha — Metralhadoras no exercito bavaro.—A partir de 1 d'outubro de 1902, o exercito bavaro será dotado com mais um grupo de metralhadoras com o effectivo de 4 officiaes e 77 praças de pret. Este grupo ficará de guarnição em Augsbourg e ficará affecto ao 3.º batalhão do 3.º regimento de infanteria (1.º corpo do exercito).

Nova lei de reformas — Foi ultimamente approvado pelo Reischtag allemão uma lei, que melhorando as condições e vencimentos de reforma dos officiaes que d'ora ávante o solicitem, tem por fim rejuvenescer os quadros o mais possivel, que tão accentuadamente está sendo a preoccupação de quasi todas as nações da Europa. Por esta nova lei o maximo vencimento de reforma será obtido aos 35 annos de serviço, em logar de 40. O direito á reforma começa aos 10 annos de serviço com um vencimento egual á metade do ultimo soldo percebido. O vencimento minimo proporcional da reforma será egual á decima sexta parte do soldo e por consequencia o vencimento proporcional minimo que até aqui era de 608 e 75 c., passará a ser de 1:250 francos, havendo portanto um augmento para o vencimento minimo de 641 e 25 c. Com esta lei calcula-se para o primeiro anno um augmento de 11:250:000 francos, que se espera suba ao cabo de 20 annos á importante cifra de 22:500:000 francos, mas em compensação terá a Allemanha os quadros rejuvenecidos, como espera.

Hespanha — A Hespanha depois dos desastres de Cuba e Filippinas, que apparentemente tanto a enfraqueceram, tem tratado com um affinco devéras notavel de todos os serviços da organisação interna a fim de preparar ao joven rei um reinado prospero, tranquillo, com recursos e elementos de força.

Essa actividade e essa preoccupação tem-se manifestado accentua-

damente em todos os ramos de serviços. A Hespanha conhecendo os erros e a má administração, quer hoje emendar a mão e ser uma nação prospera.

N'esta ordem de ideias procura não só sahir do chaos financeiro em que cahiu, no que muito tem conseguido, mas tambem restaurar a sua marinha e organisar e dotar o seu exercito com todos os elementos modernos, no que tem dado passos agigantados.

Se um dia equilibrar as suas finanças, restaurar a marinha, organisar o exercito e ao mesmo tempo conseguir tornar effectiva a alliança directamente com a França e indirectamente com a Russia, de ve vir a occupar um papel proeminente na politica europêa.

Nós, seus visinhos e amigos, mas amigos com quem não nos desejamos unir, devemos, com olhos de vêr, voltar as nossas attenções para quantos passos a Hespanha der.

Para elaborar o plano da restauração da sua marinha foi ultimamente nomeada uma commissão de 12 membros em que entram vultos de todas as côres politicas e de todas as classes sociaes.

Para organisar o exercito e dotal'o com elementos valiosos teem sido tomadas medidas da mais alta importancia. Em maio proximo, epoca em que o jovem rei deve tomar as redeas do governo, prepara o general Weyler a organisação de 4 corpos de exercito, ficando desde logo 3 d'elles com todo o pessoal e material necessario para mobilisar. Além da Mauser para a infanteria, arma das mais aperfeiçoadas, vão dotar brevemente a artilheria com peças dos modelos mais recentes e aperfeiçoados. Ultimamente foi publicada uma lei de recrutamento tornando-o pessoal obrigatorio e permittindo sómente as remissões passadas 3 mezes de serviço. Para acabar com a assombrosa *excedente* de quadros proveniente dos exercitos das Filippinas, Cuba e Porto Rico, que era tão grande que tinha as promoções paralisadas em todas as armas, o que não permittia o rejuvenescimento de quadros, sempre tão necessario; foi ha poucos dias publicada uma *Ley de retiros*, pela qual se dão vantagens importantes aos officiaes que passarem durante estes 3 mezes ás classes de reserva. Como se vê esta lei tem por fim rejuvenescer os quadros crear elementos importantes de reserva. Espera-se que ao abrigo d'esta lei cheguem a passar aos quadros de reserva mais de 500 coroneis de todas as armas.

A' primeira vista parece que esta medida devia levantar grandes difficuldades, mas os sentimentos patrioticos estam hoje tão arreigados em Hespanha e todos estam tão convencidos de que só com um exercito poderoso poderão desempenhar o papel politico que tanto ambicionam, que foi approvada no parlamento com a maxima urgencia e sem a mais pequena difficuldade.

Que nos sirva este exemplo de lição é o que desejamos.

SECÇÃO OFFICIAL

Uniformes

Ord. circular n.º 10 da 1.ª divisão militar, de 11 d'abril de 1901.

Recommenda a mais exacta observancia das disposições relativas a uniformes, recommendando a interferencia no assumpto aos srs. generaes, commandantes dos corpos e mais officiaes nos limites que lhes

prescrevem os respectivos regulamentos como attribuições, e cita os abusos mais frequentemente observados nos uniformes.

Uso de capa branca nos barretes

Ord. circular n.º 2 B da 1.ª divisão militar, de 16 de abril de 1901.

Diz que o uso de capa branca nos barretes dos officiaes e aspirantes só é permittido quando pelo commando da divisão fôr auctorisado.

Passagens—Licenças registadas—Allegações em pretenções

Circular n.º 10 E da 1.ª divisão militar, de 22 d'abril de 1901.

Determina que nas pretensões das praças pedindo licenças registadas ou transferencias, se informe:

1.º Se os requerentes fazem ou não falta ao serviço;

2.º Se o effectivo de praças com vencimento está ou não excedido.

Mais determina que as allegações apresentadas pelas praças como fundamento ás suas pretensões devem ser convenientemente comprovadas para serem tomadas na devida consideração.

Auxilio extraordinario nos dias de gala para o rancho dos sargentos

Circular n.º 9 da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 30 de abril de 1901.

Diz que o beneficio concedido pela circular da 5.ª repartição n.º 172 de 16 de janeiro de 1900 se refere unicamente ao auxilio ordinario e não ao extraordinario, que deve ser abonado sómente às praças que realmente arrancharem no rancho dos sargentos.

Correspondencia official

Ord. circular n.º 13 B da 1.ª divisão militar, de 10 de maio de 1901.

Estabelece para garantia de segurança, regularidade e rapidez na troca de correspondencia:

1.º A troca de correspondencia official entre os corpos da guarnição de Lisboa e estabelecimentos militares effectuar-se-ha no quartel general da divisão;

2.º Os corpos e estabelecimentos militares dependentes da divisão remetterão para o quartel general toda a correspondencia que tiverem de enviar para os outros corpos, estabelecimentos e diversas auctoridades, recebendo ali a que lhes fôr destinada;

3.º Quando dois ou mais corpos ou estabelecimentos militares estiverem proximos uns dos outros e distantes do quartel general da divisão, trocarão entre si a correspondencia, sem dependencia do mesmo quartel general;

4.º Em caso de urgencia, as notas e officios serão remettidos directamente ao seu destino, a qualquer hora, sem ser por intermedio do quartel general;

5.º Para os effeitos da entrega e recepção da correspondencia serão os corpos e estabelecimentos militares agrupados pelo modo seguinte:

1.º Grupo—Cav. 2, cav. 4; inf. 1; comp. de equipagens; campo entrincheirado; Hospital de Belem; carreira de tiro.

2.º Grupo — Inf. 2 = 1.ª Brigada d'inf.; D. R. R. n.º 1; D. R. R n.º 2; Torre da Polvora.

3.º Grupo—Inf. 5; Reg. de engenheria; Art. 6; Comp. de subsistencias; D. R. R. n.º 3; Tribunaes militares.

4.º Grupo—Caç. 2; 7.ª comp. de reformados; Casa de reclusão.

5.º Grupo—Art. 1; caç. 1; inf 16; 6.ª comp. de reformados.

6.º Grupo—Comp. de saude; Hospital da Estrella.

6.º Em cada um dos grupos o corpo mencionado em primeiro logar, será o encarregado de mandar conduzir para o quartel general e ali receber a correspondencia dos outros corpos e estabelecimentos do mesmo grupo. No 1.º grupo porém os regimentos de cav. 2 e 4 alternar-se-hão aos mezes para este fim;

7.º Os corpos e estabelecimentos não apeados deverão remetter directamente para o quartel general a respectiva correspondencia;

8.º A conducção da correspondencia será feita em bolsas de couro fechadas, devendo cada uma ter duas chaves que estarão uma no corpo a que a bolsa pertence e a outra no quartel general ou no corpo encarregado da entrega da correspondencia devendo esta chave ter um rotulo com a indicação do corpo a que pertencer. Nos corpos agrupados em brigada, as bolsas terão 3 chaves estando a terceira chave no quartel general da respectiva brigada;

9.º Todas as notas e officios que derem entrada no quartel general serão carimbados na parte superior e direita do subscripto; tendo o carimbo a indicação do dia em que a nota ou officio foi recebido e aquella em que foi expedido, se a expedição se não fizer no mesmo dia.

10.º Os corpos e estabelecimentos que mandarem entregar a outros a sua correspondencia, para ser por estes enviada ao quartel general mandarão receber aos quarteis d'esses corpos a que do mesmo quartel general lhe fôr enviada;

11.º A distribuição da correspondencia, reunida no quartel general, que não possa ser expedida pelas ordenanças dos corpos que ali a entregarem e a dos grupos, será feita por ordenanças de cavallaria e velocipedistas de infanteria;

12.º Até ao dia 20 do corrente mez, os corpos encarregados da remessa para o quartel general da correspondencia dos outros corpos e estabelecimentos que constituem os diversos grupos, remetterão para o quartel general as chaves das bolsas de couro com o competente rotulo, indicando o corpo a que pertence;

13.º A correspondencia será entregue no quartel general ás 3 horas da tarde nos mezes de abril e agosto inclusivé e ás 2 horas nos restantes mezes e d'ahi expedida uma hora depois da recepção;

14.º Nos domingos e dias sanctificados e de grande gala, a correspondencia deverá ser entregue á 1 hora da tarde e expedida ás 2 horas.

15.º As ordenanças apresentar-se-hão no quartel general todos os dias ás horas indicadas ainda que não tenham correspondencia a entregar.

5.º Anno Abril de 1902 N.º 4

REVISTA DE INFANTERIA

A instrucção de tiro

De todos os ramos da variada instrucção militar a do tiro é incontestavelmente a mais importante. As guerras não se fazem só por meio da tactica, mas principalmente com o judicioso emprego das armas. Alem d'esta razão, hoje verdadeiramente axiomatica, que nos mostra a importancia do tiro, ha tambem o facto das armas serem cada vez mais perfeitas, o que leva á exigencia d'uma instrucção mais cuidadosa.

Perante estas razões, indicadas summariamente, se vê e conclue que todos os cuidados, attenções e desvellos que se dispensem a este importante ramo de instrucção nunca são demasiados.

Infelizmente, por um conjuncto variado e complexo de circumstancias, não tem sido entre nós esta a verdadeira orientação, pois que ainda ha bem poucos annos que em todos os regimentos de infanteria se licenceavam para a reserva os soldados sem ao menos terem dado um tiro ao alvo. Hoje estamos um pouco melhor, mas a defficiencia de carreiras de tiro ainda faz com que passem á reserva muitos soldados sem terem dado um tiro.

Sendo a defficiencia de carreiras de tiro a causa d'um tal estado d'atrazo, é necessario, é mesmo patriotico, que

todos voltem as suas attenções para essa falta a fim de se preencher quanto antes lacuna tão condemnavel.

Para a evitar é necessario construir muitas carreiras de tiro, que devem ser tantas que cada regimento ou cada guarnição disponha d'uma.

O unico inconveniente que ha n'isto é o augmento de despeza, razão que a todos infundadamente atemorisa. Não é difficil de provar que esta palavra *infundadamente* tem aqui pleno cabimento. Hoje em quasi todos os corpos de infanteria se ministra instrucção de tiro, mas, como não teem carreira propria a maior parte d'elles, teem a percorrer grandes distancias e a passar muitos dias fóra do quartel. Os inconvenientes e as despezas que isto acarreta são bem conhecidos, mas para tornar o caso mais frisante lembraremos que d'um regimento sabemos nós que para ministrar a instrucção de tiro teve de percorrer o anno passado mais de 150 kilometros a pé. Abstrahindo dos inconvenientes que isso tem para a disciplina e regularidade dos serviços, e entrando sómente em funcção com as despezas que acarretam essas marchas e permanencias fóra dos quarteis, logo se vê que a despeza que se fizesse com a construcção d'uma carreira regimental ou de guarnição seria bem compensada pela economia resultante da supressão d'essas deslocações, pois que assim se evitariam todos os subsidios de marcha e residencia. Portanto, sendo assim, razão temos nós para dizer que o argumento da despeza é perfeitamente infundado, pois que querendo desde já dotar os regimentos de infanteria com carreiras de tiro, com proveito para a disciplina e com notavel economia para de futuro, bastaria proceder a uma operação financeira que antecipasse o capital necessario para a construcção, pois que, como já dissemos, a economia resultante seria só por si bastante para pagar o juro e a respectiva amortisação, o que seria portanto uma medida economica de grande alcance.

Alem d'estas vantagens ha tambem uma outra razão ponderavel que não podemos deixar passar desappercebida, que é o methodo e a sequencia na instrucção.

Com carreiras distantes, afastadas, longincuas até, não pode ser a instrucção moldada n'estes dois principios capitaes e não pode deixar por consequencia de ser ministrada *á la diable*, não só porque não se pode ministrar a instrucção pratica a seguir á instrucção theorica, o que é extremamente util e necessario para não esquecer as regras de tiro, mas tambem porque tendo de percorrer distancias

grandes, o que se deseja e necessita nos primeiros dias é de descanço que recupere das fadigas causadas pelas marchas enormes.

Mas ainda não tem só estes inconvenientes. Quem ministrou a instrucção theorica é quem deve ministrar a instrucção pratica, o que a maior parte das vezes se não pode fazer, com o que a instrucção fica muito prejudicada. O valor d'este argumento é digno de attenção. Nos regimentos a instrucção de tiro ministra-se como se pode e não como se quer, deixando bastante a desejar. Mas outro tanto não succede com as praças da 2.ª reserva chamadas a receber a instrucção. Para estas nomeia-se logo o pessoal necessario para as instruir e que não é distrahido por outro qualquer serviço. N'estas condições a instrucção é dada com todo o methodo e com a regular sequencia e os resultados teem sido tão excellentes que as percentagens d'esses soldados com um mez de instrucção, muitas vezes incompleto, são em geral superiores ás obtidas pelos soldados promptos e recrutas com 3 mezes de instrucção. E devido a quê? Evidentemente á uniformidade com que a instrução é ministrada.

Diremos ainda tambem que as carreiras existentes, na sua maior parte, quasi não passam de simulacros de carreiras de tiro, e tão defficientes são que em muitas chega a ser necesssario fazer mais d'uma sessão de tiro por dia, o que é inconveniente, ou alterar mesmo o proprio regulamento, o que ainda é peior, para fingir que se ministra a instrucção no prazo marcado, para o que muito influem as chuvas ou intemperies de qualquer natureza.

Todos os inconvenientes que temos apontado desappareceriam se em cada guarnição houvesse uma carreira de tiro, pois que então já a instrucção se podia ministrar sem fadigas inuteis e prejudiciaes, sem demoras e delongas e com o methodo e sequencia que são necessarios e uteis.

Não querendo pôr em pratica uma medida tão vasta deve-se então, pelo menos, crear carreiras de tiro *regionaes* em boas condições e nas quaes, sem grandes deslocações, se possa ministrar com garantias de bom exito a instrucção de tiro.

O plano a seguir e as localidades a escolher não o indicaremos nós aqui, nem mesmo é necessario.

Dedicando este artigo á instrucção de tiro commetteriamos uma falta grave se não nos referissemos aos campos de tiro. Nas carreiras de tiro ministra-se a instrucção indivi-

dual, a instrucção elementar, mas não a verdadeira instrucção de guerra. Esta é mais complexa e tem um maior numero de exigencias. O soldado para ser um bom atirador na guerra não deve só saber fazer uma boa pontaria, mas saber tambem escolher os abrigos, calcular as distancias e aproveitar as occasiões opportunas de fazer fogo, o que não pode aprender nas carreiras de tiro onde a instrucção é moldada a regras fixas e a distancias conhecidas. Para ministrar esta instrucção complementar é que são necessarios os campos do tiro.

Muitos entendem que esta instrucção é mais para officiaes do que para soldados. Não o contestamos, mas em todo o caso precisamos dizer que para o soldado é indispensavel, pois que se o soldado no combate, por uma circunstancia qualquer, se encontrar isolado ou sem chefes pouco ou nada poderá fazer de util se não souber tirar partido da arma e dos obstaculos, que lhe permittam abrigar-se, e aproveitar as propriedades da polvora sem fumo. Alem d'isso o official não pode attender a tudo e é necessario contar com a iniciativa individual do soldado, que só nos campos de tiro se pode desenvolver.

Alem d'outras razões bem conhecidas que mostram a necessidade de campo de tiro, diremos, a titulo de reforço d'estes argumentos, que no extrangeiro se lhe dá a maxima importancia e que até para suprir a deficiencia de campos de tiro se tem permittido, na Allemanha e na França, ás auctoridades militares o tomarem posse dos terrenos apropriados, embora culturaes, sem se pedir sequer auctorisação aos proprietarios e pagando sómente, no final dos exercicios, as indeminisações respectivas.

Entre nós querendo fazer fogo n'estas condições não seria necessario recorrer a processos tão violentos, pois que na maior parte do paiz era facil, e n'alguns pontos facillimo até, arranjar terrenos apropriados, o que nos leva á conclusão de que se se não tem ministrado esta instrucção é que ainda se não tomou essa orientação, é porque ainda se não quiz.

Hoje estes serviços estam a cargo da Direcção da Infanteria, mas para ella se poder desempenhar dos encargos que lhe são commettidos precisa a maxima latitude e mesmo liberdade ampla, pois que só assim poderá formular um programma geral e pol'o em execução com a orientação que tomar. Se ella tiver de submetter todas as suas deliberações á sansão do ministerio da guerra fica sem li-

berdade d'acção e na contingencia de ver alterados, devido a uma outra orientação, alguns dos pontos do plano delineado. Quem tem a responsabilidade d'um serviço, e principalmente uma estação superior, tem direito a executal'o conforme entender. Alem d'isso um plano só pode ser bem executado por quem o delineou, assim como uma ideia só pode produzir o resultado que se espera quando posta em pratica por quem a concebeu.

N'estas condições é necessario dar á Direcção de Infanteria a maxima liberdade de acção para poder abrir novos horisontes, horisontes rasgados e amplos, á instrucção do tiro. São os nossos desejos, são as nossas aspirações.

DAVID RODRIGUES
Tenente de infanteria

OS QUADROS DO EXERCITO

Vox clamantis in deserto...

(Continuado do n.º 1—5.º anno)

Para melhor orientação do nosso modesto trabalho convem estudar, ainda que succintamente, o recrutamento dos officiaes para o serviço dos estados maiores dos principaes exercitos europeus.

Allemanha. — O quadro é aberto.

— Os officiaes não provenientes das academias de guerra de Berlim e Munich, onde se professa um curso de tres annos.

—A' matricula n'estes cursos são admittidos officiaes de todas as armas que tenham, pelo menos, tres ou quatro annos de serviço, conforme se destinam á escola de Berlim ou á de Munich.

— Findo o curso, parte d'estes officiaes regressa aos corpos a que pertencia e parte, por escolha do chefe do estado maior, vae fazer tirocinio junto do grande estado maior.

— Os mais distinctos continuam o tirocinio por mais um anno, no fim do qual lhes é distribuido um trabalho tactico que decide da collocação no quadro.

— Os officiaes que o chefe do estado maior julgar mais aptos passam logo ao quadro do estado maior, sendo então promovidos ao posto de capitão, com uma antecipação de tres ou quatro annos; na promoção ao posto de major os capitães do estado maior antecipam-se dois a quatro annos aos seus camaradas das armas; o que dá um avanço total que varia entre cinco e oito annos.

— A partir da promoção ao posto de major os officiaes são incorporados nas listas das respectivas armas e não gosam mais vantagens na promoção aos postos superiores.

Austria. — O quadro é aberto até ao posto de major.

— Os officiaes são provenientes da escola de guerra, onde se professa um curso de dois annos.

— Só podem ser admittidos á matricula na escola tenentes de qualquer arma com tres annos de serviço, solteiros e com menos de trinta annos de edade.

— A' sahida da escola os tenentes que forem classificados para o serviço do estado maior, tomam a designação de «adjuntos do estado maior.»

— Ao exame de sahida podem apresentar-se officiaes que não tenham frequentado a escola, e, quando approvados, gosam as mesmas vantagens dos que frequentaram o curso.

— Os que forem julgados aptos para aquelle serviço pelo chefe do estado maior, são promovidos a capitães do estado maior; os restantes recolhem aos corpos.

— O posto de major do estado maior é conferido, segundo uma proporção incerta, aos capitães do corpo e aos de qualquer arma que, provenientes tambem da escola de guerra, se sujeitarem ao mesmo exame a que são sujeitos os capitães do corpo do estado maior, em substituição do que lhes é exigido para a promoção a major da respectiva arma.

— Estes ultimos devem ser propostos pelo chefe do estado maior, e raro teem ingresso no corpo.

— A proporção dos officiaes superiores do corpo do estado maior foi determinada de modo a adiantarem-se muitos annos na promoção ao posto de coronel em relação aos seus camaradas das armas.

— Ha, alem d'isso, uma disposição legal que não permitte que nas armas seja promovido ao posto immediato qualquer official, sem que no corpo do estado maior haja uma vagatura que permitta promover ao mesmo tempo o official d'aquelle corpo de egual antiguidade.

Belgica. — O quadro é fechado.

— Os officiaes são provenientes da escola de guerra de Yxelles, onde frequentam um curso de tres annos.

— São admittidos á frequencia d'este curso officiaes de qualquer arma que tenham, pelo menos, cinco annos de serviço e não tenham attingido a edade de trinta e dois annos.

— Findo o curso, os officiaes julgados com aptidão para o serviço do estado maior são mandados fazer serviço durante um anno n'uma arma que não seja a sua.

— Em seguida entram no corpo do estado maior, onde fazem ordinariamente a sua carreira.

— Os officiaes que, tendo o curso da escola de guerra, não hajam classificados para o estado maior ou tenham ultrapassado os trinta

e cinco annos de edade recolhem aos seus corpos com o diploma de «adjunto do estado maior.»

— Este diploma dá-lhes preferencia para occuparem os logares de ajudantes de campo, officiaes ás ordens de generaes e ajudantes dos corpos; podendo tambem ser occupados, na falta de pessoal mais competente, no serviço do estado maior.

— O diploma pode ser adquirido por officiaes que se submettam a um concurso, embora não hajam frequentado o curso.

França. — O serviço do estado maior é desempenhado por tenentes de qualquer arma que tenham feito o curso da escola superior de guerra d'onde sahem «diplomados d'estado maior», e por capitães que se sujeitem ao exame de sahida da referida escola, depois do que obterão o seu *brevet*.

— O diploma pode tambem ser conferido, em dadas condições, aos officiaes superiores.

— A admissão á escola superior de guerra é feita por concurso entre capitães e tenentes de todas as armas que tenham, pelo menos, cinco annos de officiaes, sendo tres de serviço n'um corpo de tropas.

— A duração do curso é de dois annos, no fim dos quaes se fazem os exames de sahida.

— Os officiaes approvados são logo chamados a fazer um tirocinio de dois annos: um no estado maior e outro nas armas a que não pertencem, seis mezes em cada.

— Depois d'isto ou continuam no serviço do estado maior ou voltam até nova ordem, para as armas a que pertencem.

— Os officiaes superiores diplomados só excepcionalmente são chamados a fazer tirocinio; mas, logo em seguida á sua nomeação para o serviço do estado maior, são obrigados a exercer durante dois annos o commando effectivo correspondente ao seu posto.

— Os officiaes diplomados propostos para a promoção ao posto immediato são inscriptos na lista da respectiva graduação e arma; mas o minimo de antiguidade exigido aos tenentes, capitães e majores diplomados é o da sua arma diminuido de seis mezes.

— Esta differença, apparentemente pequena, traduz-se muitas vezes por alguns annos.

Hespanha. — O quadro é fechado.

— Os officiaes são provenientes da escola superior de guerra.

— Para a matricula n'esta escola é exigido o curso de qualquer arma e um anno de serviço effectivo.

— Não são admittidos officiaes com graduação superior á de tenente nem com mais de vinte e tres annos de edade.

—A duração do curso é de quatro annos.

— E' facultado aos candidatos o estudo particular dos dois primeiros annos do curso, sendo obrigados ao exame na escola superior de guerra no fim de cada anno.

— A' sahida da escola os officiaes são obrigados a um tirocinio de tres annos: No 1.º fazem serviço nas armas differentes da sua (incluindo a engenharia) quatro mezes em cada; no 2.º junto dos quarteis generaes; e no 3.º no «deposito de guerra.»

— Durante o tirocinio o director da escola superior de guerra reune as informações dos commandantes dos corpos e directores dos serviços e nomeia uma commissão de professores para elaborarem a classificação final que é depois enviada ao ministerio da guerra com as propostas de promoção.

—No corpo do estado maior só teem ingresso os tenentes que, ao

terminarem o curso superior de guerra tenham vagatura de capitão no referido corpo, posto a que são logo promovidos.

— Os restantes candidatos do mesmo curso não podem mais entrar no corpo e recolhem ás respectivas armas com o soldo de capitão.

— As vagaturas do anno immediato são destinadas aos officiaes que n'esse anno concluirem o seu tirocinio.

Inglaterra. — E' um serviço desempenhado por officiaes provenientes, na quasi totalidade, da escola do estado maior, de Sandhurst (*staff-college*).

— Os candidatos á admissão n'esta escola devem ser capitães, ou terem sido propostos para a promoção a esse posto, e terem feito tirocinio durante um mez junto de um estado maior, para justificarem a sua aptidão.

— A duração do curso é de dois annos, findos os quaes ha um exame de sahida, sendo os officiaes que obtiverem approvação considerados «adjuntos do estado maior general».

— Os capitães com sete annos de serviço e os majores podem ser submettidos ao exame de sahida sem terem frequentado o curso da escola.

— Depois do exame de sahida os officiaes são addidos durante tres mezes (ordinariamente na epocha das grandes manobras) ao estado maior ou a outra arma que não seja a de origem.

— Depois d'isto recolhem aos seus regimentos e poderão ser ou não chamados a fazer serviço junto do estado maior general.

— Os officiaes que forem propostos pelo commandante em chefe entram no serviço do estado maior, mas não poderão permanecer n'elle por mais de cinco annos, findos os quaes recolhem aos corpos, onde teem de fazer serviço durante dois annos, antes dos quaes não poderão ser chamados de novo áquelle serviço.

— Estes officiaes teem preferencia para a promoção por escolha e para o desempenho de commissões importantes.

Italia. — O quadro è aberto.

— Os officiaes proveem da escola de guerra de Turim.

— A entrada na escola é concedida annualmente, segundo uma dada proporção, a capitães e tenentes de todas as armas e engenharia, sendo exigido, além da nota de *excellente* ou de *muito bom official*, quatro annos de serviço aos de infantaria e cavallaria e tres aos de artilharia.

— A duração do curso é de tres annos.

— Durante dois mezes em cada um dos dois primeiros annos do curso os officiaes vão fazer serviço em um corpo em geral de uma arma differente da sua.

— Os officiaes que tenham sido sujeitos duas vezes a exame sem obterem classificação, não poderão concorrer novamente. Outro tanto acontece aos officiaes excluidos da escola por motivos disciplinares ou não aproveitamento.

— A' sahida da escola os officiaes são sujeitos a uma prova de equitação que é tomada na devida conta na proposta de entrada no serviço do estado maior.

— Quando os officiaes obteem diploma, assistem ás grandes manobras adjuntos aos quarteis generaes de corpo d'exercito, divisão ou brigada e aos arbitros.

— Em seguida são mandados fazer serviço de um anno, seis mezes no estado maior do exercito e outros seis em um estado maior de corpo de exercito ou de divisão.

— A escolha dos officiaes para o corpo do estado maior recahe sobre os capitães que, findo o tirocinio, obtiveram o attestado de aptidão para o serviço no referido corpo, e que tenham exercido durante dois annos o commando inherente ao posto.

— Os officiaes do estado maior agrupam com os das armas para a promoção a todos os postos. Como a promoção é feita por escolha, esta recahe de preferencia sobre os officiaes com o diploma da escola de guerra.

— Os tenentes diplomados chegam a ter dezoito mezes de avanço sobre os não diplomados.

— Os capitães do estado maior são promovidos a majores nas armas de origem quando entram na decima-quinta parte superiores do quadro dos capitães d'essa arma.

— Os majores são promovidos a tenentes-coroneis quando attingem o decimo superior do quadro dos majores d'aquella arma, continuando no serviço do estado maior ou regressando á sua arma temporaria ou definitivamente.

— Os tenentes-coroneis do estado maior são promovidos a coroneis pela ordem de antiguidade da respectiva arma. Uma vez promovidos, ou se conservam no serviço do estado maior, ou recolhem ás suas armas, podendo comtudo ser chamados de novo áquelle serviço.

— As vantagens da promoção a majores e a tenentes-coroneis traduzem-se em regra por um avanço de nove mezes em relação aos não diplomados.

Roumania. — O serviço do estado maior é desempenhado por officiaes de todas as armas provenientes da escola superior de guerra de Bukarest.

— A duração do curso é de tres annos.

— Para a matricula no curso é necessario ter dois annos de serviço effectivo e não ter attingido trinta e cinco annos de edade, além d'uma boa informação e disposição physica.

— A promoção é feita nas respectivas armas, parte por escolha e parte por antiguidade.

Russia. — E' um corpo de quadro fechado desde o posto de capitão até ao de coronel.

— Os officiaes proveem da academia de estado maior Nicolau, em S. Petersburgo.

— A admissão no curso é permittida aos officiaes de qualquer arma até ao posto de capitão, que tenham tres annos de serviço effectivo.

— Aos candidatos é concedida uma licença de quatro mezes com o fim de se poderem preparar para o concurso.

— A duração do curso é de dois annos.

— A' sahida da escola os officiaes são submettidos a um exame. Os approvados são classificados em duas categorias. Os de primeira categoria recebem como recompensa uma gratificação correspondente a um anno de vencimento e são escolhidos para seguirem o curso complementar que os prepara especialmente para o serviço do estado maior.

— Findo o curso os officiaes regressam aos seus corpos com as seguintes vantagens: Ao fim de quatro annos de posto, os capitães são promovidos a tenentes-coroneis em concorrencia com os capitães propostos por escolha, preenchendo todos, proximamente, metade das vagaturas de tenentes-coroneis. (O posto de major foi supprimido em 1884.) Teem tambem direito a um decimo do numero total de vaguturas da infantaria, ou seja a quinta parte das attribuidas á promoção por escolha.

— Os officiaes habilitados com o curso complementar entram como adjuntos no serviço do estado maior e são immediatamente promovidos ao posto immediato, se tiverem graduação inferior á de capitão. Sendo capitães não são promovidos, mas, em compensação, é-lhes dada uma gratificação correspondente ao soldo de um anno.

— Os officiaes adjuntos só são admittidos definitivamente no corpo do estado maior depois de haverem dado determinadas provas de aptidão.

— A partir do posto de capitão a promoção faz-se no corpo do estado maior.

— Para a promoção a tenente-coronel é exigido um anno de commando como capitão.

— Para a promoção a coronel é exigido o commando de um batalhão de infantaria ou o desempenho das funcções de segundo commandante de um regimento de cavallaria, pelo menos, durante um periodo de manobras.

— Aos officiaes do corpo do estado maior pertencem dois sextos dos commandos dos regimentos de infanteria e um quarto dos de cavallaria.

— Os officiaes do corpo do estado maior chamados para exercerem aquelles commandos, são riscados das listas d'aquelle corpo.

Suissa. — O serviço do estado maior é desempenhado por officiaes de todas as armas habilitados na escola central do estado maior general.

— A duração do curso é de dez semanas.

— A' matricula no curso são admittidos capitães e tenentes propostos ao conselho federal pelos chefes-instructores, chefes d'armas ou pelos coroneis divisionarios.

— Como complemento do curso, os officiaes são obrigados a uma viagem de estado-maior.

(Continua)

G. V.

A ADMISSÃO NA ESCOLA DO EXERCITO

E O

ACTUAL CURSO DOS LYCEUS

Não é nosso intuito analysar os defeitos e as bellezas da ultima reforma de instrucção secundaria de uma maneira geral. Uns e outros — porque de tudo tem aquelle trabalho — foram a seu tempo discutidos e sel-o-hão ainda pelos habeis pedagogistas que teem competencia em tão

complexo assumpto; o nosso ponto de vista é unicamente o actual curso dos lyceus como preparatorio para a matricula na Escola do Exercito, e é com esse intuito que vamos estudar o assumpto.

O mais grave dos inconvenientes, que a reforma de 14 d'agosto de 1895 acarretou, foi o de legislar um preparatorio geral para todos os cursos superiores ou especiaes como se a cada um d'elles correspondesse uma mesma necessidade de habilitações prévias. E' assim que o futuro engenheiro e o futuro padre se encontram estudando o mesmo latim e a mesma mathematica, embora mais tarde um tenha que ser especialista na versão das enciclicas e o outro em estudos positivos absolutamente obrigados a formulas e a numeros.

Quanto a virtudes, a mais apregoada ahi por todos os cantos, é que a reforma poria difficuldades á acquisição dos cursos superiores, alliviando assim o thesouro e o paiz d'um grande numero de pretendentes diplomados a logares á meza do orçamento. Essa belleza não se realisou, dil-o hoje, dia em que escrevemos, um jornal diario authorisado e sério:

«Nas escolas militares, tanto de terra como de mar, os respectivos ministros vêem-se apoquentados para delimitar a quota dos alumnos, que n'ellas devem ser admittidos. Em todas as escolas, qualquer que seja a sua especialidade, a frequencia dos alumnos é cada vez mais crescida e só parece haver uma excepção á lei nos cursos theologicos, quer dos Seminarios, quer da Universidade.»

Poderiam modificar-se as circumstancias pelo menos no que toca aos que se destinam á Escola do Exercito? Cremos que sim.

Se os 7 annos de curso preparatorio, além das cadeiras da Polytechnica, não amedrontarem ninguem, se a preseverança fôr até ao bacharelato em latim, para obter entrada como aspirante em Infanteria ou Cavallaria, parece-nos claro que não será pela difficuldade, talvez em parte inutil, dos preparatorios que se poderá fazer a selecção e que os ministros se não verão atormentados com pedidos e com empenhos para permittirem um maior numero d'entradas na Escola Militar. Se em logar de volumosas cartas se exigir mais saber, o mal não deixará de existir, mas lucrará o exercito sem duvida.

Para que hade o ministerio da guerra estar agarrado á lei de 14 d'agosto de 1895? Ha alguem no exercito

que reconheça a necessidade do estudo de 7 annos de latim? Ha alguem no exercito que não reconheça o quão pouco vulgarisada está n'elle a *pratica* de linguas vivas de primeira necessidade? Para que serve a Philosophia que está nos actuaes programmas d'instrucção secundaria?

Porque se não organisa um programma para exames de admissão á Escola do Exercito? Que importa onde, quando e como os rapazes estudariam as materias d'esse programma, se elles á sua entrada satisfizessem cabalmente a elle?

E não poderia esse programma afastar-se, e muito, da estrada do bacharelato dos lyceus?

Parece-nos bem que sim. A Arithmetica, a Algebra, a Geometria, a Trigonometria e a Cosmographia, Portuguez quanto bastasse, Geographia, Sciencias naturaes, Desenho e aguarella e, além do Francez para todos, o Inglez ou o Allemão, mas pratico, fallado e escripto, allemão ou inglez, mas para falar com allemães e inglezes.

Já não queremos citar o francez que todos fallam, mas tão mal fallam na generalidade.

E se esse programma fosse elaborado cuidadosamente, —e não falta quem o saiba elaborar— se esses exames fossem sérios, rigorosos, como seria de esperar da respeitabilidade do corpo docente da Escola, por certo todos teriam de lucrar: paiz, exercito, rapazes e familias. O paiz e o exercito por serem mais bem servidos, os rapazes por não gastarem a memoria e o tempo a ingerir cousas inuteis, a familia porque pouparia dinheiro e tempo, que dinheiro é, tratando-se da educação dos rapazes.

O curso dos lyceus é grande e sabios os seus programmas, é verdade indiscutivel; mas não é menor verdade que continua sendo sinonimo de não saber linguas vivas o ter o respectivo exame. Qual de vós não tem ouvido esta pergunta e estas respostas?

— Sr. F... sabe francez?

— Tenho exame

E quando o rapaz responde — que tem exame, quer dizer que pouco ou nada sabe; de contrario, responde — *Fallo e escrevo*, ou ainda *só fallo*, ou *só escrevo*.

Em compensação eu creio que os pobres rapazes do 7.º anno lêem Tacito como quem lê o *Seculo*, mas creio bem que os que vierem para o exercito nunca mais se servirão do Tacito, nem para citações em relatorios... que os que cá estão não entenderiam, salvo honrosas excepções.

Feito isto, feito um concurso de provas praticas,—alheio

em absoluto a cartas — para a entrada na Escola, a segunda obra de caridade seria reformar em conformidade com esse programma os de estudos do Collegio Militar.

Não estudámos a fundo o assumpto dos programmas de instituições similares ao Collegio Militar no estrangeiro, mas seria a maior das surprezas se nos dissessem que em algum se dedicavam 7 annos ao estudo de latim e 3 ao inglez e ao allemão. Só comprehenderiamos isso em Roma no tempo de Julio Cesar, existindo, se lá existissem, col legios militares.

Estamos d'aqui a ver muita gente indignada com a ideia de alterar os estudos do Collegio Militar por forma a servirem em especial para a Escola do Exercito, mas duas razões devem socegar os que dissentem da nossa opinião. Em primeiro logar o numero d'alumnos que, sahidos do Collegio Militar, não seguem a carreira das armas, é tão diminuto, que a percentagem não dá em cerca de 80 annos da sua existencia, uma média de 2 alumnos por anno. Em segundo logar aquelles que, findo o curso do Collegio, quizessem seguir outra carreira, poderiam completar no lyceu os preparatorios que lhe faltassem.

Em um outro artigo veremos a forma de conciliar esses interesses menos importantes do que o interesse geral, que é — o do Paiz, e o do Exercito.

M. Roquette.
Tenente d'infanteria.

GUARDAS D'HONRA

Ainda o nosso paiz se ressente dos antigos habitos monasticos; ainda por toda a parte, por todos os cantos do paiz se fazem procissões sem numero, bem pouco decorosas a maior parte d'ellas, e para as quaes um regulamento antiquado, velho, anachronico, permitte se honrem com a *força publica* mediante um preço que então era mesquinho e que hoje chega a ser ridiculo. E' essa tabella de 240 réis para sargentos e 160 réis para cabos e soldados quando

a procissão se realisar dentro da povoação, e de respectivamente 300 e 200 réis quando fóra da povoação.

Perante esta insignificancia não ha confraria, não ha mezario, não ha mordomo que pelo preço de 4$180 ou 6$100 réis não tenha a vaidade de ter durante horas, soldados de grande uniforme que lhe abrilhantem a festa e que lhe passem á porta, debaixo, na maior parte das vezes, d'um sol desapiedado.

Deixaremos o lado vaidoso, mesquinho e reles de tudo isto para encarar a questão pelo verdadeiro lado. Este estado de cousas, estes pedidos constantes, principalmente no norte do paiz, é necessario que acabem, não só porque essas reles exibições são aviltantes para a arma e degradantes para o exercito, mas tambem porque vão prejudicar a disciplina, a maior parte dos serviços proprios da arma e até a hygiene dos soldados. Estes abusos são tão frequentes que hoje, ha muitos annos até, está arreigado no espirito do povo a ideia de que o exercito só serve para procissões. Valha a verdade, regimento ha no norte que não faz outra cousa, principalmente no verão, senão andar de barretina na mão á retaguarda d'um palio nem sempre muito decente. N'estas condições não se pode estranhar ao povo que diga aquillo que vê constantemente.

Mas voltando á disciplina, aos serviços proprios e á hygiene, diremos que o abuso chegou de tal maneira a evidenciar-se que o anno passado foi necessario dar, n'uma das divisões militares, ordem cathegorica de que nenhuma das forças destinadas para estes actos podia recolher ao quartel depois de determinada hora, quer dizer, estas forças sahiam de manhã do quartel, passavam o dia lá por fóra, sabe Deus como e ás ordens de quem, e só voltavam a horas mortas da noute.

Para valer a este estado de cousas, de desmoralisação e descredito para a arma e exercito, ha dois caminhos a seguir. O primeiro e o mais efficaz é a prohibição da cedencia de forças para estes actos, á excepção das procissões consideradas militares ou com direito a honras militares. O segundo é a revogação d'aquella tabella, que data de 1866, por uma outra mais onerosa e ao mesmo tempo mais compensadora para aquelles que forem nomeados para um cargo que tão pouco honra, tanto mais que o soldado mal se pode alimentar durante um dia de fadiga com a gratificação da tabella actual e o official, como nada recebe, ou fica prejudicado ou tem de acceitar o que lhe offerecem, o que nada o nobilita porque fica na dependencia. Não vemos razão para que ao official não lhe seja tambem abonada uma gratificação e n'esta ordem de ideias ahi vae a tabella que se nos afigura propria.

	Dentro da povoação	Fóra da povoação
Capitão	4$500	7$500
Subalterno	3$000	4$500
Sargento	1$000	1$500
Cabos	$600	1$000
Soldados e corneteiros	$500	$800

Uma tabella d'estas, que não é demasiadamente compensadora para quem tem de desempenhar um tal serviço, devia restringir o numero de requisições, mas em todo o caso nós optamos pela prohibição expressa.

X.

A INSTRUCÇÃO ESPECIAL DOS EXPLORADORES

(Continuado do n.º 2—5.º anno)

---

§ 4.º

Avaliação de distancias por meio de instrumentos

1.º **Generalidades.** Os instrumentos empregados para avaliar distancias são as estadias e os telemetros, que só são geralmente usados pelos officiaes. Ha alguns, porém, muito simples e cujo emprego pode, em nossa opinião, ser ensinado aos exploradores.

A estadia de tiro, por exemplo, é um instrumento muito portatil e de facil emprego, e os telemetros Boulanger e Redier igualmente (1).

Estadia de tiro. Consta de uma lamina metallica na qual se encontra uma fenda, em forma de trapezio, em cujos bordos estão gravados differentes traços, a cada um dos quaes corresponde uma altura do trapezio relativa á distancia a que se acha um soldado de infanteria ou cavallaria.

Um cordão de comprimento definido, preso por um dos

---

(1) Estes telemetros são chamados acusticos ou phonotelemetros; ha tambem os telemetros topographicos, de que aqui não podemos tratar.

extremos aos dentes do observador e por outro a uma lamina metallica, serve para conservar sempre o instrumento egualmente affastado do mesmo observador.

Esta estadia é até muito facil de improvisar em cartão.

2.º **Pratica.** O instructor depois de ensinar os exploradores a fazerem uso da estadia e dos telemetros, educal-os-ha na avaliação das distancias com os mesmos instrumentos, seguindo processos identicos aos já indicados.

§ 5.º

Avaliação de distancias pelo tempo gasto em as percorrer

Generalidades. Sendo a velocidade do passo ordinario de 120 passos por minuto, é facil apreciar a distancia entre dois pontos, pelo tempo gasto em a percorrer multiplicando 84 metros — que é o representativo de 120 passos — pelo numero de minutos gastos em ir d'um ponto ao outro.

§ 6.º

Avaliação de distancias segundo as indicações encontradas no terreno

Generalidades. No proprio terreno se encontram muitas vezes indicações que, bem aproveitadas, podem servir-nos para a avaliação das distancias.

Os marcos kilometricos; os espaços regulares entre as arvores que orlam as estradas; os postes do fio telegraphico, que estão geralmente distanciadas 40 metros uns dos outros, são grandes auxiliares para avaliar distancias, ou pelo menos para servirem de pontos de referencia.

§ 7.º

Avaliação de distancias por meio da carta

Generalidades. O saber avaliar distancias por meio da carta é de grande vantagem, na deffensiva, para regular o tiro. E', porém, difficil que um soldado possa desenvolver

a sua instrucção por fórma a exigir-se-lhe que saiba ler e servir-se d'uma carta para avaliar distancias; casos haverá em que isso se possa conseguir; portanto se o instructor encontrar exploradores que tenham alguma preparação, dar-lhes-ha ligeiras noções de leitura de cartas, signaes principaes em uso nas cartas etc., como preparatorio para esta instrucção. Não os havendo, que é a hypothese mais provavel, serão estas noções ministradas ao sargento que faz parte da secção dos exploradores e a alguns cabos habilitados com o 2.º curso ou que o frequentem.

Como base para a avaliação de distancias por meio da carta, torna-se necessario resolver problemas simples, como orientar uma carta; determinar sobre a carta os differentes pontos de terreno e medir distancias sobre a carta.

Dos dois primeiros já tratamos no capitulo 4.º; vamos pois indicar a maneira de medir distancias sobre a carta.

Medir distancias sobre a carta

Toma-se entre as pontas de um compasso, ou com duplo decimetro, ou até mesmo com uma tira de papel, a distancia entre os dois pontos da carta e depois por meio da escala graphica que existe em quasi todas as cartas, se determina a distancia approximada. Se a carta não tiver escala numerica, multiplica-se a distancia graphica pelo denominador da escala.

Pratica. O instructor, depois de exercitar convenientemente os graduados e alguns exploradores na resolução dos problemas expostos, obriga-os á pratica de avaliação de varias distancias até o fazerem com a maxima rapidez e precisão.

Observação. A carta tambem póde servir como grande auxiliar para a avaliação de distancias á vista.

§ 8.º

Avaliação de distancias por descargas de ensaio

Generalidades. Na presença do inimigo, podem empregar-se as descargas de ensaio para avaliar as distancias.

O inimigo aproveita antes do assalto todos os acciden-

tes do terreno para se abrigar; os seus movimentos, pela falta de fumo das polvoras modernas, só serão notados pelos avanços de abrigo para abrigo.

Para calcular as distancias por meio das descargas de ensaio, é necessario fazer as primeiras descargas com uma alça pequena, augmentando-a successivamente até que a poeira levantada pelas balas se veja na altura em que está o inimigo.

As descargas de ensaio são feitas debaixo da direcção dos officiaes que, com um binoculo, observam o ponto aonde batem as balas.

CAPITULO VI

Fogos, seu emprego e disciplina

§ 1.º

Considerações geraes

O fogo é o elemento preponderante de que a infanteria dispõe e de que tira a sua principal importancia.

Este factôr essencial, quasi despresado n'uma epocha relativamente recente, tomou nos ultimos annos um valor considerabilissimo, devido ao aperfeiçoamento das armas portateis.

Augmentando muito o seu alcance, justeza, penetração, tensão das trajectorias e rapidez de tiro, augmentou tambem a importancia da instrucção do tiro, que é, sem duvida, a mais necessaria para o infante.

Uma bôa espingarda nas mãos d'um soldado inexperiente é uma verdadeira inutilidade, podendo até mesmo constituir um perigo pelo rapido consumo de munições. E' por isso que o ensino do tiro exige muito mais cuidado e interesse do que qualquer outro.

Para que um soldado, e especialmente um explorador, tire da sua arma o maior effeito util que ser possa, não basta que dê alguns tiros antes de ser dado prompto, unicamente para cumprimento d'uma disposição regulamentar; a sua instrucção n'esta parte deve ser muito completa e dirigida methodica e progressivamente. Deve abranger o

tiro ás grandes e pequenas distancias; sobre differentes alvos, fixos e moveis; em diversas posições do atirador; em abrigos differentes; em terrenos variados e empregando as varias especies de fógos.

O alcance e precisão das novas armas tornou mais efficaz o fogo ás grandes distancias sobre columnas, baterias etc; mas, para tal efficacia ser real, deve haver uma enorme correcção nas pontarias, por isso que, quanto maiores forem as distancias, mais diminutas são as zonas perigosas e mais sensiveis e prejudiciaes as influencias dos erros de apontar.

O soldado d'infanteria deve, sobre tudo, evitar na lucta os tiros sem effeito, guardando a mais rigorosa disciplina nos fogos, e manter uma grande tranquillidade de espirito nos varios momentos do seu emprego.

Todas estas qualidades só se adquirem com o habito e com longa pratica de exercicios d'esta especialidade, nas carreiras e campos de tiro (1).

§ 2.º

Conducta e disciplina dos fogos

Exercicio theorico. — O instructor explicará nos seus pontos essenciaes, os principios e regras para o emprego dos fogos e sua disciplina, fazendo demorada referencia aos que dizem respeito á missão especial dos exploradores.

Observa:

1.º — O fogo é o elemento preponderante no combate da infanteria e a sua conducta exige o maior sangue frio e tranquillidade de espirito, habilidade na avaliação das distancias e um rapido e certeiro golpe de vista para apreciar a importancia dos differentes objectivos;

2.º — A disciplina no fogo consiste na observação rigorosa das regras e principios que dizem respeito ao emprego da arma, e no exacto cumprimento das ordens e vozes de commando;

---

(1) Entre nós infelizmente, não pode a instrucção de tiro ser completa, por falta de carreiras apropriadas ou de campos de tiro. Restringe-se apenas, geralmente, ao tiro elementar.

3.º — A efficacia dos fogos depende muito da flexibilidade que os homens hajam adquirido nos exercicios de tiro, chegando a executar os movimentos de carregar e apontar quasi machinalmente, com celeridade e segurança;

4.º — Dependendo o effeito util do fogo da infanteria da precisão e da velocidade de tiro, deve procurar-se este resultado antes na justeza do que n'uma velocidade exagerada;

5.º — Só se deverá empregar uma grande massa de fógos, n'um espaço de tempo muito limitado; quando a situação do combate o exige;

6.º — Não se deve começar o fogo senão á voz ou toque, dirigindo os tiros sobre o objectivo indicado, e terminando immediatamente, logo que o chefe o indique;

7.º — Quando se aponta, deve geralmente vizar-se o pé do alvo;

8.º — Seja qual fôr o numero dos atiradores, e seja qual fôr a habilidade das combinações do chefe que os commande, é necessario, em certos pontos e certas circumstancias, resistir até ao fim, e por necessidade, morrer-se no posto que se occupa; n'outros pontos, forçoso é marchar contra o inimigo, custe o que custar; e desalojal-o da posição (1).

9.º — A bôa adaptação do fogo ás distancias, á fórma do terreno e ás circumstancias tacticas do objectivo, constitue um factor tanto ou mais valioso do que a aptidão individual do atirador;

10.º — Os fogos podem ser feitos a *grandes, medias e pequenas distancias*. São grandes distancias as superiores a 1:200 metros; medias as comprehendidas entre 600 e 1:200 metros, e pequenas as inferiores a 600 metros.

Emprega-se o fogo a grandes distancias contra alvos de grandes dimensões: columnas de infanteria e tropas de cavallaria ou artilheria.

E' ainda efficaz o fogo a 2:000 metros contra tropas em columnas de marcha, ou em formação de concentração, e contra a artilheria em formação de combate.

---

(1) Não se julgue que a victoria se ganha d'um só golpe; o inimigo pode tambem resistir com firmeza. Algumas vezes não conseguireis bom exito nem á segunda nem á terceira investida, avançareis uma quarta vez e mais até que consigaes attingir o fim desejado (general Dragomirof).

A's distancias medias o fogo é efficaz contra alvos com a largura d'uma secção d'infanteria.

Emprega-se o fogo a pequenas distancias contra quaesquer alvos.

11.º — Os limites do emprego dos fogos depende, alem da distancia e dimensões do alvo, da maior ou menor facilidade em regular o tiro; da situação do alvo relativamente ao terreno; da aptidão do atirador; do seu estado moral e da maior ou menor quantidade de munições de que dispozer.

O demasiado consumo de munições é sempre prejudicial.

J. Gil
Capitão de infanteria

AS ESCOLAS PRATICAS
E
A INSTRUCÇÃO COMPLEMENTAR

(Continuado do n.º 1 — 5.º anno)

III

Escolas e campos no estrangeiro

Antes de proseguir no exame das nossas escolas praticas, e de assentar em quaesquer alvitres para uma possivel reformação, vamos passar uma rapida revista sobre o que a respeito do assumpto se encontra no estrangeiro.

BELGICA

Como escolas de instrucção pratica possue este paiz:

O Polygono de Brashet para a artilheria.

A Escola Pratica de Anvers para trabalhos de campanha da engenheria e outras armas.

O campo de Beverloo para escolas de applicação e aperfeiçoamento da infanteria, sendo tambem em certas epochas utilisado pelas outras armas.

Os cadetes que completam os cursos de infanteria, cavallaria, e artilheria vão em alferes fazer um periodo nas escolas praticas, campos e polygonos.

Para o ensino de esgrima e gymnastica existe uma *Escola Normal* que funcciona em Etterbech, junto á Escola Central. Os cursos de gymnastica e esgrima são frequentados por officiaes inferiores.

Como se vê, exceptuando a Escola de Esgrima, o systema e regimen das escolas praticas na Belgica são identicos aos nossos, mas como é conhecido, a Belgica está pouco nos casos de se tomar para modelo em assumptos militares.

SUISSA

Polygono de Thoune, um dos maiores que se conhecem, pois tem a superficie de 64 kilometros quadrados.

Campo de tiro federal de Sand. Campos de Franenfeld e de *Lucienteig.*

Estes campos servem para toda a instrucção militar da milicia federal, de recrutas, tiro, exercicios e manobras. Possuem casernas para alojar 36.000 homens, que tantos são as que se reunem todos os annos para um periodo de instrucção, tiro e manobras e outros trabalhos.

Alem da instrucção geral das tropas, servem os campos e polygonos tambem para instrucção especial dos quadros, a saber: Cursos de tiro para officiaes superiores e capitães de todas as armas. Cursos de tiro de artilheria, infanteria, e metralhadoras, para subalternos de todas as armas, a fim de se habilitarem a dirigir o tiro.

Experiencias de combate a varias distancias e sobre diversos alvos, a fim de deduzir as regras para o emprego dos fogos.

Exercicios de tactica de combate com fogos reaes.

Com quanto as instituições militares da Suissa sejam differentes das nossas, nem por isso deixaremos de reconhecer no seu systema de instrucção cousas bem apreciaveis. Como é conhecido, a instrucção principal dos milicianos reside no tiro, para o que existe em quasi todos os concelhos uma carreira de tiro até 300 metros.

Para a instrucção de conjuncto a vantagem dos seus campos é evidente. Compare-se apenas o seu campo de Thoune. com 64^{k2}, com os nossos campos, os quaes, todos reunidos não excederão 40^{k2}. Sob o ponto de vista da instrucção de armas combinadas e manobras, comparecem-se os recursos e meios da Suissa, permittindo reunir em campos proximos 36:000 homens, ao passo que nós não temos onde concentrar 2:000 homens, sem correr o risco de ficarem á chuva e sobre a lama. Emfim, lembraremos o systema dos exames para generaes e majores, nos arredores de Lisboa, em que as tropas executam para cada exercicio de combate que dura uma hora, marchas de 4 a 8 horas. Como economia de tempo, de uniformes e forças corporaes não é isto bem notavel?

INGLATERRA

Vamos tambem citar este paiz, embora não seja dos mais proprios para modelo, em assumptos militares. Possue:

Escola de tiro de artilheria em Schoburiness, onde funccionam cursos praticos para officiaes e sargentos do exercito activo, milicia e voluntarios.

Escola de tiro de infanteria em Hythe, com o mesmo fim da antecedente.

Campo de instrucção de Aldershot, perto de Londres, o mais importante campo para todas as armas, cuja guarnição normal é de 16.000 homens. Tem o campo 20 kilometros quadrados.

Campo de Shoruchiff com 3:000 homens de guarnição permanente.

Campos de Colchester e de Curragh, eguaes ao antecedente.

Os quatro campos encerram a quarta parte das forças inglezas estacionadas na metropole, sendo essas forças ainda reforçadas em epochas especiaes, para instrucção de tiro e outros trabalhos.

No anno de 1900 reuniram-se no campo de Aldershot uns 30:000 homens sob o commando de lord Wolseley.

Em 1899 o total das forças concentradas no campo foi de 124 batalhões de infanteria e outras forças.

Os periodos de instrucção mais intensa, são no outomno, durante quatro semanas.

ITALIA

Escola Central de Infanteria em Parma, para instrucção de tiro, gymnastica e esgrima. Ao concluir o curso theorico da Escola de Modena, os cadetes vão seguir na Escola de Parma um curso pratico de 6 mezes.

Escola pratica de Pignerol, para a cavallaria, tambem com o curso pratico de 6 mezes.

Escola pratica de Turim, para a engenheria e artilheria. Os alumnos que terminam o curso theorico seguem durante dois annos o curso de applicação.

Escola magistral de esgrima em Roma, destidada a formar instructores, recebendo cada anno 50 officiaes inferiores. O curso é de tres annos.

Polygono de Netuno, destinado ao tiro de artilheria, é frequentado em periodos de 25 dias pelas tropas e officiaes de todas os graus, consumindo cada bateria 360 a 420 projecteis, e cada metralhadora 1:000 cartuchos.

Alem do polygono de Netuno a artilheria dispõe de mais dez polygnos *mobiles* para o tiro, sendo os cursos annuaes tambem de 25 dias, e tendo logar nos mezes de julho, agosto e setembro.

AUSTRIA

Escola de gymnastica e esgrima, destinada a formar mestres d'armas. Os alumnos recrutam-se entre os sargentos com 4 annos de serviço, e alguns exames de instrucção seccundaria. Os mestres d'armas teem os graus de alferes, tenente e capitão.

Escolas regionaes, uma por cada corpo de exercito, para officiaes de todas as armas, destinadas a desenvolver-lhes os conhecimentos theoricos, indispensaveis para ascender aos graus superiores.

Os cursos comprehendem a tactica, organisação do exercito, fortificação, historia militar e estrategia. Duram seis mezes e cada escola recebe annualmente 40 tenentes.

Curso especial para capitães d'artilheria. Dura 3 mezes e funcciona em Vienna, com o fim de desenvolver os conhecimentos technicos necessarios para ascender aos postos superiores. O curso comprehende a balistica, armamento, ataque e defeza de praças.

Os capitães são no fim submettidos a um exame perante uma commissão especial.

Escola de tiro de artilheria Steinfeld. Os cursos são praticos, duram cinco semanas, e são frequentados pelos capitães que seguiram o curso especial, e pelos tenentes que seguiram o curso das escolas regionaes.

Escola central de Bruck, onde funccionam cursos de cinco semanas para tenentes e capitães, e de 6 dias para os coroneis. Constam de estudo de fogos de guerra.

Como campos modernos possue a Austria os de Voeresmar, de Bruck, Funfkirchen e de Feinitz. São destinados, como todos os campos de instrucção, á instrucção das tropas de todas as armas.

No systema de instrucção pratica de aperfeiçoamento dos quadros, na Austria, ha especialmente a notar que os cadetes que completam os cursos theoricos das diversas armas, vão para os corpos fazer um anno de serviço e depois são promovidos a alferes.

RUSSIA

Escola de cavallaria. Tem por fim formar entre os cavalleiros monitores de equitação e esgrima, e preparar os tenentes antigos para o commando de um esquadrão.

Escola de tiro para officiaes de infanteria, em S. Petersburgo. Tem por fim preparar theorica e praticamente para a posto de major, os capitães antigos do exercito activo e da reserva, ensinando-lhes a dirigir a instrucção de tiro, a conhecer o fogo de combate, as propriedades da espingarda russa, e outras experiencias especiaes que interessam à tactica e ao tiro. A escola dispõe de uma companhia de infanteria, uma commissão de estudo de armas portateis, e tem annexa uma escola de sargentos. No 3.º periodo do curso reune-se um destacamento composto de dois batalhões, um esquadrão e uma bateria. O curso dura 7 mezes, divide-se em tres periodos, sendo : 1.º periodo de tres mezes, para ensino theorico e applicações. 3.º periodo dois mezes, para tiros e exercicios praticos de campanha. 3.º periodo, 2 mezes, exercicios tacticos pelo destacamento mixto, com tiros reaes.

Durante o curso os officiaes dão provas escriptas, oraes e praticas, sendo classificados em bons, sufficientes e insufficientes, não podendo os ultimos ascender ao posto immediato.

Escola de tiro para officiaes de artilheria. Recebe tambem capitães para um curso de cinco mezes. O curso é tambem theorico e pratico.

Campos de tiro. Os principaes são os de Ochta, Krasnoe, Orany, Kiew, Nicolaiew; Fiflis, etc.

N'esses campos que são numerosos, concentram-se durante o verão para instrução as brigadas e divisões, executando exercicios de unidade e armas combinadas, e exercicios com fogos reaes.

FRANÇA

Escola pratica (application) de cavallaria de Saumur. Destina-se:

1.º A aperfeiçoar a instrucção de tenentes de todas as armas.

2.º Completar a instrucção dos alferes de cavallaria habilitados com o curso da escola especial militar. Os alferes habilitados com este curso vão fazer um anno de serviço nos corpos, e depois é que vão estar tambem um anno na escola de Saumur, sendo no fim sujeitos a um exame de sahida. Os que não satisfazem passam á reserva.

Escola pratica de artilheria e engenheria em Fontainebleau. Os alumnos da escola polytechnica entram n'esta escola, onde permanecem dois annos.

Escola normal do tiro em Chalons, destinada a formar instructores de tiro. Ha duas especies de cursos, um de cinco mezes, e outro de um mez. Os cursos são para capitães. Para estudo de fogos dispõe a escola de um destacamento de infanteria.

Curso pratico d'artilheria, em Poitiers. E' frequentado por capitães de artilheria e de cavallaria.

Escola normal de gymnastica e esgrima em Joinville-le-Pont.

1.º gymnastica :

Os cursos duram seis mezes e são frequentados por alferes, sargentos readmittidos e cabos no 1.º anno de serviço.

2.º Esgrima :

O curso dura um anno e é seguido por cabos e soldados approvados já no exame para ajudantes (prévôts) de esgrima. Cada corpo tem sempre dois prévôts.

No fim dos cursos ha exames e os alumnos approvados recebem diplomas de mestres de gymnastica, ou esgrima.

Escolas de trabalhos de campanha. Ha cinco, funccionando junto das escolas de engenheria. Teem por fim formar officiaes de infanteria para dirigir os trabalhos de sapadores. Os cursos duram um mez.

Campos de instrucção. Existe apenas um campo em boas condições, o de Chalons, com 49 kilometros de perimetro.

Além do campo de Chalons existem os de Ruchard e Valbonne. Os tiros de combate da infanteria e os fogos de artilheria são realisados n'estes campos, e ainda n'outros polygonos. A questão dos campos de instrucção é um problema a resolver, e pensa-se em crear um por cada corpo de exercito, como existem na Allemanha.

Os campos onde a infanteria realisa os tiros de combate são designados — Escolas regionaes de tiro.

ALLEMANHA

Escolas praticas em Berlim e Munich, para os officiaes de artilheria a pé e engenheria. Os cursos duram dois annos.

Escola de tiro de artilheria de campanha, em Juterberg. Dispõe de seis baterias permanentes. Ha por anno dois cursos de quatro mezes cada um, sendo seguidos por antigos e novos officiaes. Os officiaes novos, quando sahem das escolas de guerra servem dois annos nos corpos, e depois é que vão fazer o curso pratico de quatro mezes.

Batalhão de instrucção em Postdam. E' destinado a formar instructores, e forma-se com soldados e cabos habilitados a ascender aos postos de cabo e sargento. O batalhão funcciona durante dois mezes.

Commissão de experiencias de artilheria em Berlim.— Commissão de experiencias de infanteria em Spandau. Destinam-se a estudo de armas modernas, modelos, munições, explosivos, experiencias balisticas etc.

Escola de tiro de infanteria, onde tem logar por anno quatro cursos de informação e instrucção, para capitães e majores e tenentes coroneis, de todas as tropas a pé; excepto artilheria. Os cursos duram 30 a 40 dias.

Cursos praticos de tiro para sargentos. Teem logar em varios polygonos e campos,

Escolas praticas de cavallaria e infanteria. Não existem na Allemanha. Os cadetes só se podem matricular nas escolas de guerra depois de terem feito nos corpos sete mezes de serviço. Terminados os cursos de guerra são promovidos a aspirantes e vão para os corpos, onde no fim de um anno fazem um exame especial para official. Mas, o facto de ali não existirem escolas praticas, não significa que a instrucção pratica não exista, o que não ha são cursos especiaes praticos para os noveis officiaes, os quaes fazem a sua instrucção pratica nos regimentos, carreiras de tiro e campos de instrucção, conjuntamente com as praças.

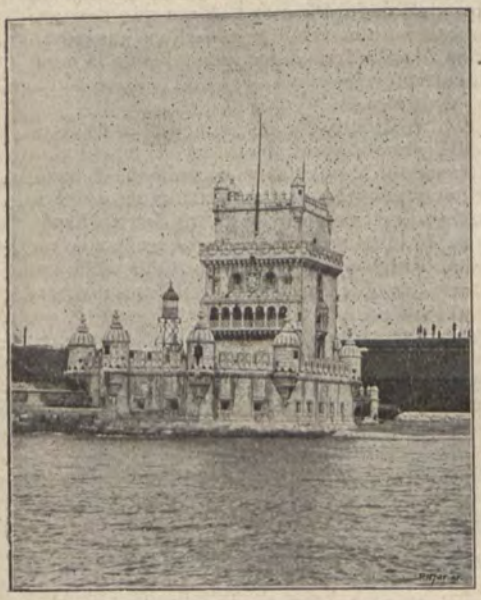
Campos de instrucção. Destinam-se aos trabalhos de campanha, tiro ao alvo da artilheria, tiros de combate de infanteria e artilheria. Em cada anno e em cada campo reune-se aproximadamente uma divisão. Os trabalhos precedem as manobras de outomno. As quantias despendidas nos ultimos vinte annos em campos ascendem a uns 30:000 contos.

Existem uns 22 campos, isto é, um por corpo de exercito. O mais pequeno tem a snperficie de 15^{k2}. O maior 65^{k2}. Superficie media 45^{k2}.

(Continúa). JULIO DE OLIVEIRA.

Monumentos militares

A Torre de Belem



Não podia deixar de figurar na collecção da nossa Revista essa preciosa joia d'arte nascida no tempo aureo das façanhas portuguezas do Oriente. Linda nas suas formas elegantissimas; agora completamente enfarruscada, a torre que sempre foi uma perola, é agora, pela proximidade da fabrica do gaz, ...uma perola n'um monturo.

Dizem que foi Garcia de Rezende o auctor da sua traça; de documento com que isso se prove, não sei. O que é facto bem averiguado é que o risco data do tempo de D. João II e que foi D. Manuel quem a mandou levantar, nomeando seu 1.º capitão a Gaspar de Paiva, em 1521.

Se como fortaleza o seu valor é nullo, como recordação historica é preciosa. Quantas vezes os ~~maiores~~ tripulantes das naus da India a olhariam saudosos ao partir?

Quantas e qnantas vezes pensariam em tornar a vel'a esses gloriosos marinheiros do seculo XVI nas suas compridas horas de perigo?

E' justo pois que tambem nós pensemos n'elles ao ver a formosa torre que os viu partir e deixemos aqu a gravura que a representa.

Manoel Roquette.
Tenente d'infant.

SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

Allemanha. —**Passagem d'um rio a nado por um regimento de infanteria.** — Ultimamente o regimento de infanteria n.º 125, em guarnição a Stutgart, passou a nado o rio Neckar, a dez kilometros d'esta cidade e n'um ponto em que o rio tem cerca de 30 metros de largura e cerca de dois e meio de profundidade. Para os homens que não sabiam nadar estenderam dois cabos de margem a margem e aos quaes se agarravam, havendo varios barcos, tripulados, por bons nadadores para acudir a qualquer accidente.

A operação effectuou-se como segue:

O regimento, com o effectivo completo, chegou ás margens do Neckar cerca das 7 horas da manhã: os soldados despiram-se immediatamente, conservando apenas as camizas, e envolveram o uniforme e equipamento dentro d'um sacco impermeavel, ao qual prenderam a arma. Feita a operação por companhias, atravessaram primeiro os bons nadadores e em seguida, á razão de 4 ao mesmo tempo, os que não sabiam nadar, agarrando-se ás cordas conforme podiam. Chegados á outra margem os homens vestiam-se immediatamente e foi-lhe logo depois fornecida uma abundante refeição. A operação terminou sem accidentes.

Estados Unidos — **Uma nova arma.** Ha perto de um anno que a *Ordenance Departement* fez experimentar uma arma que reunia as qualidades da Mauser e da Krag-Jorgensen. As experiencias foram tão satisfactorias que já foi ordenada á fabrica de Springfield a construcção de 5:000 armas d'este novo modelo, que serão distribuidas a titulo de ensaio, a alguns corpos de infanteria.

Esta arma, cuja velocidade inicial é de 700 metros, é do mesmo calibre que a Krag-Jorgensen (7,^{mm}5) e arma egualmente bayoneta. O deposito é fixado abaixo do cano.

Italia — **As tropas reaes d'Africa.** — **O giornale militare officiale**, de 18 de janeiro ultimo, contem um longo decreto relativo ás tropas reaes d'Africa, ao seu recrutamento e ás suas relações com as differentes administrações do exercito.

Os officiaes não nomeados d'ora ávante pelo ministro mediante proposta do commandante das tropas reaes d'Africa approvada pelo governador da colonia, devendo ser escolhidos d'aquelles que se offerecerem voluntariamente. Na falta de voluntarios o ministro nomeia por escala, permanecendo os obrigados nas colonias 2 annos, ao passo que os voluntarios permanecem 4 annos.

Os soldados são recrutados de 3 maneiras. Primeiro d'entre aquelles que se offereceram voluntariamente; em segundo logar d'entre aquelles que já completaram o serviço e se offereceram voluntariamente com tanto que não tenham mais de 32 annos de serviço; e em terceiro logar d'entre os italianos residentes nas colonias. Deverão servir 3 annos os que forem alistados nos carabineiros reaes e 2 annos todos os mais.

BIBLIOGRAPHIA

Revista da Administração Militar.

Temos sobre a nossa meza de trabalho os tres primeiros numeros da *Revista da Administração Militar* que no mez de janeiro viu a luz da publicidade sob a direcção do distincto tenente coronel da administração militar, sr. Alfredo A. Lopes Macedo.

E' mais uma publicação que vem honrar o nosso exercito, com o que temos verdadeiro prazer.

Apresentando-se com um formato elegantc e com uma collaboração variada deve ter um futuro largo e prospero, o que devéras lhe apetecemos.

Guia pratica para uso do official de infanteria em campanha (continuação), pelo dr. João d'Almeida, tenente de infanteria.

E' a segunda vez que temos o prazer de nos referirmos n'este logar ao nosso prezado amigo e distinctissimo camarada, dr. João d'Almeida. Tão intelligente como trabalhador, verdadeiramente incançavel, este nosso amigo e camarada acaba de publicar a segunda parte da sua *Guia Pratica*, trabalho já bem conhecido e apreciado no nosso meio militar pelo methodo com que foi elaborado e pela clareza e concisão com que está escripto.

Esta segunda parte completa a primeira e preenche as lacunas que faltavam, as quaes muitas vezes nos causavam serios embaraços e que hoje, com este livro, desapparecem por completo.

Para o provar e para que ninguem possa duvidar das nossas palavras basta indicar os capitulos d'esta segunda parte, que são:

1.º *Topographia* figurado e formas do terreno, copia de cartas, orientação, planimetria, nivelamento e levantamentos expedictos; 2.º *Tiro*, justeza e efficacia do tiro, causas de desvio, tensão e razança, apreciação dos fogos, tiro indirecto, applicação do tiro, dados da espingarda; 3.º *Do combate*, disposições geraes, disciplina no combate, disposições a observar depois do combate, combate de esquadra, companhia e batalhão, combates de noite e combate de regimento; 4.º *Justiça militar*, regulamento disciplinar, codigo e regulamento; 5.º *Direito* em tempo de guerra.

N'estas 5 partes, tratadas com desenvolvimento, encontraremos tudo sobre o assumpto que nos faz falta em campanha. Traz finalmente um *Appendice* onde encontramos dados importantes de que se precisa quotidianamente, taes como regras, dados e formulas de arithmetica, geometria e algebra, proporções, progressões, regra de tres, de juros, companhia, cambio e liga e finalmente as indicações necessarias para o serviço de destacamentos e diligencias.

Felicitando o nosso distincto camarada e prezado amigo agradecemos-lhe cordealmente a sua offerta e a gentileza da sua dedicatoria, que devéras nos captiva.

Indice alphabetico dos assumptos, de que trata o «Regulamento dos serviços do recrutamento do exercito e da armada», decretado em 24 de dezembro de 1901, com indicação dos respectivos artigos e paragraphos

Addiamento:

Casos em que o alistamento pode ser addiado — Art. 135.º
Sua duração — § 1.º e 2.º do art. 135.º
Documentos com que devem ser instruidas as petições — Art. 136.º e 137.º
Quando pedido entre irmãos, qual d'estes deve ser addiado — § unico do art. 136.º
Dos mancebos que tiverem concluido o curso theologico — § unico do art. 137.º
Como devem ser feitas as petições, e a quem apresentadas — Art. 138.º
Tramites das petições e resolução d'estas — § unico do art. 138.º

Alistamento:

Occasião em que deve realisar-se, e seu averbamento — Art. 105.º e seu § unico, e art. 106.º
Dos remidos que residirem em paiz estrangeiro ou nas provincias ultramarinas — Art. 117.º e seu § unico, art. 118.º, e art. 119.º e seus §§ 1.º, 2.º, 3.º e 5.º

Alojamento:

Prescripções que, sob o ponto de vista de alojamento, devem ser observadas pelos commandantes dos districtos e membros da junta de recrutamento — Art. 195.º e seus §§.

Alumnos de engenheria civil:

Procedimento a haver com os que frequentarem esse curso na escola do exercito, e aos quaes pertença o serviço nas unidades activas — § 6.º do art. 194.º

Alumnos das escolas superiores:

Circumstancias em que podem ser transferidos para a 2.ª reserva, quando tenham sido destinados ao serviço activo do exercito — Art. 194.º e seus §§ 1.º e 4.º
Circumstancias em que lhes pode ser concedida licença registada, por quem, e caso em que o tempo d'essa licença lhes não é contado — §§ 2.º e 3.º do art. 194.º

Amparo:

Condições em que, com tal motivo, pode ser concedida dispensa do serviço activo e do da 1.ª reserva, e periodo minimo de serviço effectivo, a que são obrigados os individuos em taes circumstancias — Art. 143.º e seus §§ 1.º e 2.º
Por quem pode ser requerido, e a quem aproveita a concessão — § 3.º do art. 143.º
Documentos com que deve ser instruida a respectiva petição — Art. 144.º e seus §§.
Casos em que pode ser retirada a concessão, e procedimento a seguir — Art. 145.º e seu § unico.

A quem, e até que dia, devem ser apresentadas as petições — Art. 146.°
Arma a que devem ser destinados os mancebos que o solicitarem, e condição a exigir aos que já estejam encorporados em unidades activas — §§ 1.° e 2.° do art. 146.°

Anticipação de alistamento:

Em que condições é permittida — § 1.° do art. 13.°

Aptidão para o serviço militar:

Por quem deve ser avaliada a dos voluntarios, substitutos, compellidos e readmittidos — Art. 73.°.

Atiradores de 1.ª classe:

Condições em que podem ser transferidos para a 2.ª reserva — Art. 147.°
Documentos com que deve ser instruida a petição de transferencia para a 2.ª reserva — § unico do art. 147.°
A quem deve ser entregue a petição de transferencia para a 2.ª reserva, e epocha da sua resolução — Art. 148.° e seu § unico.

Baixa do serviço:

Circumstancias, que podem alterar a data, em que deveria ser conferida — Art. 9.° e seus §§.
Por incapacidade phisica — Art. 11.°

Classificação para as differentes armas e serviços:

Regras a observar — Art. 97.° e seus §§

Commissão militar de recrutamento:

Fim para que é instituida — Art. 16.°
Sua composição — § 1.° do art. 16.°
Substituição dos seus membros — § 2.° do art. 16.°
Onde funcciona — § 3.° do art. 16.°
Sua competencia — Art. 17.°
Seu funccionamento — §§ 1.° a 6.° do art. 17.°

Commissões de recenseamento:

Sua composição — Art. 18.°
Substituição dos seus membros — §§ 1.° a 6.° do art. 18.°
Individuos que não podem ser nomeados vogaes — Art. 19.° e seu § unico.
Individuos que podem escusar-se a ser vogaes — Art. 20.°
Communicações ácerca da nomeação dos seus vogaes — Art. 21.°
Reclamações ácerca da nomeação dos seus vogaes — § unico do art. 21.°
Condições geraes do seu serviço, e juramento dos seus vogaes — Art. 22.°
Seus secretarios — § 1.° do art. 22.°
Onde funccionam, e epocha das suas sessões — § 2.° do art. 22.°
Empregados que auxiliam os seus trabalhos — § 3.° do art. 22.°
Seus deveres e direitos — Art. 23.° e seu § unico.
Seu funccionamento — Art. 24.°
Faltas e impedimentos dos seus vogaes — § 1.° do art. 24.°
Deveres dos seus secretarios — § 2.° do art. 24.°

Compellidos:

Individuos que devem ser compellidos ao serviço activo — Art. 180.°

Concessão de fiança para provarem que são indevidamente obrigados ao serviço activo — §§ 1.º e 2.º do art. 180.º
Deveres das auctoridades administrativas, policiaes e militares com respeito aos individuos, que forem encontrados sem a competente resalva — Art. 181.º e seu § unico.
Caso em que lhes deve ser alterada a qualificação de praça—Art. 182.º

Contingente annual:

A quem compete a sua fixação — Art. 50.º e seu § unico.
Agrupamentos sobre que deve fazer-se a sua distribuição — Art. 51.º
A quem compete a sua distribuição, e elementos para esta — Art. 52.º e seus §§ 1.º a 3.º
Até que data deve ser publicada a sua distribuição — §§ 4.º e 5.º do art. 52.º
Sua divisão pelos concelhos e freguezias — Art. 53.º
Formula para achar o contingente, que deve pertencer a cada agrupamento — Art. 54.º e seus §§.
Regras a que deve obedecer a distribuição dos contingentes em cada concelho — Art. 55.º
Publicação da distribuição do contingente — Art. 56.º e seus §§.
Copias da distribuição do contingente; a quem se enviam — Art. 57.º e seu § unico.
Seu preenchimento — Art. 110.º, art. 111.º e seu § unico, e art. 112.º
Excesso do contingente — Art. 113.º
Transferencias para a 2.ª reserva por excesso do contingente — Art. 123.º

Despesas com o recrutamento:

A quem competem — Art. 201.º

Distribuição de recrutas:

Por quem deve ser feita — Art. 107.º
Condições a attender n'essa distribuição pelas differentes armas e serviços — Art. 108.º e seus §§.
Opção pelo serviço naval dos mancebos destinados ao serviço activo do exercito ou á 2.ª reserva — Art. 109.º e seus §§.

Empregos publicos:

Documentos que, sob o ponto de vista do recrutamento, devem apresentar os que pretenderem ser n'elles providos — Art. 192.º

Encorporação:

Em que periodo deve realisar-se a do contingente activo e a dos remidos — Art. 114.º e seu § unico:
Guias de marcha dos recrutas destinados ao serviço activo — Art. 115.º e seus §§ 1.º, 2.º, e 5.º
Verificação da identidade dos recrutas — § 3.º do art. 115.º
Dispensa de apresentação dos mancebos destinados á 2.ª reserva— § 4.º do art. 115.º
Mancebos inspeccionados no Ultramar, que não desejem regressar ao reino — Art. 116.º
Remidos que prestaram juramento em paiz estrangeiro ou nas provincias ultramarinas — § 4.º do art. 119.º

Destino a dar aos recrutas, que não se encorporarem nas respectivas unidades até 31 de dezembro — Art. 120.º e seus §§. (*a*)
Abonos aos recrutas, destinados ao serviço activo — Art. 121.º
Communicações que teem a fazer os commandantes do corpo de marinheiros e dos corpos do exercito — Art. 122.º

Estatistica:

Communicações de interesse para a estatistica, que devem ser feitas pelos commandantes das unidades activas — § unico do art. 202.º
Mappas estatisticos, elaborados na secretaria da guerra — § unico do art. 203.º

Exclusão do serviço:

Quaes os individuos que são excluidos de todo o serviço militar — Art. 139.º
Documentos que devem instruir as petições — Art. 140.º
Quando podem ser apresentadas as petições — Art. 141.º
Quem, e em que circumstancias, pode reclamar contra a exclusão — Art. 142.º

Força militar:

Sua composição — Art. 3.º

Guardas municipal e fiscal:

Contingente annual — Art. 14.º e seu § 1.º
Onde completam o serviço activo as praças transferidas para as mesmas guardas — § 2.º do art. 14.º

Informações sobre assumptos de recrutamento:

A quem pertence a obrigação de prestal-as — Art. 196.º e 197.º

Inspecção sanitaria:

Junta de recrutamento, e junta hospitalar — Art. 72.º
Observações dos recrutas apurados condicionalmente — § unico do art. 72.º
Prohibição de passagem de attestados — § unico do art. 73.º
Prohibição de juntas extraordinarias — Art. 74.º
Inspecção dos mancebos fóra do districto de recrutamento e reserva, em que foram recenseados — Art. 78.º e seus §§.
Encorporação na arma de infanteria, independentemente da inspecção, dos mancebos que não comparecerem perante a junta de recrutamento — Sua transferencia para outras armas e serviços — Art. 79.º e seu § unico. (*b*)

Inspecções no Ultramar:

Condições em que podem effectuar-se, e procedimento a seguir — Art 90.º e seus §§.
Por quem podem ser requeridas, e a quem devem ser entregues os requerimentos — Art. 91.º
Competencia das juntas militares de saude — Art. 92.º
Caso em que não são validas — Art. 93.º

(Continúa).

(*a*) Circular do ministerio da guerra de 27 de jan. 1902.
(*b*) Circulares do ministerio da guerra de 21 e 30 de jan. 1902.

5.º Anno Maio de 1902 N.º 5

REVISTA DE INFANTERIA

METRALHADORAS

Agora que foram adoptadas no nosso exercito essas poderosas machinas de guerra, não deve deixar de merecer a attenção dos nossos camaradas — que nem todos terão á mão as revistas militares estrangeiras—algumas notas sobre ellas colligidas, ou ainda quaesquer esclarecimentos que possamos obter sobre os ultimos modelos d'estas armas.

Sabido é que a apparição de uma arma, disparando uns poucos de tiros ao mesmo tempo, data da campanha do Schleswig-Holstein em 1864; chamavam-lhe então o canhão orgão, *espignol* ou melhor ainda *espigole*.

Depois, e na guerra civil da America do Norte, Gattling apresentou uma metralhadora de pequeno calibre, de um só cano, e podendo disparar tiro, a tiro, ou por série ininterrupta.

A primeira d'estas armas era formada por um feixe de canos de espingarda reunidos por meio de uma cinta de bronze.

A segunda tinha, como já dissemos, um só cano no qual

davam entrada successivamente os cartuchos. Aquella dava uma salva, esta uma série de tiros.

E, se nos demoramos no exame das condicções geraes d'estas duas armas, vêmos que ellas são as origens de dois ramos differentes da mesma familia, que—embora unidos por esse traço commum — a repetição mais ou menos rapida do tiro,—se afastam essencialmente quanto á forma da realisação, podendo bem dizer-se que as metralhadoras se dividem em: metralhadoras de um só cano e metralhadoras de muitos canos.

Era d'estas ultimas a metralhadora franceza de 1867, que tão mal figurou na guerra franco-prussiana de 1870. Tinha 25 canos de calibre 13. Não deu mais que 3 a 5 salvas por minuto, ou sejam 75 a 125 tiros.

Seguiu-se-lhe a Montigny-Christoph com 37 canos dando 8 salvas no mesmo tempo, e appareceu depois uma austriaca com egual numero de canos, mas dando n'aquelle tempo 13 salvas, ou sejam 481 tiros.

Finalmente, por transformações successivas a metralhadora de mutiplices canos tem chegado aos nossos dias em modelos perfeitissimos, que não nos podem todavia interessar tanto quanto os da sua affin de um só cano que, muitissimo mais leve, mais chama naturalmente as nossas attenções. Um dos exemplares mais perfeitos da metralhadora moderna é a Hotchkiss, modelo 1902, que a gravura representa, e da qual vamos procurar dar uma ideia aos nossos camaradas, que ainda a não conheçam.

A metralhadora compõe-se essencialmente de um cano unico atarrachado em uma caixa de culatra, que encerra o mechanismo. O cano não differe de um cano de espingarda ordinaria a não ser pela maior espessura, que lhe permitte resistir melhor ás vibrações e ao aquecimento devido á repetição do tiro. Para baixo e parallelamente ao cano—com o qual communica por um orificio para a passagem de gazes—, acha-se um cylindro, que encerra um embolo no qual estão cavados entalhes destinados a accionarem os mechanismos da culatra e da alimentação. Uma mola em espiral enche o tubo, obrigando o embolo a occupar o extremo do cylindro mais proximo da bocca da arma.

Dado o primeiro tiro. uma parte dos gazes da polvora entra pelo orificio, que encontra na parede inferior, e vae obrigar o embolo a vir com força á retaguarda; n'esta occasião os entalhes actuando sobre varias peças do mechanismo fazem com que estas levem outro cartucho á ca-

mara, e armam o cão no dente ou espera do gatilho. Escusado será dizer que, se o atirador tiver o gatilho comprimido, o embolo não encontra o dente, e o cão precutirá immediatamente.

Na gravura, reproduzida do proprio folheto da casa constructora, ainda se notam cinco corôas circulares, que enfiam e soldam no cano, e que têem unicamente por fim favorecer a irradiação calorifica pelo augmento de superficie, o tripé de apoio, o banco para o atirador, e mal se vê uma coronha que apoia no hombro direito.

Metralhadora automatica Hotchkiss m/1902
(reproducção de uma gravura que acompanha um folheto da casa constructora)

Os cartuchos podem ser levados á arma, ou em tiras flexiveis, como a que se vê na gravura, ou em carregadores rigidos.

As tiras flexiveis são formadas por uma série d'elementos de aço ligados uns aos outros, os cartuchos ficam muito proximos, e tanto que a tira comportando 250 cartuchos não excede em media o comprimento de 367 centimetros.

Os carregadores rigidos são de latão, em geral de 30

cartuchos, e o carregador não tem em média mais de 38 centimetros de comprimento.

A velocidade em tiro automatico pode attingir 500 a 600 tiros por minuto.

O peso total da arma sem tripé é de 24 kilos. São 27 as peças principaes da arma, tendo um unico roscado, que é o do cano á caixa da culatra, podendo portanto dizer-se que não tem parafuso algum.

A resistencia do cano é admiravel. Um distinctissimo official de artilharia ainda ha pouco nos contou que tendo assistido na casa constructora a uma série de 1:500 tiros, finda ella, foi serrado longitudinalmente o cano, achando-se as estrias em perfeito estado.

A metralhadora pode ser transportada a dorso de muar, ou em reparo, tendo n'este caso cofre de munições no armão.

Muitos mais dados poderiamos extrair do folheto da casa constructora, mas cremos que estes bastam para dar, aos que ainda a não conheçam, uma ideia succinta d'este modelo. No proximo numero trataremos da metralhadora Bergmann.

M. Roquette.
Tenente d'infanteria.

A instrucção e os effectivos

A guerra moderna faz-se com grandes effectivos e solidamente instruidos segundo as suas especialidades.

Por mais poderosas que sejam as nações e maiores os seus effectivos de paz, não se approximam dos de guerra, d'onde resulta a necessidade de, em certa epocha do anno, serem reforçados convenientemente com reservistas, afim d'estes estarem sempre promptos á primeira voz para entrarem em campanha.

A pratica tem reconhecido a necessidade de simplificar todos os processos d'instrucção militar, ensinando-se unicamente o que é preciso, mas por forma tal que haja a convicção que o soldado saiba e comprehenda bem a sua alta e nobre missão. Para que elle a possa bem comprehender é necessario que saiba lêr, o que no nosso paiz infelizmente poucos sabem, apezar das escolas primarias espalhadas por quasi todas as localidades. Pelo menos, os contingentes que vem para a arma d'infanteria na sua grande maioria são compostos de individuos analphabetos, o que fórça a haver escolas nos diversos regimentos, que infelizmente não produzem o resultado que era para desejar, embora os professores se dediquem com zelo e boa vontade, porque a capacidade das aulas, o grande numero de discipulos e os diversos afazeres, impedem que esta parte primordial da instrucção militar se possa ministrar com regularidade.

Parece, portanto, conveniente que se estude a forma das escolas do 1.º curso produzirem o que as civis não produzem, isto é, que os contingentes militares sejam todos ensinados a lêr, escrever e contar. Será possivel? Hoje, o soldado em instrucção tem uma theoria feita no quartel da companhia, alem das outras duas instrucções militares diarias. A theoria da companhia, sem perder o seu caracter militar, podia satisfazer ao duplo fim: — ensino primario e militar. Para satisfazer ao ensino primario basta que ás companhias sejam distribuidos por conta das escolas regimentaes quadros e selectas para por elles se ensinar a lêr, escrever e contar, sendo a materia d'esses quadros egual á que se ministra actualmente nas theorias.

Os professores seriam os officiaes e mais graduados das companhias.

Para complemento d'esta escola, haveria outra em cada regimento, regida pelo professor do 2.º anno, em que se completaria a instrucção profissional para cabos, e se habilitariam estes para 2.os sargentos.

Pela forma proposta, parece-nos que sem augmento de horas de trabalho para os officiaes, graduados e soldados, a instrucção melhoraria immenso.

Não basta a escola para que a instrucção fique boa. E' necessario simplificarem-se e harmonisarem-se os regulamentos militares na parte que diz respeito a instrucção, escripturação e administração, tanto de companhia, batalhão e conselho, para que os officiaes e sargentos se pos-

sam dedicar ao ensino. Temos tido uma orientação errada sobre escripturação, fazendo-se d'este ramo de serviço uma sciencia de papelada, a ponto tal que, quando um regimento entra em manobras, os quinze dias seguintes são precisos para se pôr em dia a escripturação. Leves modificações apparentes nos nossos regulamentos, simplificando-os, seria o bastante para haver já tempo sufficiente para o trabalho d'estudo.

Uma orientação dada ao sargento, para que elle satisfaça ao seu fim, parece ser urgente. O sargento hoje é o homem da papelada; não o deve ser, o que elle deve ser é um coadjuvante do official, e prompto a substituil-o em muitas circumstancias.

Para que o sargento possa ser o que deve ser, é necessario que seja convenientemente preparado para esse fim, o que hoje não é. Temos sargentos muito illustrados, com variados cursos, mas instrucção profissional pratica quasi que nenhuma. E' uma questão de programmas, o programma pratico é muito superior ao theorico. E' conveniente que o sargento saiba muito, mas que tenha perfeito conhecimento das suas funcções e das do posto immediato. Um sargento fóra d'estas condições póde ser um explendido amanuense, um bom empregado publico, mas um mau militar. O que se diz com respeito aos sargentos, applica-se aos officiaes.

O commando deve ser responsavel pela instrucção, exigindo-se-lhe que a ministre de modo que as tropas que lhe estão confiadas estejam aptas sempre a bem se saberem desempenhar da sua missão. Para que o commando possa responder é necessario que tenha latitude e que as peias que actualmente alguns regulamentos lhe põem desappareçam, assim, por exemplo, os periodos de instrucção fixos.

O ministerio da guerra fixa ao commando o numero de praças de pret com vencimento durante o anno, assim por exemplo, 490. O commandante vendo que 490×365 é egual a 178:850, numero de homens que podem ter vencimento, divide a instrucção de forma que em certas epochas do anno o numero de praças seja muito menor do que o fixado, para elevar este numero em epochas proprias para que a instrucção tenha o maximo desenvolvimento compativel com os recursos orçamentaes.

Todas as praças em diversas situações fóra do regimento, com excepção d'aquellas em serviço nos quarteis gene-

raes, deviam ser consideradas para todos os effeitos como de licença registada; os vencimentos d'estas praças seriam abonados pelo ministerio onde prestassem serviço, mesmo eventual, e respectivos estabelecimentos, taes como R. C. Militar, E. do Exercito, tribunaes militares, etc.; todos estes estabelecimentos tem dotação propria, e é com elles que devem viver, e não á custa dos outros, e com grave prejuizo para o serviço da patria. Hoje, e n'um paiz como o nosso, com poucos recursos, é um crime de leza-nação o afastamento dos soldados do serviço de fileira, seja porque motivo fôr.

E' necessario que nos convençamos d'uma vez para sempre que quem não estiver apto para entrar em campanha, não é durante o tempo d'esta que se instrue, e é facil prevêr quaes as consequencias.

X. X.

AS ESCOLAS PRATICAS

E

A INSTRUCÇÃO COMPLEMENTAR

(Continuado do n.º 4 — 5.º anno

IV

Campos de intrucção

Os campos de instrucção teem a mais intima affinidade com os antigos *campos de manobras*, dos quaes provem por expansão, ou evolução adaptada ás necessidades da instrucção, necessidades que por sua vez se filiam no armamento e modernas ideias tacticas.

Por isso, os campos de instrucção teem, como os de manobras, um terreno para exercicios tacticos e para o tiro, quarteis improvisados, casernas ou barracas. O terreno para o tiro é nos actuaes campos muito mais extenso, já pelo alcance das armas modernas, já pela innovação dos exercicios com fogos reaes e tiros de combate.

Na creação d'estes modernos e efficazes meios de instrucção teem-se

distingnido principalmente a Allemanha e a Russia, possuindo a primeira d'estas nações 22 campos, e a segunda 74. A França, embora caminhe tambem na vanguarda dos aperfeiçoamentos militares, a respeito de campos está muito atrazada, e a razão explica-se em parte.

O campo de Chalons, um dos mais antigos e extensos, tornou-se famoso e modelo durante o 2.º imperio, e n'elle se realisaram as manobras mais importantes, em que tomaram parte forças numerosas. Como a guerra de 1870 não consagrou com a victoria o valor d'essas manobras, seguiu-se um largo periodo em que na França os campos de manobras estiveram desacreditados. As manobras n'elles realisadas reputavam-se inferiores ás realisadas em terrenos variados, desconhecidos e extensos, e chamavam-lhes manobras de taboleiro.

Por seu lado a Allemanha, antes de 1870, manobrava apenas com pequenos destacamentos em terrenos variados; porém, depressa se convenceu, talvez em virtude da mesma guerra, que as grandes manobras são necessarias para experimentar e adextrar os altos commandos, e que os campos de instrucção são precisos para completar a instrucção dos quadros e das unidades até á divisão.

Em harmonia com esta concepção começou primeiramente a fazer exercicios de conjuncto e tiros de combate, por destacamentos mixtos, em terrenos eventuaes. Taes exercicios foram regulados pela ordem do Gabinete, de 20 de março de 1877, nos termos seguintes: «O fim d'estes exercicios é dar ás tropas que teem nos arrredores das guarnições poucos recursos, a possibilidade de se instruirem nos exercicios de campanha e de combate. As tropas sahem dos seus quarteis durante o periodo de exercicios e são acantonadas ou em bivaque.»

Este systema originava grandes incommodos, despezas com indemnisações, e só permittia os tiros em condições assaz apertadas.

Em consequencia veiu a ideia de resolver o problema pela creação de campos de instrucção permanentes. Em 1883 foram votados os primeiros creditos para alargar alguns existentes e crear outros. Os polygonos para a artilheria foram tambem alargados e augmentados em numero, de modo a haver um polygono para tres regimentos. Para o tiro ao alvo, n'uma só direcção, os polygonos deviam ter 7 kilometros por 2 de largura.

Até 1889 o total das quantias gastas com os campos e polygonos era de 25 milhões de francos.

A partir de 1891 o assumpto recebe novo e grande impulso, e até 1898 sobem a 104 milhões de francos as quantias votadas e applicadas á acquisição de novos campos e alargamento dos antigos. Em geral procuram-se os terrenos baratos e incultos, mas como ha outras circumstancias a attender, ás vezes expropriam-se povoações inteiras e seus arrabaldes.

A extensão de 7 kil. por 2, que ao principio se julgou ser sufficiente, depressa se reconheceu ser insufficiente, pois se accentou que os polygonos devem permittir o tiro em varias direcções, e que os campos devem em geral permittir não só o tiro de combate da infanteria, mas tambem o da artilheria. Segundo esta concepção, pela qual os campos são utilisaveis para a instrucção e tiro de todas as armas, muitos polygonos foram transformados e classificados em campos, e a superficie normal dos campos foi fixada em 56 kilometros quadrados.

As condições geraes da organisação dos campos são as seguintes:

a) Ficarem perto de um caminho de ferro, ou ligarem-se a elle por um ramal particular, de via reduzida;

b) Possuir aquartelamentos, casas e barracas para alojar uma di-

visão no maximo effectivo do pé de paz. A divisão é composta de tropas de todas as armas. As barracas são provisorias, de madeira, de $24^m \times 6^m$ e $3^m,50$ de altura.

c) O terreno do campo deve ser ondulado, com monticulos, ravinas e pequenos bosques, para offerecer as condicções de um campo de batalha e permittir as surprezas.

d) Nos campos não se fazem terraplenagens, nem se levantam signaes que indiquem as distancias.

e) As escavações feitas para fortificação, trabalhos de campanha ou outros, são promptamente arrasadas e cobertas de relva.

f) Devem tambem ter enfermarias, agua abundante, etc.

Os campos e polygonos estão sob a alta direcção dos commandantes dos corpos do exercito, e teem como pessoal permanente.

1.º Um commandante, official general ou coronel reformado.

2.º Um official de administração, um caserneiro e um secretario.

3.º Um grupo de artifices.

4.º Um destacamento de infanteria para policia e fachina.

5.º Um destacamento de artilheria para construcção e entretenimento do material de tiro.

Os campos são destinados á instrucção de todas as armas, e os polygonos de artilheria servem em primeiro logar á instrucção da artilheria, mas, na medi la do possivel, devem ser tambem utilisados pelas outras armas.

As tropas de infanteria que não poderam effectuar nas suas guarnições os tiros individuaes e de esquadra, de combate, ou em condições identicas ás da guerra, deverão executar esses exercicios nos campos ou polygonos, em primeiro logar.

Além do tiro e exercicios de campanha, devem-se executar nos campos exercicios de regimento e brigada, manobrando como na presença do inimigo.

A progressão dos trabalhos é a seguinte:

a) Na infanteria e cavallaria.

1.º Tiros de combate do pelotão e companhia.

2.º Concursos de tiro individual e collectivo em terreno variado.

3.º Exercicios de regimento e de brigada.

4.º Exercicios de armas combinadas.

b) Na artilheria

1.º Exercicios e tiros de combate para as unidades.

2.º Evoluções de regimento e brigada.

O coroamento da instrucção consiste nos exercicios de campanha e combate por armas combinadas, empregando o cartucho de guerra, ou tiro real. A collocação dos alvos e a conducta das tropas faz-se segundo um thema tactico, nas condições mais verosimeis.

Como exercicio especial, realisa-se o ataque de linhas de entrincheiramentos, por tropas de todas as armas, empregando tambem fogos reaes.

(Continúa).

JULIO DE OLIVEIRA.
Tenente de inf.ª

No Sul da Africa

Continuação da **Batalha de Paardeberg**

N'esta situação tornava-se imminente uma batalha. Cronge, ou porque ignorasse as posições que os inglezes occupavam, ou porque entendesse que não teriam forças sufficientes para lhe impedir a sua marcha sobre Bloemfontein, mandou, na noute de 17 para 18, guarnecer a margem Norte do Modder para ter segura a passagem no dia seguinte no vau de Wolverskraal. Os boers que ahi foram collocados logo de manhã fizeram fogo sobre a infanteria montada que occupava a margem Sul, que immediatamente abriu fogo contra elles e que os fez recuar uns 400 metros acima do vau de Paardeberg.

A 6.ª divisão (1), Kelly-Kenny, accordada pela fusilaria, foi logo em auxilio da infanteria montada, marchando na direcção do vau de Paardeberg; mas Kitchener, reconhecendo que a posição principal dos boers era em Wolverskraal, mais a nordeste, fez-lhe mudar de direcção para marchar sobre este ultimo ponto, marchando á direita a brigada Stephenson e á esquerda a brigada Knox.

Quando estas brigadas chegaram perto da margem Sul,

(1) No mappa onde se lê — 7.ª *divisão*—deve ler-se—*6.ª divisão.*

a divisão Kelly-Kenny occupava toda a extensão sudoeste do *circulo de ferro* que se ia formar, pois que tinha os *Welshs* e *Essex* na margem Sul desde o cotovello que o rio forma, e que se vê no mappa junto, á esquerda os *Yorks*, a seguir toda a brigada Knox e mais para sudoeste a brigada dos *Hyghlanders*.

Logo que estes dispositivos foram tomados, as tres brigadas pozeram-se novamente em marcha, apoiadas por 3 baterias, sendo uma de obuses, e por um peça de marinha, que tomaram posição a 1:400 e 1800 metros.

Emquanto estas duas brigadas se batiam da margem Sul do Modder com os boers que occupavam a margem Norte, a brigada Dorrien, deixando um batalhão em reserva, attravessou o Modder, no vau de Paardeberg. Seguindo a margem Norte n'uma extensão de 1:600 metros, bateu efficazmente de flanco os boers que guarneciam esta margem mas não podendo continuar a avançar na mesma direcção pelo facto de o não permittir o terreno e o fogo, fez uma conversão á esquerda, na direcção nordeste, e desenvolveu por fim novamente em linha na direcção Este, ficando os *Stropshires* á direita, o batalhão do Canadá ao centro e os *Gordons* á esquerda apoiados pela 82.ª bateria, batendo-se então, qualquer d'estas unidades, com uma bravura que foi muito elogiada pelos generaes inglezes. Devido a esta evolução os boers ficaram envolvidos tambem pelo Oeste, mas ás 3 horas, não os deixando avançar mais o fogo intenso dos boers, o general Colville reforçou esta brigada com tres companhias e meia dos *Cornwalls*, que entraram em combate com uma tal impetuosidade que atravessaram a linha de combate e tentaram mesmo escalar as posições boers, mas apezar do seu impeto temerario e da sua bravura, que excedeu toda a espectativa e que foi o episodio mais brilhante do dia, apenas poderam chegar a 350 metros das posições alliadas.

A's 11 horas rompeu o fogo a artilheria, que foi a principio muito incerto, chegando mesmo a cahir algumas granadas na brigada dos *Hyghlanders*, mas regulado elle fez grandes estragos no *laager* e, devido ao seu apoio, a infanteria já empenhada póde avançar mais, apertando o *circulo de ferro*.

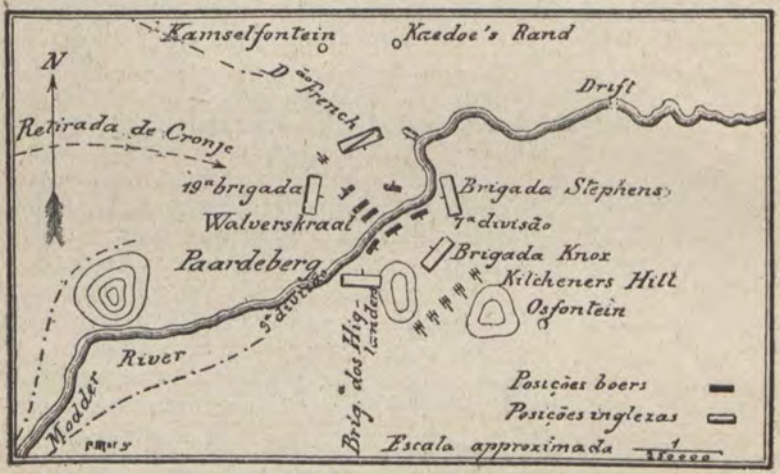
Pelo que fica dito se vê que os boers já estavam cercados pelo Sul e Oeste. Pelo Norte, como já deixámos dito, tambem já estavam cercados pela cavallaria de French, que á pressa e com a velocidade do raio tinha vindo de

Kimberley, depois de ter effectuado o famoso *raid* sobre esta cidade.

Vamos finalmente ver como foram cercadas pelo Este.

A infanteria montada, que occupava um *copje* ao Sul do vau de Koodoes Rand, atravessou o Modder cêrca do meio dia e avançou pela margem Norte, na direção Oeste, durante algum tempo. Esta infanteria foi recebida com um fogo intenso e teria de retirar se ahi pela uma hora da tarde os *Welshs* e os *Essex* da brigada Stephenson não atravessassem o rio no mesmo ponto e não viessem em seu auxilio, o que fizeram com grandes difficuldades e o que lhe acarretou grandes perdas, mas devido a este reforço a infanteria montada pôde conservar-se e completar-se *o circulo de ferro* do lado Este.

Emquanto a brigada Stephenson ia em soccorro da in-



fanteria montada, a brigada dos *Hyghlanders* tentou avançar até mesmo á margem do Modder, o que só conseguiu depois de uma hora de combate, ás 2 horas, atravessando-o depois algumas companhias, não o podendo fazer as outras, principalmente as que estavam juntas ao cotovello, porque os boers só á noite é que retiraram e se recolheram ao *laager*.

N'estas condicções, os alliados estavam cercados por todos os lados e se o *circulo de ferro* se não apertou mais n'este dia 18 é porque o seu tiro certeiro, justo, preciso e intenso o não permittia.

*
* *

Depois de darmos uma idéa das operações inglezas vamos ver agora o que fazia Cronge, que a cada momento via fugir-lhe a esperança de salvar a capital do seu querido Estado Livre d'Orange para dar logar a uma desillusão, a um triste desengano, que dias depois se converteu n'uma dura realidade.

Só ao fim do dia 18, depois d'um dia inteiro de lucta, precedida de varios dias de fadigosas marchas, é que Cronge percebeu a situação verdadeiramente critica em que se encontrava, pois que, apertando-se cada vez mais o *circulo de ferro* formado pelas bayonetas inglezas, reconheceu que apenas tinha um espaço de cerca de 1:500 metros para cada um dos lados do vau de Wolverskraal. Mas não era só a falta de espaço onde podesse manobrar que o affligia. Durante os dias de marcha de Magersfontein, d'onde retirava, tinha abandonado muitas viaturas do seu numeroso comboio, onde transportava as munições de bocca e de guerra. A perda d'estas viaturas abandonadas junto ás que os inglezes lhe tomaram, deixou Cronje sem recursos. As poucas que lhe restavam, como não poderam, por falta de tempo, ser abrigadas das vistas inglezas, foram logo destruidas pela artilheria britannica. Identica sorte teve o animal, que logo foi morto e que passadas horas, pela acção do calôr intenso, entrou em putrefacção e desenvolveu cheiros infectos e insuportaveis.

Mas ainda não era só este o mal que affligia Cronge. As mulheres e crianças que acompanhavam os alliados constituiam um grave impedimento material e moral; material porque não havia onde as accommodar, nem recursos com que se podessem sustentar, e moral porque os seus choros desesperados e gritos lancinantes faziam perder a força moral, senão tambem a physica aos entes queridos que os ouviam.

N'estas condições, aggravadas pelo *circulo de ferro* que se apertava, é facil de vêr que as esperanças que faziam Cronge sonhar com Bloemfontein se perdessem por completo, para dar logar a um duro desengano, que sempre nas almas fracas acarreta um desalento.

Felizmente, para elle e para os alliados, não era Cronge homem para desalentos. Perdendo a esperança de continuar a sua marcha politica, tratou de organisar definitiva-

mente as posições de que ainda estava em posse, tratando logo de abrir trincheiras onde se podessem abrigar os defensores, as mulheres e crianças, o que foi feito com promptidão e habilidade.

*
* *

Voltemos novamente ao campo inglez. Na noite de 18 para 19 não houve movimento algum, mas no dia 19, logo pela manhã, chega o velho Roberts com o seu estado maior e a 7.ª divisão, Tucker, que mais reforçou a linha d'investimento, pois que assim lhe podemos chamar. N'este mesmo dia Cronge pede um armisticio para enterrar os mortos, que Roberts lhe negou.

Depois de se orientar do succedido no dia anterior, vendo que os esforços d'esse dia foram inuteis para vencer Cronge, resolveu, não mandar atacar novamente a corpo descoberto e bayoneta armada as posições boers, mas proceder a um investimento em forma, como se estivesse na presença d'uma praça fortificada, isto é, mandou abrir sapas e bombardear o campo boer com 80 peças.

Antes de continuarmos na narração precisamos dizer que os inglezes tinham um effectivo dez vezes maior do que os boers, que estes se achavam quasi sem artilheria, mas que apesar de tudo, só com o tiro das suas *mausers* e com o judicioso emprego das fortificações, levaram lord Roberts a um procedimento tão extraordinario e quasi unico na historia militar.

Fechado o parenthisis continuemos com a narração.

Nos dias 20, 21 e 22 não houve movimentos dignos de mensão, a não ser algumas tentativas de destacamentos boers para reforçarem Cronge, que todas foram mal succedidas. Os inglezes, lançando mão da pá e do alvião, iam abrindo pacientemente as suas parallelas, porque estavam convictos de que se os boers não se rendessem pelo fogo das 80 peças, que regulavam o tiro com o auxilio de balão captivo, se renderiam pela fome.

A 23 a artilheria ingleza é reforçada com mais 10 peças, mas o tufão de metralha lançado por estas 90 peças não fez mal ao boers, porque occultos no fundo das trincheiras se furtavam ás suas vistas e aos seus effeitos, e apenas acabaram de destruir as viaturas que ainda estavam intactas e os cavallos que ainda estavam vivos. A 24

a situação foi a mesma. A 25 Cronge pede um outro armisticio para enterrar os mortos e os animaes, que tão perigosamente infectavam a atmosphera. Como lhe foi negado, os boers, e principalmente os orangistas, vencidos pela peste, subjugados pelas supplicas das mulheres e pelas lagrimas das crianças e esmagados pela fome, revoltaram-se e resolveram depôr as armas, mas Cronge, ainda esperançado, talvez n'algum poder divino, supplica aos seus homens e pede-lhe, como um outro Christovam Colombo, mais tres dias de demora. Ficou então estipulado que se a 28 não houvesse um reforço dos homens ou algum auxilio de Deus, deporiam as armas e capitulariam. Mas não foi necessario tanto. A 27, anniversario de Majuba, procurou Roberts lavar a bandeira ingleza e tirar uma nodôa que a manchava com uma victoria triumphante. N'esse mesmo dia resolveu dar um combate de noute, que foi o verdadeiro golpe de misericordia.

As tropas que o executaram foram a principio recebidas com um fogo intenso, mas conservando-se a 100 metros das posições boers até ao dia seguinte, viram, logo que o sol raiou das alturas do Oriente, alguns boers agitando bandeiras brancas, outros elevando as coronhas das espingardas e ainda outros as mãos para o ceu em attitude de quem supplica e pede perdão.

Este espectaculo, tão grandioso como triste, leva ao coração de Cronge a ultima desillusão. Estava perdido, tinha de se render, e com as lagrimas nos olhos manda dizer a Roberts que estava prompto a capitular, que immediatamente o mandou receber pelo general Pretyman, emquanto elle o esperava vestido de *kaki* e só com a espada de Kandahar. Quando chegou disse-lhe entre um effusivo aperto de mão —*I am glad to see you; I am glad to meet so brave a man*, e assim fez justiça a um homem que, embora não fosse intelligente, foi bravo, leal e patriota.

(Continua).

David Rodrigues.
Ten.te d'inf.a

INSTRUCÇÃO ESPECIAL DOS EXPLORADORES

(Continuado do n.º 3 — 5.º anno)

CAPITULO VII

Avaliação a distancia da força d'uma tropa e da velocidade e direcção da sua marcha

§ 1.º

Avaliar, de longe, a força provavel d'uma fracção de tropa

Generalidades. Aproveitando nos periodos proprios, os exercicios de companhia, de batalhão e de regimento, fará o instructor observar aos exploradores, como se apresentam á vista aquellas differentes unidades, tanto proximas como a distancias variadas, no estacionamento, na marcha e na formação de combate.

Estas poderão ainda ampliar-se, nas manobras, e nas guarnições aonde se realisem exercicios de armas combinadas, á cavallaria e á artilheria.

1.º **Estacionamento.** Havendo ensejo para isso, fará o instructor observar, a distancias variadas, uma companhia em bivaque, um batalhão, um regimento e até uma brigada. Fará tambem observar as mesmas unidades em alto horario, em alto guardado e em postos avançados. Fará observar, demoradamente, a variadas distancias, um piquete, os pequenos postos, e a reserva dos postos avançados etc.

N'aquillo porém em que mais insistirá, visto que isso é

sempre possivel, é na observação d'um grupo de exploradores, d'uma esquadra, d'uma secção e ainda d'um pelotão e companhia com um effectivo proximo do de guerra, para assim habituar os exploradores a avaliarem, com uma certa approximação, a composição d'uma força que vejam áquellas distancias.

2.° **Marchas.** Iguaes observações serão feitas sobre columnas d'infanteria e de todas as armas em marcha.

Para avaliar a importancia d'uma columna em marcha empregar-se-ha o seguinte processo: Fixa-se um objecto, uma arvore, um grupo d'arvores, um poste telegraphico, uma casa, etc., e contam-se o numero de minutos que decorrem entre o momento em que a testa da columna attingiu esse ponto e a passagem da cauda pelo mesmo ponto. Multiplicando o numero de minutos assim obtidos pela velocidade conhecida das tropas d'infanteria, cavallaria ou artilheria, na cadencia ou velocidade da marcha que a vista permitta determinar, ter-se-ha a extensão ou profundidade da columna; deduzindo-se a sua força da ordem de marcha habitual (do inimigo) que se suppõe conhecida.

O instructor insistirá principalmente em ensinar aos exploradores: A examinar convenientemente o tempo que a columna demora a passagem; e qual a sua cadencia ou andadora, se fôr cavallaria ou artilheria. Serão estes elementos que elles transmittem aos seus commandantes, os quaes procederão ao calculo da avaliação e o transmittem, por seu turno, aos commandantes das unidades á retaguarda.

Se as columnas forem muito extensas e não se possa, por falta de tempo, ou por qualquer conveniencia que as circumstancias determinem esperar a passagem da cauda da columna pelo ponto fixado; pode-se não considerar senão metade ou a quarta parte da columna, para o que bastará empregar um systema muito simples e facil. Toma-se um pedaço de colmo secco, ou um ramo d'arbusto bem secco e direito, que se divide em 2 ou 4 partes iguaes, por meio do qual se intercepta toda a columna, para o que basta approximal-o ou afastal-o sufficientemente da vista.

Caso a poeira levantada por uma columna em marcha não deixe vêr a sua extensão, poderá empregar-se para a columna de poeira o mesmo processo que para uma columna de tropas visivel.

Se poderem determinar-se os intervallos entre os batalhões, companhias, pelotões, esquadrões, baterias, peças, etc., a avaliação torna-se muito mais simples.

3.º **Combate.** O instructor mostrará aos exploradores uma companhia, um batalhão, etc., marchando para o combate, fazendo-lhe notar quaes as forças em primeira linha e as que constituem a reserva, aproveitando para isso os exercicios de combate d'aquellas unidades assim como, se fôr possivel, a marcha d'uma brigada em formação de combate, para um objectivo determinado.

§ 2.º

Determinar a direcção e velocidade da marcha d'uma columna

1.º **Direcção.** Para determinar a direcção da marcha d'uma columna é necessario assignalar a testa da columna em relação a um ponto do horisonte e ter attenção os seguintes principios:

Se os deslocamentos são insignificantes, em um tempo relativamente longo, ou a tropa considerada está muito affastada de nós ou marcha na nossa direcção.

Se duas columnas de tropas muito affastadas marcham para nós segundo direcções parallelas, parecem-nos immoveis, além d'isso, á maneira que a distancia diminue, parecem affastar-se successivamente uma da outra; e se uma avança directamente para nós, parece-nos durante algum tempo, que essa fica immovel e que a outra se affasta.

Se duas fracções de tropas, sem marcharem á mesma altura, estão symetricamente collocados em relação a nós, a mais approximada parece affastar-se da outra.

Estas observações não são exactas, nem se approximam da verdade se as frações de tropas não marcharem parallelamente umas ás outras. Teem, porém, uma applicação provavel nas linhas de columnas e columna dobrada cujos elementos avançam frequentemente em direcções proximamente parallelas.

2.º **Velocidade.** Para se determinar a velocidade da marcha d'uma columna, temos os seguintes dados: A infanteria em passo ordinario (com a velocidade de 120 passos por minuto e com a grandeza de $0^{m},70$) percorre 84 metros por minuto; em passo aceleredo (com a grandeza de $0^{m},75$ e a velocidade de 150) percorre 112 metros, e em passo gymnastico (grandeza de $0,^{m}85$ e a velocidade de 170) per-

corre 144^{m}. Percorre na 1.ª cadencia em média 4 kilometros em 50 minutos; na segunda 5^{k},500 e em passo gymnastico 7^{k}.

A cavallaria e a artilheria percorrem a passo 5:500 metros por hora; marchando um kilometro a passo e outro ao trote, 8:000 metros, e um kilometro a passo e dois a trote 9:000 metros. [1]

CAPITULO VIII

Indicios

1.° **Generalidades.** Ha um certo numero de indicios que, racionalmente aproveitados, fornecem aos exploradores meio mais ou menos seguro de poderem conhecer a approximação ou presença d'uma força inimiga; a sua passagem por um determinado ponto; bem como para poderem avaliar ou determinar a importancia d'essa mesma força.

Os indicios que mais facilmente poderão observar-se em campanha são:

A attitude da população;
Os ruidos longinquos;
Os fogos de bivaque;
Os objectos encontrados n'um bivaque recentemente abandonado;
Signaes diversos sobre estradas, caminhos, etc.;
Nuvens de poeira;
Reflexos do sol sobre as armas.

1.° **A attitude da população.** No nosso paiz ou n'um paiz amigo, a visivel inquietação e sobresalto da população são signaes precursores da approximação do inimigo. Em paiz hostil a insolencia dos habitantes denuncia tambem o mesmo facto.

2.° **Os ruidos longinquos.** Ouve-se a uma grande distancia

[1] A média do percurso das tropas a cavallo nos differentes exercitos regula por: 110 metros ao passo; 200 metros para a artilheria e 240 para a cavallaria ao trote; 340 metros ao galope e 440 á carga. O regulamento tactico da nossa cavallaria diz que o cavallo percorre 100 a 120 metros ao passo n'um minuto; 230 a 250 metros ao trote; 250 a 300 ao galope de picador; 330 a 350 ao galope de evolução e 400 a 440 ao galope largo.

o ruido produzido por uma força em marcha principalmente se na sua composição entra a artilheria. O rodar das viaturas, o relinchar dos cavallos, o tenir das armas, o ladrar dos cães nos logares habitados, denunciam perfeitamente a passagem d'uma força.

Além d'isso o ruido produzido pela marcha d'uma grande columna é distincto e continuo; o produzido por um pequeno numero de homens é fraco e interrompido.

3.º **Fogos de bivaque.** A intensidade do fumo durante o dia, o clarão e o numero de fogos durante a noite são indicios dignos d'exame, dos quaes se pode deduzir a importancia das forças que bivacam. E' porém conveniente lembrar-mos que é caso vulgar o inimigo, para dissimular uma marcha em retirada, accender numerosos fogos nos bivaques, alimentados durante a noite apenas por tropas ligeiras, que depois retiram precipitadamente.

4.º **Objectos encontrados n'um bivaque recentemente abandonado.** O exame minucioso dos objectos encontrados n'um bivaque pode fornecer indicios preciosos sobre as forças que ali permanceram, sua composição, duração do estacionamento e até mesmo sobre o moral das tropas. Assim por exemplo: Quando se encontra um grande numero de objectos abandonados, isso prova que o bivaque foi levantado com precipitação; a existencia, ainda, de fogueiras accesas indica a mesma coisa.

O cuidado que presidiu á preparação de cosinha, latrinas, etc., assim como a maior ou menor quantidade de cinzas mostram se o estacionamento foi mais ou menos demorado.

5.º **Signaes diversos nas estradas e caminhos.** Os traços ou vestigios deixados sobre a terra, saibro das estradas, ou sobre a neve, pelo calçado dos homens, as ferraduras dos cavallos, rodas das viaturas, etc., dão-nos a conhecer a direcção seguida por uma porção de tropas, sua força e composição.

6.º **Nuvens de poeira.** A poeira levantada por uma força em marcha pode indicar-nos a sua constituição, a profundidade da columna de marcha, o sentido da marcha e sua velocidade. A columna do pó levantado por uma tropa vê-se sempre de muito longe, mesmo antes de se poder distinguir a linha escura formada pela tropa. Tem-se observado que a columna de pó levantada pela infanteria é baixa; pela cavallaria alta e pouco espessa e continua e pela artilheria, alta, espessa e interrompida.

Seguindo sobre uma carta os deslocamentos da columna

de pó, pode ajuizar-se, com uma certa segurança, o sentido do movimento da tropa e determinar mesmo porque estrada se executa.

As arvores que orlam as estradas, os postes telegraphicos que muitas vezes as seguem, indicam perfeitamente o traçado das estradas sem mesmo se vêr o seu leito.

Quando a neve cobre uniformemente o terreno, coisa que no inverno é frequente nas nossas provincias da Beira e Traz-os-Montes, as arvores e os postes telegraphicos, são, pela sua regularidade, o indicio da existencia d'uma estrada.

7.º **Reflexo do sol e da lua.** Ainda estes indicios podem servir-nos para determinar a direcção da marcha d'uma força. Se os reflexos que o sol ou a lua occasionam incidindo sobre o armamento ou equipamento d'uma força em marcha são numerosos, brilhantes e continuos, a força é observada de frente e avança; se são em pequeno numero, incertos, passageiros e desiguaes, a força é vista pelas costas e affasta-se—retira.

Observação. Actualmente em quasi todos os exercitos os canos das armas e as bainhas dos sabres, são enegrecidos, precisamente para evitar estes reflexos.

Entre nós nota-se, nos exercicios do serviço de campanha e de tactica applicada, que de muito longe se veem os reflexos das bainhas das espadas dos officiaes e das marmitas dos soldados. Por muito pouco que o sol ou a lua incidam sobre estas partes espelhantes do armamento do official ou do soldado indicam a presença de tropa n'uma posição, que, a não se dar tal facto, não seria facil de reconhecer.

E' prestando a maxima attenção a todos estes indicios que um bom commandante dos exploradores ou de patrulhas, ou mesmo um explorador isolado, conhecerá os projectos do inimigo, pondo, por participações feitas e dirigidas com a maior brevidade, o seu chefe ao corrente d'elles.

2.º **Pratica.** Na quasi impossibilidade do instructor poder, em exercicios praticos, fazer a applicação dos principios expostos genericamente, alguns dos quaes só em campanha poderão ter realisação, fará todos os esforços para que os exploradores os fixem, aproveitando ainda assim todos os ensejos para confirmar pela pratica aquelles que durante a instrucção, especial ou mesmo nos exercicios de regimento, brigada, etc., possam ser observados.

J. Gil
Capitão de infanteria

UNIFORMES

São passados oito mezes desde que um nosso distincto camarada se referiu ao assumpto que hoje, devido á sua importancia e á incuria em que continua a jazer, novamente abordamos.

Referimo-nos ao constante e crescente abuso que as associações civis, ou sejam philarmonicas ou corporações de bombeiros, teem feito dos nossos uniformes.

E' principalmente na provincia que mais geralmente se nota a imitação dos uniformes militares, não se limitando já a uma ligeira semelhança, mas chegando até ás vezes a uma perfeita identidade de formas e padrões que muito prejudicial é á disciplina e prestigio da classe militar.

E, porque a despeito do que está preceituado na circular da 3.ª repartição do Ministerio do Reino publicada na ordem do exercito n.º 29 de 16 de novembro de 1886, que estabelece *que a qualquer individuo ou corporação da classe civil não é permittido usar de fardamentos parecidos com os dos corpos do exercito, cumprindo-lhe submetter os modelos á approvação dos governadores civis, que resolverão como julgarem conveniente, ouvindo sempre o commandante da divisão militar e consultando nos casos de dissidencia a secretaria d'estado dos negocios do reino para dicidir como fôr devido e de accôrdo com o ministerio da Guerra*, continue tal abuso chegando a ponto de usarem até galões e distinctivos militares, mister se torna adoptar meios que d'uma vez lhes ponham termo.

Não se devendo portanto esperar das auctoridades administrativas, que parecem ignorar a existencia da alludida circular, uma exacta observancia no cumprimento do que n'ella se estabelece; necessario se torna a fiscalisação pelas auctoridades militares adoptando-se as principaes que adeante expomos e que nos parecem acceitaveis.

1.ª — Toda a corporação d'individuos da classe civil que pretenda usar de uniformes deverá apresentar ao respectivo administrador do concelho dois planos detalhados ou modelos dos mesmos. Estes serão enviados por intermedio do governador civil ao commando da divisão militar na area da qual esteja o mesmo concelho, onde, depois de cuidadosamente examinados, ficará archivado um d'elles sendo o outro com a respectiva verba de approvação, caso o seja, enviado pela mesma via ao administrador do respectivo concelho que o registará e entregará á associação que o elaborou.

2.º — Para maior facilidade na fiscalisação esse plano deverá ser apresentado quando seja exigido por algum official.

3.º — A fiscalisação dos uniformes das sociedades civis será exercida pelos commandantes militares, todos os commandantes de forças militares, e, em geral, todos os officiaes deverão participar os abusos de que tiverem conhecimento aos seus superiores immediatos.

Pondo-se em pratica estes principios, ou outros no mesmo sentido, decerto não veremos mais philarmonicas fardadas d'alferes de lanceiros e bombeiros d'officiaes de infanteria como até agora é vulgar.

Ao sr. Ministro da Guerra, que tanto interesse tem tomado por todas as questões militares, pedimos a sua attenção para este assumpto.

ALBERTO GUERREIRO PEIXOTO E CUNHA.
Alferes d'infanteria.

O serviço de dois annos

E

A REDUCÇÃO DOS EFFECTIVOS

(Continuado do n.º 3—5.º anno)

O serviço de guarnição e exterior

Devido á grande reducção dos effectivos é este um d'aquelles assumptos que pode entrar na cathegoria de momentoso. Todos o sabem, todos o conhecem, mas não deixaremos nós por isso de nos referirmos a elle mais uma vez, porque embora todos o saibam e ninguem ignore os maus effeitos que um tal estado de cousas acarreta á instrucção, não vemos remedio algum, antes pelo contrario, vemos dia a dia aggravarem-se os symptomas da doença, doença desmoralisadora e dissolvente, embora tenhamos a convicção que o nobre ministro da guerra não consentirá que isto continue assim.

As guardas não diminuem, os destacamentos levam as mesmas voltas, as guardas de honra, procissões, n'alguns pontos do paiz, vão sendo cada vez mais numerosas, as escoltas, os diversos e multiplos serviços de policia, que não pertencem verdadeiramente ao exercito, repetem-se frequentemente, de sorte que tudo, desde a guarda para as cadeias civis até á escolta de prezos, rouba

aos regimentos os poucos soldados que teem, com grave prejuizo para a instrucção e grave perigo para a disciplina. Exercito n'estas condições é antes uma força policial.

Definamos pois os campos. Ou queremos ter exercito ou queremos ter policia. Se queremos ter aquelle precisamos augmentar os effectivos, roubar menos gente aos serviços de instrucção e então poderemos contar incondicionalmente com o saber, competencia, patriotismo e dedicação do nosso exercito.

Conforme estes serviços hoje vão correndo o exercito não póde desempenhar, senão com mil contrariedades e asperezas, a missão que lhe compete, mas como as responsabilidades pendem sempre sobre os seus brios, de que todos são ciosos, ha direito, pleno direito, em exigir soldados que se instruam para o fim a que são destinados e não para serviços que competem, ou devem competir a outras corporações.

A missão primaria na paz, principal e até quasi unica do exercito é a que tem por fim preparar o povo para a guerra, quer instruindo-o, quer disciplinando-o. Ora esta missão, que se diz em poucas palavras, é ardua, difficil, complexa e demanda além de tudo isso, muito tempo, N'estas condicções, portanto, não se póde perder tempo nem affastar gente, porque o tempo não é de mais e a gente é sempre pouca.

Mas é isto o que se faz?

Infelizmente não; procede-se d'uma maneira bem diversa. Mas se é necessario que se deixe de proceder assim, vamos ver o que é necessario fazer para atenuar pelo menos um tal estado de cousas.

Já dissemos que os serviços de policia não são proprios do exercito. Por desleixo ou por uma má orientação ou por outra qualquer razão que não importa, mas que ha de ser parecida com qualquer d'aquellas, quasi que se deu ao exercito esta unica missão.

Nos tempos em que o soldado permanecia longos annos no serviço activo e n'aquelles em que o soldado não precisava possuir um conjuncto tão variado de conhecimentos technicos ainda se podia admittir, mas hoje em que o soldado passa pelas fileiras com a rapidez vertiginosa de meteoro que atravessa o espaço e hoje que a instrucção militar tem exigencias complicadas, não póde succeder outro tanto. Isto é, o soldado tem de estar sempre no quartel para se lhe ministrar a instrucção que preci-

sa receber, o que é necessario que receba para bem de todos nós.

Para conseguir isto é necessario ou acabar com a maior parte d'esses serviços, se elles são dispensaveis, como a maior parte é, ou encarregar outras corporações do seu desempenho, que pela sua missão especial e pela natureza do serviço que lhe compete se vê que a maior parte d'esses serviços são proprios da Policia Civil e das Guardas Municipaes.

E' para isso qne ellas foram creadas.

Pertencendo ao exercito instruir o povo, á Guarda Municipal pertence fazer o serviço da guarnição. E' com esse fim que esta corporação recruta d'entre as praças promptas do exercito e é egualmente com o mesmo fim que ella certamente tem o effectivo sempre completo.

Devemos tambem dizer que se o exercito foi e está sendo victima d'uma errada orientação, a Guarda Municipal não está isenta dos mesmos defeitos, pois que em logar de desempenhar o serviço que verdadeiramente lhe compete, que é o serviço de guarnição, é antes destinada a fazer o serviço que mais pertence á policia civil. Assim anda tudo trocado e a nenhuma das corporações lhe é dado o papel que lhe pertence por natureza e fim, isto é, enquanto a Guarda Municipal faz rondas e patrulas de policia, o exercito faz guardas, procissões e escoltas de prezos.

Pouco importaria que esses papeis andassem ou não trocados se da troca não resultassem graves prejuizos, que se reduzem a isto; a municipal desmoralizar-se com um serviço que é proprio da policia civil e o exercito não poder ministrar a instrucção, além de soffrer de identico mal desmoralisador e atrophiante. A municipal tem ao menos os effectivos completos e póde desempenhar sem difficuldades esses serviços, mas o exercito, sem gente e sem quadros como está, mal póde attender aos serviços que hoje erradamente se lhe pedem, quanto mais á instrucção.

Ha portanto duas razões que levam a aconselhar a reducção d'esses serviços que são, uma, a falta de gente, e a outra a necessidade de não affastar os poucos homens que ha para instruir, disciplinar e preparar para a guerra, no que deve haver uma preocupação constante.

Não se julgue, comtudo, que nós pedimos que esses serviços passem para a Guarda Municipal para a sobrecar-

regar e alliviar a infantaria. Não é esse o movel que nos inspira, mas sim uma razão de justiça, consciencia e bom senso.

Se não se affastarem os soldados dos quarteis, todos, com proveito geral, se poderão dedicar á instrucção e a ninguem faltará trabalho e canseiras. O mesmo movel nos leva a dizer que se a municipal não tem quadros que cheguem, augmentem-se-lhe no numero necessario de maneira a compensar o excesso de trabalho que se lhe deve attribuir. Nós queremos cada um no seu logar.

Em quasi todas as nações que dão ao seu exercito o verdadeiro papel dos exercitos, não sómente permanentes, mas de exercitos nacionaes, ha corporações especiaes encarregadas dos serviços de guarnição e policia. A França conta para isso com a sua *gendarmerie* e guarda republicana, a Hespanha tem o seu bello corpo de Guardia Civil, a Inglaterra tem a sua policia montada em moldes que não precisam constantemente do auxilio do exercito, etc.

E' necessario que entre nós se tome tambem uma orientação identica, isto é, augmentar os quadros da Guarda Municipal, se isso é necessario, e encarregal-a principalmente de todo o servico de guarnição, á excepção da guarda ao Paço, e dar ao exercito a verdadeira missão, a missão de instruir o povo e formar d'elle bons soldados para no momento de perigo não deslustrar as paginas brilhantes da historia que os nossos avós sempre escreveram a lettras d'ouro.

Temos porém confiança e esperança que alguma cousa se fará.

(Continúa).

David Rodrigues
Tenente de infanteria

BIBLIOGRAPHIA

O Tiro Nacional, pelo tenente David Rodrigues.

Não é nosso intuito ao traçar estas linhas fazer a critica ao livro do nosso camarada e amigo tenente Rodrigues, de mais a mais collega na redacção d'esta *Revista*.

Todas as palavras de louvor que podessemos tecer ao livro, que aliás tanto nos enleva e encanta, não teriam cabimento aqui, onde não ha nem haverá jámais aquillo a que a maledicencia poderia acoimar de elogio mutuo.

O nosso fim é tão sómente agradecer muito particularmente ás Revistas militares da nossa terra, o sympathico acolhimento que todas fizeram ao trabalho do nosso collega, pondo em relevo o que de nobre e patriotico traduz *O Tiro Nacional*, onde se reflecte a alma de um crente, de um fanatico pelo engrandecimento da patria.

Desejamos estender o nosso agradecimento á imprensa diaria, que tão largamente se referiu ao *Tiro Nacional* e com palavras de incitamento e louvor, patenteando por este modo a *Revista de infanteria* quanto aprecia e estima a boa camaradagem de todos os collegas da imprensa militar e da imprensa civil.

Por ultimo resta-nos formular uma aspiração, aliás, legitima, e vem a ser que a «Direcção Geral dos Serviços de infanteria», dê ao tiro nacional a orientação e o desenvolvimento que elle merece em face dos mais sagrados e mais caros interesses da Patria.

A. S.

SECÇÃO OFFICIAL

Conservação de munições

Circular da 4.ª repartição da secretaria da guerra, n.º 1058 de 14 de maio de 1902.

Publica, a nota n.º 1389, de 6, da 2.ª repartição da direcção geral de artilheria, accusando o pouco cuidado que alguns corpos teem na conservação das munições que lhe são fornecidas; e manda tomar sobre o assumpto as providencias convenientes.

Licenças registadas a cabos

Ord. circular n.º 14 A da 1.ª divisão militar, de 18 de maio de 1902.

Publica a n.º 8 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 17, determinando que as licenças aos cabos só sejam concedidas quando forem dispensados do serviço.

Bandas militares — Forças acompanhando procissões

Ord. circular n.º 16, da 1.ª divisão militar, de 24 de maio de 1902.

Diz que constando ao Ex.mo general que algumas bandas militares se prestam a tocar á porta dos juizes das festas e acompanham peditorios, contra o que está determinado no art. 46 do regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito, fazendo assim concorrencia ás que cumprem o disposto n'aquelle artigo; determina o mesmo Ex.mo general que os commandantes dos corpos façam constar aos mestres de musica sob as suas ordens a mais exacta observancia do disposto no citado artigo.

Mais manda recommendar aos commandantes dos corpos que as forças nomeadas para acompanhar procissões não devem ser precedidas por philarmonicas ou fanfarras, mas só por bandas militares.

Admissão dos musicos addidos aos concursos

Nota n.º 10, da 2.ª repartição da secretaria da guerra de 8 de janeiro de 1902.

Auctorisa que os musicos addidos aos corpos da guarnição de Lisboa sejam admittidos aos concursos para as classes immediatas nos mesmos corpos.

Auxilio para rancho

Circular n.º 1, da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 15 de janeiro de 1902.

Regula o auxilio para os ranchos geral e dos sargentos, até ao fim do anno economico.

Supplentes — periodo de instrucção

Circular n.º 14, da 2 repartição da secretaria da guerra, de 15 de janeiro de 1902.

Diz que ás praças da 2.ª reserva chamados como supplentes se deve levar em conta no serviço activo o tempo que servirem durante o ultimo periodo de instrucção.

Amnistia — Desertores da 1.ª ou 2.ª reserva

Circular n.º 87, da 3.ª repartição da secretaria da guerra, de 18 de janeiro de 1902.

Diz que o art. 2.º do decreto de 29 de dezembro ultimo abrange os crimes previstos pelo art. 135.º do codigo de justiça militar, devendo gosar do beneficio da amnistia as praças de 1.ª e segunda reserva que faltaram ao chamamento ordinario para as reuniões ordinarias de instrucção.

Estudantes — Manifestações

A. circular, da 1.ª divisão militar n.º 3 F de 22 de janeiro de 1902.

Diz que serão rigorosamente punidas as praças com licenças para estudar em qualquer escola ou estabelecimento de instrucção sempre que tomem parte em qualquer manifestação que perturbe a ordem, obrigando a intervenção da policia.

Indice alphabetico dos assumptos, de que trata o «Regulamento dos serviços do recrutamento do exercito e da armada», decretado em 24 de dezembro de 1901, com indicação dos respectivos artigos e paragraphos.

Isenções:

Quaes os individuos que devem ser isentos — Art.º 94.º
Estalões para medição de recrutas — § unico do art. 94.º
Temporarias e definitivas — Art. 95.º e 96.º

Junta de recrutamento:

Sua composição —Art. 61.º e seus §§., e art. 62.º
Periodo dos seus trabalhos — Art. 63.º e seu § unico, e art. 64.º
Deveres dos administradores dos concelhos e outras entidades officiaes — § unico do art. 64.º
Substituição dos medicos — Art. 65.º
Substituição dos seus membros — Art. 66.º
Sua competencia — Art. 67.º
Competencia especial do medico — Art. 68.º
Vencimentos dos seus membros durante o periodo dos seus trabalhos — Art. 69.º e seus §§.
Communicações a fazer aos administradores de concelho e outras entidades — Art. 70.º
Relatorio annual ácerca do seu serviço — Art. 71.º
Apresentação á junta dos mancebos recenseados — Art. 75.º e seus §§, e art. 76.º
Guias para apresentação á junta dos mancebos recenseados — Art. 77.º
Caso em que se abona subsidio aos mancebos, que tenham de ser presentes á junta — Preceitos a observar — § unico do art. 77.º
Seu funccionamento — Art. 80.º
Começo dos seus trabalhos — Art. 81.º
Communicações sobre isenções — § unico do art. 81.º
Validade das suas decisões — Art. 82.º
Livros para o serviço das inspecções — Art. 83.º e 84.º
Identidade dos mancebos a inspeccionar— Art. 85.º
Authoridades que podem assistir á inspecção — Art. 86.º
Instrumentos para o serviço das inspecções — Art. 87.º e seu § unico.

Juizes de direito:

Sua competencia em materia de recrutamento — Art. 198.º

Licenças:

Por quem devem ser concedidas as registadas — Art. 10.º *(a)*
Pela junta hospitalar de inspecção no 1.º anno de encorporação no exercito activo — § unico do art. 11.º

Livro de recrutamento:

Sua escripturação — Certidões —Art. 190.º

(a) Circulares do ministerio da guerra de 20 e 24 fev. de 1902.

Multas:

Esclarecimentos que devem conter as respectivas guias — Art. 188.º
Applicação a dar ao seu producto — Art. 189.º

Passagem á reserva:

Circumstancias que podem alterar a data em que deveria ser conferida — Art. 9.º e seus §§.

Passaportes:

Documentos que, sob o ponto de vista do recrutamento, devem apresentar os que pretenderem obter passaporte para sahirem do continente do reino, ilhas adjacentes e possessões ultramarinas — Art. 193.º

Penalidades:

Responsabilidade das auctoridades e corporações, que não cumprirem as leis do recrutamento, e penas que podem ser impostas — Art. 184.º e seus §§.
Responsabilidade de quaesquer pessoas particulares ou auctoridades, que empregarem meios illictos para o fim de isentarem algum individuo do serviço militar — Art. 185.º
Quaes as que podem ser applicadas aos mancebos que propositadamente se mutilarem, ou simularem doença ou lesão, com o fim de se eximirem ao serviço militar — §§ 1.º e 2.º do art. 185.º
Multas por infracções do preceito, que se refere á declaração a fazer, quando os mancebos chegam á idade de ser inscriptos no recenseamento — Art. 186.º, e art. 187 e seus §§.

Prescripção da obrigação do serviço militar:

Em que periodo se torna effectiva, e desde quando deve ser contado esse periodo — § 2.º do art. 13.º

Readmissões:

Termos em que devem ser concedidas — Art. 183.º

Recenseamento:

Domicilio legal para effeitos de recenseamento — Art. 25.º e seus §§.
Obrigações especiaes dos parochos, administradores e outras entidades — Art. 26.º e seus §§.
Participações para a inscripção dos mancebos a recensear, e penas que, por omissão d'essas participações, podem ser impostas — Art. 27.º e seus §§. (a)
Auxilio que á respectiva commissão devem prestar os administradores, regedores e parochos — Art. 28.º e seu § unico.
Data a que é referido o elementos que o constituem — Art. 29.º e seus §§ 1.º e 2.º
Dever que teem todas as auctoridades de o promoverem — §§ 3.º e 4.º do art. 29.º
Eliminação dos individuos indevidamente recenseados — § 5.º do art. 29.º
Livro do recenseamento militar — § 6.º do art. 29.º

(a) Portaria inserta na ordem do exercito n.º 4, 1.ª serie, de 1902.

Data em que deve ficar concluido e sua publicação — Art. 30.º e seus §§.
Residencia, existencia e profissão dos mancebos inscriptos — Art. 31.º e seus §§.
Deveres especiaes das commissões de recenseamento — Art. 32.º e seu § unico.
Até que data deve ser intimada a inscripção no recenseamento — Art. 33.º
Resalvas temporarias — § unico do art. 33.º
Até que data deve ser enviado ao respectivo commandante de districto — Art. 34.º
Mancebos que se naturalisarem estrangeiros, depois de recenseados — § 5.º do art. 36.º
Por quem e em que circumstancias podem ser fixados novos prasos para se proceder ao recenseamento — Art. 199.º e seu § unico.

Reclamações, ácerca da distribuição do contingente:

Quem pode reclamar — Art. 58.º
Até quando devem ser apresentadas — § 1.º do art. 58.º
Seu effeito — § 2.º do art. 58.º
Qual o motivo que pode fundamental-as — § 3.º do art. 58.º
A quem devem ser enviadas, e em que praso — Art. 59.º
Sua resolução. Procedimento ulterior — Art. 60.º e seus §§.

Reclamações, ácerca do recenseamento:

Factos que constituem objecto de reclamação — Art. 35.º
Por inscripção indevida — Art. 36.º e seus §§ 1.º, 2.º e 3.º
Por errada qualificação da nacionalidade do mancebo inscripto — § 4.º do art. 36.º
Quando podem ser acceitas — §§ 6.º e 7.º do art. 36.º
Como devem ser feitas, e a quem entregues — Art. 37.º e seu § unico.
Quem pode ou deve apresental-as — Art. 38.º e seu § unico.
Passagem gratuita de certidões e reconhecimentos — Art. 39.º e seu § unico.
Deveres das respectivas commissões — Art. 40.º e seu § unico.
A quem e até que data devem ser remettidas — Art. 41.º e 43.º
Documentos com que devem ser instruidas as petições — Art. 42.º e seu § unico.
Interferencia que n'ellas tem a commissão militar de recrutamento e o general commandante da divisão — Art. 44.º
Até quando devem estar resolvidas — Art. 45.º
A quem deve ser communicada a sua resolução, e publicação d'esta — Art. 46.º e seu § unico.
Seus effeitos, quando forem attendidas — Art. 43.º e seu § unico.

Reclamações, ácerca do sorteio:

Por quem podem ser feitas, e em que termos — Art. 104.º e seu § 1.º
Sua resolução immediata, quando versar sobre simples engano ou omissão involuntaria — § 2.º do art. 104.º
Procedimento a haver, quando a decisão fôr dada durante o periodo em que a junta de recrutamento se achar ainda no concelho — § 3.º do art. 104.º
Communicação da sua decisão aos interessados — § 4.º do art. 104.º
Recurso da sua decisão — § 5.º do art. 104.º

Reclamações e recursos, ácerca do chamamento ao serviço activo:

Dos sorteados, que se julgarem indevidamente chamados ao serviço — Art. 124.º e 125.º e seus §§ unicos.

Recrutamento:

Seus fins — Art. 1.º
Superintendencia nos seus serviços — Art. 2.º
Suas operações — Art. 15.º
A quem competem as suas operações — § unico do art. 15.
Deveres especiaes dos commandos dos districtos, com o fim de promoverem o rigoroso cumprimento dos preceitos contidos no regulamento do recrutamento — Art. 191.º e seu § unico.
Applicação de providencias do codigo administrativo ao serviço das camaras municipaes, commissões de recenseamento e funccionarios administrativos, em materia de recrutamento — Art. 200.º
Fiscalisação dos seus serviços — Art. 203.º

Recursos, ácerca do recenseamento:

A quem devem ser dirigidos, e em que periodo — Art. 47.º
Seus tramites — Art. 48.º e seu § unico.

Recursos, ácerca da inspecção sanitaria:

Quem pode recorrer das decisões da junta do recrutamento — Art. 88.º e seu § 1.º
Occasiões em que podem ser interpostos, e a quem devem ser entregues — § 2.º do art. 88.º
Sua remessa á repartição do recrutamento — § 3.º do art. 88.º
Dias em que os recorridos e recorrentes devem ser presentes á junta hospitalar — § 4.º do art. 88.º
Abono a que teem direito os mancebos recorridos, e procedimento a haver com os que forem presentes á junta de recurso depois de 12 de novembro — § 5.º do art. 88.º
Communicações a fazer, quando os mancebos recorridos forem apurados para o serviço militar depois de 12 de novembro — § 6.º do art. 88.º
Destino a dar aos mancebos recorridos, que faltarem á junta de recurso — § 7.º do art. 88.º
Seu effeito — § 8.º do art. 88.º
Exclusão, da junta de recurso, do medico que faz parte da do recrutamento — § 9.º do art. 88.º
Deveres do presidente da junta de recurso — § 10.º do art. 88.º
Junta competente para julgar dos recursos — § 11.º do art. 88.º
Communicação ao secretario da commissão de recenseamento dos dias em que os mancebos recorridos devem ser presentes á junta hospital, sem direito a qualquer abono — Art. 89.º e seu § unico.

(Continúa)

5.º Anno Junho de 1902 N.º 6

REVISTA DE INFANTERIA

METRALHADORAS

II

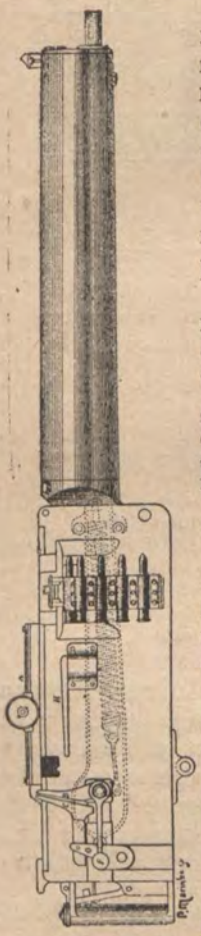
[1] A Metralhadora Maxim m/1895

E' um outro typo de metralhadora, relativamente moderno e muito usado. Se na Hotchkiss, como vimos, a rapidez e continuidade do tiro eram dadas pelo aproveitamento de alguns gazes da polvora, na Maxim essa rapidez e essa continuidade são fornecidas pelo aproveitamento do recúo. O resfriamento, que em uma é attenuado pela irradiação nas corôas circulares, na outra é diminuido por um deposito liquido que envolve o cano.

Como na Hotchkiss o cano da Maxim é um cano de espingarda naturalmente mais reforçado, mas ao passo que

[1] Por conveniencia da reproducção da gravura damos hoje a Maxim em logar da Bergmann que ficará para outro artigo.

aquella fórma, por assim dizer, um todo pelo ajuntamento e ligação das suas peças, esta pode dizer-se que se compõe de duas partes principaes: a fixa e a movel. A fixa ligada ao tripé e alheia ao recúo, a movel que acompanha o cano no seu movimento á retaguarda.



Não entraremos na descripção pormenorisada do mecanismo. Como já o dissémos, a vinda do cano no movimento de recúo prepara o percurtor para nova pancada, ficando este preso se o gatilho não estiver premido, e indo immediatamente ferir o segundo cartucho se o gatilho estiver premido. O gatilho está representado na nossa figura por um botão collocado na parte inferior.

Uma mola conpensadora, que se vê bem na figura, leva o cano á primitiva posição e é ainda este movimento de vae-vem que transmittido convenientemente vae fazendo girar a banda com os cartuchos e os introduz e tira da camara. A maior ou menor pressão d'esta mola (facil de regular por um parafuso) dá a maior ou menor velocidade do tiro.

As cintas ou bandas de cartuchos tem 300 a 400; e transportam-se normalmente nas caixas de munições. A dimensão de uma caixa de 334 cartuchos Martini Henry é $0^{m},603 \times 1^{m},197 \times 0^{m},120$.

O peso da metralhadora completa com mecanismo $22^{k},670$. Tem além d'isso uma coronha semelhante á da Hotchkiss e que pesa $7^{k},250$ podendo empregar-se com um de dois tripés, o chamado pesado, pois na verdade pesa $31^{k},740$ e o leve $8^{k},610$.

Esta metralhadora é de uma grande simplicidade e está muito adoptada como veremos mais ao diante quando tratarmos da escolha que os varios estados teem feito d'estas armas.

Damos uma figura de detalhe na impossibilidade de obtermos uma photographia do conjuncto.

M. Roquette.
Tenente d'infanteria.

1.º Duque de Bragança

Não nos parece descabido apresentar, a geneologia do 1.º duque de Bragança, desconhecida de muitos, e contando mais de 400 annos

Vejamos d'um modo succinto quem foi o 1.º duque.

O primeiro Pereira, de que a nossa historia nos dá menção é, D. Gonçalo Pereira, fidalgo contemporaneo d'El-rei D. Diniz.

Teve este fidalgo varios filhos d'entre elles um do mesmo nome que se tornou notavel nas dissenções entre D. Affonso IV e seu filho D. Pedro. Foi D. Gonçalo, filho, que avisou o principe do trama maquinado contra D. Ignez, assim como defendeu a cidade do Porto, quando D. Pedro a atacou, porque embora amigo d'este no animo de D. Gonçalo Pereira, os sentimentos de amizade não calcavam o cumprimento do dever.

Um dos filhos d'este foi D. Alvaro Gonçalves Pereira, que esteve em Rhodes combatendo contra os Turcos, dando então provas de immenso valor. Foi valido de D. Affonso IV, o que não impediu que o fosse mais tarde de D. Pedro e depois de D. Fernando.

D. Alvaro Gonçalves Pereira foi o pae do immortal D. Nuno Alvares Pereira.

Tendo D. Nuno treze annos foi á côrte levado por seu pae, e tanto se agradou d'elle D. Leonor Telles que o fez seu escudeiro, querendo ella mesma vestir-lhe a armadura.

Como não houvesse arnez que lhe servisse, alguem se lembrou do mestre d'Aviz, criança de 15 annos, que tinha um arnez pequeno e, mandando-lh'o pedir, D. Leonor por suas mãos o vestiu ao joven D. Nuno.

E assim o arnez que tinha sido do mestre d'Aviz, foi depois de D. Nuno. O mesmo arnez abrigou aquelles dois genios, que unidos mais tarde

foram implacaveis inimigos de D. Leonor Telles. O mesmo arnez pertenceu áquelles dois grandes vultos que fazendo resurgir Portugal, pelos seus feitos, a historia os immortalisou.

Tinha D. Nuno pouco mais de dezesseis annos quando seu pae o quiz casar com D. Leonor Alvim, rica senhora d'Entre-Douro e Minho.

D. Nuno lia muitos romances de cavallaria e como nos romances da Tavala Redonda visse que fizera prodigios de valor, por, diziam, ter guardado a virgindade, elle que sonhava com tantas glorias tambem pensava no voto de castidade; mas as instancias de sua mãe e d'um primo do mesmo conseguiram o casamento.

D'este consorcio com D. Leonor Alvim houve uma só filha, D. Beatriz Pereira.

D. João I tendo em grande conta os gloriosos feitos de D. Nuno fez-lhe, como recompensa, grandes doações e para maior honra a proposta do casamento de seu filho D. Affonso com D. Beatriz.

«O auctor das *Noticias de Villa Viçosa*, diz — *pois n'isso rehavia d'algum modo o que tinha dado a D. Nuno.*

Fazendo justiça ao caracter nobre e valente de D. João I não acreditamos em tal.

Demais, em tempos tão remotos e de tão franco autocratismo, era facilimo para um rei o premiar hoje e, por intrigas e invejas de falsos conselheiros, desfeitear ámanhã.

Infelizmente alguns exemplos nos dá a historia; entre outros Affonso d'Albuquerque, o grande heroe da India, que pouco tempo antes de morrer exclamava; *mal com os homens por amor d'El-rei, e mal com El-rei por amor dos homens.*

Que dôr tamanha teria soffrido esse heroe para o qual mil premios não compensavam seus grandes feitos!

D. Nuno cedeu em contracto anti-nupcial, a sua filha os castellos de Barcellos, Chaves, Villa do Conde, Guimarães etc., e a seu futuro genro o condado de Barcellos.

Celebrou-se o casamento a 8 de novembro de 1401, tendo D. Affonso, na opinião de alguns historiadores, trinta e um annos.

Não é crivel que tivesse essa edade, porque, para isso, era necessario ter nascido em 1370 e n'este anno tinha seu pae, D. João I, treze annos, tornando-se impossivel tal precocidade.

Uns dizem ter nascido em Lisboa, outros no castello de Veiras do Alemtejo.

Em 1415 esteve em Africa na conquista de Ceuta; em 1418 foi na expedição da Galliza; em 1420, estando viuvo, passava a segundas nupcias com D. Constança de Noronha, filha do conde de Gijan, de quem não teve filhos, e em 1440 foi nomeado Fronteiro-mór d'Entre-Douro e Minho.

A 28 de junho de 1442, segundo uns, e 1451, segundo outros, o regente do reino D. Pedro, duque de Coimbra, dava-lhe o titulo de duque de Bragança.

Em 1450 uma frota de duzentas e vinte véllas dividida em tres esquadras, partia com destino a Alcacer-Cejuer.

Uma esquadra partia de Setubal commandada por el-rei D. Affonso V, empunhando nas mãos juvenis a espada de D. João I, outra em Lagos commandada por D. Henrique, e outra do Porto pelo marquez de Valença. Reuniram-se as tres esquadras na bahia de Lagos partindo a frota a 17 d'outubro do mesmo anno.

D. Affonso V tendo particular estima pelo duque de Bragança nomeou-o, antes de partir, regente do reino na sua ausencia.

Do casamento do duque de Bragança com D. Beatriz Pereira houve tres filhos. D. Affonso, marquez de Valença, que commandou uma esquadra para Alcacer-Cejuer e o primeiro marquez que houve em Portugal, não deixou descendencia ligitima; D. Fernando, conde d'Arrayollos, e e depois 2.º duque de Bragança; finalmente D. Izabel, que casou com seu tio o infante D. João, e enviuvando, com D. João II de Castella. D'este consorcio descendem os reis d'Hespanha.

O 1.º duque de Bragança era um perfeito cavalleiro nos campos de batalha; d'um ardor inquebrantavel foi d'uma coragem inexcedivel.

Estudioso augmentou a sua instrucção não só na rica bibliotheca que possuia no seu palacio, mas tambem pelas muitas viagens que fez.

Amante d'antiguidades colligiu no seu palacio muitos objectos organisando o primeiro museu que houve em Portugal.

D. Constança de Noronha sagunda mulher do duque de Bragança jáz na capella-mór da Egreja de S. Francisco de Braga, capella que a mesma senhora mandou construir. Segundo alguns chronistas esta senhora falleceu *em cheiro de divindade.*

Falleceu o 1.º duque de Bragança na villa de Chaves com pouco mais de 80 annos d'edade, estando sepultado ao lado de sua primeira mulher, na egreja matriz da mesma villa.

ANTONIO CANDIDO DE MENDONÇA FURTADO DE MENEZES PINTO
Capitão d'infanteria 12

A Previdente

Por uma circular assignada pelos Ex.mos Srs. coronel Matheus Luiz Thomaz de La Cueva, tenente coronel Joaquim Filippe d'Araujo Sequeira e tenente João de Brito Pimenta d'Almeida, commandante, tenente-coronel e thesoureiro do regimento d'infanteria n.º 6, vemos que se projecta organisar uma sociedade de soccorros mutuos com o fim de auxiliar e suavisar a triste sorte das viuvas e orphãos dos officiaes, no momento doloroso em que essas viuvas e esses orphãos mais carecem de auxilio.

Para dar idéa do fim da sociedade diremos que é destinada a con-

stituir um fundo illimitado para, na occasião do fallecimento d'um socio, lei a que todos estamos submettidos, satisfazer por uma só vez á viuva, ou aos orphãos, ou aos netos, ou aos paes do associado, a quantia de 100$000 réis, se o fallecido tiver dois annos de socio, que vae augmentando, conforme os annos, até 20, em que a familia do socio fallecido, tem direito a receber 400$000 réis.

Não é um montepio que se pretende crear, pois que este fica pagando annualmente a pensão emquanto forem vivas as pessoas a que ella tenham direito se o não perderem, por condições aliáz conhecidas, ao passo que esta sociedade em projecto paga sómente, e logo depois do fallecimento do socio, a pensão a que a familia tiver direito, não á posição, mas ao numero de annos em que se contribuiu para a sociedade.

E' esta a differença e é exactamente esta differença que a torna recommendavel. Vamos dizer a razão que nos leva a expressarmo-nos assim.

Suppunhamos que ao appello d'estes nossos camaradas correspondem sómente 500 officiaes. Como as quotas são de 300 réis mensaes, ao cabo de dois annos, que é o tempo necessario para ter direito á pensão, se todos os socios forem vivos e não estiverem em divida de quotas, terá a sociedade, abstrahindo das joias e dos juros, um fundo de 3:600$000 réis.

Com este fundo inicial já a sociedade pode garantir as pensões que tiver de pagar pois que ellas, até aos 7 annos de existencia, são de 100$000 réis, o que não abala os fundos da sociedade, mas o que muito auxilia, depois do transe da morte do socio, a familia que elle cá deixar.

Com este fundo, embora relativamente pequeno, podem-se satisfazer todas as pensões, o que já não succederia se ellas fossem annuaes, pois que ficariam durante muitos annos sobrecarregando os fundos da sociedade.

Mas não é isso o que se pretende nem isso seria necessario, pois que já temos o Montepio Official e o Geral. O que se pretende com esta sociedade é crear para os socios uma pensão, relativamente avultada, que vá salvar a familia do fallecido das primeiras necessidades e que sirva ao mesmo tempo para satisfazer ás despezas do funeral e luto.

Para encarecer a utilidade d'esta instituição de previdencia diremos que ella é moldada nos estatutos da *Sociedade Previdente dos officiaes das guardas municipaes*, que já conta 7 annos de existencia, que tem pago todas as quotas a que teem direito as familias dos officiaes fallecidos e que apezar de tudo e além de ter um numero pequeno de socios, pouco mais de 100, encerram as contas do 2.º semestre do anno findo com um saldo positivo de 1:919$715 réis, tendo já pago durante esses 7 annos de existencia, 750$000 réis.

O exemplo é eloquente e todos aquelles que são amantes da familia, que se preoccupam com a situação em que a podem deixar depois da morte os levar d'este mundo, não devem precisar de argumentos mais concludentes.

Pelos numeros que já indicámos se vê que todos os socios, logo ao cabo de dois annos, que são passageiros, teem garantida para a sua familia, contribuindo apenas com 300 réis mensaes, a pensão de 100$000 réis, mas note-se que não incluimos a importancia das joias que é de 2$400 réis, nem os juros do capital reunido pela sociedade, que elevam os fundos da sociedade, para o numero supposto de 500 socios, a cerca de cinco contos.

Os nossos camaradas que correspondam ao benemerito appello nada teem a perder, pois que se tiverem a infelicidade de fallecer an-

tes de completarem dois annos de socio, será entregue á sua familia a importancia das quotas com que contribuiram.

Nós apoiamos a generosa idéa porque, além de ter um fim altamente humanitario, revela-nos um bello espirito de camaradagem. Mas pondo mesmo de parte toda a idéa sentimental e fins altruistas que se pretenda alcançar e tornar praticos, não podemos deixar de olhar a questão pelo lado positivo e material, para assim lhe darmos maior relevo. As condições de vida são cada vez mais exigentes, e sustentar a familia, educar os filhos e salvaguardar a dignidade profissional com os magros recursos que o soldo nos dá é extremamente difficil. Se em tão critica situação é espinhoso o viver como se hade conseguir reunir um peculio que depois da morte vá acudir á dura situação em que se deixa a familia?

Se não houver recursos especiaes será necessario que a viuva, triste e definhada, com os filhos ao collo, vá estender a mão á caridade pelos quarteis e á porta dos amigos do fallecido, o que nem sempre póde ser bem correspondido, para comprar pão que mate a fome, e até, o que ainda é mais triste, para fazer as despezas do funeral ou pagar qualquer divida que o fallecido tivesse deixado.

Se todos fossem previdentes e no fim do mez mettessem para uma caixa uma quantia determinada não seriam necessarias as associações collectivas, mas isso em geral não é possivel e è portanto necessario que todos nos unamos, que todos nos ajudemos para salvar as familias dos nossos camaradas que tiverem a infelicidade de fallecerem.

O unico contra que a esta seductora idéa se apresenta é a propria palavra *previdencia*, que logo nos indica que é um encargo que vamos contrahir, mas é necessario que nos lembremos que á retaguarda d'essa palavra estão as oppostas — *soccorros mutuos* que vem salvar as nossas familias precisamente nos momentos mais angustiosos da vida.

Pela circular vemos que a associação projectada é sòmente para os officiaes do norte, pois que ella se denominará *Previdente dos officiaes com residencia official na área da grande circumscripção militar do norte.*

Sentimos que assim succeda pois que d'uma associação d'esta natureza deviam ser socios todos os militares, embora tivesse a sua séde no Porto. Nós, portanto, fazemos votos para que o benemerito appello seja bem correspondido, e não podemos deixar de formular o nosso pedido para que esta medida tão util se torne extensiva a todo o exercito.

DAVID RODRIGUES.
Ten.te d'inf.a

"REVUE DU CERCLE MILITAIRE"

Esta importante publicação militar franceza, sempre que o ensejo se lhe depara, refere-se com palavras de justiça e incitamento ás questões militares do nosso paiz.

Ha na redacção d'essa «Revista» quem bem conhece a nossa lingua, e é com a mais viva sympathia e agrado que registamos este facto, porque é sem duvida devido a elle que palavras tão amigas, e, em verdade, tão justas e tão sinceras, teem corrido mundo a favor das nossas cousas militares.

Evidentemente a *Revue du Cercle Militaire* não tem o menor interesse, e portanto não será seu desejo informar os seus leitores a respeito das questões militares portuguezas, senão sob a nitida comprehensão da sua absoluta independencia, em obediencia ao seu criterio e ás suas convicções technicas.

E é por isso que mais captivante é para nós o seu procedimento, mais merecedor do nosso agradecimento e da nossa mais alta consideração.

No anno findo fez aquella «Revista» uma apreciação justa e verdadeira ás manobras que se realisaram ao sul da Serra de Cintra, pondo em relevo o valor do nosso soldado e a competencia dos nossos officiaes.

E esta apreciação insuspeita deu-nos tanto maior consolação, quão grande foi a magua que sentimos por vermos prevertida a imprensa diaria da nossa terra, malbaratando o valor do nosso exercito, depreciando a importancia das grandes manobras, e até negando-lhe a sua utilidade; e tudo isto apenas por paixão partidaria, por influencia dos ruins sentimentos, mesquinhos e deprimentes, da inveja e talvez ate do odio ou do rancor.

No numero de 22 de março do corrente anno a *Revue du Cercle Militaire* traz, com toda a verdade, um apanhado geral da reorganisação do nosso exercito e critica essa iniciativa ministerial dizendo que a nova organisação do exercito portuguez marca, incontestavelmente, um serio progresso sobre o passado, e merece por isso não passar despercebida.

«O seu effeito principal consiste em elevar o numero dos batalhões de infanteria de 66 a 84, tornar mais facil a incorporação dos homens da primeira reserva, e assegurar ao mesmo tempo uma melhor defeza do reino.»

Termina a sua critica, affirmando que Portugal, cuja organisação militar se approxima, desde hoje, da adoptada pelas grandes nações europeias, faz serios esforços para tornar o seu exercito tão poderoso quanto lh'o permittem os recursos da sua população.

No ultimo numero que recebemos do considerado hebdomadario francez, deparamos com uma apreciação muito judiciosa ao livro do nosso collega de redacção, tenente David Rodrigues, sobre o tiro nacional.

Exprime-se assim, o nosso camarada do exercito francez, o sr. capitão Espérandieu, ácerca do *Tiro Nacional:*

«Este estudo, que foi publicado em seu tempo na *Revista de Infanteria*, onde foi muito notado *(fort remarquée)* tem por fim tornar tangivel a necessidade da pratica do tiro para o povo portuguez, e, como consequencia, preconisar a creação de sociedades de tiro em Portugal.

Os argumentos do sr. tenente Rodrigues são tirados, na sua maior parte, da guerra anglo-boer. Elle mostra, pela resistencia tão corajosa das duas republicas da Africa do Sul, o que podem os homens patriotas que sabem atirar. Mas o sr. Rodrigues soube evitar as falsas deducções que esta guerra tem provocado e que tem levado outros a condemnar falsamente os exercitos permanentes. As milicias não poderão constituir de forma alguma as unicas forças d'um paiz.

O que é verdade é que os estados cuja população não é consideravel não pódem evitar esta causa de inferioridade senão pela militarisação completa dos seus homens validos. E', para isto que tendem, para

o seu paiz, os esforços do sr. tenente Rodrigues, e esta missão d'um patriotismo esclarecido (éclairé) lhe faz a maior honra.

Collocando-nos n'um outro ponto de vista, é-nos agradavel evidenciar em que termos calorosos o sr. tenente Rodrigues se exprime, logo que elle fala da obra de emancipação levada a cabo pelos nossos soldados. «O codigo Napoleonico, diz elle, foi para nós, que viviamos depois de sete seculos nas trevas da ignorancia e da oppressão, como um raio de sol que a tudo dá luz e vida». Acima das batalhas, das inimisades passageiras, o sr. tenente Rodrigues comprehendeu perfeitamente que os nossos exercitos do Imperio, apezar das suas guerras de conquista, souberam ficar fieis aos principios da sua juventude e nunca deixaram de trazer com elles um ideal de liberdade.

Como portuguezes amantes do exercito até ao fanatismo, com a convicção arreigada e firme de que a patria portugueza só poderá ser grande honrando o seu exercito, instruindo-o, fortalecendo-o, acarinhando-o, sentimos verdadeiro prazer ouvindo na Europa uma voz amiga, que, com a independencia da sua posição especial, nos faça justiça!

A' *Revue du Cercle Militaire* os nossos mais cordeaes agradecimentos.

A S

O serviço de dois annos

E

A REDUCÇÃO DOS EFFECTIVOS

(Continuado do n.º 5—5.º anno)

Os periodos de instrucção

A reducção dos effectivos, filha consequente da falta de recursos orçamentaes, é um mal que infelizmente promette ser duradouro. Vamos portanto encarar a questão da instrucção debaixo do ponto de vista d'este *mal inevitavel* e ver,

depois de feito o diagnostico respectivo, quaes os medicanemtos que é necessario applicar-lhe para que a instrucção não enferme e para que o exercito não definhe. Vamos pois abalançar-nos a apresentar um alvitre, que apenas deve ser encarado como tal; ficando consequentemente cada um com pleno direito para o avaliar e applicar como entender. Nós defenderemos simplesmente a intenção que nos leva a lançar mão da penna para o apresentar.

Devemos em todo o caso frizar, como ponto de partida, e como já temos dito, que a missão principal e quasi unica do exercito, no tempo de paz, é instruir-se, curar da instrucção para se preparar para a guerra. Se este é o fim do exercito, todos os meios para o alcançar devem ser orientados n'esse sentido. E' a logica que o diz e não ha palavras humanas que o desmintam.

N'esta ordem de ideias é necessario dispôr o exercito em condicções, de maneira que se possa obter a maxima instrucção. A simples analyse nos diz que não é isso o que hoje se obtem, antes pelo contrario, a mesma analyse nos leva, infelizmente, a uma conclusão opposta e bem differente. Uma das causas é a falta de gente nos periodos em que a instrucção deve ser mais intensa, pois que ninguem ignora que sem um certo pessoal se não pode ministrar uma grande parte da instrucção militar. Um simples exemplo é o bastante para o confirmar. Ha regimentos onde desde annos se não faz sequer um simples exercicio de companhia, pois que o recruta mal é dado prompto para o serviço, ou é logo mandado de licença para salvar a penuria orçamental ou é immediatamente empregado n'essa infinidade de serviços inuteis e esteries em que se desmoralisa, em que esquece o que aprendeu e onde perde a maior parte das vezes os habitos militares. Quer dizer, a falta de recursos e a má orientação são as duas causas que impedem se ministre a instrucção completa como é para desejar! Contra esta falta já n'este mesmo logar e por mais d'uma vez nos temos insurgido. Hoje vamos voltar as nossas attenções para o outro lado da questão, para a falta de recursos.

E' uma falta grande, e tão grande que será difficil removel-a. Conhecendo isso não queremos luctar contra ella, não chegam para tanto as nossas forças, mas queremos ao menos, que por qualquer processo, se attenue o mais que se poder, ou se evitem os seus perniciosos effeitos de todas as fórmas possiveis. Com este fim é que nós vamos apre-

sentar o alvitre cuja applicação se nos afigura facil e proveitosa.

Devido a esta falta de recursos cada regimento só póde ter por anno um certo e determinado numero de soldados. Para simplicidade e maior clareza supponhamos que o regimento A tem o effectivo de 300 homens. Segundo a falsa orientação, ha muito seguida, a maior parte d'estes homens, senão por vezes a quasi totalidade, é empregada em guardas, destacamentos, diligencias, escoltas, etc., etc... de tal maneira que se o commandante quizer ordenar um exercicio de companhia que seja, raras vezes o poderá fazer.

E' este o quadro a que estamos habituados ha muitos annos, que para o condemnar, mesmo admittindo que uma vez ou outra se póde fazer alguma cousa, basta dizer que a instrucção militar, como toda a instrucção, deve ser ministrada com methodo e sequencia, o que, por mais que se faça, são exigencias a que se não póde attender de fórma alguma, além de que não é possivel ministrar a instrucção completa. A experiencia bem está patenteando aos olhos de todos isto mesmo.

N'estas condicções é necessario contar para este mesmo regimento com a despeza orçamental necessaria para pagar annualmente a $300 \times 365 = 109.500$ homens. Pois bem, contando com a mesma despeza orçamental necessaria para pagar a 109.500 homens é facil, dentro dos mesmos recursos, elevar os effectivos em certos periodos do anno até que seja possivel obter gente necessaria para se poder executar toda a instrucção militar, reduzindo-a, claro está, em outras epochas do anno. Exemplifiquemos. Nos mezes de janeiro, fevereiro e março, epocha da recruta, o mesmo regimento A teria, por exemplo, 500 homens; nos mezes de abril, maio e junho, epocha do anno em que as sementeiras não deixam executar grandes trabalhos no campo, o mesmo regimento teria um effectivo de 100 homens; nos mezes de julho, agosto e setembro, passaria a ter novamente um effectivo de 500 homens, com os quaes, caso não fossem distrahidos para outros serviços, se poderia fazer já alguma cousa; e, finalmente, nos mezes de outubro, novembro e dezembro passaria outra vez a ter um effectivo de 100 homens e assim ficaria o anno dividido em quatro periodos, a saber:

1.º trimestre.....	Periodo de intrucção de recruta.
2.º trimestre.....	Periodo de trabalhos no campo para os quadros e de preparação para a instrucção complementar.
3.º trimestre.....	Periodo de instrucção complementar.
4.º trimestre.....	Periodo de licenceamento e de preparação de quadros.

Passaremos a enumerar agora as vantagens e inconvenientes de um tal processo e vamos primeiramente a encarar a questão pelo lado economico. Conforme os numeros que indicamos não ha augmento de despeza relativa á média de 300 homens, pois que 500 homens em 6 mezes representam 91.000 homens a quem é necessario pagar, e 100 por outros 6 mezes representam 18.300, que sommados dão a cifra de 109.300 homens, que é proximamente a cifra obtida com a média annual de 300 homens.

Tendo a pagar a 200 homens a menos, um tal processo representa, pelo lado economico, uma vantagem.

Quanto á instrucção, encarada a questão pelo lado puramente theorico, o processo não é bom, porque a instrucção, olhada por este mesmo lado deve constituir um curso annual que vae progredindo successivamente, isto é, o soldado entrando no regimento deveria acompanhar toda a instrucção progressiva até ás grandes manobras.

Se assim succedesse é evidente que ninguem se abalançaria a pedir a reducção dos effectivos nos tres mezes da primavera, pois que isso representa uma grande interrupção no seguimento da instrucção, mas como não succede é certamente preferivel instruir o recruta, dar-lhe um periodo de descanço e continuar depois, durante tres mezes, o seguimento da instrucção, o que já se pode fazer com regularidade, methodo e sequencia. Quer dizer, esta interrupção da instrucção equivale a reduzir o curso de tres mezes, mas com a vantagem de que depois, embora n'um periodo menor, se póde levar a instrucção a cabo e ensinar ao soldado tudo o que precisa saber, o que hoje não succede, porque não se póde completar a instrucção.

Nos mezes de outubro, novembro e dezembro não offerece o processo inconveniente algum, salvo se a má orientação não vier reclamar soldados para as guardas e os variados serviços de policia. De resto, sendo o periodo de preparação dos quadros, como já hoje é considerado, não ha inconveniente algum em reduzir os effectivos, porque para ministrar a instrucção d'estes não se precisam grandes effectivos.

Os mezes de abril, maio e junho, em que os effectivos ficavam reduzidos, seriam dedicados a trabalhos de campo, estudos e conferencias e não faltaria que fazer.

Para que nos periodos da instrucção não faltassem quadros, seriam prohibidas as licenças n'esses periodos que seriam então dadas nos outros periodos.

Com um processo d'estes, fazendo-lhe as modificações e correcções que fosse necessario introduzir-lhe e que a pratica recommendasse, não faltariam soldados nem quadros e poder-se-hia, portanto, embora n'um periodo mais curto, ministrar a instrucção que todos, officiaes e soldados, devem e precisam receber.

(Continúa).

David Rodrigues
Tenente de infanteria

AS ESCOLAS PRATICAS

E

A INSTRUCÇÃO COMPLEMENTAR

(Continuado do n.º 5 — 5.º anno)

V

Pelo que ficou dito nos numeros anteriores vê-se, ou conclue-se, que as escolas praticas e os campos de instrucção são essencialmente destinados e necessarios, para a instrucção complementar das tropas e dos quadros.

A necessidade das escolas e campos resulta do mesmo

facto de existir a instrucção complementar, instrucção que se precisa ministrar, e que requer logares e condições especiaes.

A organisação e fins das escolas praticas e campos, derivam da natureza da instrucção complementar, instrucção que passaremos a definir; antes, porém, precisamos classificar a instrucção das tropas e dos quadros, e classificamol-a do modo seguinte:

1.º — Instrucção regimental, isto é, a ministrada nos quarteis e terrenos adjacentes.

2.º — Instrucção nas escolas militares didacticas, isto é, onde se ministram cursos theoricos de arte militar, preparatorios para officiaes das diversas armas.

3.º — Instrucção nas escolas praticas, onde se ministram cursos praticos e technicos; onde se aperfeiçoa e desenvolve a instrucção dos quadros.

4.º — Instrucção nos campos, isto é, onde se completa a instrucção das tropas de todas armas, preparando-as e trenando-as para a entrada immediata em campanha.

5.º — Instrucção de grandes manobras, onde se verifica se as tropas, os quadros, o alto commando, a organisação e o material, estão realmente preparados para a guerra.

Como é obvio, não podemos entrar em detalhes ácerca de todas as especies de instrucção. Temos de nos restringir ao assumpto especial de que tratamos: — escolas praticas e instrucção complementar.

Ha uma instrucção complementar que se deve ministrar aos quadros, e uma instrucção complementar que se deve ministrar ás tropas.

Instrucção completar dos quadros

Sem offensa para qualquer, parece-nos que podemos apresentar o seguinte, como verdade, que não carece de demonstração:

1.º — Os cursos das escolas theoricas constituem a preparação inicial para entrar na carreira como official, mas não garantem a competencia e habilitação profissional atravez de toda a carreira e em todos os postos.

2.º — Os conhecimentos anteriormente adquiridos desapparecem rapidamente da intelligencia, se se não fizer um

trabalho incessante ou periodico, de recordação e estudo.

3.º — A sciencia militar está como todas as outras, sujeita ás leis de transformação e progresso; por isso, seria muito inconveniente estacionar em qualquer momento, não renovando continuamente os conhecimentos, e não os pondo em harmonia com os progressos realisados.

4.º — As funcções que se impõem a cada grau da gerarchia militar, são successivamente mais complexas e difficeis, e exigem uma maior capacidade profissional, e conhecimentos mais vastos que os obtidos pela preparação inicial, isto é, o curso da arma.

A respeito do modo como as diversas nações organisam as escolas, não ha uniformidade. Cada nação tem o seu systema, e esse mesmo é frequentemente alterado.

Todavia é certo que n'esses systemas ha pontos communs, unidade de intuitos e principios, e é por isso que nós podemos subdividir do seguinte modo a instrucção complementar dos quadros:

1.º — Cursos de tiro e instrucção para sargentos e officiaes.

2.º — Curso de instrucção pratica geral para aspirantes.

3.º — Cursos de aperfeiçoamento para officiaes (tenentes e capitães.)

4.º — Cursos de informação para officiaes superiores e capitães.

5.º — Curso para instructores de tiro.

6.º — Curso de instructores de esgrima e de gymnastica.

1.º Cursos de tiro e instrucção para sargentos e officiaes

Este curso tem por fim: ensinar a conhecer a efficacia dos fogos de combate; a dirigir os mesmos fogos; a empregar as formações no campo de batalha.

A duração d'este curso varia entre 25 a 50 dias.

Para sargentos os cursos teem-se realisado na Allemanha e Inglaterra.

Para officiaes os cursos teem-se realisado na Suissa, Inglaterra, Italia, Austria, Allemanha e França.

2.º Curso de instrucção pratica geral para aspirantes

Em França, Allemanha, Austria e Russia, os aspirantes vão das escolas theoricas para os corpos, onde fazem um tirocinio pratico, conjunctamente com as tropas. Na Italia e Belgica os aspirantes seguem da escola theorica para a escola pratica, onde fazem um curso pratico de seis mezes.

O curso comprehende esgrima, gymnastica e tiro, e outros trabalhos de instrucção geral.

Entre nós a lei vigente determina que os aspirantes tomem parte n'um periodo annual de instrucção na escola pratica. O nosso modo de vêr a esse respeito deixamol-o exarado nos numeros anteriores. O que é preciso ao menos é que d'esse periodo se tire o maior proveito possivel, dando uma orientação conveniente á instrucção. O conjuncto deve constituir uma preparação geral, para o desempenho das funcções de official, o que exclue todo o desenvolvimento restricto a qualquer especialidade, todo o intuito de apurar um numero limitado para seguirem cursos de aperfeiçoamento, que ás vezes não passa de um aperfeiçoamento de commodidades...

A disposição tambem em vigor, que manda concentrar em Mafra os recrutas retardatarios, permitte que os aspirantes se exercitem como instructores e commandantes. Este assumpto porém, tambem se nos afigura muito indefinido, visto que não se pode nunca saber antecipadamente ou de um modo fixo, quantos são os recrutas que se concentram. São 200? São 500? São 1:000?

Ninguem o sabe, e d'ahi a impossibilidade de um programma previo. Se forem 1:000, tem cada aspirante uns 20, para se entreter, desde dezembro até quasi ao fim do periodo.

Emfim, o assumpto é complexo e presta-se a largas conjecturas e considerações.

Um ponto a que se deve attender, é que os aspirantes effectuem (repetindo-os) todos os trabalhos da instrucção dos officiaes, segundo o regulamento de instrucção.

A gymnastica e esgrima não deve de modo nenhum constituir a instrucção principal dos aspirantes.

3.º Curso de aperfeiçoamento para officiaes

Este curso tem por fim desenvolver nos officiaes os conhecimentos indispensaveis para ascender aos graus superiores.

Por emquanto só a Russia e a Austria teem este curso, que visa a levantar a instrucção de todos os officiaes em geral. Nas outras nações nada se faz para conservar, melhorar e augmentar os conhecimentos que proveem do curso inicial. E' certo que o curso do estado maior, ou curso superior de guerra, é mais ou menos facultado, mas esse curso é alcançado por uma pequena minoria de officiaes, e os restantes, que são a maioria, estacionam, ou retrogradam, sensivelmente deprimidos.

Na Austria o curso consta de parte theorica e parte pratica, e dura seis mezes para os tenentes e tres mezes para os capitães.

A parte theorica comprehende: historia militar, estrategia, fortificação, organisacão militar e tactica.

Na Russia o curso é para capitães antigos e dura sete mezes. E' um curso de selecção, trata principalmente de tiro e tactica, e comprehende provas praticas e theoricas.

A necessidade e vantagem d'estes cursos são evidentes, sobretudo o systema usado na Austria. São cursos de renovação e aperfeiçoamento, a que se submettem os officiaes em periodos de uns oito annos, isto é, como tenentes e capitães antigos. E' não só a renovação periodica mas tambem e principalmente a acquisição de novos conhecimentos, em edades em que ha ainda vontade e força para trabalhar, e condições para se sujeitar a um methodo escolar.

O valor ou importancia dos cursos de aperfeiçoamento não reside apenas no estudo que se faz nas escolas, mas sim e principalmente, por serem um incentivo permanente ao estudo, d'onde resulta que todos ou a maioria dos officiaes augmentam por iniciativa propria os seus conhecimentos, e estudam com vagar e methodo os assumptos sobre que terão um dia de dar algumas provas.

E' certo que a estrategia, a tactica superior, a organica, a fortificação e a organisação defensiva, ataque e defeza de fortificações, são assumptos que dizem respeito mais aos postos que devem dirigir e executar a guerra na sua forma mais elevada, ou exercer commandos superiores, de major, coronel e general. Porém, é tambem certo que a competencia nos graus superiores resulta do estudo e trabalho começado nos graus inferiores. Para que os graus superiores se possam submetter á verificação, é primeiramente necessario que os inferiores se submettam á preparação.

O levantamento do nivel geral da instrucção, consti-

tue a melhor barreira contra certas pretensões dos cursos superiores, ao privilegio dos postos mais elevados.

4.º Cursos de informação

Estes cursos duram cinco a trinta dias, e por isso quasi se limitam a uma simples visita, e assistencia a alguns trabalhos das escolas praticas. Geralmente são para officiaes superiores. Apesar de se limitarem a uma simples assistencia a alguns trabalhos, nem por isso deixam de ter importancia, pois que esses officiaes tendo de apresentar relatorios sobre os trabalhos e exercicios que viram, terão occasião de expôr as suas idéas sobre serviços de engenheria, instrucção e tactica das diversas armas.

No curso de informação ha uma parte, muito importante, e é a conferencia ou *informação* que o official superior director do tiro, e isto tanto na infanteria como na artilheria, tem de fazer aos officiaes que o frequentarem, relativamente a questões praticas observadas durante as experiencias do tiro.

Para se saber exercer o cargo de general parece-nos indispensavel possuir um estudo muito meditado de estrategia, historia militar, organica, tactica superior, organisação defensiva, ataque e defeza de fortificações.

São estes assumptos que constituem a sciencia propria de um general. Claro é que devem tambem conhecer a organisação interior, instrucção e administração dos corpos, mas taes assumptos teem logar proprio nas provas para major ou coronel.

Os fogos de guerra e os problemas sobre a carta, embora devam ser considerados como estudos importantes, não devem nem podem ir até ao ponto de despensar tudo o mais.

5.º Curso para instrucção de tiro

Este curso tem por fim habilitar officiaes com conhecimentos completos das questões de tiro, armamento, carreiras e campos de tiro, afim de saberem dirigir a instrucção de tiro.

Os cursos especiaes para instructores de tiro, que convém não confundir com os cursos de instrucção geral, encontram-se na Allemanha, França e Russia.

Na Russia é o mesmo curso de aperfeiçoamento que acima mencionamos. E' para capitães antigos e dura sete mezes.

Na França o curso é para capitães e dura cinco mezes.

Na Allemanha o curso é para subalternos e capitães e dura quatro mezes.

Em Hespanha, a *Revista de Infanteria* acaba de apresentar um projecto de organisaão de uma Escola de Tiro de Infanteria, em que haverá por anno dois cursos para tenentes, de cinco mezes cada um.

Segundo o regulamento de tiro hespanhol ha em cada regimento um capitão com o titulo e cargo de capitão e instructor de tiro.

Ora, em Mafra, não ha duvida, tem-se feito e exhibido muito exercicio de tiro; mas, por falta de um curso devidamente organisado, não se teem formado instructores. Dos aspirantes não se teem formado, nem se devem formar, porque os seus trabalhos na escola teem em vista a preparação geral para as funcções de official. Ainda pelo mesmo criterio não deve o curso de instructor de tiro ser saguido por officiaes muito novos, porque não teem ainda a sufficiente preparação geral, nem podem brevemente ser chamados a dirigir as carreiras de tiro e a instrucção.

Parece-nos que está naturalmente indicado que o curso deve ser seguido por tenentes.

O curso deve ter a duração de seis a oito mezes, e comprehender trabalhos theoricos e praticos.

6.° Cursos de instructores de esgrima e de gymnastica

Estes cursos encontram-se em França, Italia e Austria.

Em França o curso de gymnastica dura seis mezes e é seguido por alferes, sargentos e cabos. O curso de esgrima dura um anno e é seguido por cabos e soldados já approvados no exame para *prevôt* de esgrima. Para o ensino de esgrima ha um quadro de instructores com o grau de sargentos-ajudantes.

Na Italia ha um curso de esgrima que dura tres annos, sendo seguido por sargentos.

O ensino de gymnastica e esgrima é tambem ministrado aos cadetes e aspirantes, mas sem ter por fim formar especialidades.

Na Austria ha um curso para irstructor de gymnastica

e esgrima, seguido por sargentos. Os instructores teem quadro especial, com os graus de alferes, tenente e capitão, mas convém saber que as provas theoricas são importantes, e exigem alguns exames de instrucção secundaria.

Conforme succede no tiro; em Mafra, tambem a maior parte do trabalho de esgrima e gymnastica se tem inteiramente desperdiçado. Isto succede por os cursos não estarem devidamente organisados, e por falta de outras providencias complementares adquadas.

Ha dez annos que na Escola ha em cada anno um curso para instructor de esgrima, seguido por uns oito alferes, e dois cursos para instructor de gymnastica, seguido por uns sessenta cabos. Pois ainda hoje estamos longe de poder dizer que temos instructores de esgrima em sufficiente quantidade e qualidade.

Os cabos passam logo á reserva, e um ou outro que fica e passa a sargento, por falta de bases theoricas, carece de direcção superior no ensino que ministra, para não commetter attentados contra a hygiene e contra o objectivo geral da instrucção militar que se tem em vista dar ao soldado.

Em esgrima, dos 33 corpos de infanteria e caçadores, segundo dados colligidos recentemente pela direcção da arma, ha 13 que não teem nenhum instructor, 14 que teem 1, e 6 que teem 2.

Esta simples exhibição de faltas demonstra que o actual systema não convém, pois custando muito dinheiro, não nos dá instructores capazes, nem em sufficiente quantidade, nem devidamente distribuidos pelos corpos.

Sem recorrer á creação d'um quadro especial, parece-nos que a esgrima se poderá melhorar sensivelmente, adoptando as seguintes bases:

1.ª—O curso dura dez mezes e comprehende tambem o necessario ensino theorico e pratico para se saber dirigir a instrucção de gymnastica.

2.ª—O curso é seguido por tenentes ou alferes escolhidos em concurso, e propostos pelos commandantes dos corpos.

3.ª—E' permittido a qualquer official, sem frequentar o curso, concorrer ás provas finaes, e obter o diploma de instructor.

4.ª—Os officiaes habilitados com o curso de esgrima

ficam obrigados ao ensino de esgrima nos corpos ou escolas durante quatro annos.

Relativamente á gymnastica, indicamos para seu melhoramento as seguiutes bases:

1.ª—O curso é seguido por cabos ou soldados com o 1.º curso das escolas, ou outra instrucção superior.

2.ª—O curso dura nove mezes, e comprehende parte theorica e parte pratica, incluindo n'esta, esgrima de sabre, pau e bayoneta, velocipedia e natação.

3.ª—Por cada batalhão haverá um instructor de gymnastica, 1.º cabo ou sargento, tendo além dos vencimentos d'essas classes, mais a gratificação especial diaria de 60 réis.

Parece-nos que este systema assegura a formação, distribuição e conservação de bons instructores, e demanda pequena despeza.

JULIO DE OLIVEIRA.
Tenente de inf.ª

MEDIDAS IMPORTANTES

No momento que vae entrar na machina a nossa «Revista» chega-nos ao conhecimento que o nobre Ministro da Guerra, o sr. conselheiro Pimentel Pinto, no louvavel intuito de proporcionar aos corpos elementos para poder haver a maxima instrucção possivel, determinou que os destacamentos fossem reduzidos apenas a alguns que, por circumstancias especialissimas, sejam reputados essenciaes e indispensaveis.

Medidas radicaes e decisivas vão tambem impender sobre os impedimentos, fazendo cessar muitos e alliviando os regimentos, em todo o caso, de contarem no seu effectivo praças que não podem fazer serviço regimental.

Consta-nos tambem que fica entregue ao criterio e iniciativa dos commandantes dos corpos a questão relativa ao numero de praças do effectivo que devem ter, em face do orçamento, podendo augmentar ou diminuir esse numero, em harmonia com a instrucção e necessidades do serviço,

de modo que no fim do anno economico tenha tido apenas 365 × N, sendo N o numero de praças fixado para o regimento.

E' uma medida economica indispensavel e que pode e deve produzir optimos resultados desde o momento que seja posta em pratica nos corpos com zelo, intelligencia e boa vontade, cousa alias com que sempre se deve contar na nobre e honrada classe militar.

Por este modo todos os corpos passarão a ter um numero de praças no quartel que lhes garante uma instrucção proficua e util, inclusivé para os quadros.

Todos os louvores são devidos ao nobre Ministro da Guerra, que põe bem em evidencia o seu desejo de, dentro da verba orçamental, melhorar os serviços, propugnar pela instrucção, envidando sinceros esforços para elevar o nivel moral e material do exercito.

CAMPO DE TIRO DE ALCOCHETE

Ao illustre Ministro da Guerra, o sr. conselheiro Pimentel Pinto, cabe a gloria de ser o fundador do primeiro campo de tiro no nosso paiz.

Nas vastas charnecas de Alcochete mandou o illustre ministro adquirir um amplo terreno destinado a campo de tiro para todas as armas, devendo as obras de installação começarem brevemente.

A arma de infanteria exulta com tão notavel e util melhoramento e acompanha a sua irmã, a artilheria, no mesmo jubilo, pois era sabido que entre nós não se podiam fazer experiencias e estudos com boccas de fogo de grosso calibre.

Não carece de desenvolvimento a justificação de tão importante melhoramento que o exercito fica devendo á iniciativa patriotica e intelligente do illustre Ministro da Guerra.

Basta apenas registar o facto, o que aliás fazemos com verdadeiro prazer, pelo que representa e vale e significa para a nossa arma, que tanto carecia de poder estudar no campo das applicações, a pratica dos fogos de guerra, para ficar implicitamente consignado o elogio que merece tão conveniente e tão proficua medida.

SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

Belgica. — Regulamento de tiro. — Na Belgica acabam de introduzir modificações importantes no *Regulamento de tiro*. A 8.ª sessão de tiro individual, que era destinada ao tiro de repetição, foi supprimida.

Este genero de fogo continua não obstante figurando no *Regulamento de manobras*, mas foi supprimido no Regulamento de tiro para não acostumar o soldado a gastar rapidamente as munições, o que na maior parte das vezes representa um desperdicio.

A companhia executa sómente uma sessão de fogos collectivos de combate, mas haverá 4 sessões, sendo, 1 de tiro de combate para a secção, 1 para o pelotão, 1 para a companhia e 1 para o batalhão. Em cada uma das sessões cada soldado gastará 10 cartuchos.

Cada uma das sessões será dirigida pelo commandante da unidade immediatamente superior.

O tiro de combate, ou o fogo individual e á vontade é o mais empregado, recebendo portanto um grande desenvolvimento. A tactica dos fogos repousará principalmente sobre o fogo dos atiradores. As descargas, ao contrario, são menos empregadas, isto é, o novo regulamento admitte este genero de fogos como excepção e não como regra geral, como o antigo.

Supprimido o fogo por descargas de companhia, admitte ainda o mesmo genero de fogo para a secção e para o pelotão.

E' tambem supprimido o fogo com alças conjugadas, fazendo-se, segundo o novo regulamento, sómente com uma alça.

Modifica tambem a regulamentação do tiro de exame. Em logar de constituirem um concurso, serão organisados de maneira a terem o caracter de inspecção, o que permittirá aos generaes appreciar a aptidão dos officiaes e o grau de instrucção dos soldados.

França. — O Tiro em Châlons. — Este anno os exercicios praticos na *Escola normal de tiro*, de Châlons, terão logar em tres series sendo cada uma d'ellas de 7 dias para todos os officiaes (officiaes generaes e superiores de todas as armas) ; 3 dias supplementares reservados aos officiaes superiores de infanteria.

A estes exercicios assistirão 117 officiaes superiores dos corpos de tropas de infanteria, sendo 50 coroneis, tenentes coroneis ou majores dos batalhões de caçadores.

Conferencias agricolas. Uma circular ministerial de 19 de abril faz resaltar a necessidade, já reconhecida em França e no extrangeiro, se desenvolver o ensino da agricultura.

N'alguns regimentos já se começaram estas conferencias. Os professores departamentaes de agricultura fizeram conhecer que estavam todos dispostos a ceder o seu concurso sem gratificação alguma. O ministro da guerra determinou então que em todas as guarnições em que podessem ter logar estas conferencias se effectuassem fóra das horas destinadas á instrucção.

As auctoridades militares deverão utilisar todos os recursos de que disponham para dar aos militares sob as suas ordens a instrucção agricola, á qual o governo dá o maximo appreço.

Inglaterra. — **Uma nova arma.** — Depois dos fracos resultados obtidos pelos inglezes na campanha sul-africana com a Lee-Medfort tem-se empregado em Inglaterra os maximos esforços para obter uma arma excellente e que corresponda ás exigencias modernas.

Depois das modificações introduzidas n'aquella arma fizeram-se novos estudos para introduzir na Lee os aperfeiçoamentos da Mauser. As modificações principaes são: o machinismo da culatra é o da Mauser, podendo ser montada e desmontada sem auxilio de parafusos, o cano é guarnecido e para restabelecer o equilibrio, diminuiram o pezo do fuste abrindo-lhe orificios, a chapa do couce é de aluminio, etc.

O carregador tem 5 cartuchos.

SECÇÃO OFFICIAL

Auxilio para rancho

Circular n.º 3, da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 21 de janeiro de 1901.

Diz, em additamento á circular n.º 81 de 15, que o auxilio a abonar ás praças que arrancham com os sargentos nos termos do § 2.º do art. 248.º do regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito será egual ao fixado para os sargentos, continuando assim em vigor as restantes disposições do n.º 5 da ordem do exercito n.º 5 (1.ª serie) de 1900 e circular da 5.ª repartição do Ministerio da Guerra n.º 172 de 16 de janeiro do mesmo anno.

Sobras dos fundos do rancho

Circular n.º 5, da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 24 de janeiro de 1901.

Manda conservar até segunda ordem nos cofres dos respectivos conselhos administrativos os saldos provenientes das sobras do fundo do rancho.

Auxilio para rancho nos districtos de recrutamento e reserva

Circular n.º 4, da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 24 de janeiro de 1901.

Determina que o auxilio para rancho das praças dos districtos de recrutamento, qne estejam nas condições expressas no § 2.º do art. 12.º do regulamento publicado na O. E. 15 de 1899, deve ser, em cada mez, de importancia egual á que tiver sido abonada no mez anterior no corpo do exercito activo mais proximo da localidade onde o districto tiver a sua séde.

Uniformes — alumnos militares

Circular n.º 60 G da Repartição do Gabinete do Ministerio da Guerra, de 25 de maio de 1901.

Auctorisa que os alumnos militares matriculados nas escolas superiores usem collarinhos brancos direitos e fechados, que não excedam mais de 0m,005 as golas dos casacos, dolmans, jaquetas ou jalecos de policia como está determinado pelo art.º 47.º do plano de uniformes de 10 de setembro de 1892, e bem assim o uso de calça lisa, o que oportunamente será publicado em ordem do exercito.

Taras

Ord. Circular da 1.ª divisão militar n.º 18, de 11 de junho de 1901.

Transcreve a nota 1330 da 4.ª repartição do ministerio da guerra, recommendando o maior aproveitamento das taras, por isso que a direcção geral do serviço de artilheria informa succeder frequentes vezes chegarem, ao deposito geral do material de guerra, as taras entregues pelos corpos, em tal estado de ruina que o seu valor não cobre as despezas de transporte.

Alumnos das escolas superiores — calça lisa

Ord circular da 1.ª Divisão militar n.º 19, de 18 de junho de 1901.

Diz que o uso da calça lisa concedido aos alumnos das escolas superiores, é sómente no tempo em que as demais praças usam calça ou calção de panno e que durante a estação calmosa os mesmos alumnos devem usar calça de brim.

Documentos de transferencia de officiaes

Circular n.º 1611 da 1.ª repartição da secretaria da guerra, de 21 de junho de 1901.

Determina que em substituição da doutrina das circulares n.º 2:960 de 18 de novembro de 1899, n.º 3:118 de 30 do mesmo mez e anno e n.º 3:376 de 29 de dezembro do referido anno se observem as disposições seguintes:

1.º — Que quando qualquer official tenha pela mesma ordem do exercito differentes collocações, os seus documentos de transferencia se-

jam pela estação de saida remettidos directamente á estação onde o mesmo official fôr difinitivamente collocado.

2.º — Que todas as verbas de escripturação correspondentes ás collocações dadas, sejam registados pela estação expedidora dos documentos de transferencia.

Continencia militar

Ord. circular da 1.ª divisão militar n.º 22, de 28 de junho de 1901.

Cita incorrecções notadas em alguns militares no acto de fazerem a continencia militar ás differentes auctoridades; e fazendo differentes recommendações sobre a execução d'esta manifestação de respeito e cortezia, determina que os officiaes e mais graduados deem parte ou procedam directamente contra aquelles que transgredirem esse dever

Execução do serviço de guarnição

Ord. circular do commando da 1.ª Divisão militar n.º 25 de 3 de julho de 1901.

Notando as irregularidades com que é feito o serviço de guarnição, chama a attenção dos chefes e em geral de todos os superiores para o dever que teem de intervir com a sua auctoridade nas faltas dos seus subordinados, cumprindo-lhes darem parte dos infractores ou procederem contra elles se para tanto tiverem competencia disciplinar.

Passagens ao corpo de marinheiros da armada

Circular da 2.ª repartição da secretaria da guerra n.º 24, de 2 de julho de 1901.

Determina que a transferencia das praças do exercito para o corpo de marinheiros da armada só se realise quando as praças entrem com a importancia dos seus debitos de fardamento, salvo quando a transferencia fôr por conveniencia de serviço.

Medalhas militares

Circular n.º 1:777 da 1.ª repartição da secretaria da guerra, de 8 de julho de 1901.

Determina que com as informações annuaes sejam remettidas propostas de iniciativa propria feitas em conformidade com o art.º 15.º do regulamento de 21 de dezembro de 1886, para a concessão das differentes classes de medalhas militares a todos os officiaes e praças de pret que á mesma tenham direito.

Espolios—Praças da 2.ª reserva

Circular n.º 17 da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 12 de julho de 1901.

Diz que em virtude da disposição 7.ª da circular n.º 12 de 3 de junho ultimo, publicada na O. E 7. (1.ª serie) é aos conselhos administrativos dos corpos activos que compete fazer a avaliação dos espolios das praças da 2.ª reserva chamadas para a instrucção. E que tendo-se reconhecido que no anno passado as avaliações effectuadas deram logar a um importante dispendio, sendo injustificavel a grande depreciação reconhecida ou supposta nos artigos, cujo maximo tempo de uso foi inferior a 30 dias, recommenda aos commandantes dos dist. de rec. e res. o emprego de todos os meios ao seu alcance para que as praças chamadas á instrucção cumpram os deveres disciplinares relativos á conservação dos artigos que lhes forem distribuidos, e bem assim aos conselhos administrativos dos corpos correspondentes activos que, ao avaliarem os espolios, sejam escrupulosos e attendam, como devem, não simplesmente ás vantagens das praças a quem mais tarde elles tenham de ser distribuidos, mas tambem simultaneamente aos justos interesses da fazenda, a fim de que as importancias a abonar por depreciação de artigos seja rigorosamente as que devam ser.

Readmissões — corneteiros e clarins

Circular n.º 18 da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 13 de julho de 1901.

Diz que as gratificações de readmissão a abonar aos clarins, corneteiros, tambores e aprendizes d'estas classes que se hajam alistado como soldados, serão as fixados na tabella junta ao regulamento de 19 de outubro de 1900 para as praças que directamente se alistarem nas referidas classes.

Auxilio para rancho ás praças em serviço no Real Collegio Militar

Circular n.º 1:130 da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 13 de julho de 1901.

Diz que as importancias do auxilio por praça que faça serviço no Real Collegio Militar, e que os commandantes dos corpos a que pertencerem ou estiverem addidos devem mandar entregar ao collegio, devem ser eguaes ás que se abona em marcha e que estão fixadas na disposição 4.ª do n.º 16 da O. E. 11. (1 serie) de 1893; isto é 75 réis por sargento ou equiparado, e 60 réis por cada uma das outras praças, que serão abonadas nas respectivas relações de vencimentos.

Indice alphabetico dos assumptos, de que trata o «Regulamento dos serviços do recrutamento do exercito e da armada», decretado em 24 de dezembro de 1901, com indicação dos respectivos artigos e paragraphos.

Refractarios:

Quaes os individuos que como taes devem ser notados — Art. 168.º
Desde que data produz effeito a nota de refractario, e communicações a fazer sobre o assumpto — § unico do art. 168.º e art. 170.º
Praso em que o interessado pode reclamar contra a imposição da nota de refractario — Art. 169.º
Circumstancias que podem constituir motivo de reclamação contra a imposição da nota de refractario — § 1.º do art. 169.º
Reclamações contra a imposição da nota de refractario — Seus tramites e decisão final — § 2.º do art. 169.º
Procedimento a adoptar para a sua captura — Art. 171.º
Imposições que lhes devem ser feitas durante o tempo de serviço activo — Art. 172.º e seu § unico. (*a*)
Execução nos seus bens, se os tiver — Art. 173.º e seu § unico.
Destino a dar ao producto da execução dos seus bens, e tramites a seguir n'este assumpto — Art. 174.º e 179.º
Participação sobre a entrada no cofre da respectiva recebedoria do producto da execução dos seus bens — Art. 175.º
Procedimento a haver com os que forem julgados incapazes do serviço activo dentro de um anno — Art. 176.º (*b*)
Direito dos supplentes dos refractarios a promoverem a captura d'estes — Art. 177.º
Destino a dar aos supplentes d'aquelles, que forem encorporados nas unidades activas — Art. 178.º
Prescripção do direito ás quantias arrecadadas por effeito da execução dos seus bens — § unico do art. 179.º

Regulamento do recrutamento:

Desde quando devem começar a ser executadas as suas disposições — Art. 204.º

Relatorio annual:

Sobre o serviço do recrutamento — Art. 202.º

Remissões:

Quando podem effectuar-se — Art. 153.º
Seu preço — Art. 154.º e seu § 1.º
Forma de pagamento do preço respectivo — § 2.º do art. 154.º
Artigos de uniforme a distribuir ás praças, que declarem desejar remir-se — § 3.º do art. 154.º
Applicação a dar ao seu producto — § 4.º do art. 154.º
Casos em que pode ser requerida a restituição do preço da remissão — § 5.º do art. 154.º

(*a*) Circular do ministerio da guerra, communicada pelo quartel general na 1.ª divisão militar em 17 de março de 1902.
(*b*) Circular do ministerio da guerra de 30 de janeiro de 1902.

Dos mancebos, que desejem sahir para paiz estrangeiro—Art. 155.º (a).
Tramites a seguir para poder realisar-se o pagamento do respectivo preço, tratando-se de individuos ainda não encorporados — Art. 156.º e seus §§ 1.º e 2.º
Quando effectuadas antes de serem os remidos presentes á inspecção da junta de recrutamento — § 3.º do art. 156.º
Abonos aos mancebos que solicitarem remissão — § 4.º do art. 156.º
Relações mensaes a enviar — § 5.º do art. 156.º
Preceitos a observar para poderem effectuar-se, tratando-se de praças encorporadas — Art. 157.º
Pagamento do seu preço em prestações — Art. 158.º e seu § unico.
Casos em que devem ser reconhecidas por tabellião as assignaturas dos recibos do preço respectivo — Art. 159.º
Procedimento a haver, quando os mancebos desejem remir-se em districto de recrutamento, differente d'aquelle em que tiverem sido recenseados, ou em que sejam praças da 2.ª reserva — Art. 160.º e seu § unico.
Preceito a observar com os mancebos, residentes nas provincias ultramarinas ou em paiz estrangeiro, que queiram remir-se — Art. 161.º

Resalvas:

Dos mancebos addiados, excluidos ou isentos — § unico do art. 190.º

Reservas:

Sua denominação e composição — Art. 5.º, 6.º e 7.º

Sello:

Isenção do sello nos requerimentos e mais documentos relativos ás operações do recrutamento — § unico do art. 201.º

Serviço militar:

Suas condições geraes, e casos especiaes que as modificam — Art. 12.º
Anno em que começa a obrigação do serviço — Art. 13.º

Sorteio:

Dia em que deve realisar-se — Art. 98.º
Mancebos que não entram no sorteio — Art. 99.º
Como deve realisar-se, e até que hora — Art. 100.º e seu § 1.º, e art. 103.º
Procedimento a haver quando não possa concluir-se em um dia o de uma freguezia — § 2.º do art. 100.º
Sua publicação no proprio dia em que se realisar — Art. 101.º
Proclamação dos recrutas — § unico do art. 101.º
Procedimento a haver com os sorteados proclamados recrutas — Art. 102.º

Substituições:

Em que circumstancias são permittidas — Art. 149.º
A quem devem ser entregues os respectivos requerimentos, e documentos com que estes devem ser instruidos — Art. 150.º e seus §§.

(a) Circular do ministerio da guerra, communicada pelo quartel-general da 1.ª divisão militar em 22 de março de 1902.

Casos em que fica sem effeito o despacho, que as auctorisou, e pena applicavel aos substituidos que, em taes casos, deixem de apresentar-se — Art. 151.º e seus §§.
Casos em que fica de nenhum effeito o contracto de substituição, embora já auctorisado — Art. 152.º

Supplentes:

Seu chamamento e sua apresentação nas unidades activas — Art. 127.º e seus §§., e art. 128.º e seu § unico.
Tramites a seguir para a sua transferencia da 2.ª reserva para o serviço activo — Art. 130.º e seus §§.
Seu chamamento, quando residirem fóra do districto, em que foram recenseados — Art. 131.º
Sua recepção nos corpos, a que forem destinados — Art. 132.º
Prevenção que lhes deve ser feita na occasião da sua proclamação como recrutas — Art. 133.º
Abonos a que teem direito — Art. 134.º

Tempo de serviço militar:

Voluntarios, recrutados e compellidos — Art. 8.º, alinea *a*).
Refractarios — Art. 8.º, alinea *b*) e *c*).
Aprendizes — Art. 8.º, alinea *d*).
Alistados na 2.ª reserva — Art. 8.º, alinea *e*).
Refractarios da 2.ª reserva — Art. 8.º, alinea *f*).
Recrutados da armada — Art 8.º, alinea *g*).
Refractarios da armada — Art. 8.º, alinea *h*).
Corneteiros da armada — Art. 8.º, alinea *i*).
Alumnos das escolas de marinheiros — Art. 8.º, alinea *j*).
Transferencia para a 1.ª reserva — § 1.º do art. 8.º
Substitutos e substituidos — § 2.º do art. 8.º
Contagem do tempo de serviço activo — § 3.º do art. 8.º
Contagem do tempo de serviço na 2.ª reserva — § 4.º do art. 8.º
Remidos — § 5.º do art. 8.º
Tempo que se desconta no serviço da reserva — § 6.º do art. 8.º
Tempo que se conta no serviço da reserva — § 7.º do art. 8.º
Nas provincias ultramarinas — § 8.º do art. 8.º
Praças que concluiram o da 2.ª reserva — § 9.º do art. 8.º (*a*).

Tripulantes de navios portuguezes:

Substituição da remissão antecipada por um termo de fiança, e obrigações que, em tal caso, incumbem aos commandantes e donos de navios — §§ 1.º, 2.º e 3.º do art. 193.º

Tropas activas:

Sua constituição — Art. 4.º e seu § unico.

Vacaturas:

Seu preenchimento pelos supplentes — Art. 126.º e seu § unico.
Quaes as que não são preenchidas — Art. 129.º e seu § unico. (*b*).

(*a*) Determinações 3.ª e 4.ª da ordem do exercito n.º 5, 1.ª serie, de 1902.
(*b*) Circular do ministerio da guerra de 8 de março de 1902.

Voluntarios:

Quaes os individuos alistados, que assim devem ser classificados — Art. 162.º e seu § unico.

Documentos com que devem instruir os seus requerimentos os individuos que pretenderem alistar-se como voluntarios — Art. 163.º e seus §§.

Escolha da arma e corpo em que desejem servir — Art. 164.º

Caso em que podem ser transferidos para a 1.ª reserva no fim de um anno de serviço effectivo — Art. 165.º

Seu recenseamento, quando chegam á idade legal para a inscripção, e em que contingente devem ser considerados — Art. 166.º e seu § unico, e art. 167.º

Serviço effectivo que são obrigados a prestar quando lhes seja concedida licença registada para estudos, e tempo de serviço que deve ser-lhes descontado — § 5.º do art. 194.º

Regimen especial para os Açôres e Madeira

Commandantes militares:

Suas attribuições e deveres em materia de recrutamento — Art.ºs 205.º e 207.º

Encorporação:

Destino a dar aos recrutas, que não se encorporarem nas unidades activas até 31 de dezembro — Art. 211.º

Junta de recrutamento do districto:

Onde funcciona — § 1.º do art. 206.º

Juntas de recrutamento, supplementares:

Quantas podem ser nomeadas pelos commandantes militares, e onde funccionam — Art. 206.º e seu § 2.º, e art. 214.º

Sargento para serviço de escripturação — § 3.º do art. 206.º

Nomeação de medicos — § 4.º do art. 206.º

Communicações a fazer sobre as suas nomeações — Art. 208.º

Vencimento dos seus membros — Art. 213.º

Reclamações e petições:

Por quem devem ser resolvidas — Art. 210.º e seu § unico.

Reclamações sobre recenseamento:

Ampliação de prazos — Art. 209.º e seu § unico.

Recursos:

Junta hospitalar, por que devem ser inspeccionados os recorrentes e recorridos, e corpos a que devem ser destinados os que forem apurados para o serviço militar — Art. 215.º e seu § unico.

Revistas de inspecção aos reservistas:

Epocha em que devem ser passadas — Art. 212.º

Disposições transitorias

Contingentes, decretados até 1901 inclusivè:

Disposições do regulamento de 6 d'agosto de 1896, que devem ser applicadas aos recrutas que faltarem á apresentação nas unidades activas — § unico do art. 222.º

Desertores:

Qualificação de refractarios aos individuos, que pelo regulamento anterior eram considerados desertores — Art. 222.º

Dispensas do serviço activo:

Por quem concedidas até 31 de dezembro de 1901 — Art. 224.º

Empregos publicos:

Condições em que para esses empregos podem ser nomeados os individuos, que tinham mais de 30 annos em 6 de agosto de 1896, e deixaram de ser recenseados — Art. 218.º

Prescripção do serviço militar:

Para os mancebos pertencentes a contingentes decretados até 1887 — Art. 216.º

Recenseamento:

Exclusão dos voluntarios, alistados até 31 de dezembro de 1900 — Art. 220.º

Refractarios:

Dos contingentes, decretados até 1895 inclusivè — N.º 2.º do art. 217.º
Autos de refractarios levantados aos recrutas dos contingentes, decretados até 1901 inclusivè — Art. 223.º

Regulamento do recrutamento:

Datas em que devem começar a ter execução algumas das suas disposições — Art.ºs 225.º e 226.º (*a*).

Remissões:

Dos mancebos pertencentes a contingentes decretados até 1895 inclusivè — N.º 4.º do art. 217.º

Resalvas:

Dos mancebos pertencentes a contingentes, decretados até 1895 inclusivè — N.º 1.º do art. 217.º

Supplentes:

Dos contingentes, decretados até 1895 inclusivè — N.º 3.º do art. 217.º

Tempo de serviço:

Dos mancebos alistados até 10 de setembro de 1899, e dos aprendizes alistados até 31 de dezembro de 1901 — Art. 219.º
Dos remidos e dispensados do serviço activo na vigencia do regulamento do recrutamento de 6 de agosto de 1896 — Art. 221.º

(*a*) Circular do ministerio da guerra de 27 de janeiro de 1002.

5.º Anno Julho de 1902 N.º 7

REVISTA DE INFANTERIA

A instrucção litteraria dos soldados

Parece não haver duvida nenhuma que somos um dos paizes da Europa onde ha menos instrucção, ou pelo menos, onde a instrucção primaria elementar está menos generalisada.

Não ha ainda muitos mezes fez o giro de quasi toda a imprensa portugueza a afirmação de que, para uma população de cinco milhões de habitantes, apenas sabem ler uns 900:000.

Taes dados cremos que são baseados em estatisticas officiaes. Tambem nos não consta que fossem de qualquer modo desmentidos. De resto, nenhuma repugnancia deve haver em admittir a sua veracidade, principalmente da parte dos officiaes do exercito.

Differentes jornaes bordaram então artigos muito bonitos, o que afinal está no caracter nacional, que até a proposito da ignorancia se faz rectorica e litteratura, e por ahi fica.

Soluções simples, sinceras, claras, praticas, alvitradas, defendidas e exigidas com unidade, persistencia, convicção e energia, eis o que raras vezes se vê.

Por iniciativa da Associação da Imprensa Portugueza a questão do analphabetismo foi de novo levantada, na forma de consulta feita ao paiz, podendo, quem quizer, responder aos diversos quesitos, que são uns doze, e teem em vista apurar bem a necessidade do povo possuir a instrucção elementar, e quaes os interesses ou desvantagens que devem immediatamente resultar para os que possuirem essa instrucção.

N'um dos quesitos pergunta-se se a instrucção deve ser livre ou obrigatoria, e n'outro se se deve reduzir o tempo de serviço militar aos que possuirem essa instrucção.

No documento lançado pela Associação da Imprensa fazem-se tambem varias considerações ácerca do analphabetismo, entre as quaes, que a instrucção valorisa o individuo, como factor economico, ou da riqueza publica.

Dada a nossa qualidade de profissional militar, e escrevendo tambem para profissionaes, vamos encarar o alludido documento apenas pelo lado que mais directamente se relaciona com o exercito.

a — Valorisação pela instrucção.

Houve uma epocha em que a instrucção do soldado era quasi exclusivamente mechanica, e dirigia-se mais aos pés do que á cabeça. Isto estava em harmonia com o armamento d'essa epocha, tactica, processos de guerra, systema de recrutamento, estado social, etc. N'esse tempo o soldado, mercenario ou compellido, estava sempre prompto a desertar na vespera da batalha, aonde os cabos, sargentos e officiaes os conduziam quasi como prisioneiros, vigiando-os de todos os lados, de arma engatilhada. Um batalhão marchava unido, estacionava unido, e combatia unido, fazendo fogo á voz do seu chefe. Estas circumstancias justificam plenamente o modo como então se instruia o soldado. Desembaraçava-se-lhes as mãos para manejar o bacamarte, [illegible] as pernas para marchar a passo cadenciado, unido aos camaradas. A parte educativa e theorica da instrucção não existia, ou era muito rudimentar.

Nas actuaes circumstancias da civilisação, da guerra e da organisação dos exercitos, o ensino, tendo em vista adestrar os pés e as mãos, passou a um plano muito secundario, e os esforços dos instructores teem de dirigir-se

principalmente á cabeça, isto é, á alma, nas suas triplices faculdades, de intelligencia, sentimento e vontade.

Dirigir-se á intelligencia para que o soldado conheça as regras essenciaes da guerra, afim de comprehender em todas as circumstancias, o que é que os chefes precisam d'elle.

Dirigir-se ao sentimento para lhe incutir a virtude, a honra, o dever de fazer tudo pela patria, e pelos camaradas do mesmo regimento e do mesmo exercito.

Dirigir-se á vontade, porque hoje, um exercito de automatos não tem nenhumas condições de exito. A potencia e a velocidade do tiro das armas modernas arrebataram das mãos dos chefes superiores a antiga faculdade de dirigir o combate, conduzindo os soldados ao fogo como se fosse bonecos articulados.

Logo que as tropas entram na zona dos fogos, a direcção dos soldados fragmenta-se pelos mais pequenos graduados e, finalmente, na zona do fogo intenso e decisivo, são muitos os momentos em que o soldado fica quasi abandonado a si proprio. A boa applicação e economia dos cartuchos dependem então unicamente do soldado, porque o tiro é exclusivamente individual. A disciplina do combate depende do seu estado de alma, educação civica e militar anteriormente recebidas. Os movimentos das linhas de atiradores, mesmo limitados ao avanço e ao recuo ordenado, só serão comprehendidos e bem executados se as tropas forem boas, o que suppõe necessariamente uma perfeita educação moral e o conhecimento dos principios tacticos mais elementares.

Perguntamos agora: poderá a preparação do soldado nas bases que ficam esboçadas fazer-se apenas por via oral, com theorias e prelecções?

Evidentemente não póde. Essa preparação tem de se fazer tambem pela iniciativa e esforço pessoal, isto é, pela leitura de um manual apropriado, onde se resumam as noções, ideias e sentimentos essenciaes a um soldado.

Emfim, notaremos ainda que o analphabetismo, no seu estado mais aggravado, como é o dos aldeãos e rusticos, torna tambem o homem quasi improprio para ser instruido por via oral, tal é a sua negação para fixar qualquer ideia e palavra na intelligencia.

b—Reducção do tempo de serviço.

Um jornal de Lisboa—a Folha da Tarde—reprova a

reducção do tempo de serviço aos que possuirem a instrucção elementar, e diz que o serviço militar deve ser obrigatorio e egual para todos os cidadãos. Na verdade, a mais pura sciencia organica é esse o unico principio que admitte, n'um systema militar que aspire á perfeição. Porem, ha a ponderar que a perfeição absoluta ainda não foi attingida, nem mesmo nos exercitos melhor organisados.

Entre nós, dada a immensa imperfeição em que estamos a respeito do serviço militar, o qual, não é ainda nem obrigatorio nem egual,—esta é que é a verdade—não haveria inconveniente nenhum em reduzir o tempo de serviço activo aos homens que possuissem instrucção primaria elementar.

Já ha muito tempo advogámos esta doutrina, e não é apenas por coherencia que de novo a sustentamos. Segundo a lei o serviço é de trez annos nas tropas activas, e doze annos na 1.ª e 2.ª reservas.

As tropas activas constituem a escola de preparação, e o tempo de serviço n'essas tropas tem por fim dar aos homens a instrucção militar, educação, trenagem, habitos de disciplina, preparal-os, emfim, como soldados dignos de confiança, para o serviço de campanha. O tempo necessario para conseguir essa preparação será para o homem instruido o mesmo que para o rustico analphabeto?

Nós entendemos que não.

A frequencia regular das escolas alem de desenvolver a intelligencia, dá educação civica e habitos de disciplina.

Na guerra de 1870-71, o que deu a victoria aos allemães, tem-se dito, foi a escola de instrucção primaria. Poderá contestar-se com razão que essa escola fosse factor absoluto, mas não que não fosse um factor importante.

Entre nós o tempo legal de serviço é de trez annos, mas reduz-se a dois pelo licenceamento, podendo ainda durante os dois annos os homens gosar muito tempo de licença registada, ou remir-se aos 6 mezes de serviço.

Os amparos de familia e os atiradores civis de 1.ª classe servem só 100 dias, na instrucção.

Mais de metade dos homens apurados não servem nenhum tempo nas tropas activas, porque, diz-se, o orçamento não o comporta. Parte d'elles são chamados a um periodo de trinta dias de instrucção, e com essa instrucção entrariam immediatamente em campanha, se nós tivessemos uma guerra. O tempo de instrucção das nossas tropas de campanha, é pois, para os diversos grupos:

De 30 dias, de 100 dias, de 6 a 24 mezes segundo o tempo de licença registada que gosam.

Mais de metade dos mancebos apurados para o serviço militar não servem tempo nenhum nas tropas activas, e se nós tivessemos uma guerra, teríam de partir para a campanha, no fim de duas ou trez semanas de instrucção atrapalhadissima.

E' em virtude das razões que ficam summariamente apontadas que nós sustentamos a seguinte doutrina:

O tempo de serviço nas tropas activas, deve-se reduzir em conformidade com a instrucção litteraria, e com a instrucção technica e profissional dos mancebos.

O facto da maioria dos mancebos não servir tempo nenhum nas tropas activas, não receber instrucção militar, ou terem apenas 30 ou 100 dias de instrucção, pode levar-nos a concluir que seria conveniente e justo que os mancebos com instrucção e educação civil, fossem apenas obrigados a um periodo assaz reduzido de serviço ou instrucção militar—aos 100 dias.

Pois estando mais que provado e sabido que o nosso paiz não se pode hoje defender, com menos de 200:000 homens de tropas de campanha, alem de uns 100:000 de tropas de fortaleza e 2.ª linha; e, não podendo o orçamento impor a todos os mancebos dois annos de serviço, e nem mesmo um anno; e, estando tambem provado que qualquer instrucção atrapalhada, á ultima hora, é de nulo valor, não é intuitiva a conveniencia de sujeitar durante a paz os mancebos mais instruidos e educados, apenas á instrucção militar durante uns 100 dias?

Todavia, nós não levamos tão longe a conclusão, e achamos que, por agora, a reducção do tempo de serviço, ou antes de permanencia nos quarteis, a um anno, aos mancebos possuindo instrucção litteraria elementar, concorreria enormemente para combater o analphabetismo, sem prejuizo da instituição militar, e antes com vantagem.

Tal reducção deve tanto menos levantar qualquer opinião technica em contrario, quanto é certo que já hoje, por circumstancias diversas, se concedem bastantes licenças registadas durante os dois primeiros annos do serviço activo e se antecipa o licenceamento para a reserva, fazendo, não ao fim de trez annos, mas de dois.

Sendo certo que o tempo de permanencia sob bandeiras está de facto reduzido a uns doze ou quinze mezes,

parece-nos que seria muito justo introduzir nas leis uma disposição pela qual essa reducção fosse de preferencia, ou necessariamente, concedida aos que possuissem instrucção litteraria ou profissional.

(Continúa).

JULIO D'OLIVEIRA
Ten.º de infant.ª

METRALHADORAS

III

A. Bergmann m/1901

E' mais uma d'essas modernas machinas de guerra e como pela data se vê até das mais modernas.

O constructor Bergmann, do Grão Ducado de Bade, já authormente conhecido pela sua pistola e carabina authomaticas, apresentou em 1901 um modelo de metralhadora do qual vamos dar algumas notas, extrahidas da «Revista militar belga», fazendo pequenas correcções nas comparações, que aquelle illustre collega faz entre a nova arma a Maxim e a Hotchkiss.

Assim diz aquelle jornal—que fáz as suas notas sobre um trabalho allemão do dr. Gunther—«a metralhadora Bergmann é de um genero completamente novo, e distingue-se especialmente das conhecidas até hoje pelos seguintes traços caracteristicos:

1.º Peso minimo da arma.

2.º Modo de obturação completamente novo.
3.º Simplicidade de construcção.

Quanto ao primeiro diz aquelle jornal que o peso da Maxim e o da Hotchkiss são respectivamente de 30 e 50 kilos, emquanto o da Bergmann não vae alem de 12. Ora nós, que nunca vimos esta ultima, não temos direito a duvidar que ella seja tão leve como uma penna, mas o que temos tambem é todo o direito de duvidar que as armas escolhidas para parallelo pezem o que diz o author do artigo, pois que a Maxim peza completa com o seu mecanismo 22kg,670 e a Hotchkiss com a coronha da pontaria peza 24 kilos, numeros redondos. Logo, o erro commettido para com a primeira é de 7kg,500 e para com a segunda de 26 kilos! Mas áparte esse reparo, que salta a quem ler e comparar estes dados com os das outras armas, sigamos as notas do jornal belga:

Mecanismo — As peças principaes da arma são:
1.ª A caixa da culatra e peças que lhe estão reunidas.
2.ª O cano com o tubo refrigerante.
3.ª O ferrolho.
4.ª A fechadura.
5.ª O dispositivo d'alimentação dos cartuchos.

As peças, componentes das supra referidas, são em numero de 69; e para entrarmos na sua descripção teriamos que lhes arbitrar uma nomenclatura portugueza, e multiplicar gravuras.

Para começar o fogo o atirador puxa para si com ambas as mãos (como indica uma das nossas gravuras) um tirante *(tirant)*, que em seguida abandona á acção de uma molla, que o leva á posição primitiva; é esse tirante que

na sua ida para a frente introduz um cartucho da banda na camara, e deixa armado o percutor. A pressão d'um gatilho dispara a arma, que o recúo aproveitado carrega de novo no movimento á rectaguarda, armando o percutor se o gatilho não estiver premido e introduzindo um novo cartucho na camara d'onde o extractor já tem tirado o cartucho vasio.

Se o gatilho estiver premido, o tiro será continuo; se não estiver, será intermittente.

A disposição especial das peças não permitte que o percutor accione sobre o cartucho sem que este esteja completamente introduzido na camara, e a vedação hermeticamente feita.

Para o tiro ao alvo com cargas redusidas o inventor imaginou a substituição de uma peça, trabalho feito rapidamente á mão sem auxilio de ferramenta, e assim atenua a deficiencia do recúo.

A montagem e desmontagem da arma é facil, embora haja parafusos.

Vejamos agora alguns dados numericos:

Cumprimento total.....	1,^{m}250
Pezo sem tripé.....	12 $^{kg.}$
Numero de peças.....	69

Rapidez do tiro: 6 a 10 por segundo, um maximo de 600 por minuto.

Do que deixamos exposto concluimos que a Bergmann é uma metralhadora authomatica das que funccionam pelo recúo. Que no dizer do author a sua obturação é mais perfeita do que em qualquer dos outros modelos.

Que o seu peso é minimo,

M Roquette.

Tenente d'infanteria

A BANDEIRA (1)

A bandeira é para o soldado o symbolo da patria, da honra e do dever.

Quando o soldado no crumprimento dos seus deveres militares sae do seu paiz e percorre terras estranhas, escutando outras linguas, sentindo outros climas e vendo outros ceus, aquelle pedaço de panno, cujas côres e emblemas symbolicos representam a patria, acompanha-o como se a propria patria o seguisse.

O acampamento que tenha n'uma haste arvorado o quadrado azul e branco em que estão bordadas as quinas e os castellos, é portuguez; sobre elle paira, como sobre um ninho, a aza materna, a bandeira de Portugal.

Quando o marinheiro no alto mar vê no mastro do seu navio fluctuar esse bocado de panno, sente-se feliz, comprehende que as taboas que pisa são um pedaço do chão patrio, considera-se mais perto dos entes amados que estão da sua vista ausentes.

Guiados pela bandeira os nossos maiores, depois de terem formado e solidificado a sua nacionalidade, partiram a conquistar os mares desconhecidos, e a alargar atravez d'elles, pelas costas da Africa e da Asia, os dominios da patria.

A' sombra d'ella teem, heroica e felizmente, combatido pela sua independencia, sempre que ambições estranhas pensaram em atacal-a.

Cada regimento possue a sua bandeira, os soldados saudam-n'a com respeito e alegria, amam-n'a ainda antes de bem comprehenderem a sua sublimidade.

Honrar pelo seu bom comportamento e pelo seu valor a bandeira do seu regimento deve ser a ambição do bom soldado. Durante o longo periodo de paz, que o nosso paiz tem tido a felicidade de gozar, poucas vezes se tem proporcionado aos nossos soldados occasião de mostrarem o quanto valem. Apenas aquelles chamados a defender os direitos da soberania portugueza nas affastadas regiões do ultramar, teem feito saber que, no presente como no passado, o soldado portuguez sabe honrar a sua bandeira e o nome da patria.

No museu d'artilheria, onde se conservam tropheus que recordam as glorias militares dos tempos decorridos, existem bandeiras que as balas romperam e queimaram, que o tempo tem quasi reduzido a pó.

Algumas d'ellas são ainda a honra dos regimentos a que pertenceram, glorificam-nas disticos que provam o heroismo dos que sob ellas combateram.

Se alguma vez o destino de Portugal exigir que os seus filhos peguem nas armas em sua defeza, nunca o soldado portuguez deve esquecer as nobres lições do passado e, agrupando-se em volta da sua bandeira, terá só no pensamento o honral-a e defendel-a até á morte.

RIBEIRO ARTHUR
Tenente-coronel de infanteria

(1) E' uma pagina tirada do livro, já no prelo, do nosso amigo e distincto escriptor militar, o sr. tenente coronel Ribeiro Arthur.

Por esta formosa pagina se avaliará bem o valor do novo livro *Theorias nas Casernas* do nosso amavel collaborador.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A ALIMENTAÇÃO NO EXERCITO

A alimentação das tropas, tanto em tempo de paz, como no de guerra, tem merecido todos os cuidados para que seja a melhor possivel, afim de se poder contar com os effectivos dos exercitos em estado de bem poderem combater e marchar. O estomago tem merecido sempre especiaes cuidados: com o estomago cheio, marcha-se e combate-se com energia, mas, com elle vasio, já não succede outro tanto, senão em casos excepcionaes. E' o que a pratica tem demonstrado.

Tres são as racções geralmente admittidas para as tropas: racção de conservação, de manobra e de campanha. Cada uma d'estas consta de tres refeições. No nosso exercito existe a racção de conservação unicamente para os soldados e seus equiparados: os sargentos não a teem, o que é uma falta gravissima. Se o soldado para se alimentar necessita d'uma certa quantidade de generos, o sargento tambem a precisa. Com o dinheiro compram-se os generos precisos, mas é necessario que o dinheiro chegue para se poder realisar a compra, senão... a quantidade de genero que se compra não é a precisa, e portanto a alimentação que se prepara com elles é insufficiente. Tal é o que succede muitas vezes no rancho dos sargentos.

A composição d'uma tabella de racção de conservação para sargento e seus equiparados não é difficil trabalho.

Podia-se obter com facilidade, modificando a que serve para os alumnos da escola do exercito, ou as publicadas na O. Ex.to n.º 18-1.ª serie de 1898, egualmente adquadas.

A racção de conservação para soldados no nosso exercito satisfaz perfeitamente para a vida normal do quartel. Com a de melhoria já não succede o mesmo, é necessario

alteral-a, addicionando-lhe maior percentagem. A de melhoria devia de ser fornecida em dias de formatura exterior, exercícios e gala.

Egualmente devia ser modificada a tabella que se emprega quando se tenha de comer uma racção fria. A composição d'esta racção é insufficiente. A pratica assim o mostra, e é necessario que a percentagem dos diversos elementos que entrem na sua composição seja maior, ou então, que faça parte a batata.

A racção de manobra, devia ser do typo da determinada, no outomno passado, para as manobras de Trajouce. Satisfez perfeitamente.

A de campanha devia ser conscientemente estudada, de forma a aproveitar-se todos os recursos.

O auxilio de rancho, e pão a dinheiro, para marcha, devia ser substituido por um abono especial — alimentação de marcha — que seria fixado em 300 réis diarios para sargentos e seus equiparados, e 240 para cabos, soldados e corneteiros. Com estas quantias já se pode comer.

Estes abonos só se poderiam fazer, nos casos em que fosse completamente impossivel cosinhar-se, como succede por exemplo com a marcha d'uma praça, ou d'uma pequena escolta. Como regra, toda a força, alimenta-se, preparando as suas refeições, para cujo fim empregará e lançará mão dos recursos que as differentes localidades lhes offereçam.

Os abonos em genero aos officiaes deviam ser regulamentados de forma que todos os conhecessem, e soubessem em que condições tinham direito a elles.

Recompilada a complicada legislação sobre rancho no nosso exercito, e harmonisada, podia formar um corpo de doutrina muito util, e proveitosa, pondo termo ás constantes duvidas hoje existentes.

Para que as despezas sobre alimentação baixassem, e a alimentação melhorasse, era conveniente que o systema de arrematação hoje seguido fosse posto de parte, devendo a administração militar fornecer os generos ás diversas unidades, ou estas obtel'os por meio de compra directa quando aquella os não fornecesse.

A administração militar dispõe de elementos valiosos para se poder emancipar da tutella dos arrematantes, que se impõe de anno para anno ao exercito.

Ella póde comprar directamente, ou mandar comprar nos mercados publicos, na epoca propria, os generos que

precisa e que os mesmos mercados apresentem em boas condições: adquirir directamente o café, assucar e arroz, das nossas provincias ultramarinas; as massas da manutenção militar, que possue machinas para este fim, e que se ignora ainda o motivo por que não funccionam.

O estabelecimento d'um matadouro em Lisboa é de urgencia, attendendo a que o preço da carne é elevadissimo e o seu consumo grande.

Estamos convictos que realisadas estas ou outras modificações nos processos da nossa administração militar, o exercito e o paiz muito tinham a melhorar, e alguns contos de réis, que hoje se entregam de mão beijada a fornecedores, se poderiam transformar em material de guerra, que tão preciso é.

X. X.

CALÇADO PARA A INFANTERIA

Modelo Guedes Vaz

Ultimamente tem-se trabalhado activamente na resolução d'este problema. Varios modelos teem sido apresentados a *Commissão d'aperfeiçoamento da arma*, além dos modelos extrangeiros por ella requisitados e d'outros por ella mesma mandados executar. Applaudimos deveras essa orientação, porque o calçado para a infanteria representa um dos problemas mais capitaes. Já é velho o aphorismo de se dizer que a *victoria está nas pernas dos soldados*, mas embora seja velho ainda não perdeu hoje nada do seu valor, porque as marchas teem para a infanteria sempre a mesma importancia.

Se a arma é necessaria para o combate, o calçado é indispensavel para as marchas; se com os combates se ganham as victorias, com as marchas se alcançam os louros, porque são exactamente a preparação d'aquellas.

Mas deixemos esta serie de considerações, que aliás são bem conhecidas de todos e entremos no caminho que começámos a trilhar.

Ultimamente foi apresentado á commissão d'aperfeiçoamento pelo nosso querido amigo e prezado collaborador, sr. tenente Antonio Alvares Guedes Vaz, um modelo de calçado que pretende resolver o problema d'uma fórma verdadeiramente original, razão esta que nos leva a dar uma breve noticia com o fim unico de esclarecer os nossos leitores. Mas antes de o fazermos indicaremos quaes as condicções a que deve satisfazer um modelo de calçado, que são:

a) Proteger completamente o pé.
b) Acompanhar todos os seus movimentos, sem opprimir nem ferir.
c) Ser proprio para todos os climas e estações.
d) Ser solido, macio, leve, impermeavel á agua e arejavel.
e) Calçar-se e descalçar-se facilmente.
f) Ser duradouro e de facil concerto.
g) Ser barato.
h) Accommodar-se facilmente na mochila.

Sem querermos dizer se o actual systema de calçado satisfaz ou não a todas estas condicções, ha, não obstante, uma a que não podemos deixar de nos referirmos, porque é a causadora, segundo nos parece, de todos os males. O calçado actual não satisfaz á condicção *b*), isto é, não acompanha todos os movimentos do pé. Devido a isso, quando se avança o corpo, o pé que fica para a rectaguarda vae-se curvando, mas como a bota não se ajusta ao peito do pè, succede que o calcanhar se levanta da palmilha, ficando a bota, o tacão, pregada ao solo, mas depois de avançar o pè, como a primeira parte que se assenta é o calcanhar e como este está afastado da palmilha, é primido com o pezo do corpo até a encontrar. Ora n'estes movimentos, tanto de levantar como de assentar o pé, o calcanhar não está ligado á bota e sofre, por isso, de encontro ao cabedal um grande attrito, que pela fricção constante não pode deixar de offender a pelle e causar os dolorosos ferimentos que impedem a marcha.

Este, segundo cremos, é o defeito capital do actual systema de calçado. Mas antes de vermos se o modelo do nosso distincto camara o evita, vamos descrevel-o.

Consta elle de duas partes distinctas, como a figura o indica, e que são :

1.º — Botim.
2.º — Sandalia.

O botim é formado por tres peças; *gaspea*, *talão* e *palmilha*. A gaspea e o talão teem a fórma normal, terminando este por duas *abas*, que lhe dão uma perfeita semelhança com o *boot* inglez.

A palmilha, de atanado como as duas outras peças, tem a forma natural da planta do pé. A união das tres peças faz-se por meio de costuras exteriores, o que é uma garantia, devendo as costuras ser debruadas de *garra*, o que resguarda e consolida a ligação.

A *sandalia* é formada por duas solas, unida tal qual a sola de

qualquer systema de calçado, tendo apenas na parte posterior um *contra-forte*, da forma e feitio dos contra-fortes de todas as botas,

Para que o *botim* se possa ligar á *sandalia*, formando como que uma só peça, ha n'esta tres correias, que são: *correia dos dedos, do enfranque e do contra-forte*..

A primeira serve para ligar o *botim* e a *sandalia* na parte correspondente aos dedos, podendo-se apertar mais ou menos, para o que está provida d'uma fivella.

A segunda está na parte mais estreita da sandalia e serve para ligar a parte media e para impedir que o botim avance.

Finalmente a terceira, partindo do contra-forte e passando sobre o peito do pé, faz com que haja verdadeira ligação entre o botim e a sandalia, isto é, completa a ligação.

Com o systema d'estas tres correias ha perfeita união entre o calçado e o pé, pois que ellas se affastam ou alargam conforme os desejos ou o tamanho do pè de cada um.

Dito isto é desnecessario acrescentar que o defeito capital do modelo em serviço desapparece por completo, o que só por si representa para nós uma vantagem muito recommendavel.

Unindo-se perfeitamente ao pé, sem o esforçar, sem o ferir, não causará callos, nem bolhas, nem unhas encravadas e como não se empregam pregos nem costuras evitar-se-hão tambem as escoriacões.

Quanto ás outras condicções crêmos que tambem as satisfaz.

Aqui teem os nossos leitores uma idéa geral do modelo apresentado pelo nosso camarada tenente Vaz á commissão de aperfeiçoamento.

Nós, sem nos querermos antecipar de fórma alguma ás apreciações da commissão, não podemos deixar de felicitar o nosso amigo pela fórma verdadeiramente nova e original como pretendeu resolver tão difficil problema, e fazemol-o porque nos apraz sempre muito ver camaradas que se dedicam aos estudos dos assumptos technicos respeitantes á arma, respeitantes á nossa infanteria.

ESCOLA PRATICA DE INFANTERIA

Muito discutida tem sido entre nós a Escola Pratica da arma. Uns dizem que não é necessaria, outros que é indispensavel e outros, finalmente, que não tem obedecido a boa orientação. Nós começaremos por declarar que fugimos d'essa discussão, porque não podemos admittir que haja official de infanteria que entenda que a nossa Escola Pratica é dispensavel e porque, além d'isso, é opinião nossa que se ella não tem produzido melhores resultados é porque tem defeitos de organisação e porque não está dotado com os elementos que lhe são necessarios. Queremos, pois a Escola melhorada de maneira a tornar-se um verdadeiro estabelecimento d'applicação.

Dizem muitos, inspirados pelo exemplo allemão, que a verdadeira escola pratica é o regimento. O dizer isto entre nós constitue um d'aquelles pecados que bradam aos ceus, porque isso revela o desconhecimento completo do que seja o nosso regimento. Pois como este pode ter aquelles fóros quando não tem soldados e quando lhe faltam os quadros, que desgraçadamente é o estado normal?

Desde que assim succede, o que ninguem contesta, é necessario, pelo menos, que haja um estabelecimento da arma que conte com os elementos necessarios para se poder ministrar a um pessoal fluctuante o instrucção technica da arma. Pode-se contestar a utilidade d'isto quando ha regimentos onde nem sequer se pode organisar um exercio de companhia?

Certamente não, porque a necessidade é evidente. Mas dir-nos-hão que na Escola da arma, tendo sómente a *companhia normal*, tambem não se poderá com ella fazer grandes cousas. Assim é, e é por isso mesmo que nós vamos lançar mão da penna para pedir a dotação da Escola com um batalhão.

*
* *

A tactica de infanteria só com um batalhão é que póde tomar algum desenvolvimento, pois que sendo este a *unidade tactica* já com elle se póde ministrar a variada instrucção que o combate moderno exige. Além d'isso uma só companhia não é o sufficiente para instruir os muitos sargentos, aspirantes e officiaes que ali concorrem annualmente.

Como já tivemos occasião de dizer, nos regimentos, devido á falta de effectivos, é muito raro o poder-se constituir um batalhão para instrucção. Ora, sendo a tactica d'esta unidade o *desideratum* que na infanteria se pretende alcançar, é necessario, para que os quadros se não atrophiem, haver, pelo menos, na escola da arma um batalhão para os quadros poderem, embora relativamente em pequena escala, retemperar a sua instrucção. E', bem sabemos, um pequeno remedio a accudir a um grande mal, mas como nós, não podendo alcançar o maximo, nos contentamos com o pouco, explicada fica a rasão que nos leva, por este facto, a pedir que a Escola seja dotada com este elemento que lhe falta, que não lhe chamaremos *normal* para o não tornar anthipatico, mas de *instrucção*, por não

poder ter numero e estar mais em harmonia com o seu fim.

A instrucção de tiro identicas rasões nos fornece para nos levar á mesma conclusão. Na Escola não se deve attender muito ao tiro elementar. Esse deve ser considerado, para os soldados que constituirem o batalhão, como executado nas carreiras de tiro dos seus regimentos. O que na Escola se deve ter em vista são os *fogos de guerra,* isto é, os exercicios de tactica applicada com fogos reaes, além das experiencias sobre fogos collectivos e individuaes. O conjuncto d'estas experiencias, com os resultados obtidos n'aquelles exercicios, obedecendo tudo a um plano pratico e racional, é que devem fornecer elementos para podermos ajuizar com são criterio da influencia do tiro e do valor das differentes formações tacticas, evitando assim a influencia extranha de noções *exoticas* que nos podem levar um dia a um desastre. Hoje no tiro ha muito que estudar, e na tactica, subordinada ao tiro, filha do tiro, ainda ha muito mais que aprender, mas para que sobre o assumpto se possa formar um juizo seguro e exacto, devendo ter sempre em conta as multiplas e variadas situações em que uma tropa se póde encontrar, é necessario estabelecer muitas hypotheses e fazer variadas experiencias, o que só com um batalhão se póde conseguir.

Ha ainda outro argumento, *suprema ratio*, que nos leva ao mesmo ponto que vamos procurando alcançar. E mais complexa a instrucção na infantaria do que nas outras armas. A instrucção fundamental de artilheria é o tiro. Obedecendo a esta orientação fazem-se, sobre este ramo de instrucção, experiencias variadas na Escola d'aquella arma e é, além d'isso, annualmente mandada uma bateria de cada corpo praticar o tiro ao alvo, isto é, na Escola de Vendas Novas faz-se, e muito accertadamente, muito tiro e pouca tactica.

A outra orientação obedece já a instrucção da cavallaria. A instrucção fundamental d'esta arma é a tactica. A cavallaria manobra e explora, o que tudo é fazer tactica. O tiro tem n'esta arma um emprego muito subsidiario, em contraposição com a artilheria que faz do tiro o fim capital.

Vemos portanto que as duas irmãs da infantaria verdadeiramente combatentes tem cada uma d'ellas seu emprego diverso e, forçando a expressão, uma unica especialidade.

Não succede o mesmo na infantaria. Formando esta arma o nucleo do exercito, senão o verdadeiro exercito, com os orgãos auxiliares e indispensaveis como no corpo, tem que fazer uso do fogo como grande instrumento com que se ataca e se defende, e da manobra como meio de adaptação ás differentes e variadas situações. Isto é, não tem uma só maneira de combater, como a artilheria, nem um só elemento de combate e defeza como a cavallaria, mas, pelas suas condições, precisa antes, como grande nucleo verdadeiramente combatente, servir-se do tiro e da tactica para poder accudir ás differentes situações e preencher o verdadeiro papel e fim que se tem em vista.

Ha, portanto, na Escola da arma dois ramos de instrucção, que são o tiro e a tactica, a que é indespensavel dedicar todas as attenções e desvellos a fim de diffundir maior numero de conhecimentos praticos e de obter resultados mais seguros e concludentes.

Para isso é necessario, pois, dotar a Escola com um batalhão, porque só com elle se póde dar á tactica uma regular amplitude e ao tiro o desenvolvimento que é necessario.

Não se julgue, comtudo, que nós queremos a Escola dotada com um batalhão permanentemente. Nada d'isso. Nós queremos apenas que o batalhão seja organisado em abril, porque só nos mezes de primavera e verão é que se podem executar trabalhos no campo, além de que os mezes anteriores devem ser considerados como formando um periodo preparatorio para os grandes trabalhos.

Nas escolas praticas não se deve sómente ministrar a instrucção technica geral, mas deve-se principalmente procurar desenvolver ao ultimo ponto o ramo de instrucção mais necessario a cada arma. Para obedecer a estes dois fins, que se completam, é que nós entendemos que a Escola só deve ser dotada com o batalhão em abril, porque temos os mezes anteriores para ministrar uma instrucção preparatoria e geral, e os mezes de primavera e verão para desenvolver as instrucções que constituem as especialidades, que na infanteria, como já ficou dito, são o tiro e a tactica.

Além de tudo isto e além mesmo dos trabalhos de campanha e outros que tambem requerem uma unidade superior á companhia para se executarem com desenvolvimento, é um acto de justiça que se pratica, pois que é a unica Escola Pratica que não dispõe da *unidade tactica* para instrucção.

David Rodrigues
Tenente d'inf.ª

TIRO CIVIL EM BRAGANÇA

Com uma assistencia numerosa e selecta realisou-se no dia 18 do corrente a inauguração da presente epoca d'instrucção de tiro, á classe civil, na carreira da guarnição d'esta cidade. Logo de manhã o estalar dos foguetes chamava a attenção da cidade sobre a causa que os motivou.

Reunida, na Praça da Sé, a tuna da Sociedade dos atiradores civis de Bragança, composta de uma duzia de rapazes enthusiastas pelo tiro e tocando o hymno da Sociedade, alternado com o hymno nacional, dirigiu-se para o local da Carreira, que, devido aos successivos cuidados dos seus directores, se vae tornando, não só n'um esplendido local d'instrucção proveitosa, como tambem n'um sitio verdadeiramente aprasive .

Numerosos grupos de rapazes na flôr da juventude, indo á frente o presidente da direcção da Sociedade dos atiradores civis de Bragança, acompanhavam a tuna, soltando vivas delirantes a Suas Magestades, Ministro da Guerra, aos atiradores civis, á 3.ª filial de Bragança, ao director da Carreira de tiro e a differentes enthusiastas da causa do tiro nacional n'esta cidade, etc., etc.

Pelas 6 horas da manhã, chegados á Carreira, onde se encontravam o nosso camarada, tenente Dias, seu director, e outro official d'infantaria n.º 10, repetiram-se innumeros vivas, correspondidos enthusiasticamente, tocando a tuna o hymno nacional.

Procedeu-se á inscripção no livro competente dos socios da Sociedade dos atiradores civis de Bragança, em numero de 127, e em seguida começou a instrucção dirigida pelo director da Carreira em uma das linhas, e pelo outro official d'infanteria 10 na outra.

Fizeram fogo 42 atiradores civis, d'entre elles, 18, que nunca tinham pegado n'uma espingarda.

Recebida a instrucção preliminar do tiro, raro foi o que não acertou á primeira vez! Apenas um, de 42, não fez a

sessão com as 10 balas regulamentares! A percentagem obtida, de 81 %, foi muito superior, attentas as condições do dia; um vento fortissimo soprava do poente para nascente, exactamente contrario á direcção do fogo.

Terminada a instrucção, 8 atiradores fizeram um torneio, dando cada um 5 tiros a um alvo de figura de joelhos, a 100 metros.

Ficou vencedor o eximio atirador Carlos Alcantara.

Foi de causar enthusiasmo palpitante vêr como estes oito distinctos atiradores fizeram um grupamento admiravel, pois, fazendo 40 tiros e 10 de desempate, apenas deixaram de percutir o alvo 5 balas. As 45 balas accertadas gruparam-se todas em um palmo quadrado. Causa admiração como em tão pouco tempo se tem conseguido tanto. E dá vontade de gritar bem alto: «Vivam os atiradores civis de Bragança!!»

A vista do que deixo exposto e, provada, como está, a tendencia do transmontano para ser bom atirador, seria um crime de lesa-patria se, por todos os meios ao nosso alcance, não fizessemos propaganda de tão util como patriotica causa.

Sabido o grande e importantissimo papel que poderão um dia desempenhar os atiradores civis, é necessario que todos concorramos com uma parcella de boa vontade para auxiliar a santa causa da patria; um dos meios mais ao alcance de todos é a propaganda por todos os modos.

Os proprietarios, aconselhem aos seus criados que mandem seus filhos á carreira de tiro; os parochos ou professores, nas suas freguezias ou escolas, aproveitem todas as occasiões de ajuntamento do seu povo ou alumnos, para lhe mostrarem as vantagens de tão util instituição; digam lhes que não temam a despeza a fazer com esta instrucção: o Estado dá 60 cartuchos gratuitamente a cada atirador, matriculado pela 3.ª filial da União. Estes 60 cartuchos chegam para em cada anno, para uma classe, das tres a que é necessario satisfazer, para gosar das vantagens da lei do recrutamento. Póde cada mancebo, pelo preço de meia duzia de tostões, frequentando com regularidade a carreira de tiro, livrar-se de servir no exercito por 2 annos! Em vez de darem 150$000 réis, os que necessitarem de o fazer, para não serem militares, dão oito ou dez tostões! E para quê, se elles, depois, com uma simples instrucção, ficam aptos para bem desempenhar o seu papel em campanha?

Digam-lhes que, em meia duzia d'annos Portugal póde ser uma nação poderosa, aonde já não será facil *realisar passeios militares a Lisboa!* Pois que cada cidadão valido saberá pegar n'uma espingarda para defender o torrão natal que lhe foi berço! E se não é possivel de cada soldado fazer um bom atirador, é sempre possivel d'um bom atirador fazer um bom soldado.

Avante pois, patriotas brigantinos, mostrae que nas vossas veias ainda corre o mesmo sangue dos heroes de Aljubarrota! Mostrae que sabeis ser patriotas e que, quando se trata d'engrandecer e dar nome á terra que nos viu nascer, sabeis ser um povo generoso e nobre, d'entre os mais nobres e generosos.

Bragança, 19-5-902.

José F. de Mattos Mergulhão
Tenente de infanteria

* *
*

Chegou-nos de Bragança este artigo que acabamos de inserir e que lemos com verdadeiro desvanecimento, porque embora se refira á nossa patria natal, não podemos deixar de dizer que esse exemplo, patriota e elevado, nobre e altruista, está perfeitamente em harmonia com os sentimentos generosos do laborioso povo d'além Marão, evidenciados e tantas vezes postas em relevo. Mas não é um mesquinho sentimento inspirado pelas saudosas recordações que o berço natal nos desperta que nos obriga a fallar assim, mas a importancia e o valor que reconhecemos no tiro nacional, no tiro civil, no tiro do povo, no tiro de todos, porque todos, chegada a hora suprema, que constantemente devemos esperar, teremos de ser soldados, teremos de pegar n'uma arma para defendermos o lar, os bens, a honra, os filhos ainda creanças e a mãe já decrepita, porque é isto o que constitue a patria e porque é assim que ella se defende.

Quem ha ahi que não seja capaz de defender a mãe, embora a ella não lhe assista a razão? Quem ha ahi, portanto, que não seja capaz de defender a patria, quando ella symbolisa a mãe?

Não é assim que a maioria pensa, bem o sabemos. A maior parte do povo portuguez julga e entende que a defeza da patria é somente apanagio dos militares. Acariciados por esta ideia que os seduz, poucos são os que se im-

portam com o dia d'amanhã, porque entendem que se uma nuvem densa e calliginosa lhe vier turvar o ceu claro e limpido dos seus dias despreocupados que é ao exercito e só ao exercito que lhe compete arrostar com o vendaval desfeito, sem se lembrarem que elle corre todos os cantos, assola todos os campos, arraza todos os povoados, deshonra todos os lares e violenta todas as virgens. Mas a comprehensão de tudo isto só pode ser attingida por um povo com uma grande orientação civica, que o nosso não tem. Ha festas religiosas com caracter pagão, ha cirios, ha romarias, ha procissões, ha canticos para venerar a Deus, mas não ha nada, absolutamente nada que lhe desperte o culto da patria, que lhe faça vibrar o coração, que lhe ensine os seus deveres civicos.

Emquanto o nosso povo ainda subjugado por um fanatismo mediavel percorre os campos e as ruas das cidades de opas ás costas e cruz alçada, o povo suisso, o povo verdadeiramente compenetrado dos seus deveres civicos, aprende a manejar uma arma e organisa as suas festas federaes de tiro n'uma intima união, com um acrisolado patriotismo. O contraste é frizante e os fructos são bem differentes.

Mas se ninguem contesta que o nosso povo não tem essa orientação é necessario que haja alguem que o ensine, alguem que lhe indique o caminho a seguir. Ora essa missão pertence ao exercito, porque, com orgulho o dizemos, a classe mais compenetrada dos seus deveres para com a patria é inegavelmente a militar, não só pela missão especial, mas tambem pela educação que se recebe.

Pois bem, se assim é, tomemos nós, militares, essa honrosa tarefa e tratemos por todos os meios de incutir esses sentimentos no povo. O melhor meio é sem contestação o tiro nacional. O exemplo que nos fornece Bragança, assim como tantas outras terras, é cencludente, pois que alli, como nas demais terras, as festas da inauguração, os concursos, os torneios, vão-se já convertendo em festas civicas.

O exemplo ahi fica traçado, o que resta é que os nossos camaradas o queiram seguir.

D. R.

INSTRUCÇÃO ESPECIAL DOS EXPLORADORES

(Continuado do n.º 5 — 5.º anno)

CAPITULO VIII

Reconhecimentos

1.º **Generalidades.** O serviço dos exploradores nas marchas e no estacionamento é um serviço permanente de patrulhas.

(a) *Missão das patrulhas, suas especies.* As patrulhas têem por missão ver, observar, descobrir e reconhecer o inimigo, explorar o terreno, os caminhos, estradas, cursos d'agua, alturas, herdades, casaes, bosques, etc.

Nas marchas empregam-se as patrulhas exploradoras e as flanqueadoras, e no estacionamento as patrulhas de reconhecimento e as de ronda.

As patrulhas exploradoras são destacadas pela extrema guarda avançada; têm a força proporcional á importancia das povoações ou accidentes do terreno a explorar, e reunem, terminada a exploração, á cauda da extrema guarda avançada.

As patrulhas flanqueadoras são destacadas do corpo da guarda avançada; compõem-se geralmente de 4 homens, podendo ser reforçadas quando haja probabilidade de ataque n'uma dada direcção; seguem as estradas ou caminhos que cruzam com a estrada seguida, e estabelecem-se em alto guardado, em pontos d'onde possam observar até uma distancia — a partir da columna — pelo menos egual á sua profundidade. Estas patrulhas quando retiram unem á cauda da columna.

As patrulhas de reconhecimento são fornecidas pelo posto principal de cada piquete e pela reserva dos postos avançados; têm em geral por missão explorar o terreno na frente e flancos e colher noticias do inimigo.

As patrulhas de ronda são fornecidas pelos pequenos postos, ou pelo posto principal, quando o piquete tenha destacado postos á cossaco, e tem por missão manter a vigilancia das vedetas e ligar entre si os pequenos postos.

(b) *Composição das patrulhas.* Uma patrulha é composta geralmente de 3 a 5 exploradores, e é commandada por um explorador mais habil e antigo, por um cabo, um official inferior ou mesmo por um official. Não é do grande effectivo d'uma patrulha que depende o seu exito, mas da boa escolha dos exploradores que a componham e, sobre tudo, da destresa, audacia e energia intelligente do seu commandante. (1) As patrulhas devem, de preferencia, ser constituidas por homens que se dêem e entendam bem, e já habituados a marchar juntos.

(c) *Marcha das patrulhas.* Durante a marcha as patrulhas estabelecem tambem o seu serviço de segurança, protegem-se convenientemente; os homens que a constituem occultam-se quanto possivel com o terreno, param frequentes vezes em alto guardado para observar; guardam o maior silencio; não fumam; procuram evitar o choque das armas ou qualquer ruido que os possa denunciar. Devem ellas operar mais pela astucia e dissimulação do que pela força, emboscando-se para observar uma patrulha inimiga que passe e não a atacando senão com a certeza de bom exito; devem parar frequentes vezes para escutar, podendo mesmo um dos homens collocar um dos ouvidos junto do solo para ouvir melhor; devem orientar-se com o maior cuidado, observando o terreno percorrido e o que devem percorrer: devem fazer alto nos pontos d'onde possam bem observar o inimigo sem serem vistos por elle.

No serviço de segurança em estacionamento se avistarem o inimigo devem fazer avisar, por um dos seus homens, o piquete mais proximo, bem como se se der qualquer occorrencia extraordinrria, devem dar o signal d'alarme pelo fogo, quando forem surprehendidos ou julguem

(1) Na guerra franco allemã, o alferes Ouzilleau, do regimento de infanteria 95, fez, em 31 d'agosto de 1870, um admiravel reconhecimento de Noisseville, com dois homens sómente. (Franceschi).

que os postos avançados correm perigo com a demora no aviso. As patrulhas devem sempre levar os depositos carregados.

Antes da marcha d'uma patrulha o superior que a envia dará ao seu commandante na presença de todas as praças que a compõem, minuciosas instrucções sobre a sua missão sendo-lhe ministrados todos os esclarecimentos de que necessite para a sua cabal execução. Ser-lhe-hão tambem indicados os pontos ou distancia até onde a patrulha deve avançar bem como o caminho a seguir na ida e regresso.

No serviço de segurança em estacionamento o commandante d'uma patrulha deve:

1.º — Escolher uma conveniente disposição de marcha.

2.º — Communicar a todos os seus exploradores o fim a attingir, o santo e senha e o signal convencionado para o caso de alarme. Para se reconhecerem mutuamente empregarão os processos ordinarios de reconhecimento, dispensando-se porém taes formalidades quando, além dos uniformes, se reconheçam, por outras circumstancias, á simples vista;

3.º — Conduzir os seus homens á linha de vedetas para lhes mostrar a zona do terreno a explorar;

4.º — Obter dos commandantes dos pequenos postos e das vedetas todos os esclarecimentos que julgue necessarios para o fim que tem em vista;

5.º — Não ser nunca portador de ordens escriptas, nem de cartas anotadas, que possam em caso d'uma surpreza cahir nas mãos do inimigo;

6.º — Designar previamente um logar de reunião para o caso em que os exploradores que constituem a patrulha se vejam forçados a dispersar-se;

7.º — Orientar a sua marcha em relação á linha das vedetas, e fazer notar esta orientação a todos os exploradores, empregando a bussola, o sol ou a estrella polar.

E' tambem conveniente que os commandantes das patrulhas acertem os seus relogios pelos dos chefes que as ordenarem, devendo, por seu turno, os exploradores que os tiverem acertal-os tambem pelo do commandante.

d) *Disposição das patrulhas na marcha.* Conforme a situação do inimigo, a forma do terreno, e quaesquer outras circumstancias de occasião, assim as patrulhas devem marchar em linha ou de costado, variando tambem as distancias entre os homens. Em todo o caso, como principio

geral, devem marchar sufficientemente aproximados para se não perderem de vista.

Uma patrulha de tres homens e um commandante deverá adoptar a seguinte disposição de marcha:

Se forem 4 soldados, marcham dois na frente, dois na retaguarda e o commandante a meia distancia entre as duas filas. Se forem 5, marcham 2 na frente, tres na retaguarda e o commandante tambem a meia distancia.

e) *Marcha durante o dia ou n'uma noite de luar.* Supondo uma patrulha de 3 homens, a marcha faz-se por lanços successivos. O explorador que marcha na frente avança até um ponto conveniente, occultando-se o mais possivel e observando, ahi espera que o commandante se aproxime e só depois avança para outro ponto e sempre com as mesmas precauções. Os restantes exploradores não perdem nunca de vista o commandante da patrulha, e devem voltar-se e observar o terreno á retaguarda, sobre tudo durante os altos.

As patrulhas devem reconstituir-se longe dos abrigos onde possa occultar-se o inimigo; não se mostrarem nas localidades habitadas, senão quando para isso tenham recebido instrucções, pelo menos em paiz amigo uma indicação involuntariamente fornecida por um habitante pode servir ao inimigo; se tiver que atravessar um bosque deve fazel-o o mais rapidamente possivel, até attingir a orla do lado do inimigo; deve procurar todos os indicios: signaes de passos, restos de cartas, pedaços de jornaes, incluindo-os nas informações que prestar; reconhecer os abrigos que possam occultar uma patrulha ou uma força inimiga embuscada.

f) *Marcha durante a noute ou em dias de nevoeiro.* Durante a noite devem as patrulhas evitar as cristas das alturas e os terrenos elevados, seguindo pelos vales e caminhos enterrados, fazendo alto frequentes vezes para escutar. Não devem os soldados fumar nem conversar, nem armar bayoneta; principalmente em noites de luar.

g) *Distancias percorridas pelas patrulhas.* Em conformidade com o disposto no novo regulamento de campanha poderá uma pequena patrulha avançar, de noite e em terreno descoberto, até mais de um kilometro para além da linha de vedetas; de dia e em terreno accidentado pode ir

além d'um kilometro da referida linha, e em terreno descoberto até 2 kilometros.

Uma patrulha de força superior á ordinaria irá, tanto de dia como de noite, tanto mais longe quanto maior fôr a sua composição.

Nas proximidades do inimigo as patrulhas exploradoras redobrarão de precauções e de vigilancia, tendo sempre os seus homens o ouvido attento ao menor ruido e emboscando-se logo que ouçam qualquer rumor suspeito, a fim de observar e reconhecer se o inimigo ahi se encontrará. Evitam o combate tanto quanto possivel.

f) *No caso d'encontro com o inimigo.* Se a força do inimigo é inferior á da patrulha, esta occulta-se e procura attrahil-o a uma embuscada. Se é de força egual ou ainda superior em dois ou tres homens, deve tambem embuscar-se para a atacar por surpresa. A surpresa dobra a força moral do atacante e diminue consideravelmente a do surprehendido. Se, pelo contrario, qualquer patrulha fôr surprehendida, deve ser sempre a primeira a fazer fogo sobre o inimigo, se isso fôr possivel. Ha toda a conveniencia n'este caso em fazer fogo, é mesmo um dos poucos em que as patrulhas o devem empregar.

Se o inimigo dispõe de força superior, a patrulha occulta-se e procura reconhecer-lhe a força, a direcção e as intenções, avisando immediatamente o pequeno posto. Se a força inimiga se dirige para os pequenos postos e se a patrulha não tem tempo de avisar, faz fogo, e retira atirando sempre, tendo todo o cuidado em não deixar cortar a retirada. Se a patrulha fôr envolvida pelo inimigo, occulta-se, guardá o maior silencio, e, depois de passado o primeiro momento de perturbação, o commandante reune os exploradores, orienta-se, dá instrucções precisas e tenta um golpe de audacia que, em muitos casos, dá resultados favoraveis.

g) *Patrulhas descaminhadas.* Quando uma patrulha perder completamente a orientação e não souber para que lado deva marchar, e isto porque o estado da atmosphera ou a falta absoluta da bussola lhe não permittir restabelecer a orientação, deve fazer alto estabelecer-se em posto de observação e aguardar o momento proprio para convenientemente orientada poder continuar a marcha e o serviço ou voltar aos postos avançados.

Se o commandante da patrulha tiver uma bussula po-

derá orientar-se illuminando o instrumento com phosphoros ou com um pedaço de isca.

h) *Informações fornecidas pelas patrulhas.* No regresso o commandante da patrulha deve sempre apresentar-se a quem a mandou, ou a quem suas vezes fizer, para lhe dar conta da sua missão. No caso em que um commandante de patrulha deva expedir qualquer relatorio, informação ou esclarecimento, deverá fazel-os repetir se forem transmittidos verbalmente e fazel-os ler muitas vezes se forem escriptos. Recommendará ao explorador encarregado de levar as informações ou documentos escriptos, que deve fazel-os desapparecer caso seja apanhado pelo inimigo.

Pratica. O instructor procurará frizar todos os casos que se possam dar na guerra, de modo a poder fazer applicação, dentro dos limites do possivel e do verosimil, dos principios expostos nas generalidades. Obriga uma patrulha a marchar no campo, tomando varias disposições e tendo varias composições, consoante a missão que tiver a desempenhar, na marcha e no estacionamento. Exercita primeiro os exploradores antigos e depois os novos. Mostra aos exploradores, em terreno variado, a linha que deve ser occupada pelas vedetas, presumindo assim que se havia estabelecido o serviço de segurança, bem como qual a posição dos pequenos postos, posto principal, etc.

Suppondo-se elle mesmo commandante d'um pequeno posto e da guarda avançada d'uma força, organisará patrulhas differentes, compostas dos exploradores já instruidos, dirigidas pelo sargento, ás quaes dá as ordens e esclarecimentos necessarios, que serão ouvidos attentamente pelos demais exploradores, que depois seguem a marcha das patrulhas, observando a sua marcha e a forma como ella cumpre todas as disposições regulamentares. No regresso da patrulha, o seu commandante fará um relatorio minucioso ao official, em presença de todos os exploradores.

Depois os novos exploradores executam por vezes os mesmos exercicios. Serão successivamente commandante das patrulhas o sargento, cabos e os exploradores considerados mais habeis e intelligentes.

Observação: Sendo indispensavel que nos relatorios verbaes e em todos os esclarecimentos prestados pelos exploradores estes se sirvam sempre d'uma linguagem clara e que deem ás coisas os seus verdadeiros nomes, deve o

instructor fazer-lhes repetir em todas as occasiões que se offereçam, os nomes dos differentes accidentes do terreno, naturaes e artificiaes, e fazer-lhes conhecer a nomenclatura na linguagem militar.

J. Gil
Capitão de infanteria

Monumentos militares

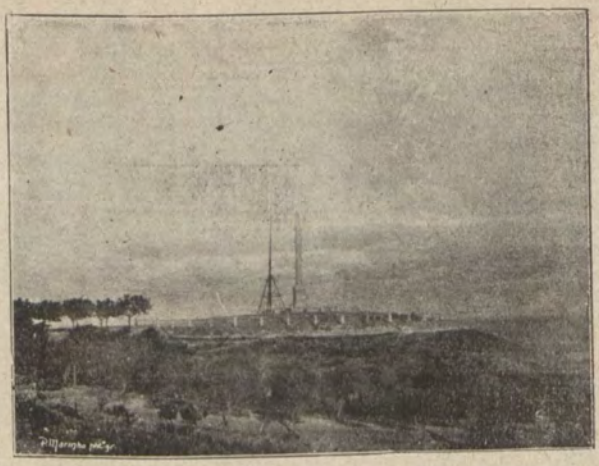
Todos conhecem, pelo menos de nome, as linhas de Torres-Vedras, que primeiramente foram estudadas pelo engenheiro portuguez Neves e Costa e que depois foram executadas por ordem de Wellington para cobrir Lisboa contra as tropas de Massena, quando estas marchavam sobre a cidade em 1810.

Eram tres as linhas, das quaes a primeira começava no Alto do Calhariz, ao ao pé de Alhandra, onde hoje, e por iniciativa do fallecido general Cascaes, está levantado o singelo monumento rememorando a paragem de Massena em 7 de outubro de 1810, que durante 38 dias esteve á vista das linhas sem que se atrevesse a atacal-as.

Uma singela columna com uma base quadrangular, erecta sobre dois degraus e resguardada por uns pilares de cantaria com varões de ferro. Sobre a columna um Hercules e na face sul do pedestal em lettras de bronze:

LINHAS DE TORRES VEDRAS

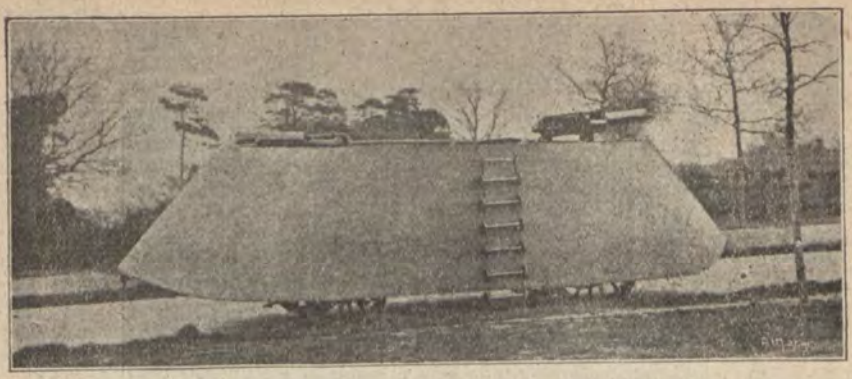
NON PLUS ULTRA



As nossas gravuras representam a columna vista do proprio monte, e o conjunto da elevação e o monumento vistos a distancia, sobresahindo o horroroso pára-raios, collocado a seu lado.

Junho — 1902.

M. Roquette.
Tenente d'infanteria.



SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

Inglaterra. — **Automobil blindado.** — A gravura que acima juntamos representa um automobil blindado, devido ao inglez Simms, e construido por ordem do celebre Maxim, que o destina principalmente á defesa das costas do seu paiz, mas que pode ter varias applicações em campanha.

Pela descripção que vemos no *Journal of the Royal Intitution*, tem o peso total de cinco toneladas e meia e as seguintes dimensões: comprimento 28 pés, largura 8 e altura 10 As rodas são de madeira com aros de ferro. As chapas que lhe formam o contorno são de aço e têem nas faces direita e esquerda uma escada e um ariete na frente e retaguarda. As molas foram substituidas por uma disposição engenhosa e que o torna ainda mais sensivel, o que é vantajoso não só pela commodidade, mas tambem pelos projecteis que n'elle baterem, pois que não offerecendo tanta resistencia não produzem tão consideraveis effeitos.

O modelo que foi exposto no Palacio de Crystal, em Londres, estava armado com uma metralhadora Maxim.

França. — **Reproducção photographica de cartas.** — O major do exercito francez Patte conseguiu reproduzir cartas topographicas na mesma escala pelo processo photographico, que consiste em applicar a carta que se deseja reproduzir sobre papel sensibilisado com os saes de prata, ficando o desenho sobre a parte sensibilisada. Em seguida, mettido n'um caixilho apropriado, expõe-se á luz solar, faz-se depois a viragem e a fixagem com os banhos apropriados, e tem-se assim o desenho em *negativo*. Collocando depois este *negativo* sobre uma outra folha sensibilisada e fazendo as mesmas operaçõss obtem-se o *positivo*, que é a reproducção exacta, fina e fiel do primitivo desenho, e assim, aproveitando o mesmo *negativo*, se podem fazer muitas reproducções.

Deslocamento de tropas. — No *Boletin Officiel*, de 9 de junho, foi determinado que o regimento 121 fosse transferido de Lyon para Clermont-Ferraud. Desde esse momento este regimento deixará de fazer parte da 51.ª brigada de infanteria para fazer parte da 52.ª, em substi-

tuição do 105, que passará para a 51.ª brigada. O estado maior d'esta brigada mudará tambem a sua séde de Lyon para Rion.

Belgica. — **Nova lei militar.** — Depois de aturados estudos feitos por uma commissão militar e outra mixta, foi ultimamente promulgada, na Belgica, uma nova lei militar, cujos topicos principaes são:

Recrutamento: Pela lei antiga a base do recrutamente era o sorteio, com admissão do voluntariado. Pela nova lei a base é o voluntariado, ficando o sorteio para o preenchimento das lacunas por aquelle deixadas.

Tempo de serviço: Pela lei antiga era de 13 annos, sendo 8 passados no activo, não definindo bem a situação em que ficavam os inscriptos passado esse tempo. A nova lei divide o tempo de serviço em *activo* e *reserva*, sendo 8 annos n'aquella classe e 5 n'esta.

Serviço activo: — Este periodo é reduzido para a infanteria de 28 mezes a 20, com mais um mez de serviço activo durante o 3.º ou 5.º anno.

Estes 21 mezes de serviço activo a que todos são obrigados, são passados constantemente debaixo das bandeiras, mas alternados com licenças qne se regulam por um processo especial e facil de comprehender.

Voluntarios: Ha quatro cathegorias de voluntarios: voluntarios de carreira, voluntarios de contingente, voluntarios com premio e voluntarios readmittidos. Os voluntarios sujeitam-se, se se encorporam antes da tiragem á sorte, a obrigações identicas, quanto á duração do tempo de serviço activo, ás d'aquelles que lhe pertenceu a sorte. Passam, portanto, á reserva com os individuos da sua classe. Os voluntarios de carreira, que são os que se alistam antes dos 18 annos, servem cinco, quatro ou tres annos, conforme se alistam aos 16, 17 ou 18 annos.

Esperam com esta classe formar os quadros do exercito.

Ha ainda mais a classe de *voluntario da reserva*, formada pelos individuos que mediante uma gratificação se promptificam a servir n'estes quadros. Este processo é bom para reforçar as classes dereserva.

Empregos: São muito augmentados os empregos para as classes militares e cortaram, além d'isso, um grande numero de peias que impediam essas collocações.

SECÇÃO OFFICIAL

Calça lisa — Alumnos das escolas superiores

Ord. circular 29 B da 1.ª divisão militar, de 19 de julho de 1901. Manda que seja observado rigorosamente o disposto na circular do mesmo commando n.º 19 de 18 de julho findo.

Licenças para estudos

Circular n.º 36 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 18 de julho de 1901.

Diz que a concessão de licenças para estudos e a correspondente data de apresentação se averbam no livro de matricula na casa «notas biographicas», e que o tempo da mesma licença não deve ser contado como de serviço.

Continencia ás praças da armada

Circular n.º 38 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 18 de 1901.

Ordena que a todas as praças da armada cujo grau hierarchico é indicado por divisas de 1.º ou 2.º sargento, seja prestada a correspondente continencia, qualquer que seja o emblema annexo designativo da especialidade a que pertencem.

Notas d'alterações

Circular n.º 5 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 20 de julho de 1901.

Determina que sejam immediatamente enviadas áquella secretaria as respectivas notas logo que se dê qualquer alteração no quadro dos sargentos, e bem assim se mencione na casa «observações», quando a alteração fôr por motivo de transferencia, se esta se realisou por troca.

Remonta — Compra de cavallos pelos corpos

Circular n.º 1750 da 4.ª repartição da secretaria da guerra, de 25 de julho de 1901.

Auctorisa os conselhos administrativos dos corpos de artilheria montada e de cavallaria a adquirirem até ao preço médio de 145$000 réis cavallos para a fileira dos mesmos corpos, os quaes devem satisfazer ás condições indicadas no art. 30.º do regulamento de remonta geral do exercito, de 25 de abril de 1895. Do exame e avaliação que os referidos conselhos administrativos fizeram com os respectivos veterinarios aos cavallos que pretenderem adquirir, serão enviadas copias dos autos á secretaria da guerra, afim de se mandarem pôr á disposição dos ditos conselhos administrativos as respectivas importancias.

5.º Anno Agosto de 1902 N.º 8

REVISTA DE INFANTERIA

EQUIPAMENTOS E MATERIAL DE BIVAQUE

EQUIPAMENTOS

A importancia que, para a arma de infantaria, tem todo o trabalho que conduza á diminuição do peso do equipamento, não póde ser contestada.

Tornar o equipamento de infantaria leve e commodo é augmentar a resistencia á nossa arma, é tornal-a mais agil.

Com o equipamento de 1894 deu-se um passo agigantado n'esse sentido, com o equipamento de 1902 consegue-se muito mais ainda.

E' com desvanecimento que registamos este facto.

Para tornar o equipamento mais leve diminuiu-se as dimensões dos ganchos, argolas e fivellas, que serão do mesmo metal, e substituiu-se os botões por outros de aluminio.

Os artigos de atanado, além de soffrerem algumas modificações, passam a ter, principalmente em largura, dimensões menores, o que os torna não só menos pesados,

mas tambem mais economicos. Todos estes artigos de atanado passam a ter a côr natural, excepto os cinturões, palas dos sabres e cartucheiras.

No *cinturão* é supprimido o gancho, pois que passa a ser uma correia simples com uma fivella e um passador. E' o antigo modelo dos caçadores.

As *cartucheiras* conservam a mesma fórma, mas ficam mais leves, com passadores cravados, botões de aluminio e argolas menos pesadas.

A *patrona* não soffre modificação alguma, devendo, comtudo, a tampa abrir de cima para baixo. Os passadores são cravados e o botão de aluminio.

O *bornal* conserva a mesma fórma e feitio, sendo feito com um tecido de algodão impermeavel, *kacki*, com a côr de *folhas mortas*, que é a côr que tem maior coefficiente de invisibilidade. A argola de suspensão do cantil fica mais elevada e junto ás presilhas, que serão, não de atanado, mas da mesma téla do bornal. Os botões são de aluminio e as argolas de latão.

O *cantil* é o mesmo, tendo, porém, na parte inferior um resguardo de aluminio que serve de copo para vinho, café ou agua, para o que se deslíga facilmente.

A *mochila* é a parte do equipamento que maiores alterações soffreu, a fim de a tornar mais leve e adaptavel ao serviço de campanha, conservando, apesar d'isso, proximamente o mesmo formato.

Não é aberta pela parte posterior, mas simplesmente pela parte superior.

E' uma mochila formada, pode-se dizer, por um pequeno sacco aberto na parte superior, tendo dimensões menores do que a actual e o bastante para o soldado transportar a roupa necessaria para campanha, que tambem é muito limitada.

Os *suspensorios* são modificados, reduzindo-se a largura dos ramos que suspendem as cartucheiras.

Os ganchos são aligeirados. Os braceletes que passam debaixo dos braços vão prender-se em argolas cosidas á parte inferior da mochila e veem a abotoar-se em botões collocados nos ramos anteriores dos suspensorios. O ramo que liga posteriormente a mochila ao cinturão é reduzido a uma correia com casas para abotoar com um botão de carreto.

A *marmita* é de aluminio, apresentando na sua secção

horisontal a forma de um feijão. A tampa é movel e póde servir de prato ou frigideira.

Os artigos que para o futuro forem distribuidos já terão as modificações indicadas. Para os existentes transformar-se-hão as mochilas, e aos cantis accrescentar-se-lhes-ha o copo. As modificações nos outros artigos serão feitas á medida que necessitem de concertos.

Com estas modificações conseguiu-se baixar o peso que o soldado acarreta em marcha a 27k,017.

O peso que o soldado de infantaria transporta ao presente eleva-se a mais de 33 kilos.

A diminuição no peso é já muito importante.

O nosso soldado fica transportando com o equipamento modelo 1902 o seguinte:

	Kilos
Cartuchame	4,272
Espingarda	4,550
Sabre	0,775
Equipamento	4,370
Fardamento	10,660
	24,627
Rações de reserva	2,390
Total	27,017

Este peso póde diminuir muito logo que possamos possuir uma espingarda mais leve, calçado mais leve e fabricar rações de reserva concentradas.

Sendo assim, baixará o peso transportavel pelo nosso soldado a 24k,517, o que está áquem do limite determinado para carga do infante em campanha.

O illustre ministro da guerra, com esta medida, aliás do maior alcance para a nossa arma, conseguiu tambem uma economia superior a 3:000 réis por cada equipamento, o que é factor para ser ponderado, pois representa algumas centenas de contos de réis de economia para o Estado.

Os artigos conservam a mesma designação.

Os apparelhos de suspensão das ferramentas dos sapadores foram tambem muito aliviados.

Sobre todos os pontos de vista merecem os nossos applausos estas modificações.

MATERIAL DE BIVAQUE

Já n'esta mesma Revista tivemos occasião de dizer que era de extrema necessidade modificar o material de bivaque presentemente em uso. Realmente assim se reconheceu e as modificações introduzidas constam do seguinte: as rêdes para pão são substituidas por saccos vulgares usados no commercio; as lanternas são supprimidas, fazendo-se, comtudo, uso das lanternas dos carros regimentaes; os ôdres são supprimidos egualmente, comprando-se no acto de mobilisação barris proprios para vinho; as cantinas, as caixas para accessorios e os baldes são substituidos pela *cantina para 40 praças,* que pesa 15 kilos.

(Cantina para 40 praças)

Esta cantina para 40 praças consta das seguintes peças, visiveis na photogravura junta: 1 balde de ferro, 5 panellas, 5 correntes com gancho, 1 escumadeira, 3 caços, 1 faca de cosinha, 1 garfo, 1 jogo de medidas, 2 frascos de folha, 2 caixas para condimentos, que se vêem no fundo d'uma das panellas, 3 pannos de algodão, 1 sacco de café e 1 balança de mola.

O material de cada companhia consta de: 1 cantina para 6 officiaes, 7 cantinas para 40 praças, 24 saccos, 1 moinho de café, archotes e cordas.

Como já se deprehende, cada secção cosinha o seu rancho, o que offerece grandes vantagens, não só porque se divide o trabalho, mas tambem porque o rancho se

cosinha mais promptamente e se distribue com maior rapidez.

Cada secção cosinha o seu rancho em 4 panellas e conserva a 5.ª com agua quente.

A 7.ª cantina de cada uma das companhias é considerada de reserva ou póde ser destinada ao rancho dos officiaes.

O balde e as panellas das 7 cantinas da companhia comportam 700 litros d'agua.

As correntes com gancho, que se vêem na nossa gravura, servem para pegar nas panellas quando se deseja retiral-as do fogo ou quando se deseje transportal-as.

A distribuição do rancho a uma companhia calcula-se que, com estas cantinas, leve apenas 3 minutos, por se fazer nas 6 secções ao mesmo tempo e com 3 caços em cada uma das secções.

Tendas-abrigos

Tambem já n'esta Revista tivemos occasião de dizer, e até por mais d'uma vez, que as tendas abrigos são extremamente necessarias. Os exercicios que se teem realisado certamente teem levado todos a esta mesma conclusão. Ainda no anno passado, nos exercicios que se realisaram durante tres dias e constantemente debaixo de formidaveis aguaceiros, que tornaram os terrenos intransitaveis, se viu bem a necessidade d'ellas.

Se as tropas podessem acantonar sempre certamente se dispensavam, mas como a maior parte das vezes é necessario recorrer ao bivaque, tornam-se indispensaveis as tendas-abrigos que resguardam das inclemencias do tempo.

Folgamos, pois, visto termos pugnado para que se adoptassem, de vêr que as nossas aspirações foram satisfeitas, e principalmente por vermos que o exercito vae ser dotado com um melhoramento importante.

(Soldado embrulhado n'um panno de tenda)

A tenda que vae ser adoptada é de modelo allemão e muito identica ao modelo suisso. Os pannos, perfeitamente rectangulares, servem para embrulhar o capote, levando, por consequencia, cada soldado um panno da tenda.

Para montar a tenda-abrigo, ligam-se dois pannos por qualquer dos lados mais compridos, para o que, em qualquer d'elles, ha botões d'aluminio e respectivas casas.

Para as sustentar podem-se empregar as armas ou supportes formados por tres pequenas varas de madeira que se ligam entre si, o que já é regulamentar em alguns exercitos.

A gravura que juntamos representa uma tenda sustentada pelas varas de madeira.

A ligação ao terreno faz-se com pequenas cordas que ha nas extremidades dos pannos e que se ligam respectivamente a estacas cravadas no solo.

Alem d'esta disposição, que é certamente a mais simples, pode-se dar á tenda muitas outras, para o que se prestam os pannos. Mas ainda não fica por aqui a vantagem d'este modelo.

Como se pode vêr pela gravura que juntamos servem perfeitamente de capote, pois que o soldado que na mesma gravura se vê está embrulhado n'um dos pannos, n'aquelle que lhe serve para embrulhar o capote. Para se poder fazer isso, tem cada panno um pequeno cordel n'um dos lados menores, o qual se vê na tenda armada, e um outro ao centro que é enfiado por tres passadores, que tambem se veem na mesma gravura. Querendo que sirva de capote, colloca-se ás costas, ficando os cordeis enfiados para dentro. Aperta-se primeiro em volta do pescoço o da extremidade, e em seguida aperta-se á cinta o que está collocado no centro. Feito isto apertam-se os botões de aluminio e fica o soldado completamente embrulhado e com os movimentos tão livres como se estivesse coberto com um amplo capote com romeira, do que a nossa gravura dá uma ideia exacta.

Esta vantagem é importante, porque o soldado, principalmente em campanha, tem serviços frequentes de vedetas e sentinellas, e nada mais commodo, nem mais util, do que estar embrulhado com um panno impermeavel, principalmente em tempo de chuva, panno que, de mais a mais, é o mesmo com que ha de construir a sua tenda.

Os pannos das tendas abrigos, além de serem impermeaveis, como já se disse, teem a côr de *folhas mortas*.

A instrucção litteraria dos soldados

II

Tem-se dito por ahi muitas vezes que o analphabetismo em Portugal é e tem sido systematicamente promovido pelos poderes do Estado.

Pela nossa parte, sem querermos ser tão severo na accusação, não podemos deixar de reconhecer aos governos uma importante culpa do analphabetismo do povo.

Os governos obrigam o povo: a pagar contribuições; a cumprir o serviço militar; a ter uma religião official; a cumprir milhares de disposições dos codigos, leis, regulamentos e posturas.

Estas cousas a que, sob pena de cadeia ou multas se obriga o povo, nem sempre são para elle de um interesse directo, e muitas vezes são até de prejuizo, e não pequeno.

Pelo contrario a instrucção, é tanto para o povo como para o Estado de uma grande vantagem directa e immediata.

Quando n'umas cousas se coarcta tanto a tendencia natural e a vontade do povo, não se explica que se lhe respeite tanto a vontade e o direito de ser ignorante, e é por isso que a accusação dos governos promoverem systematicamente o analphabetismo não é de todo injusta.

A instrucção é o meio da creatura se elevar acima dos irracionaes e dos selvagens; de se armar para as luctas da vida, de honrar a civilisação, acompanhar o progresso, e tornar-se verdadeiramente susceptivel de comprehender e cumprir os seus deveres.

N'estas circumstancias, deve quanto possivel a instrucção ser feita livremente e por iniciativa do povo, porque assim será mais util e mais facil; porém, os poderes do Estado não se pódem de modo nenhum desinteressar do assumpto, porque a instrucção, além do seu interesse individual, tem um grande interesse para a collectividade da nação.

A instrucção popular não tem só um grande interesse; é uma questão de vida ou de morte para as nações, sobre tudo para as nações pequenas, porque as suas condições politicas são muito differentes das das nações grandes. Estas encontram na sua propria grandeza uma garantia de conservação e respeito, que as nações pequenas só alcançam por meio da correcção, do trabalho, da intensidade da producção, da seriedade com que procuram acompanhar a civilisação e o progresso, a cuja frente vão as nações preponderantes.

Estas circumstancias em que se acham as nações pequenas, ou a sua situação em face das nações preponderantes e do progresso, convém que as acentuemos bem, e tanto mais que a deliberação dos poderes do Estado em manter o analphabetismo, só se explica por fazerem os mesmos poderes uma apreciação erronea das nossas circumstancias politicas e sociaes.

O ponto essencial de uma tal orientação politica, consiste em suppôr-se, mas erradamente, que a ignorancia, ou a sabedoria portugueza é capaz de ter voz activa em materia de innovações politicas e sociaes.

Ora, o modo de ser da civilisação contemporanea assumiu proporções tão collossaes, que uma nação pequena, quer seja sabia quer seja ignorante, nada pode influir n'essa civilisação, não lhe pode imprimir nenhuma modificação sensivel.

Se fôr ignorante e não puder por esse facto acompanhar decentemente o progresso, corre imminente risco de desapparecer, porque as nações preponderantes é que presidem á civilisação e estabelecem as suas formas, e não admittem contrariedades levantadas por organismos fracos e retrogrados

Se fôr sabia é culta a nação pequena, tambem lhe não será permittido introduzir novas formas politicas nem antecipar-se na resolução de certos problemas sociaes, que destôem das tendencias predominantes entre as nações fortes.

Todos os que conhecem a historia contemporanea sabem que ella confirma o que dizemos.

Ao passo que não tem nenhum poder para accelerar, retardar, ou destruir formas politicas e sociaes, a ignorancia do povo nos paizes pequenos constitue um perigo nacional.

A falta de instrucção torna as nações pequenas incapazes de acompanhar dignamente o progresso, bem como de crearem os recursos e as forças que precisam para viver. Ficam condemnadas á subordinação em materia politica, e á exploração em materia economica. Não tendo gosado nenhuma das vantagens que disfructam os grandes centros productores da riqueza e da arte e da industria, os paizes ignorantes teem de se agitar com as mesmas convulsões que agitam aquelles.

Desde o momento em que se dão taes circumstancias; desde o momento em que a falta de instrucção não tem senão inconvenientes para o individuo e para a nação, os poderes do Estado não podem ficar indifferentes, sem faltar á sua missão.

A instrucção robustece as forças individuaes, permitte tirar d'ellas maior utilidade, e facilita o exito nas luctas da vida; e por isso cada individuo, sendo o que mais ganha com a instrucção, deve tambem ser o primeiro a procurar instruir-se livremente, ou por iniciativa propria.

Porém, este caracter voluntario da instrucção não pode ser absoluto, porque está provado o desleixo dos individuos, e porque, a edade infantil é a mais propria para se beber a primeira instrucção, e n'esse caso é aos paes que cumpre obrigar os filhos a irem ás escolas. Por sua vez deve a lei impôr aos paes a obrigação de mandar os filhos á escola, mas obrigação que se execute e não illuda, sob pena de incorrerem em transgressão punivel.

Tal obrigação dos paes e interferencia da lei é tambem uma consequencia do dever que ao Estado cumpre de proteger e defender superiormente as creanças e os menores. Esse dever do Estado acha-se expresso no titulo X do codigo civil, que trata do suprimento da incapacidade por menor edade, pelo poder paternal e pela tutoria.

O artigo 140.º diz: «Os paes devem dar a seus filhos os necessarios alimentos e occupação conveniente, conforme as suas posses e estado.»

O § unico do artigo 171.º, diz: «Os alimentos comprehendem tambem a educação e instrucção do alimentado, sendo este menor».

O artigo 243 diz: «Pertence ao tutor: 1.º..... 2.º Educar, ou fazer educar, alimentar e tratar o menor, conforme a sua condição, da maneira ordenada pelo conselho de familia.»

A lei civil sabendo que a educação e instrucção deve ser inseparavel das creanças, e que estas não podem por criterio e recursos proprios cumprir o dever de se instruirem, delega essa obrigação nos paes e tutores, pondo-a a par do dever de os alimentar, vestir, e dar-lhes habitação.

O § unico do artigo 171.º diz que os alimentos comprehendem tambem a instrucção e educação. Esta inclusão da obrigatoriedade da educação na mesma obrigação dos alimentos prova o alto criterio do legislador e a sua intenção de tornar inilludivel esse dever. Obrigando o codigo egualmente os paes e tutores a alimentar, instruir, vestir, dar habitação e tratar bem os filhos, é curioso que ainda hoje, trinta e cinco annos depois, se ande por ahi á procura de um alvitre para garantir a obrigatoriedade da instrucção. E annuncia-se tambem a publicação de um regulamento com o mesmo fim.

Isto, francamente, não é serio.

A lei está feita. O artigo 9.º do codigo diz: «Ninguem pode eximir-se de cumprir as obrigações impostas por lei, com o pretexto de ignorancia d'essa lei, ou com o seu desuso.»

Por consequencia, se a lei se não cumpre, e o povo é analphabeto, a culpa é simplesmente das auctoridades, que abandonaram a tal respeito o cumprimento do seu dever.

O codigo prohibe egualmente os paes: de abandonar, maltratar, e manter os filhos analphabetos. D'estas tres prohibições, as duas primeiras são as menos nocivas, e tambem as que mais raramente se transgridem. O dever de cuidar da instrucção é aquelle cuja transgressão é mais frequente e de mais nocivos effeitos. Pois a auctoridade em vez de ser mais solicita em reprimir a transgressão principal, fecha os olhos a ella, e só cuida em tomar contas severas aos que transgridem os outros deveres menos importantes.

Mais uma vez se demonstra que para se conseguirem os fins é não só preciso que os principios sejam adequados, mas tambem permanecer fiel a elles na execução.

Além do codigo civil, as leis de instrucção primaria desde 1878 consignam a obrigação dos paes mandarem ás escolas os filhos de 6 a 12 annos de edade. Apesar d'isso, as estatisticas de 1890 mostram que n'uma população de 5.049:729 habitantes, apenas 1.048:802 sabem lêr. Apenas 20 %, ou a quinta parte. 80 %, quatro quintos, ou 4.000:000, são analphabetos.

O numero de creanças que existem no paiz, de seis a doze annos é de 800:000. D'estas apenas 237:791 frequentavam as escolas em 1890.

E não se pode isto attribuir só á falta de escolas, porque a estatistica accusa a existencia de 5:339 escolas publicas e particulares.

De 800:000 creanças de seis a doze annos, que ha no paiz, 570:000, por criminoso relaxamento dos paes, andam fugidas das escolas, condemnadas ao analphabetismo, ao aggravamento da miseria propria e concorrendo tambem para a inferiorisação do paiz.

Trata-se de combater o analphabetismo. Apresentam-se alvitres. Pois bem; apresentamos tambem os nossos.

O individuo não tem o direito de ser analphabeto, porque ser analphabeto é ser inferior e selvagem, e isto é um perigo em toda a parte do mundo, e sobretudo na Europa. Na Europa não podem subsistir nações decadentes, improgressivas, incultas. E' forçoso que a instrucção seja legalmente obrigatoria, porque segundo a Carta Constitucional, artigo 145.º ninguem pode ser obrigado a fazer uma cousa se não em virtude de expressa determinação da lei. Essa determinação existe já; o que é preciso é que se cumpra.

Agora mesmo se diz que uma nova lei vae ser publicada, com disposições especiaes sobre o assumpto. Lemos n'um jornal essas disposições, que nos não parecem dignas de mais confiança que as anteriores, por uma rasão muito simples: E' que n'esta importantissima e melindrosa questão, os poderes do Estado, ou não desejam verdadeiramente o fim — a instrucção — ou não querem permanecer fieis e intransigentes aos meios de a conseguir.

Para combater o analphabetismo teem alguns individuos alvitrado meios empregados no estrangeiro, e tem-se tambem alvitrado a instrucção litteraria obrigatoria para os recrutas e soldados, transformando assim as casernas em escolas, e os officiaes e sargentos em professores das chamadas «primeiras lettras».

A respeito dos meios empregados no estrangeiro, para resolver qualquer problema entre nós, estamos longe de os applaudir incondicionalmente, ou depositar n'elles fé inteira e absoluta.

O que se deve copiar do estrangeiro não é o meio: é o fim a alcançar, ou já conseguido, bem como a seriedade, fidelidade e perseverança da execução. Os meios a empregar é assumpto de resolução local. Deve cada nação descobril-os, em harmonia com as suas circumstancias especiaes, com o aspecto particular que o problema apresenta.

A primeira cousa que resalta á vista é que os meios a empregar têem de ser tanto mais rigorosos e energicos quanto mais grave é o aspecto com que o problema se apresenta; e assim, n'um paiz em que os analphabetos são 80 %, e os lettrados 20 %, os meios têem de ser mais energicos, que os empregados n'um paiz em que o voluntariado da instrucção produza 80 % de lettrados, e em que os analphabetos sejam apenas 20 %.

Além da menor ou maior tendencia que a população tem para a

instrucção, ou para a ignorancia, ha tambem a attender ás circumstancias exteriores, que impõem a urgencia da resolução do assumpto.

Nas differentes apreciações que por ahi se fazem da nossa população, esta é alvo, ora dos maiores insultos e rebaixamentos, ora das maiores lisonjas. Nós não a elogiamos nem sensuramos, e limitamo-nos a dizer que ella conseguiria pôr-se em instrucção e educação a par das mais cultas populações, se se applicassem os meios adequados.

A lei consigna já a obrigação dos paes e tutores mandarem os filhos e pupilos ás escolas. Não basta. E' preciso tornar effectiva a obrigação, fazel-a cumprir de uma maneira inilludivel. Para isso deve a transgressão ser communicada aos magistrados, e estes punirão os delinquentes responsaveis com reprehensão e multa, e com multa e prisão no caso de reincidencia.

Mas, antes de se empregar os meios violentos, convém recorrer aos meios suasorios. Os professores entendem-se com os regedores, parochos, juizes de paz, e ainda com quaesquer outras pessoas influentes da freguezia, para persuadirem os paes e tutores do dever que lhes cumpre acatar.

Os inspectores das escolas devem annualmente enviar tambem aos magistrados relações das creanças que attingirem onze annos, sem se habilitarem no grau menor da instrucção elementar. Os paes e tutores d'essas creanças serão chamados perante os magistrados, e punidos tambem como se disse acima, se não justificarem que não são os culpados.

Depois das creanças attingirem os onze annos, continuam ainda os esforços para as instruir, mas sob outro regimen. Sempre que haja na freguezia mais de cinco adultos de doze a dezoito annos, que não tenham habilitação no grau menor da instrucção primaria, funccionará na escola uma classe especial, durante a noute, sendo os paes e patrões egualmente obrigados a mandar lá os filhos ou empregados mas respondendo estes tambem perante o magistrado, pelas faltas voluntariamente commettidas.

Estas disposições tornam-se sobretudo necessarias durante um largo periodo transitorio.

Taes são os nossos alvitres.

Consistem em tornar disciplinarmeute os paes e tutores responsaveis pela educação dos cinco aos onze annos. Dos doze aos dezoito são responsaveis os paes, os tutores, os patrões e os proprios adultos. Depois dos dezoito annos que aprenda quem quizer, como quizer e aonde quizer. Tudo tem a sua opportunidade e methodo. A primeira instrucção, educação e disciplina deve-se adquirir durante a adolescencia e juventude. Fora d'isso não dá os mesmos resultados, assim como os não dá um grau de bacharel ou doutor alcançado aos quarenta annos.

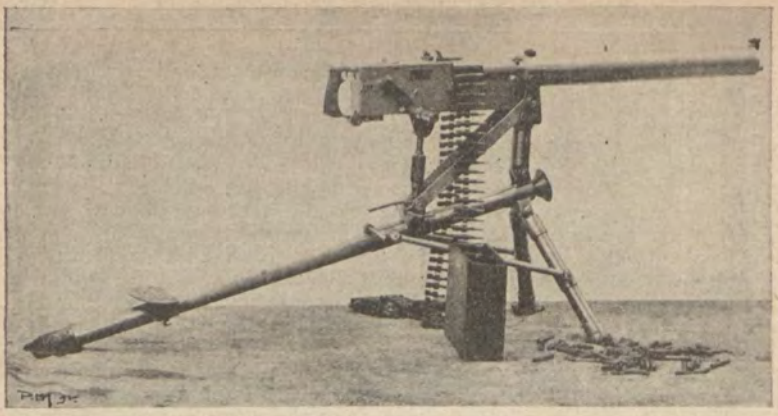
Não é uma instrucção natural, mas sim forçada, feita a martello, como se costuma dizer. O instruido não attinge bem a disciplina mental, nem as maneiras verdadeiramente cultas, que são apanagio da educação methodica, feita a tempo, sem resaltos.

Aos vinte annos não se trata de aprender o *a b c*, mas sim de augmentar por iniciativa propria os conhecimentos, e de os applicar á actividade, ao trabalho, á lucta da vida.

Que se faculte o *a b c* aos que o desejam, e que se estimulem e animem os indifferentes, comprehende-se. Ir além d'isso, não.

(*Continúa*).

JULIO D'OLIVEIRA
Ten.te de infant.ª



METRALHADORAS

IV

Nordenfelt m/1897

Damos hoje aos nossos leitores apontamentos sobre mais uma d'estas machinas de guerra e com ella fecharemos a primeira parte d'este pequeno estudo, para não o alongarmos em demasia.

Uma vez dada a idéa, embora summaria da Hotchkiss, da Maxim, da Bergmann e agora da Nordenfelt, iremos ver quaes as que os exercitos lá de fóra teem adoptado, e como as teem adoptado.

A Nordenfelt é como a Maxim e a Bergmann, uma arma em que o recuo é aproveitado e em que o cano é revestido com o tubo refrigerante. Externamente, pequenas differenças se lhe notam: assim o tubo para o envolucro liquido não acompanha o cano até final, o gatilho está junto a uma coronha de revólver, etc.

Internamente a arma é simplissima, pela pequena quantidade de peças que a compõem e que se póde bem dizer serem sete principaes, decompondo-se em poucas mais.

Uma manivella lateral bem visivel na nossa figura serve para levar o percutor ao entalhe de armar, ao mesmo tempo que introduz um cartucho na camara.

A pressão do gatilho solta o percutor que abandonado á acção da molla fere a capsula. O recuo do cano, arma

o percutor, extrae o cartucho denotado e leva um novo á frente da camara, e, claro é, que se o gatilho continuar premindo o percutor, não tendo quem o detenha volta de novo á frente pela acção da sua molla e vae ferir o cartucho, que antes d'isso outra peça levou ao seu logar na camara.

Os cartuchos são collocados em bandas metalicas leves e flexiveis e estas collocadas em caixas, que, por meio de uns grampos se suspendem na propria metralhadora ao começar o fogo. Cada banda contem 200 cartuchos.

A segurança da arma é absoluta, pois que, pela disposição das peças o percutor não pode tocar o cartucho sem este estar completamente introduzido na camara.

A velocidade do tiro authomatico é de 500 a 600 tiros por minuto.

Vejamos ainda alguns dados numericos da arma:

Peso da metralhadora	$17^{k},500$
Peso do tripé . . . , ...	$14^{k},500$
Caixa para cartuchos, vasia . .	$1^{k},100$
Cheia com 200 cartuchos 8^{mm}.	$7^{k},550$

Temos assim apontado as principaes caracteristicas de cada uma d'essas armas cujo fogo mortifero equivale bem ao feito por 80 homens armados de espingarda de repetição.

Não vimos, mas fal-o-hemos mais adeante detalhadamente, o numero de animaes e a carga que tem que acompanhar cada um d'esses engenhos e que merece muitas considerações, pois que o seu peso é muitissimo superior ao da arma, bastando para isso pensar que a 600 tiros por minuto corresponde um consumo de 36:000 cartuchos por hora de fogo, e que pesando uma caixa com 200 cartuchos (8^{mm}) $7^{k},550$; aquelles necessitam 180 caixas pesando na totalidade 1.359 kilos.

M. Roquette.
Tenente d'infanteria.

NOTAS SOBRE A MOBILISAÇÃO

Já decorreu quasi um anno sobre as manobras que se seguiram á mobilisação de tres regimentos de infantaria, operação realisada pela primeira vez no nosso paiz, e nada ainda se publicou, sob o ponto de vista technico, ácerca de tão importante assumpto.

Cançámo-nos de ler opiniões profanas ou suspeitas sobre a mobilisação, mas absolutamente nada se disse que podesse elucidar aquelles que não tiveram a fortuna de colher directamente, no quartel e no campo, junto dos regimentos mobilisados, os conhecimentos praticos precisos para que no futuro se não sentissem embaraçados com um tão arduo serviço.

Nas folhas diarias, pretensas criticas, eivadas de facciosismo, em que a *chuva* foi o principal thema sobre que se bordaram as mais exquisitas e despropositadas considerações.

Nas revistas technicas um mutismo de tumba.

Colhemos os nossos apontamentos dia a dia, ávidos de aproveitarmos alguma coisa d'essa primeira e tão proveitosa lição, e, se bem que ha muito já os temos ordenados, não os publicavamos porque esperavamos que alguem mais competente o fizesse, fazendo-o nós hoje a instancia de um distincto camarada nosso.

Não curamos pelo que diziam os jornaes, nem fizemos parte dos quadros dos regimentos mobilisados, mas tivemos a felicidade de assistir muito de perto á mobilisação de um d'aquelles regimentos.

Muito e muito terá escapado á nossa observação, mas

o pouco que notámos faremos por expor com a maxima fidelidade.

---

a) O regimento mobilisou fóra da sua séde, para se aproveitar um edificio vasto, mas de que apenas uma parte, insufficiente para alojar um regimento no pé de guerra, pertence ao ministerio da guerra, do que resultou ter o maior numero de reservistas de se acommodar pelos corredores do referido edificio em condições hygienicas, não muito regulares, tendo de dormir tres homens em duas enxergas.

Eis um detalhe de execução da, a nosso ver, tão proficua mobilisação, que convém remediar para o futuro.

A pequenez de todos os nossos quarteis para a mobilisação dos regimentos, parece indicar que n'esses quarteis se deve apenas mobilisar um batalhão, o 1.º, mobilisando-se os restantes em acampamentos cujos locaes seriam previamente escolhidos, proximos da séde do regimento.

Construir-se-hiam na occasião barracas de madeira, (uma por companhia) de forma rectangular, paredes verticaes e tecto de duas aguas, na rasão $1^{m2},5$ por soldado, de um modo similhante ao praticado no campo de Tancos em 1866.

No flanco de cada pelotão deveria haver um compartimento para os respectivos sargentos com uma porta para o alojamento do pelotão e outra para o exterior.

Os homens dormiriam em palha deitados de um e outro lados da barraca, com os pés voltados para uma coxia longitudinal formada por tábuas postas de cutello.

A madeira poderia ser alugada ou comprada, sendo posta, n'este caso, em hasta publica, finda a mobilisação.

A palha seria renovada quinzenal ou semanalmente, consoante a necessidade, vendendo-se a palha servida.

---

b) A recepção dos reservistas no quartel e a sua distribuição por companhias começou ás 9 e meia horas da manhã do dia 11 de setembro e terminou ás 9 e meia horas da noite.

O tempo que levou este serviço, trabalhando todos os officiaes activamente, poderia ser muito reduzido se os reservistas tivessem, além da matricula de batalhão, a matricula de companhia.

Além d'isso, quando qualquer reservista pretendesse mudar de domicilio para a séde de um outro districto, seria mandado addir a esse districto e não transferir, como agora se faz, devendo, em caso de mobilisação, apresentar-se no batalhão e companhia a que pertencia antes de passar á reserva.

Isto teria ainda a vantagem dos elementos das companhias mobilisadas conservarem a sua homogeneidade, conhecendo os reservistas alguns dos seus antigos officiaes e a maior parte dos seus antigos sargentos e vice-versa, com o que muito teria a ganhar a disciplina.

No regimento a que nos referimos incorporaram-se principalmente reservistas de dois districtos, notando-se, todavia um grande numero que haviam pertencido a districtos varios, havendo, por consequencia, pouco *espirito de regimento*, da parte dos soldados.

---

c) Na occasião da chegada dos reservistas, grande numero d'elles queixou-se de que tinha fome.

Tinham abonos de marcha para o dia da chegada, mas em menos de uma hora não havia um unico pão na povoação.

Para obviar a essa falta, resolveu-se cosinhar um rancho extraordinario que constou de macarrão, feijão branco e chouriço de carne, rancho que alguns soldados ainda comiam cerca das 7 horas da tarde, dez horas depois da chegada.

Note-se que a actividade do official de rancho foi enorme; mas, em primeiro logar não é coisa facil preparar-se rancho para perto de dois mil homens; e depois, havia falta de marmitas porque ainda não tinha sido possivel distribuir os equipamentos.

Deveria determinar-se que, em caso de mobilisação, no dia da chegada dos reservistas, lhes fosse distribuido um rancho frio, facil de cosinhar a tempo e facil de distribuir por não exigir marmita.

De resto, durante a mobilisação, o rancho deveria ser cosinhado por companhias, como em campanha.

d) Os reservistas apresentaram-se de um modo irregularissimo, uns á paisana, outros á militar, outros ainda com artigos de uniforme de mistura com artigos á paisana; traziam a roupa em caixas, malas, sacos, lenços enfiados em varapaus, etc., etc.

Um grande numero apresentou-se sem jalecos, sem calças, sem botas, sem roupa branca, sendo a reserva de fardamento e calçado insufficiente para occorrer ás faltas.

Aconteceu que, tendo-se ordenado uma lavagem de pés na vespera da marcha para o ponto de concentração, tiveram os soldados de esperar que os pés enxugassem ao ar por não terem com que os limpassem.

Para prevenir estas faltas, seria conveniente determinar que no acto da passagem á 1.ª reserva as praças levassem os artigos constantes da tabella n.º 2 do decreto de 14 de setembro de 1900 e mais uma toalha, um jaleco e um par de calças.

Quando fossem chamados ás fileiras e mesmo nas inspecções deveriam apresentar-se *uniformisados*, transportando em um *sacco* os artigos que não levassem vestidos.

Não apresentando os referidos artigos, ser-lhes-iam fornecidos e, findo o tempo porque houvessem sido chamados, ficariam nas fileiras até pagarem, a maximos descontos, a importancia dos artigos fornecidos, sendo n'essa occasião licenceado um numero de praças do effectivo egual ao numero de praças da reserva que ficassem demoradas. D'esta forma evitar-se-hia que os reservistas se apresentassem sem os artigos necessarios de fardamento e calçado, ou com elles em estado de não poderem entrar em forma de um modo decente, proprio de soldados.

Um só jaleco e um só par de calças não é o bastante, pois sendo quasi impossivel aos soldados laval-os, terão de andar n'um estado de porcaria deprimente.

Os capotes das praças que passassem á reserva ficariam em deposito n'uma arrecadação do respectivo districto, devidamente beneficiados e confiados aos cuidados de um ou mais fieis, praças reformadas, sendo distribuidos ás praças na occasião em que se lhes passasse guia de marcha para o regimento.

(Continua).

G. V.

OS SARGENTOS

Pela segunda vez vamos lançar mão da penna para indicar, segundo nos parece, remedio para um mal que está grassando e que muito pode comprometter os quadros inferiores do exercito e que é seu causador a promoção a 1.º sargento feita por corpo.

Devido a esse processo, approvado por decreto de 16 de julho de 1896, as probabilidades de ascender áquelle posto não estão em harmonia com a competencia absoluta e definida n'um concurso geral, mas em harmonia com uma competencia relativa, pois que quanto maior fôr o numero de concorrentes maiores garantias ha de selecção.

Além d'isso o *factor sorte* tem uma grande influencia na promoção ao posto de 1.º sargento. Se no regimento houver por qualquer circunstancia muitas vagas, os menos competentes teem garantias de ascenderem a esse grau, porque os competentes que possa haver nos outros regimentos não as podem disputar Mas este facto, além de ser um inconveniente, tem ainda mais o defeito de dar margem a uma cousa pouco justa e nada racional. Se ha vagas e se ha bons 2.os sargentos no exercito que as possam disputar, o que é logico e da mais simples intuição é que sejam preenchidas por elles. Não sendo assim corta-se a carreira a esses bons 2.os sargentos, o que equivalle a dizer que por uma disposição da lei não se aproveitam esses bons elementos, praticando-se de mais a mais, embora involuntariamente, uma injustiça.

Regimentos ha em que se passam annos sem que se dê uma vaga, ao passo que em outros pode haver muitas, mas como estas só podem ser disputadas pelos concorrentes do proprio regimento, conclue-se que estes são beneficiados, embora como consequencia do *factor sorte*, com prejuizo manifesto dos outros, mesmo estando em melhores condições.

Mas se isso assim pode succeder nos casos normaes, nos outros, nos anormaes, o inconveniente aggrava-se muito, como está succedendo presentemente com a promoção dos sargentos a alferes para o ultramar. Como a promoção foi feita por escala, como aliaz não podia deixar de ser, succede que em alguns regimentos foram promovidos 3, 4 e mesmo 5 sargentos, quando n'outros não houve movimento algum. Ora, preenchendo essas vagas pelo processo em vigor, vê-se que os 2.os sargentos d'aquelles regimentos teem um grande numero de probabilidades de serem promovidos ao posto immediato, ao passo que os dos regimentos em que não houve movimento algum teem essa legitima aspiração cortada, mesmo tendo mais competencia.

Parecerá, citando este caso anormal, que da excepção queremos fazer regra geral, mas não se dá isso porque o defeito não desapparece no primeiro caso e apenas se aggrava no segundo. E' pois de toda a conviencia acabar com esse processo, não só para fazer justiça a quem tem merecimentos, mas tambem para evitar que entrem no quadro que leva ao officialato individuos menos aptos.

Com este processo perdem todos. Perde o exercito e perdem os competentes e merecedores de recompensa, lucrando apenas os insignificantes e mediocres, bafejados pela sorte.

Ainda tem, porém, a lei a que nos estamos referindo, um outro inconveniente. Os sargentos que dispozerem de protecções podem andar

de regimento em regimento á cata de vagas, o que dá origem tambem a uma fonte de desegualdades.

Segundo o relatorio que acompanha o regulamento a que já nos referimos, attendeu-se simplesmente a um criterio, porque apenas se teve em vista a aptidão militar. Bem fundadas são as rasões que justificam essa orientação, mas as questões complexas não podem ser olhados simplesmente por um lado. A lei, que é uma synthese, apenas pode ser formulada depois de feita a analyse ás consequencias varias a que pode accarretar. Ora a lei a que nos estamos referindo analysou simplesmente as vantagens que pode offerecer a selecção feita segundo a aptidão militar, mas não havendo entre quem a fazer, o que a propria lei póde accarretar por afastar os concorrentes, de pouco valor serão as vantagens que pelo relatorio se espera alcançar, o que hoje, passados 6 annos, perfeitamente está confirmado. Para fazer selecção, quer se tome por base a aptidão ou outra qualquer qualidade boa, é necessario e impreterivel haver concorrencia.

Por isso, olhando para os inconvenientes que o processo acarreta e para as injustiças que se podem praticar involuntariamente e não esquecendo tambem o facto de que se não poder fazer a selecção indicada no espirito da lei, não podemos deixar de concluir que é necessario pôl-o de parte e voltarmos ao antigo, ao dos concursos geraes, ou a outro qualquer com tanto que se permitta a concorrencia e se não abra a porta para entrarem os mediocres empurrados pela sorte com prejuizo manifesto de todos os mais. Se um concurso geral acarreta grandes despezas façam-se ao menos por divisão ou circumscripção, que será o bastante para haver mais equidade.

Tem inconvenientes, bem sabemos, principalmente o da despeza, mas tem em contraposição vantagens attendiveis, taes como fazer desapparecer os inconvenientes que temos apontado e limitar o numero de jurys, porque quanto maior este fôr tanto maiores serão os criterios. Se se quizer attender á aptidão militar, como aliás é indispensavel, tambem se pode fazer, para o que bastará exigir informações detalhadas, completas e precisas, ou então exigir provas praticas onde essa aptidão possa ser revelada.

David Rodrigues
Tenente d'inf.ª

PISTOLA AUTOMATICA "PARABELLUM"

Não com o intuito de formarmos opinião, mas simplesmente com o fim de fornecermos aos nossos leitores alguns dados que os ponham ao facto d'esta pistola, ainda recente, como o fizemos á Browning, e obedecendo á mesma orientação passamos a descrevel-a a traços geraes.

E' uma arma do systema Maxim, que funcciona automaticamente pela acção de recuo, e que ha pouco foi adoptada na Suissa depois de largas experiencias.

Comporta 7 cartuchos alojados na coronha, que são introduzidos com o auxilio d'um carregador especial.

Compõe-se de duas partes, uma mobil e outra fixa.

A primeira é formada pelo cano, ferrolho e mecanismos de disparar, e a segunda pela caixa e pelo mecanismo necessario ao funccionamento automatico.

Sob a acção do recuo, a parte mobil vem para a retaguarda seguindo o movimento que é definido por umas ranhuras existentes na caixa da culatra.

No entretanto duas alavancas, tendo duas extremidades ligadas com movimento livre, formando a joelheira *B*, fazem com que o ferrolho não abandone esse movimento, não se abrindo portanto a culatra, mas logo que esse movimento de recuo da parte mobil é sustado por um detentor, a joelheira levanta-se, executando-se o movimento em torno das duas extremidades da mesma joelheira, e faz com que a mola do ferrolho fique comprimida pela alavanca anterior, 17, trazendo consequentemente o ferrolho á sua posição retrograda mais extrema.

Ao mesmo tempo o cartucho vasio, arrastado pelo extractor, bate no ejector e é lançado fóra por uma janella que a pistola tem no lado direito da caixa da culatra.

Como a mola do percutor é apenas comprimida e não sustentada pelo braço anterior de joelheira, logo que o movimento retrogrado se effectuou completamente, fica livre, e pela sua acção arrasta para a frente o ferrolho, que já na sua frente encontra o novo cartucho que a mola impulsora vem collocar na frente da camara, movimento este que é tambem transmittido a todo o systema, ficando portanto toda a parte mobil na sua posição anterior.

Quando o ferrolho chega á posição retrograda mais

extrema, o gatilho, impulsionado pela sua mola propria, prende o percutor e assim fica a pistola carregada e prompta a fazer fogo.

Para que este movimento se possa effectuar com regularidade é necessario abandonar o gatilho logo depois da detonação, sem o que ha o perigo de se darem dois tiros successivos, o que aliaz se comprehende perfeitamente, porque estando o gatilho comprimido o respectivo dente não pode prender o percutor.

Para garantir a segurança tem a pistola uma alavanca propria, que prende os movimentos do gatilho contra qualquer pressão voluntaria ou accidental. Além d'isso, preso o gatilho fica tambem sem movimento o cano, o ferrolho e todo o mecanismo mobil, o que garante uma segurança completa.

Para funccionar tiro a tiro levanta-se completamente a joelheira com os dedos da mão esquerda. Arrastando assim o ferrolho á retaguarda fica a culatra aberta e introduz-se depois, com os dedos da mão direita, o cartucho na camara. Feita esta operação larga-se a joelheira, que arrasta o ferrolho para a frente, fechando a culatra. O gatilho prendeu ao mesmo tempo o percutor quando recuado, ficando portanto a pistola prompta a disparar.

No Sul da Africa

Depois de descrevermos as batalhas de Colenso, Modder River, Magersfontein, Spion Kop e Paardeberg, que foram sem contestação os factos mais memoraveis de toda a campanha anglo-boer, vamos agora entrar no estudo propriamente tactico que esses factos nos forem suggerin-

do e ver, pela comparação com os nossos regulamentos da especialidade, quaes os pontos que é necessario modificar ou alterar. Antes de o fazermos, porém, é necessario dizer desde já que alguma cousa de novo se notou, sob o ponto de vista tactico, n'esta campanha, embora não tanto como alguns suppõem, nem tão pouco como outras entendem. A maioria, se nos perguntarem por qual dos grupos é formada, diremos que é por este ultimo, o que não nos admira muito porque a campanha foi feita em condições bastante excepcionaes e os combates feridos e dirigidos d'uma maneira bastante irregular, além de que os effectivos não attingiram as cifras da campanha de 70, conhecidas de todos. Por isso, devido a aquellas rasões ou á suggestão que os factos grandiosos d'esta ultima campanha podessem levar ao espirito da maior parte, muita gente se inclina a dizer que não houve nada de novo e que tambem não se presenciou cousa alguma desconhecida. Nós, comtudo, sem nos enfileirarmos em alguns d'esses grupos, vamos a analysar os factos evidenciados com a imparcialidade que é devida, e indicaremos as conclusões a que, segundo o nosso modo de ver, se deve chegar, podendo desde já accrescentar que embora não houvesse nada de novo, houve em todo o caso muitas lições dignas d'estudo. E' pois, com este fim que nos vamos abalançar a esta tarefa.

*
* *

Como talvez o leitor ainda se recorde, no primeiro artigo que escrevemos sobre este assumpto, formulámos 22 pontos ou permissas dignas de entrarem no cadinho da discussão, pois que, sobre qualquer d'ellas, encontramos n'esta campanha exemplos que nos fornecem elementos para isso.

Vamos, portanto, entrar no assumpto a que cada uma d'ellas se refere:

I — *A polvora sem fumo permitte aos defensores o poderem-se occultar totalmente das vistas dos adversarios.*

Eis aqui um facto que, se fôr applicavel nos exercitos europeus, tem a mais alta importancia, pois que, só por si, é quasi o bastante para revolucionar os processos tacticos. Chamando-lhe um facto novo talvez não empreguemos uma phrase totalmente verdadeira, porque, esse facto,

embora fosse na pratica a primeira vez que se evidenciou, já era, contudo, esperado desde que as polvoras chimicas entraram em acção. Era pois conhecido theoricamente, e sobre este assumpto escreveram-se mesmo muitos livros que os nossos camaradas decerto conhecem.

Com as polvoras chimicas cessa a causa que revelava as posições occupadas, porque desapparecem os pennachos e mesmo as densas nuvens de espesso fumo. Que fica pois que denuncie os combatentes? Evidentemente sómente o seu corpo, a arma e os equipamentos. N'estas condições é facil de vêr que não seja de todo impossivel, principalmente na defensiva, furtar o corpo das vistas inimigas, para o que basta o cauteloso e prudente emprego das fortificações e a utilisação dos abrigos naturaes. Quer dizer, para furtar o corpo das vistas adversas é indispensavel approveitar bem o terreno.

A nossa ordenança, feita mesmo ainda na epocha da polvora negra, recommenda isso mesmo. Mas se d'antes essa necessidade já era evidente, mesmo com as nuvens de fumo que denunciavam a posição occupada pelos atiradores, hoje, que essa causa cessou torna-se essa instrucção, a instrucção do aproveitamento do terreno, da mais alta importancia, porque se os combatentes se souberem furtar das vistas do adversario, não fornecerão a este alvo algum e deixal-o-hão, por consequencia, na duvida da posição occupada, e na incerteza dos effectivos e força d'aquelles que teem a combater. Isto é, deixa-o desnorteado e desorientado, não podendo, pois, obrar e proceder senão ao acaso, o que dá margem a grandes combinações tacticas.

Antes, porém, de narrarmos alguns factos da campanha anglo-boer que provem tudo isso, diremos desde já, porque é uma confirmação official da qual se não póde duvidar, que a nova ordenança ingleza para a infantaria, que ha dias foi posta em vigor, dá a esta instrucção uma alta importancia. A nossa, sobre este ponto, é bastante completa, mas embora diga que é necessario aproveitar bem o terreno, tem, por outro lado, prescripções que obedecendo a rigorismos e formas definidas e correctas tornam essa recommendação irrealisavel. Só assim é que se póde explicar a falta de instrucção que sobre este ponto se nota nos exercicios. O soldado, na linha de combate, não se preoccupa com os accidentes do terreno e não procura aproveital-os.

Isto quando na offensiva. Na defensiva nota-se o mes-

mo e é raro ver que o soldado procure furtar-se ás vistas do adversario.

Diz-se, para justificar esta falta, que no combate real o sibilar das balas será o bastante para obrigar os homens a esconderem-se. Não duvidamos que assim succeda, mas se assim deve ser, o que é pratico e racional é ensinal-os desde logo conforme deve ser, porque além do mau effeito evitava-se-lhes o terem de aprender isso por experiencia propria, caso tenham um dia de entrar em fogo, o que sempre custa vidas. Mas ponhamos de parte estas considerações, que aliaz são do dominio de todos, e vamos entrar na analyse dos factos.

Uma das causas que muito contribuiu para os exitos que por vezes os boers obtiveram sobre os inglezes foi, indubitavelmente, a maneira rara, senão unica, como aproveitaram o terreno. Mas não façamos affirmações gratuitas. Um dos factos que o prova é a maneira como procederam em Colenso. O general Buller apenas suspeitava por informações quaes as posições occupadas pelos boers. Na incerteza foi bombardeando todas as alturas que se lhe deparavam, mas, como ninguem respondia, foi avançando sempre. Por fim, já nas margens do Tugela, quando as suas forças avançavam em columna, foram os inglezes recebidos por um fogo quasi á *queima roupa*. Soffrendo varias perdas foram-se desenvolvendo e occultando com o terreno o mais que podiam, mas por maiores esforços que fizessem não conseguiram, se o correspondente do *Times* não falta á verdade, saber ao certo qual a posição occupada pelos boers, porque, estes, como toupeiras, se conservavam bem occultos atraz dos entrincheiramentos que d'ante-mão tinham preparado ou dos abrigos naturaes que lhe appareciam. Apenas depois de 5 horas de combate, no momento em que alguns boers deixaram a linha mais avançada de entrincheiramentos para irem occupar outra mais á retaguarda, é que, segundo diz o tenente coronel Frocard e o capitão Paivin, (1) *poderam fazer fogo sobre um inimigo visivel.*

Lemos tambem — «Nada indicava a direcção onde os defensores estavam embuscados, nem uma cabeça se mostrava atravez do matto, nada mais do que uma longa linha

(1) **La guerre ou Transvaal** — *l'offensive des boers — 1.ª parte.*

de fumo, visivel a custo, e o crepitar incessante da fuzilaria.» O inimigo segundo o seu costume, era absolutamente invisivel, e as suas descargas mortiferas, effectuadas a 600 metros de distancia, detiveram a marcha da brigada». (1)

Vemos por estes exemplos que os boers souberam aproveitar o terreno com habilidade rara, e tão habilmente o fizeram, devemos accrescentar, que os inglezes foram illudidos a ponto de cahirem em columna na zona efficaz dos fogos, 600 metros, distancia esta a que os boers romperam o seu fogo, que causou nas brigadas inglezas, como não podia deixar de ser, um consideravel numero de baixas.

Foi devido a isso que o coronel Long avançou despreoccupadamente com as duas baterias até 600 metros das posições boers. Devido á mesma causa a brigada da esquerda, Hart, foi apanhada de surpreza formada em columna pelo fogo boer feito a egual distancia.

Para evidenciar mais a vantagem de bem aproveitar o terreno para tirar o partido que as polvoras chimicas offerecem, vamos citar tambem outros exemplos colhidos nas batalhas que descrevemos.

Em Modder River, por exemplo, o terreno foi tão bem aproveitado que as patrulhas inglezas davam os boers concentrados em Spytfontein. (2)

De tal maneira lord Methuen se convenceu d'isso que elle mesmo em pessoa, acompanhado apenas d'um official do seu estado maior, avançou até perto de Modder, correndo o risco de ficar prisioneiro.

Na descripção que fizemos da batalha indicámos a maneira completa como os boers aproveitaram o terreno, mas agora accrescentaremos — «Graças ás arvores e ao matto os boers estavam de tal maneira invisiveis que era impossivel suspeitar a sua presença nas margens do Riet» (3) Assim succedeu realmente, e aqui, como em Colenso, os inglezes foram victimas d'uma surpreza proporcionada pelo habil aproveitamento do terreno. Assim, quando Methuen

---

(1) **Gilbert**. *La guerre Sud-africaine.*
(2) Frocard e Paivin. pg. 274 e Gilbert, pg. 194.
(3) Frocard e Paivin; obra citada.

tomava as suas disposições para passar o rio, é surprehendido por um intenso fogo de artilharia boer. Como estes, porém, não fizeram entrar em acção as suas *mausers*, Methuen concluiu que os boers estavam retirando. Em todo o caso mandou avançar a sua infantaria já desenvolvida e prompta a entrar em acção, mas quando a 700 metros, rompe em toda a linha ao mesmo tempo um fogo intenso completamente invisivel que obriga immediatamente os inglezes a lançarem-se por terra, porque «as balas Mauser choviam, sem que se podesse distinguir de onde ellas vinham». (1) Não sabendo d'onde vinham as balas não se podia fazer fogo senão ao acaso. Assim deve ser e assim foi; «O fogo da sua artilharia e infantaria (ingleza) não teve senão como objectivo a margem norte... (2)

O bom aproveitamento do terreno tem, pois, mais esta vantagem. Lord Methuen, no seu relatorio, forneceu-nos dados importantes.

Diz elle — «A's 8 horas e 10 minutos um fogo inesperado e muitissimo vivo nos mostrou que o inimigo occupava o Riet com grandes forças. Estava completamente occulto. Nós experimentamos n'este momento grandes perdas...».

O correspondente do *Daily Chronicle* accrescenta — «As balas Mauser choviam inteiramente sobre a nossa infantaria e era impossivel distinguir os atiradores inimigos».

Vamos vendo, portanto, não só a possibilidade dos defensores se occultarem totalmente das vistas adversas, mas tambem a grande necessidade de bem aproveitar o terreno. Continuaremos, porém, com as nossas investigações para que as duvidas, se duvidas pode haver, desappareçam por completo.

Passemos em revista o que se passou em Magersfontein. Na propria descripção que fizemos d'esta batalha vimos a maneira como os boers illudiram os inglezes collocando atiradores fazendo uso da polvora negra no alto do *copje*, para os attrahir, quando cá em baixo estavam boers

---

(1) Gilbert; obra citada.
(2) Gilbert; obra citada.

empregando polvoras chimicas, d'encontro aos quaes se foram esbarrar, porque, diz o correspondente do *Morning Post* — «Nós não podémos conhecer a posicão exacta do inimigo e o seu effectivo senão depois d'uma batalha que nos custou grandes perdas e a aniquillação d'uma brigada (combate de noute dada pela brigada dos *Hyghlanders*). E ainda, mesmo hoje, nós possuimos algumas informações sobre a posição dos boers, mas estamos longe de conhecer exactamente o seu effectivo». Quer dizer a surpreza foi completa e formidavel.

Antes de continuarmos devemos dizer mais uma vez que o defensor dotado com as polvoras chimicas e possuido de sangue frio póde á vontade romper o fogo sómente quando muito bem entender. Em Colenso e Modder River já vimos que os boers deixaram aproximar os inglezes até á distancia efficaz do seu tiro. O mesmo fizeram aqui. Os inglezes bombardearam com granadas de lyddite as posições de Magersfontein, o que aliaz foi inefficaz por ser feito ao acaso, e ao qual os boers não responderam porque estavam ainda distantes e preferiram que elles se aproximassem e lhe viessem cahir debaixo das mãos.

Vamos finalmente indicar alguns exemplos mais que nos fornece a batalha de Paardeberg. Se a utilidade da fortificação passageira necessitasse de novos argumentos para se evidenciar, bastaria, como exemplo convincente, indicar o que se passou n'esta batalha. Pela descripção que fizemos vê-se Cronge com os seus alliados completamente cercado de todos os lados pelos inglezes que o atacavam incessantemente. Ali vemos 10:000 homens, que por um erro de direcção foram cercados e encurralados por 40:000 n'uma pequena area, collocarem-se ao abrigo das trincheiras e conseguir repellir todos os ataques que lhe fizeram e resistir durante mais de 8 dias ao canhoneio constante de 90 peças.

Perante resultados tão extraordinarios é indispensavel indagar a causa, que aliaz é bem facil de conhecer. Os boers, vendo se cercados, trataram logo de abrir as suas trincheiras, onde se occultaram. O fogo que do campo exterior lhe era feito foi incerto e inefficaz, porque era feito contra alvo pouco ou nada visivel, mas, pelo contrario, como elles viam os inglezes poderam sempre causar-lhe gran-

des perdas e sustental-os a distancia durante dias, que muitos mais seriam se a fome e a peste não campeassem entre os federados. D'aqui, sem receio de contestação, pode-se tirar a conclusão que a intima alliança do terreno com o tiro fornecem ao defensor, devido ás qualidades das polvoras chimicas e das armas de repetição, um excellente meio de defeza.

David Rodrigues.
Ten.te d'inf.a

REAL COLLEGIO MILITAR

Com a assistencia de SS. AA. o Principe Real e o Infante D. Manuel, e do sr. Ministro da Guerra, realisaram-se no dia 12 de julho as provas finaes n'este estabelecimento militar de instrucção secundaria, constituindo uma verdadeira festa que deixou devéras impressionados todos aquelles que assistiram a ella. Constou de exercicios tacticos, de esgrima, gymnastica, dança e musica, que foram todos, sem excepção, muito correctamente executados pelos jovens alumnos.

Sentimos verdadeiro prazer em ver que assim succedeu, porque nos orgulha saber que n'um estabelecimento militar são os alumnos educados e instruidos tão sabia e paternalmente. Isto, que para nós é um orgulho, para os paes, que lá teem os seus filhos a educar, deve ser um grande prazer.

O Real Collegio Militar pela acertada orientação que tem tomado n'estes ultimos annos conquistou fóros, e muito justamente, do nosso primeiro estabelecimento de instrucção secundaria. Realmente assim é, porque além de se ministrar aos alumnos os conhecimentos das sciencias, o pão do espirito, com todos os principios da pedagogia moderna, cuida-se ao mesmo tempo com natural desvello da sua educação physica, não deixando por isso atrophiar os jovens alumnos com a accumulação constante de conhecimentos aridos. A educação tem maiores exigencias. A' medida que se procura desenvolver o espirito é necessario tambem, como condição essencial, fazer desenvolver o corpo, por-

que só *in corpora sano* é que se encontram as grandes qualidades de resistencia para o trabalho.

E' isso o que se faz no collegio militar; ao mesmo tempo que se trata das exigencias das materias professadas, trata-se da educação phisica, o que, infelizmente, nem sempre se faz nos outros estabelecimentos, rasão esta porque o Real Collegio Militar tem direito a occupar o logar de nosso primeiro estabelecimento de instrucção secundaria. No estrangeiro não ha melhor.

Mas, como já dissémos esta orientação é moderna, e devida ao sr. general José E. de Moraes Sarmento, a quem, por esse facto, assim como ao pessoal de que se encontra cercado, não podemos deixar de felicitar muito cordealmente e agradecer ao mesmo tempo a gentileza do convite que nos foi enviado.

SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

França. — **Uma innovação importante.** — Segundo affirma o jornal parisiense, *La France Militaire*, o coronel Humbert acaba de fazer experiencias com um apparelho que, collocado na boca do cano da arma, evita as detonações, o clarão e o fumo, o que, segundo o mesmo jornal, é obtido d'uma maneira completa com um apparelho simples e pratico.

Já por mais vezes se teem feito experiencias n'este sentido, não se tendo, comtudo, obtido resultados satisfactorios. Se agora, porém, o coronel Humbert fôr mais feliz, descobre um apparelho que vem augmentar as propriedades das polvoras chimicas, que são, além das propriedades balisticas, ausencia de fumo e detonações pouco accentuadas.

N'estes casos o invento do coronel Humbert não vem revolucionar a arte da guerra nem mesmo contribuir em cousa alguma para a realisação do sonho dourado da paz universal, como um jornal technico da nossa terra affiança, mas apenas accentuar aquillo que já é conhecido. Não esperem, pois, que o platonico ideal do imperador da Russia nasça d'uma cousa tão simples, embora util.

Deslocação de tropas. — No ultimo numero tivemos occasião de indicar a transferencia d'alguns regimentos. Agora novas noticias temos de mais transferencias, e estas em maior numero. Depois das grandes manobras um batalhão dos regimentos n.os 5, 24, 28 e 119, do 3.º corpo d'exercito, e dos 102 e 104, do 4.º corpo, serão transferidos de Paris para as provincias.

Os batalhões dos regimentos n.os 117 e 130 destacados em Fléche

e em Dompront voltam a occupar as suas antigas guarnições, que são respectivamente em Mans e Mayenne.

Mas ainda não fica por aqui. O regimento n.º 22 será transferido na sua totalidade de Gap para Sothonay-Bourgain, que sera substituido pelo 99, indo occupar o logar d'este o 98.

Allemanha. — **Chamamento de reservistas.** — Este anno serão chamados, na infantaria, 135:000 reservistas e nos caçadores a pé 3:200, que terão instrucção durante 14 dias e nos quaes executarão, além de toda a instrucção que lhe compete, fogos de guerra nos campos de tiro, que, é sempre conveniente dizel-o, é o complemento de toda a instrucção.

Este periodo pode ser alterado para mais 6 dias se os commandantes assim o entenderem.

Secções de velocipedistas. — Como em todas as manobras imperiaes que nos ultimos annos se teem realisado, se tem obtido excellentes resultados do emprego de velocipedistas como patrulhas, estafetas e ordenanças, foram dadas ordens para se organisarem este anno, junto dos quarteis generaes, secções de velocipedistas que terão instrucção durante 3 a 8 dias para immediatamente tomarem parte nas manobras que brevemente se vão realisar.

Inglaterra. — **Fogo por descargas.** — A guerra anglo-boer deu um golpe de morte n'este processo de combate, mas se, apesar d'isso, ainda entre nós ha partidarios do fogo por descargas, de que tanto, diga-se de passagem, se está usando e abusando, podem ler, e contestar se poderem, o que se segue.

No numero anterior dissemos já que o fogo por descargas tinha sido banido na Belgica pelo novo regulamento. A *United Service Gazette*, n'um artigo interessante, mostra a impossibilidade de as realisar e põe em evidencia os fracos resultados por ellas obtidas. O general Dragomiroff publicando as suas opiniões com referencia aos fogos de infantaria, e referindo-se especialmente á guerra sul-africana, sustenta que os boers obtiveram resultados superiores aos inglezes, com relação aos fogos, porque faziam fogo por iniciativa propria sobre determinado e escolhido objectivo, o que justifica as consideraveis perdas de officiaes inglezas, ao que se prestou a tactica de 1870 que estes empregaram e os fogos por descargas de que tanto estes abusaram.

Acrescenta o citado general russo:

— «Eu tenho aconselhado sempre e continuo aconselhando este methodo (fogo individual) como o unico systema de disciplina de fogo (não se entenda disciplina de fogo sómente o consumo de munições, como entre nós se pensa, mas sim a applicação judiciosa das munições que se consomem); de resto é fazer um ruido doido e sem resultados; deve deixar-se a maior amplitude á iniciativa individual, porque os fogos á voz são inefficazes.

Agora vamos ouvir a opinião de Roberts, o generalissimo do exercito inglez e o heroe da campanha sul-africana.

Diz elle, segundo a *United Service Magazine* — «É assim que os fogos por descargas, que se consideravam como uteis para ter os soldados na mão e para impedir o desperdicio de munições, não são praticaveis nos campos de batalha, excepto, comtudo, para proteger uma marcha

a grande distancia e na defensiva, sobre uma posição fortemente entrincheirada.»

Depois d'estas opiniões auctorisadissimas ainda haverá quem ache util o abuso das descargas?

Austria. — A mochila empregada como escudo. — Ultimamente na escola de tiro de infantaria fizeram-se experiencias por muitos titulos interessantes. Consistiram ellas em empregar a mochila como escudo de protecção, collocando-se os atiradores na sua retaguarda. Fizeram-se a varias distancias, principalmente entre 500 e 800 metros, empregando *silhouettes* collocadas á retaguarda de mochilas com roupa. Mostraram que a 100 metros uma só mochila não offerece protecção alguma, chegando mesmo a atravessar tres. A's outras distancias, até 800 metros, são necessarias duas mochillas para proteger um atirador. Uma mochila não offerece pois abrigo algum, mas mostrou ter, em contraposição, a vantagem, como o mostraram as experiencias de 500 a 800 metros, de offerecer um alvo pequeno e muito pouco visivel. Tem tambem o seu emprego grande influencia moral. A commissão, por todas estas razões, é de parecer que em muitos casos é conveniente o seu emprego.

SECÇÃO OFFICIAL

Montepio Official

Circular n.º 2118, da 1.ª repartição da secretaria da guerra, de 1 d'agosto de 1901.

Manda remetter pelas vias competentes á direcção do montepio official notas de assentos de todos os officiaes que tendo sido promovidos a alferes nas classes combatentes ou ao primeiro posto nos não combatentes desde 10 de janeiro de 1895, não estejam ainda inscriptos socios do mesmo montepio; e bem assim que de futuro egualmente remettam o mesmo documento ao referido estabelecimento, relativo a todos os officiaes combatentes ou não immediatamente á sua promoção a alferes, sendo em ambos os casos dispensada a apresentação, quer da declaração pessoal, quer da certidão de edade. As remessas das notas d'assentos dos officiaes de futuro promovidas devem ser feitas pelo corpo ou serviço para onde o official fôr despachado e onde seja feita a primeira matricula.

Licenças para estudos—Tempo de serviço — Averbamentos

Circular n.º 36 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 16 de agosto de 1901.

Determina, em additamento á circular n.º 36 de 18 de julho findo, que aos voluntarios a quem seja concedida licença especial para estudos e aos que frequentarem estabelecimentos superiores nos termos do

art. 136.º do regulamento de recrutamento, não teem passagem á reserva sem completarem seis mezes de serviço contados nos termos do n.º 1 do artigo 1.º do decreto de 5 de julho de 1900. As que concluam o referido tempo de serviço ser-lhes-ha averbada na casa «notas biographicas»,— completou seis mezes de serviço effectivo em... de ... de...—. As disposições do referido decreto são pelo seu art. 4.º applicaveis unicamente ás praças que posteriormente á sua data obtiveram licença registada para estudos em especial para o mesmo fim, porém, as que já tinham essa concessão não passam á reserva sem serem dados promptos da instrucção. A licença para estudos é averbada na matricula.

Musicos de 2.ª classe — Quarteto de 2.ª classe

Circular n.º 10 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de agosto de 1901.

Determina quaes os instrumentos que devem ser tocados pelos musicos de 2.ª classe de fórma a constituir um quarteto de 2.ª classe, devendo ser distribuidos aos musicos d'aquella classe e á medida que se derem vagas, os seguintes: clarinete ou saxophone, cornetim ou feliscorne, barytono, contrabaixo.

Tirocinio para medicos — Serviço nas colonias

Circular n.º 1362 da 6.ª repartição da secretaria da guerra, de 19 d'agosto de 1901.

Diz que o despacho de 13 de março do corrente anno determinou, de accordo com o precedente estabelecido em 7 de março do anno preterito, que o tirocinio de seis mezes a que são obrigados nos hospitaes militares permanentes os medicos admittidos no quadro do corpo de medicos militares pelo § 2.º do art. 147.º do decreto de 7 de setembro de 1890, seja contado dia a dia, mas seja interrompido na hypothese de pertencer aos tirocinantes pela sua collocação na escala o serviço nas colonias, ficando assim esclarecido as duvidas a que podesse dar logar a interpretação do mesmo §.

Licenças disciplinares aos officiaes — Informações

Circular n.º 2588 da 1.ª representação da secretaria da guerra, de 6 de setembro de 1901.

Determina que a nota d'assentos de matricula que acompanhava os requerimentos dos officiaes pedindo licença nos termos do art. 126 do regulamento disciplinar seja substituida por uma nota cujo modelo indica, e recommenda a exacta observancia da circular n.º 4060 da 1.ª repartição de 7 de dezembro de 1900 que regula a concessão effectiva das referidas licenças.

5.º Anno Setembro de 1902 N.º 9

REVISTA DE INFANTERIA

FERRAMENTA PORTATIL DA INFANTERIA

Na época presente em que merece uma especial attenção o nosso exercito e se procura dotal-o com moderno material de toda a especie, por fórma que em caso de guerra elle possa satisfazer cabalmente ao fim para que foi creado, e tornal-o d'essa fórma apto para corresponder aos sacrificios que do paiz se exigem para o sustentar, parecenos que não será descabido apresentar aqui algumas considerações ácerca da *ferramenta portatil da infantaria.*

Não é materia nova esta de que vamos tratar, bem pelo contrario; comtudo, pela importancia que lhe attribuimos, julgámos dever contribuir, pela nossa parte, para que não caia no esquecimento.

Em todas as nações civilisadas se tem reconhecido a necessidade de dar á infanteria uma ferramenta portatil; não uma ferramenta pesada como a dos parques, que causaria embaraço ao soldado e, nos momentos mais criticos, lhe daria a tentação de se desembaraçar d'ella, mas uma ferramenta de pequeno peso e de dimensões reduzidas, que, com quanto não lhes permitta executar trabalhos de uma grande importancia, e não é esse o fim a que se des-

tina, lhe servirá na maioria dos casos de importantissimo recurso para bem se sustentar e cobrir em diversas phases de um combate.

Diz A. Delambre: (1)

L'homme qui s'avance en combattant ne peut éxecuter des ouvrages à proprement parler; il peut avoir à creuser un trou, à pratiquer quelques créneaux dans un mur, à s'ouvrir un passage à travers une haie, et le moindre outil lui suffira pour cette besogne et remplacera, certes, avec avantage, le couvercle de bidon que l'instinct de la conservation faisait employer en guise de pelle par les assaillants des Montagnes Vertes.

Voilà le rôle essentiellement individuel et trés borné de l'outil portatif, et il ne faut pas le perdre de vue, parce qu'il n'a pas été compris en France, lorsque, pour la première fois, cette question fut traitée, parce qu'il ne fut pas compris davantage en Allemagne en 1872, parce qu'il n'est même pas universellement compris aujourd'hui, et qu'il existe même une certaine tendence á reclamer, pour l'infanterie, ce q'on appelle des *outils plus sérieux;* mais ces outils plus sérieux et, par consequent, plus embarrassants et plus lourds, ne répondraient pas au but, ils le dépasseraient, ils seraient inutiles et, le mieux, dans ce cas, serait l'enemi du bien.

Conforme o mesmo auctor, nas linhas de combate tudo deve ter o cunho da improvisação e da individualidade; e á retaguarda d'ellas lá estão as reservas a quem imcumbe o duplo papel de fornecer os pontos de apoio da marcha para a frente e de organisar as posições necessarias para apoiar um movimento retrogrado.

Para os trabalhos d'esta ultima especie, e já n'outras condições de tempo e de segurança, tem então toda a applicação as ferramentas dos parques de corpo, transportadas nas repectivas viaturas e fazendo parte das columnas que normalmente se acham á retaguarda.

Mas a ferramenta portatil da infanteria, cujo papel póde ser tão importante em um campo de batalha, essa é a que interessa ás tropas empenhadas em primeira linha, as quaes não teem meio de receber immediatamente quaesquer auxilios da retaguarda, e devem por isso, para os momentos criticos, possuir um meio de protecção individual; esses momentos apresentam-se frequentemente no avanço da linha de combate em terrenos descobertos, ou quando para assegurar a posse de uma posição acabada de tomar, se

(1) *La fortification dans ses rapports avec la tactique et la stratégie.*

torna indispensavel crear immediatamente abrigos que protejam a tropa da acção de um fogo violento, que inevitavelmente lhe inflingiria perdas consideraveis, arriscando-a a perder as vantagens adquiridas, por ventura, com um supremo esforço.

N'estas circumstancias, diz o auctor já citado:

Ce sont tous les hommes qui ont besoin de s'assurer une protection individuelle, ce sont tous ceux qui, comme le constatent également les rapportes de Sherman et les rapports du général Zeddeler, sont poussés par l'instinct de la conservation à gratter la terre avec leur couteau, avec leur gamelle, avec leurs mains, qui on besoint d'un outil, et c'est pour cela que le général Zeddeler arrivait à cette conclusion formelle, non seulement que l'infanterie devait avoir des outils portatifs, mais qu'il fallait au moins un outil pour deux hommes.

Poderiamos desenvolver mais os argumentos que militam em favor da necessidade d'uma ferramenta portatil para as tropas de infanteria, de sobejo confirmada pela experiencia das ultimas campanhas. Julgamos, porém, inutil alongar-nos n'estas considerações, sendo ellas mais ou menos conhecidas por todos que se interessam pelas cousas militares.

Escusado será dizer, que nos nossos regimentos de infanteria existem já organisados os pelotões de sapadores, com a sua ferramenta especial, a qual tem outra applicação, e de fórma alguma póde supprir as necessidades acima apontadas.

Varios typos de ferramenta portatil para a infanteria teem sido estudados e propostos nos exercitos das nações mais adeantadas, estando quasi universalmente adoptada a pá Linnemann, com pequenas variantes no seu modelo. Passaremos a descrever d'estes typos de ferramentas os mais conhecidos.

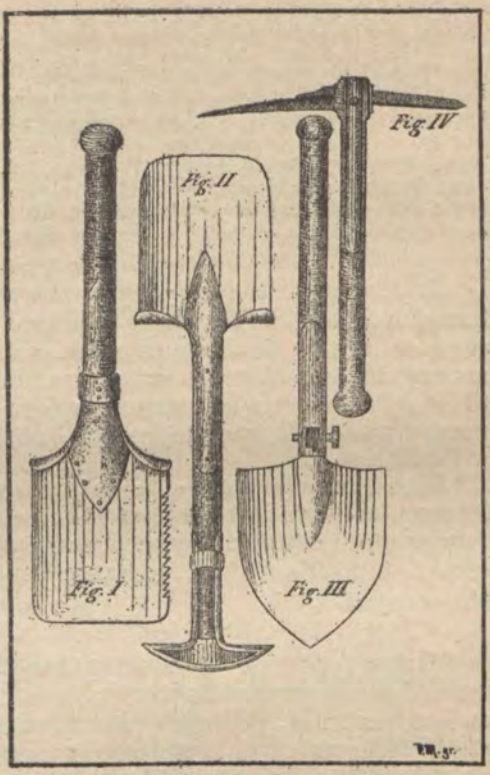
Pá Linnemann. Tem (fig. 1) $0^{m},52$ de comprimento total; pesa 1 kilog., comprehendendo o estojo, sendo $0^{k},240$ o peso d'este; transporta-se suspensa do cinturão, com o cabo para baixo. Tem o ferro de chapa de aço fundido, com $0^{m},194$ d'altura por $0^{m},145$ de largura, concava na superficie interior; pela face posterior tem cravado um reforço de chapa, com a fórma de ferro de lança, que se prolonga para o cabo; o prolongamento d'este reforço fórma a outra metade do collo da pá, e está fixado ao cabo por uma cravação na sua extremidade superior. Uma vi-

rola de ferro de $0^m,03$ de largura, consolida a ligação das duas partes do collo da pá com o cabo, e é tambem cravada ao cabo. O cabo é de madeira de freixo, termina superiormente em botão arredondado, e tem o comprimento de 0,323.

O modelo allemão d'esta pá tem o cabo de secção circular.

O modelo russo differe do precedente em ter o cabo de secção ellyptica.

O modelo francez tem tambem o cabo de secção ellyptica, o ferro com os bordos inferior e lateral direito cortantes, e o lateral esquerdo talhado em serra com 30 dentes, podendo a pá funccionar como serra no córte de arvores de pequenas dimensões.



O pequeno comprimento da pá Linnemann obriga a trabalhar com ella de joelhos, sendo comtudo certo que, nas circumstancias em que o soldado terá de a utilisar, instinctivamente procurará tomar essa posição, afim de se subtrahir á acção de um fogo violento, obrigando-o essas mesmas circumstancias em que se encontra a procurar executar o seu trabalho com rapidez e a tirar da ferramenta o maximo rendimento possivel; póde, porém, permittir-se ao soldado tomar momentaneamente a posição de pé, sobretudo fóra da zona perigosa, e carregar com o pé no bordo superior da pá, para fazer penetrar no terreno a sua aresta inferior, quando o sólo seja resistente.

A posição recommendada pelas instrucções francezas para a execução do trabalho com a pá Linnemann, é a seguinte: (1) o soldado, tendo o lado esquerdo voltado para o exterior, apoia-se sobre o joelho direito e assenta o pé esquerdo no terreno; a mão direita segura no botão do cabo e a esquerda no collo da pá.

A differença da secção do cabo, circular no modelo allemão e ellyptica nos modelos russo e francez, parece não ter influencia sensivel, tanto pelo que respeita á commodidade para o trabalho, como pelo que respeita ao rendimento.

A modificação introduzida no modelo francez, fazendo dois dos seus bordos aguçados e outro talhado em serra, tambem não é importante. Pás d'este modelo foram experimentadas entre nós, e, no fim de uma época de trabalhos, verificou-se que, em virtude do desgaste soffrido, tinham desapparecido por completo os dentes da serra, o que confirma a opinião já anteriormente emittida por J. Bornecque: (2)

Nous ne voyons aucun avantage sérieux à tailler en forme de scie un des bords latéraux de la pelle-bêche, car d'une part les dents ne tarderont pas à être usées ou ébréchées aprés que la bêche aura servi quelquefois dans les terrassements, et d'autre part, vu le peu de longueur de cette espèce de scie (0m,15 au plus), on aurait plus vite abattu les arbres en employant l'outil comme hache que comme scie. Les dents de la scie useront en outre bien vite l'étui de la bêche.

Além do pequeno comprimento d'esta ferramenta tambem se lhe tem apontado o inconveniente do peso do estojo, que é importante, comparado com o peso da pá; comtudo, tanto um como o outro d'estes inconvenientes, resultam da necessidade do transporte da ferramenta suspensa ao cinturão.

Pá Wallace. — Está adoptada no exercito inglez. Dos quatro typos conhecidos, dois são destinados ás tropas de infanteria e aos sapadores.

1.º *Pá da infanteria (The Government Entrenching Tool)*

(1) *Les outils du pionier.* (Petite bibliotheque de l'armée française).
(2) *Emploi de la pelle d'infanterie.* (1879).

—Tem o ferro (fig. 11) a fórma do da pá ordinaria, com um reforço que se prolonga para o lado do cabo; no extremo d'este ha uma péga em fórma de moleta, forrada d'aço, tendo bico de picareta de um lado e côrte do outro; o seu comprimento total é de $0^{m},59$ e o peso de $1^{k},060$. Foi empregada pelos inglezes na campanha do Egypto de 1882.

2.º — *Pá do sapador (The Pionner or Ordnance Tool)* —Differe da precedente, em que o ferro é plano, tendo um dos bordos lateraes muito curvo e aguçado, para servir de podôa; a péga, como no outro modelo, é forrada de aço, mas com bico e martello; o seu comprimento total é de $0^{m},615$ e pesa $1^{k},570$.

Qualquer d'estes typos é muito resistente; o seu peso é considerado excessivo para uma ferramenta portatil de infanteria; a sua fórma, como a experiencia o demonstrou, não a torna muito propria para se transportar suspensa do cinturão pela muleta, com o ferro para baixo; por isso passou a ser transportada na mochila á falta de melhor recurso. A esta ferramenta, posto que muito propria para a execução do trabalho como pá, tambem se nota o defeito de o soldado não poder trabalhar desafogadamente quando tenha de servir-se da sua moleta como picareta, porque a isso obsta a fórma e posição da pá e o peso do ferro d'esta.

Pá Storey. — E' tambem ingleza; tem o comprimento total de $0^{m},675$, e pesa $1^{k},460$; o cabo é de secção rectangular, terminando em moleta de madeira. Tem sobre a Wallace a vantagem de se armar com facilidade em picarete e enxada; é mais comprida, mais pesada e dá para o trabalho maior rendimento do que as precedentemente descriptas; mas pelas experiencias a que entre nós foi submettida, verificou-se que era muito pouco resistente.

Ferramenta universal da infanteria. — Esta ferramenta (fig. 111) de proveniencia austriaca, tem $0^{m},54$ de comprimento e pesa $0^{k},960$, podendo transportar-se em estojo pendente do cinturão; trabalha como pá, e póde tambem armar em picareta e enxada.

A materia prima que foi empregada no seu fabrico é da melhor qualidade. Tendo esta já sido experimentada entre nós, não foi damnificada pelo trabalho, supportando os choques nas pedras sem se lhe embotar o fio; comtudo é susceptivel de se aguçar, sendo preciso. O seu comprimento, o seu peso, o seu duplo emprego, tornam-a muito propria para ferramenta portatil da infanteria.

Parece ser muito delicada uma chaveta que liga o ferro

da ferramenta ao cabo; comtudo a pá não se arruinou nas experiencias a que foi sujeita. O seu custo é elevado, como o da Storey. A experiencia mostrou que o rendimento de ambas no trabalho é superior ao da Linnemann, o que era facil de prever pelo recurso que offerecem de se poderem transformar facilmente em picareta e enxada. Não nos consta que esta ferramenta, não obstante as suas qualidades, que a tornam tão recommendavel, tenha sido adoptada em exercito algum.

Citaremos ainda uma *pá portatil*, proposta ha annos pelo capitão hespanhol Diaz, que differe bastante dos modelos até hoje adoptados. Esta pá é quasi plana, sendo o cabo constituido pela bayoneta mettida na respectiva bainha, o que simplifica o transporte da ferramenta. O bocal da pá entra no bocal da bayoneta, e um pequeno gancho collocado na parte superior da bainha torna esta solidaria com a ferramenta, ficando aquella transformada em cabo.

Nos Estados Unidos da America foi em tempo posta em experiencia a pá bayoneta do systema *Rice*. E' uma bayoneta com a lamina curta e muito larga, podendo empregar-se ou isoladamente, ou no extremo da espingarda. Comquanto não seja uma ferramenta portatil propriamente dita, e não possa dar grandes resultados como ferramenta de terraplenagem, segundo a expressão conceituosa de Delambre, certamente sempre será preferivel á tampa da marmita, de que os soldados de Sherman se serviram nos casos difficeis, e pelo menos tem o merito de não impôr sobrecarga alguma ao soldado.

Foi muito recentemente apresentada pela *Army and Navy Cooperative Society Limited*, de Londres, uma nova ferramenta portatil de infanteria, da invenção do Conde Wennyss, com o nome de *apparelho para construcção de reductos entrincheirados*. E' uma pequena pá de infanteria, muito leve, de delgada chapa de aço e cabo de madeira, semilhante á *ferramenta universal*, podendo trabalhar como pá ou armar-se em picareta e enxada; a pá tem um dos seus bordos lateraes cortantes para servir de machadinha, e o outro talhado em serra, e a ponta que funcciona de picareta tem uma das faces preparada para servir de grosa.

Não temos por emquanto dados experimentaes para que possamos affirmar a excellencia d'esta ferramenta; comtudo a avaliar pela sua apparencia delicada e, por ventura, a sua falta de resistencia, e o conhecimento que te-

mos do desgaste que soffrem estes artigos quando empregados em movimentos de terra, pouco podemos confiar na vantagem e utilidade da referida ferramenta para o trabalho, pelo menos como machadinha, serra e grosa, não nos parecendo tambem que pelas suas dimensões possa dar um rendimento superior aos das outras já conhecidas.

Das ferramentas descriptas precedentemente, parecem as melhores a pá Linnemann, modelo allemão, e a ferramenta universal.

A questão da quantidade das ferramentas portateis a dar a cada unidade de infanteria, tem sido resolvida de maneira diversa nos differentes paizes, não havendo perfeita concordancia a este respeito, como á primeira vista se poderia suppôr que devia haver. Este facto, comtudo, explica-se pela maneira diversa porque tem sido comprehendido o papel que esta ferramenta deve desempenhar em campanha. A opinião mais geralmente seguida é a que encontramos citada por Berthaut (1) e transcrevemos:

Quant au nombre des outils, il doit être égal *à la moitié* de l'effectif et se composer de trois quarts de pelles Linnemann et de un quart de pioches (fig. IV); il convient en autre de donner 3 ou 4 scies articulées par escouadre.

Não terminaremos esta pequena noticia sem exprimir os nossos votos sinceros para que em breve as tropas de infanteria em Portugal estejam dotadas com a ferramenta portatil que lhe é indispensavel.

J. Lobo
Tenente-coronel d'engenheria

(1) *Marches et combats*, II, pag. 266. Nota.

CALÇADO PARA A INFANTERIA

II

MODELO LEBRE

Tambem foi apresentado á commissão de aperfeiçoamento da arma, pelo sr. tenente José da Fonseca Lebre, um modelo de calçado, que pretendia resolver o problema de uma maneira original. Como varios jornaes se referiram a elle, despertando assim a natural curiosidade dos nossos leitores, vamos dar uma ideia d'este modelo para assim ficarem satisfeitos.

O modelo proposto consta de tres partes — *sandalia, polaina e meia impermeavel.*

A sandalia, conforme se vê na gravura que juntamos, tem tres correias — dos dedos, do enfranque e do contra-forte — que servem para ligar o pé e que se apertam em fivellas de aluminio collocadas pela parte de dentro, prendendo-se estas, por sua vez, a uma correia que liga o contra-forte com a biqueira, o que dá á sandalia o aspecto de um sapato muito decotado.

O que ha, porém, mais digno de mensão, são os protectores de que a sandalia está munida, que constam d'um parafuso de aluminio com uma forte cabeça de sola, os quaes se veem na gravura junta. Estes protectores aparafusam-se na porca correspondente a cada um e que está collocada e presa na sola. Mas como estes protectores aparafusados cahiriam com o movimento se não houvesse qualquer cousa que os prendesse a ponto de não as deixar desandar, collocou o sr. Lebre, entre as sollas, uns ganchos em angulo recto.

Estes ganchos, especie de gatilhos com armador, são prezos por uma das extremidades com uns pregos que atravessam as solas, e em torno dos quaes teem movimento. A outra extremidade atravessa a porca e introduz-se n'um entalhe que teem os parafusos. Para que não abandone esta posição ha um outro parafuso, que atravessando as solas e o proprio gancho, faz com que este se não desloque.

Para permittir estes movimentos, ha entre as solas uns vãos, terminando exteriormente por uma janella, conforme se vê na gravura, e nos quaes podem ter movimento.

O modelo proposto tem 11 protectores, e, portanto, 11 porcas, 11 ganchos, 11 pregos, 11 parafusos e 11 vãos com

janellas exteriores. No tacão ha 4 protectores, na parte interior da palmilha 3 e na exterior 4. O metal empregado é o aluminio.

A polaina, da altura da bota actual, e cobrindo o pé completamente, é formada por um tecido de feltro, na parte interna, por um tecido de lona e por um oleado, na parte externa. Liga-se ao pé por duas correias que se prendem a dois botões de aluminio. Aperta-se exteriormente com o auxilio d'uns duplos ganchos recorvados, que prendem em argolas collocadas n'umas janellas.

Para evitar o incommodo da agua, lama, e areia que podesse entrar para o pé, propunha o sr. Lebre uma meia impermeavel, que o protegesse.

Este modelo foi regeitado por unanimidade na commissão de aperfeiçoamento da arma.

Serviço interior

Vamos hoje chamar a attenção das estações superiores para os §§ 6.º e 7.º do artigo 182.º do *Regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito*, de 24 de dezembro de 1896, porque n'elles encontramos disposições, que embora sejam mais ou menos exequiveis, nem sempre são muito justas, umas vezes porque pode haver para serviço capitães e faltarem subalternos, outras porque podem haver aquelles mas faltarem estes e ainda outras vezes, que é o caso mais geral, pode haver falta d'uns e outros, casos estes que o regulamento não resolve d'uma maneira equitativa.

No primeiro caso, indica-se um minimo deveras baixo para os subalternos que é necessario haver para poderem agrupar com os capitães nas inspecções.

No segundo caso, havendo subalternos, não ha inconveniente em ordenar que alguns façam inspecções. Mas mesmo assim o regulamento não attende á justa e equitativa distribuição de folgas, porque, sendo *o numero de capitães inferior a seis*, passarão a agrupar com elles os subalternos desde que estes tenham *folga superior a cinco dias* Exemplificando. Se houver 5 capitães e apenas 6 subalternos não podem estes agrupar e teem, portanto, os capitães uma folga de 4 dias ou menos.

No terceiro caso, previsto pelo regulamente d'uma maneira precisa e clara, havendo *apenas sete officiaes para o serviço d'escala... agrupam todos nas inspecções.*

D'aqui pode-se concluir desde já que não ha equidade na distribuição das folgas. Esta falta, porém, que em todas as disposições se nota, é ainda aggravada pela doutrina do § 7.º que diz — *quando haja menos de quatro officiaes subalternos para o serviço de prevenção agrupam todos no de inspecção.* Ora pode succeder, o que não é raro, estarem todos os capitães presentes. N'este caso, ficando todos nas inspecções, vê-se que pode, para esse serviço, haver 12 officiaes, sendo portanto a folga de 11 dias.

Já vimos que para os capitães, entrando sempre com os numeros minimos, a folga pode ser de 4 dias ou mesmo menos e, dentro do mesmo minimo, vemos agora que pode ser do 10 dias. E' isto justo, é rasoavel, é logico? Com certeza não é.

Applicando identicos racciocinios se vê que os subalternos são victimas de identicas anomalias.

E' necessario pois acabar com casos tão complicados e complexos como os que o regulamento apresenta, porque servem apenas para confundir e aggravar a situação do official sem o mais pequeno proveito para a disciplina.

Se pelo regulamento em vigor pode haver, sem inconvenientes, 12 officiaes nas inspeções, parece que se deva determinar, permittir ou auctorisar a fazer sempre o mesmo desde que no regimento haja sómente esse numero de officiaes, independentemente do posto ou cathegorias.

Pela mesma razão se deve determinar que havendo mesmo mais de 12 officiaes ninguem tenha folga inferior, pois que se já o regulamento a admitte, torne-se geral e extensiva a todo o exercito e acabe-

se por uma vez com tantas hypotheses complicadas, que apenas servem para prejudicar a situação dos officiaes arregimentados.

E' sobre isto que nós chamamos a attenção das estações superiores, e tanto mais isso é necessario quanto é certo que depois da publicação do regulamento já se fizeram duas reorganisações, dando cada uma d'ellas aos corpos ou batalhões de caçadores effectivos differentes sem que, comtudo, se tivesse alterado a lei n'este sentido, quando ella tinha sido feita sobre outras bases. O resultado é que hoje os batalhões de caçadores luctam com grandes difficuldades para organisarem as escalas de serviço interior. Outro tanto já não succederia, porém, se se determinasse uma e unica disposição geral pela qual esse serviço se regulasse, o que, além de considerações de equidade e justiça, é extremamente necessario. Todos sabem quão custoso é esse serviço e ninguem ignora que o official arregimentado está deveras sobrecarregado.

Faça-se, pois, isso e prestar-se-ha, estamos certos, um bom serviço ao exercito. A disciplina não se obtem com fadigas inuteis, mas com dedicações expontaneas.

Y.

CANTINA PARA OFFICIAES

No ultimo numero da nossa Revista tivemos occasião de dar aos nossos leitores uma ideia geral das modificações introduzidas nos equipamentos e material de bivaque. Hoje vamos completar essa noticia com a descripção da nova cantina para officiaes, ultimamente approvada.

A figura que juntamos representa a cantina aberta, vendo-se a disposição de todos os seus pertences. E formada por duas caixas que se unem pelas charneiras que se veem na figura.

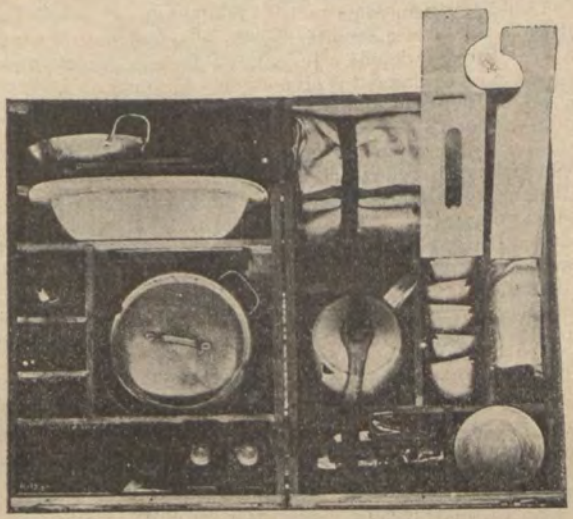
Fecha-se lançando uma das caixas sobre a outra, movimento que é feito em torno d'aquellas charneiras, formando então um parallelipedo de base quadrangular. Para a fechar é necessario fazer girar em torno de charneiras proprias, as duas tabuas que se veem cahidas. Servem estas duas tabuas para segurar as chavenas, os pratos e os guardanapos.

A cantina, que serve para 6 officiaes, ou seja uma por companhia, comporta, conforme se vê pela gravura, 6 chavenas, 12 pratos, 6 pires, 6 guardanapos, 2 toalhas, 1 machina para fazer café, 1 frigideira, 1 cassarola, 6 garfos, 6 facas, 6 colheres de sopa e 6 de chá, e mais 1 lata para café, 1 para chá, 1 para pimenta, 1 para sal, 1 frasco para

vinagre, outro para azeite, 1 lanterna com vidros de chrístal e 2 trempes, 3 pannos de limpeza, 1 boião de vidro para manteiga, 1 frasco para alcool, 1 pimenteira, 1 paliteiro, 1 sacarrolhas, 1 ferro para abrir latas e 1 grelha.

Cada um d'estes objectos está collocado n'um alojamento proprio e solidamente seguro ou por tabuas ou por correias de couro.

Para ferver agua tem uma vasilha propria, mas deve-se empregar geralmente, assim como na confecção do rancho, a 7.ª *cantina de 40 praças* da companhia, que é cantina de reserva.



Os pratos, as chavenas e a frigideira são de ferro esmaltado. A cassarola e a chaleira para agua são de aluminio. Os frascos para sal, pimenta, etc., são de folha pintada.

As photographias, que temos apresentado em gravura, são devidas ao nosso presado amigo sr. capitão Antonio Eustaquio d'Azevedo e Silva, um distincto photographo amador e entre os quaes, sem sombra de favor o dizemos, occupa um dos primeiros logares. Nós, d'estas columnas, agradecemos-lhe o prompto auxilio que nos tem prestado.

A instrucção litteraria dos soldados

III

Nos numeros anteriores sustentámos a seguinte doutrina:

1.º Nas condições da guerra contemporanea, a personalidade do soldado, caracter, instrucção theorica e pratica do combate, constituem importantes factores para o exito das batalhas.

2.º A educação e instrucção do soldado exigem, como base imprescindivel, o desenvolvimento intellectual e moral, anterior ao alistamento militar, isto é, a instrucção e educação civil.

3.º O soldado, bem como todo o cidadão, deve possuir habilitação em instrucção primaria elementar, sendo a edade propria para esse ensino a adolescencia, e depois a juventude, até aos dezoito annos.

4.º As leis e regulamentos civis devem tornar essa instrucção obrigatoria, impondo penas disciplinares aos paes, tutores, e aos proprios adultos dos 12 aos 18 annos.

5.º A lei de recrutamento poderia estimular o desenvolvimento da instrucção primaria, reduzindo o tempo de serviço aos mancebos possuindo instrucção primaria elementar, que assentassem praça como recrutados ou voluntarios.

Todos estes pontos, cremos, foram sufficientemente demonstrados, o que nos foi bastante facilitado por nos havermos collocado na defeza da boa doutrina.

Resta-nos agora tratar da questão de se tornar ou não a instrucção litteraria obrigatoria para os soldados, bem como dos systemas a adoptar na resolução de tal assumpto.

Os leitores, nossos camaradas, comprehendem desde já, ou mesmo desde o começo do artigo, que era este o ponto capital a que nós pretendiamos chegar. Não o abordamos logo, porque entendemos mais conveniente elucidar o assumpto, descriminando bem:

1.º Que o soldado, como todo o cidadão, precisa ter pelo menos o primeiro grau de instrucção litteraria.

2.º Que tal instrucção é essencialmente dever das authoridades e funccionarios civis. Compete ao ministerio do reino, á direcção de instrucção publica, bem como aos funccionarios a ella subordinados.

Por causas muito complexas, que pareceriam chinezas ou turcas se não fossem bem portuguezas, não se cumprem as disposições das leis respeitantes á obrigatoriedade da instrucção primaria; aggravou-se successivamente o nosso estado de ignorancia pelo confronto com os outros povos, e finalmente, eis que nos entra pela porta dentro o seculo xx, surprehendendo-nos em pleno analphabetismo.

A grande maioria dos lettrados, e mesmo dos diplomados, não só se conforma com tal estado de cousas, como o aplaude e defende com varios sophismas. Os menos acommodaticios insurgem-se, fazem accusações, procuram remedios e apresentam alvitres.

Parece porém, que o odio que votam ao analphabetismo os desorienta, porquanto, chegam pouco mais ou menos a afirmar e a escrever isto: Os officiaes do exercito teem grande culpa do analphabetismo, porque, recebendo um bom soldo, ou mesmo um grande soldo, nada mais fazem do que andar por ahi a passear, não querem trabalhar, não querem ensinar o *a b c* aos soldados.

E, consequentemente, reclamou-se uma lei, uma ordem, mas uma ordem severa, que obrigue os officiaes e mais graduados a ensinar o *a b c*, impondo aos capitães, tambem muito imperiosamente, a responsabilidade dos soldados saberem soletrar e garatujar.

Estas conclusões e soluções a que chegam os mais delirantes apostolos da instrucção, não carecem, suppomos, do nosso julgamento assaz expresso, porquanto, os nossos camaradas conhecem todos quaes são os seus superiores deveres profissionaes, e como os teem cumprido ou sophismado. Conhecem egualmente até que ponto a missão obrigatoria do ensino do *a b c*, será compativel com os seus superiores deveres profissionaes, e com o decoro dos seus diplomas scientificos e da sua gerarchia, que não é palavra vã, nem puerilmente evocada.

Para melhor frisar a justiça e o acerto das conclusões e soluções a que chegam os militares que deliram de amor pela instrucção... não militar, nós sentimos simplesmente não lhes poder contrapôr conclusões reciprocas ou inversas, a que chegasse um paisano, um professor de instrucção primaria, que delirasse tambem de amor... mas pela instrucção militar.

São cousas perfeitamente comparaveis. Devendo ter uns quatro milhões de individuos com instrucção civil, o paiz só tem um milhão. Devendo ter uns 500:000 com instrucção militar, só tem 100:000.

Por consequencia é egualmente natural que surgisse um professor de instrucção primaria, e dissesse:

Os professores de instrucção primaria é que teem a culpa da falta de instrucção militar, ou do paizanismo, porque, recebendo um ordenado, e mesmo um grande ordenado, nada mais fazem que andar por ahi a passear, e não querem ensinar a instrucção militar aos rapazes.

E, por consequencia, reclamaria aos poderes do estado, ao ministro do reino, uma lei, uma ordem, mas ordem severa, que obrigasse os professores de instrucção primaria, e mesmo os de instrucção secundaria e superior, a ministrar instrucção militar aos alumnos, tornando-os bem responsaveis pelo resultado, para evitar os sophismas e a mandria.

Mas não. Não ha meio de encontrar um paisano que reclame para os civis o ensino militar, nem mesmo para os militares o ensino do *a b c*.

É que o assumpto comprehende-se sem largos raciocinios, por simples intuição. Já se vê, quando a intenção é boa, directa, e não torcida.

Na caserna, o que é essencial, o que é de superior necessidade ensinar ao soldado, é a instrucção militar, a virtude militar, a abnegação, a coragem, o sacrificio, o sentimento do dever.

Estas qualidades hão-de impôr-se ao soldado por imitação dos graduados; pela inergia dos graduados; pelo espirito militar dos graduados.

Ora, será por uma absorpção no ensino do *a b c* que os graduados hão de desenvolver o seu espirito militar, a sua inergia, as qualidades que o soldado deve acatar e imitar?

Se assim fosse, os professores de instrucção primaria deveriam ser optimos officiaes, ou pelo menos bons sargentos, no respeitante á energia, ao valor, ao caracter, á aptidão para dominar e commandar homens.

E é isso, realmente?

Parece-nos que é bem o contrario.

Todavia, nos quarteis tem-se sempre feito alguma cousa a favor da instrucção litteraria elementar dos soldados. Nós queremos que esse ensino se conserve, e mesmo se melhore, e por isso é que dissemos já no numero anterior, que depois dos 18 annos se devia ainda facultar a

instrucção primaria aos que a desejassem, e até estimular a adquiril-a os indifferentes.

Em todos os exercitos, durante a permanencia dos homens na caserna, o que se tem principalmente, quasi exclusivamente em vista, é a sua preparação militar.

Este modo de proceder, este criterio, impõe-se cada vez com maior rasão, em virtude da reducção do tempo de serviço activo.

Reconhece-se como um principio technico, que a intensidade da instrucção militar deve augmentar com a reducção do tempo de serviço.

A Suissa reduz o tempo da recruta ao minimo, 47 dias, mas consagra todo o tempo á instrucção militar, e não trata de instrucção civil nas casernas. Pretende-se ali augmentar a recruta para uns 60 dias, mas mantendo o exclusivismo da instrucção militar A instrucção civil é dada antes, e muito antes da instrucção militar obrigatoria, e esta é que é a solução verdadeira, porque ministrada na caserna, é mais cara, menos acceita, menos efficaz, tendo ainda um grande inconveniente para uma republica, o qual é, affectar o espirito democratico do povo, que incontestavelmente é um espirito de iniciativa mais desenvolvido, e de uma personalidade mais independente.

Aonde o *a b c* ministrado nas casernas se justifica e comprehende melhor é nas monarchias absolutas, ás quaes convem mais o serviço de longa duração, e os systemas educativos que tendam a alcançar a disciplina passiva.

Nas democracias, e mesmo monarchias liberaes, é preferivel resolver o problema da instrucção tornando-a obrigatoria para os rapazes, em escolas civis, e o tempo de permanencia nas casernas, reduzil-o ao minimo exigido pela instrucção militar. Disse-se, mas sem affirmativas assaz difinidas, que lá fóra existia a obrigatoriedade da instrucção civil por companhias.

Ora convem acentuar bem, que na resolução de questões d'esta natureza, não se pode nem deve copiar soluções, ás cegas, sem adaptação, e que cada paiz deve resolver as questões segundo as suas circumstancias.

Resulta d'esta doutrina que, do facto de haver algum paiz que tenha o *a b c* obrigatorio por companhias, não se conclue que o devamos e possamos nós ter tambem

Vamos porem, a ver o que ha, realmente, lá fóra, nos paizes que costumam ser mais citados, e de que podemos ter maior conhecimento, embora quasi sempre imperfeito Faremos o menos possivel a traducção, para que nenhuma duvida possa haver de que não alteramos.

HESPANHA

Reglamento para el detalle y regimen interior de los cuerpos, de 1896

TITULO I

Artigo 343.º—En las escuelas de primeras letras en cada unidad, ó regimentaria, se ha de enseñar á todos los soldados, lectura, escritura, principios de arimetica, de gramatica, religion y moral. Esta ultima parte de la enseñanza estará a cargo del capellan en cada cuerpo·

En cuanto á las outras materias. el jefe de cada cuerpo dispondrá lo que sugiera (sugerir) su celo (zelo) con arreglo (conforme) á los elementos que tuviere.

TITULO III

Art. 19.º — Para escuela de soldados alumnos para cabos, y academia de cabos y sargentos se elegirá um departamento (sala) apropriado, en buenas condiciones de luz. etc.

No livro :

Notes sur l'armée espagnole

pagina 151, do capitão Serignan, lê-se:

«L'ecole du premier degré se fait en general du midi á deux heures, dan une sale disposé á cet effect, munie de tables, encriers, tablaux, etc., etc. On enseigne a l'homme la lecture, l'ecriture, principes de arimetique, moral, religion.

La première academie, dite ecole des soldats aspirants caporaux, est a la charge d'un lieutenent assisté de deux caporaux intelligents.»

E não precisamos mais. Em Hespanha o *a b c*, ou o 1.º grau de instrucção primaria, é ministrado por regimento, na escola regimental. A cargo de quem não sabemos ao certo, mas não será de todos os capitães, subalternos e sargentos, visto que a primeira academia, que é d'um grau superior, está a cargo de um só subalterno, auxiliado por dois cabos.

FRANÇA

No

Reglement sur le serviçe interieur des troupes d'infanterie de 1892

lê-se:

«Artigo 275.º— Ecoles regimentaires — Chaque regiment d'infanterie ou bataillon formant corps a deux écoles:

Le cours primaire destiné aux elèves caporaux, aux quels il est reconnu necessaire, et aux autres militaires qui en font la demande; le cours preparatoire fait aux sous officiers, aux caporaux et aux soldats ayant une instruction primaire suffisant. Ce cours est facultatif.

Dans chaque compagnie le capitaine a la direction et la responsabilité de l'école primaire; le sergent major est specialment chargé de cet enseignement, sous la surveillance du chef de peloton. Le colonel determine, d'aprés les exigences de l'instruction militaire du regiment, le temps qu'on peut affecter a cette école.»

O cargo de chefe de pelotão é semanal, e pertence aos subalternos. Sargent-major é o nosso primeiro sargento.

Vê-se pois que os francezes teem um curso primario por companhia, mas destinado aos aspirantes a cabos, que o precisam, ou aos mi-

litares que o querem frequentar. O *a b c* geral, obrigatorio, ou qualquer grau de instrucção primaria, não teem.

Tanto o curso por companhia como o curso regimental, teem unicamente em vista a preparação dos quadros inferiores, isto é, cabos e sargentos. Cursos tendo em vista apenas ensinar a soletrar e garatujar, não teem.

Quanto ao quadro do pé de paz de uma companhia franceza, é de 4 officiaes, 9 officiaes inferiores e 8 cabos.

N'estas condições dispõem de elementos para ter um curso primario por companhia. Esse curso é o nosso preparatorio para cabos; tem por professor o 1.º sargento, sob a fiscalisação de um official.

ITALIA

O Regolamento de instruzione e de servicio interno per la fanteria

diz, que:

«Il soldats deve pure sapere legere e scrivere...»

Vanio di regola falta per companhia:

h) La scuola elementare. Questa pero pus anchi (tambem) farsi per bataglione, one, cia possa tornar piu conveniente per l'exiguo numero di coloro che la frequentano, o per altri speciali ragioni.»

Isto é, a escola elementar destinada a desenvolver a instrucção dos soldados, é feita por companhia ou batalhão, segundo o numero de alumnos ou a disponibilidade de quadros, *o altri speciale ragione.*

BELGICA

No estudo de Ducarne

L'armée Belge

pagina 53, lê-se:

Ecoles de troupes.

a) Cours de illetrés.

En vertu de la loi sur la milice l'instruction est obligatoire dans l'armée. Des cours de illetrés sont institués dans tous les regiments et détachements de une compagnie au moins.

L'ecole des illetrés est dirigée par un capitaine et comprend deux seccions, une flamand et une valloux. La section est dirigée par un lieutenant ou sous-lieutenant, et la classe par un sous-officier. Les cours durent neuf mois á raison de cinque leçons d'une heure par semaine. La frequentation est obligatoire pour les soldats ne sachant lire ni écrire.»

Em resumo. O ensino é feito por um sargento. O tempo consagrado é de 5 horas por semana, menos de hora por dia, para que não sofra a instrucção militar, que é sempre o que se tem em vista.

RUSSIA

Em cada companhia ou bateria ha um curso de instrucção primaria funcionando durante oito mezes no anno. Por consequencia, parece ser a Russia o unico paiz que tem a instrucção litteraria obrigatoria por companhias. O facto, porém, explica-se pelas condições excepcionaes que ali se dão.

Durante o inverno, que chega a durar oito mezes, não se pode, na maior parte dos dias, sair para exercicios fóra do quartel. Junte-se a isto a pouca densidade da população, que não permitte dotar com escola todas as freguezias e povoados. Como monarchia absoluta convem-lhe tambem dar ao povo uma instrucção o mais disciplinada e militarisada possivel.

ALLEMANHA

Não vimos, nem nos consta, que alguem afirmasse cathegoricamente, se os allemães teem ou não, ao presente, a instrucção primaria obrigatoria para os recrutas e soldados analphabetos, por companhias, ou outro systema. Nós afirmamos que não, baseando-nos no facto de não encontrarmos a tal respeito nenhuma referencia nos livros apropriados que consultamos.

N'este paiz modelo, a preparação dos sargentos faz-se em oito escolas regionaes especiaes, sendo o curso de tres annos, frequentado só por voluntarios de 17 a 20 annos.

No regimento existe apenas a escola preparatoria para cabos.

No emtanto admittimos, e é possivel, que o capitão, por obrigação ou tradição, mande ensinar a ler os poucos analphabetos que lhe apparecem, na escola regimental ou na companhia.

Seja como fôr, o exemplo não nos serve, porque a companhia allemã tem um quadro de sargentos e cabos qnatro vezes maior que o nosso.

Em resumo:

Lá fóra a instrucção litteraria obrigatoria por companhias só existe na Russia.

O tempo consagrado a essa instrucção regula uma hora por dia, de modo a não prejudicar a instrucção militar.

Essa instrucção é commettida a cabos ou sargentos.

Nos regimentos funccionam diversos cursos mas tendo em vista a preparação de cabos e sargentos.

Os officiaes só regem cursos preparatorios de sargentos e officiaes.

Entre nós a instrucção litteraria dos soldados e os cursos de cabos e sargentos tem tido uma orientação identica á que geralmente se segue lá fóra.

Dentro d'essa orientação, ou do systema seguido, o assumpto pode ser melhorado, de modo a garantir-lhe maiores resultados; porém, no que respeita á instrucção do soldado, pretende-se conseguir do ministro uma determinação que a torne obrigatoria por companhias.

Combatemos esse systema porque:

1.º Tendo os nossos quarteis só uma casa para escola, teriam as aulas de funccionar nas casernas e outros cubiculos sem condições decentes, limpas e hygienicas.

2.º Os officiaes não podem nem devem fazer essa instrucção, e os outros quadros instructores não chegam.

3.º Sem recorrer a meios violentos e artificiosos, só por excepção se consegue habilitar algum recruta nos tres ou quatro mezes.

Este ultimo porquê não está de accordo com a affirmação de um nosso illustre camarada, que fez a experiencia, e diz ter provado com os factos que a instrucção é possivel e que dá resultados seguros, e que contra factos não ha argumentos.

Sim. Se os factos mostram que ha bom tempo, fica provado que ha bom tempo. Mas, se mostram tambem que ha mau tempo, fica provado que ha bom e mau tempo.

E' o que se deu com a experiencia. No local da experiencia provou-se que os recrutas aprenderam a ler e escrever.

Mas, é facto tambem, que os homens vieram seguidamente para infanteria 16, onde se verificou que só sabiam garatujar e soletrar, o que equivale a pouco mais que ser analphabetos.

E' notorio que um illustre professor, apaixonado pela instrucção do povo, tendo lido e ouvido muito cousa, que o seduziu, foi ao quartel d'infanteria 16, e sendo-lhe concedido verificar a instrucção dos ex-recrutas do 14, teve esta phrase:

«E' a maior decepção da minha vida!»

Depois d'esta grande decepção do illustre professor e outros, poderá haver alguem que conscientemente acredite, que as 400 escolas sem aceio, sem hygiene e bons professores, nas companhias, esquadrões e baterias, possam oppôr um dique serio ao analphabetismo?

Serão taes escolas capazes de conseguir o que não conseguem as 5:300 escolas publicas e particulares que ha no paiz?

Evidentemente, não.

A instrucção litteraria obrigatoria aos recrutas, para dar resultados, mesmo mesquinhos, exige duas lições de tres a quatro horas por dia. N'isto, confessado por quem fez a experiencia, está a sua condemnação total.

O recruta tem por dia 4 horas de exercicios; 1 hora de theoria, comparecer a formaturas e revistas; tem de se limpar e arranjar; tem de prestar varios serviços dentro do quartel. Tudo isto somma um total equivalente a 10 horas de serviço.

Junte-se a isto que toda a instrucção tem exigencias intellectuaes, e não pequenas, e que os homens nos primeiros tempos de caserna extranham immenso o meio, o que se traduz por uma forte depressão physica e moral. Resulta d'aqui que o periodo da recruta é tão violento para os homens que custa a conceber que alguem o queira aggravar, impondo-lhe mais quatro horas de escola por dia, e ainda mais, que o permittam os mesmos chefes superiores que até ha pouco tempo consideravam que o recruta não póde ter mais de uma hora de instrucção theorica por dia.

Para dar ao recruta, ou ao soldado, duas, tres ou quatro horas de instrucção por dia que não seja instrucção militar, em dias seguidos, semanas e mezes, não vale a pena trazel-o para a caserna, nem se deve chamar a esse serviço, serviço militar.

Em conclusão: O nosso alvitre ácerca do assumpto é o seguinte:

1.º Deve haver por batalhão ou unidade destacada uma aula obrigatoria para recrutas e soldados analphabetos, de duração maxima, hora e meia por dia, e de seis horas por semana.

2.º Os directores serão officiaes, mas os professores serão cabos e sargentos.

JULIO D'OLIVEIRA
Capitão de inf.ª

Escola Pratica de Infanteria

Na presença de Sua Magestade El-Rei, do nobre Ministro da Guerra e do illustre General director geral da arma de infanteria, realisaram-se, na Escola de Mafra, os exercicios finaes do anno lectivo que terminou.

E estes exercicios revestiram um particular interesse, porque evidenciaram até á saciedade um progresso notavel em todos os ramos da instrucção ministrada na Escola.

Nos fogos reaes contra alvos tombantes, alvos de eclipse e alvos moveis, a differentes distancias, desde 400 a 1:500 metros, os resultados obtidos foram em extremo satisfatorios, ficando bem evidenciada a excellencia do methodo adoptado e as bellas qualidades de atirador que possue o nosso soldado.

Foi a primeira vez que se empregaram na Escola alvos em tudo similhantes aos alvos adoptados nos campos de tiro da Allemanha, e tanto basta para justificar qualquer pequena irregularidade que podesse ter havido.

A primeira falta que salta logo á vista é a de um motor apropriado para pôr em acção os alvos moveis, de modo que a velocidade de uma carga de cavallaria, simulada com alvos, seja realmente a verdadeira, a que haveria no campo de batalha.

Este inconveniente vai ser já remediado, porque a montagem de um motor na carreira de tiro da Escola não se fará demorar.

No fogo contra os alvos de eclipse é indispensavel seguir-se, com todo o rigor, aquillo que realmente se passaria no campo de batalha, o que é facil, e que esperamos vêr no proximo anno futuro.

Todavia, é com desvanecimento, repetimos, que regista-

mos os notaveis progressos conseguidos pela Escola, o que denota muito trabalho, muita dedicação e amor pela causa da instrucção.

Na gymnastica notámos com agrado o desapparecimento de exercicios espectaculosos e até certo ponto improprios da nossa profissão, a par de um grande desenvolvimento de optimos exercicios racionaes e methodicamente encaminhados, exercicios que conduzem ao avigoramento physico e á destreza.

Outro progresso que não deve nem pode ficar no esquecimento.

A velocipedia, a esgrima, os trabalhos de campo, como reconhecimentos, levantamentos de cartas topographicas, problemas balisticos, obras de fortificação, etc., etc., foram tambem cuidadosamente ensinados.

E por fim os exercicios de flexibilidade e exercicios de combate da companhia normal, merecem o applauso sincero de todos quantos se interessam pela arma de infanteria e pelo exercito.

El-Rei ficou visivelmente satisfeito, e o nobre Ministro da Guerra sentiu, naturalmente, o intimo prazer de ver com os seus proprios olhos o fructo das suas previsões.

Poderá marchar-se com tanto garbo e tanta altivez elegante; poderá evolucionar-se com tanta correcção e tanta presteza; poderá conseguir-se tanta harmonia e egualdade em todos os movimentos e exercicios, tanta disciplina e tanta perfeição, mas mais, não acreditamos que em exercito algum se possa conseguir.

Pode e deve servir de typo aquella companhia, e o methodo ali adoptado deve ser levado a todos os regimentos pelos aspirantes e officiaes que passam pela Escola Pratica.

E por isso mesmo aqui deixamos consignado uma referencia especial ao digno instructor o sr. capitão José Joaquim Peixoto, que bem a merece, pelo seu trabalho e pela sua adoravel dedicação e zelo pela instrucção da nossa arma.

Não podemos ampliar esta noticia, como desejavamos, porque é escripta na occasião da nossa *Revista* entrar na machina, todavia, voltaremos ao assumpto, que muito o merece, por quanto grandes são as esperanças que temos na proficuidade dos esforços da nossa Escola Pratica.

Ao digno commandante e a todos os officiaes da Escola os nossos parabens.

No Sul da Africa

2.ª Parte

(Continuado do n.º 8 — 5.º anno)

II — *A consequencia de invisibilidade é a causa que provoca alterações mais radicaes nos principios da tactica.*

Depois do que temos dito, do que certamente ninguem póde duvidar porque nos firmamos em opiniões de pessoas que presenciaram os factos, é facil de concluir que na tactica haja muito a modificar, e principalmente na nossa ordenança, pois que foi elaborada obedecendo á hypothese da visibilidade dos dois partidos. Reconhecido, como ficou, que esta hypothese é falsa desde que as tropas saibam tirar partido do terreno, das armas e das polvoras, todo o edificio é lançado por terra.

E' pois necessario rever a nossa ordenança e construir novo edificio que assente sobre a hypothese da *guerra invisivel,* que é a phrase moderna que caracterisa os novos combates.

Nós, n'este estudo, não temos a pretensão de indicar todos os pontos que é necessario alterar, não só porque seria tarefa demorada e fadigosa, mas tambem porque queremos tratar d'outros pontos de tactica geral. Dividindo, porém, o nosso estudo por capitulos, em cada um d'elles se encontrará tratado o assumpto a que se referem. Entremos, pois, n'esse estudo, começando pela preparação do ataque, que é o preludio do combate manifestamente hostil.

III — *A preparação do ataque, sempre da maxima importancia, é, devido a isso, d'uma realisação difficil e até impossivel, como chegou a succeder aos inglezes n'alguns combates.*

Devido á maneira habil como os boers se souberam occultar nas suas posições, os inglezes muito poucas vezes conseguiram preparar os seus ataques. Não ignoramos que a maior parte das vezes foi devido a erros dos inglezes e não queremos, por esse facto, converter isso n'um principio geral. Não podemos, não obstante, deixar de concluir que a invisibilidade é um entrave serio á preparação do ataque, porque embora os reconhecimentos sejam completos, difficilmente indicarão as posições exactas do inimigo pelo facto de serem recebidas por um fogo invisivel as forças que os executarem, o que as deixará na perplexidade e na incerteza da verdadeira posição, o que é ainda, de mais a mais, aggravado pela possibilidade de as illudir. Forças que se colloquem em posições avançadas á posição principal podem leval-as á convicção de que a verdadeira posição é aquella que ellas occupam, o que aliás é facil de succeder por vêr que só d'ali se fez fogo e por não se notar indicio algum em posições mais recuadas ou latteraes. Tudo isso é realisavel; depende sómente da habilidade do chefe que optar pela defensiva.

Mas vamos ao caso geral e mais vulgar. O atacante conhece a posição occupada pelo defensor. N'este mesmo caso a preparação é de realisação difficil, porque embora se conheça aquella posição não se póde saber ao certo os pontos guarnecidos, e muito principalmente se o defensor se mantiver em silencio, como fizeram os boers quasi sempre. N'estes casos que valor póde ter o tiro feito a grandes distancias contra um alvo invisivel?

Certamente nenhum, como adeante provaremos, porque ha de fatalmente ser incerto por ser feito ao acaso, por supposições, embora mais ou menos fundamentadas. O tiro executado contra um alvo que não seja bem visivel dá sempre fracos resultados. As proprias experiencias de polygono assim o mostram. Citemos em todo o caso, para evidenciar mais esta grande difficuldade que ha a vencer na guerra, alguns exemplos da campanha sul africana.

Começaremos por Colenso. Pela propria descripção que fizemos da batalha se vê que os inglezes foram sempre avançando até ás margens do Tugela bombardeando todas as alturas que lhe appareciam, mas que, apezar d'isso, foram cahir em columna mesmo dentro da zona efficaz dos

fogos, na verdadeira *região da morte*. Dir-nos-hão que isso foi devido aos fracos reconhecimentos offensivos que os inglezes fizeram ou á falta de informações. Para evitar esta objecção vamos transcrever alguns periodos da ordem, assignada pelo chefe do estado maior, Hamilton, que, na vespera da batalha, sir Buller fez transmittir aos commandantes das brigadas.

1.º O inimigo está entrincheirado nos *copjes* situados ao norte de Colenso. Pelas informações possuidas, um *campo* importante se encontra perto da estrada de Ladysmith, proximamente a 5 milhas a noroeste de Colenso. Um outro *campo* está estabelecido nas alturas situadas ao norte do Tugela e ao norte de Hlanguane Hill.

2.º O general commandante tem tenção de forçar a passagem do Tugela ámanhã.

(Seguem-se depois, tambem numeradas, as ordens ás diversas unidades, muito pormenorisadas.)

D'aqui se vê que Buller tinha exacto conhecimento das posições occupadas, e tanto assim que na vespera e antevespera da batalha, vendo que eram inefficazes os reconhecimentos, mandou bombardear por 8 peças de marinha de grosso calibre as posições boers, mas, como não responderam e como não deram o mais pequeno signal que mostrasse que este fogo os incommodava, sir Buller desistiu de continuar a preparação.

Perante este exemplo pode-se mesmo affirmar que a preparação contra um adversario occulto é perfeitamente inutil e esteril, porque o fogo, por ser incerto, é verdadeiramente inefficaz. O inimigo estava tão occulto que — «Peças e homens estavam invisiveis. Apenas, da margem occupada pelos inglezes, se distinguia, de vez em quando, algum estafetta ou alguma patrulha na planicie á rectaguarda dos *copjes*». (1)

N'estas condições mal se póde crer na possibilidade da preparação, e muito principalmente quando o defensor tiver a habilidade e força de disciplina para romper o fogo sómente quando o atacante esteja na zona efficaz dos fogos, isto é, quando souber esperar.

Lancemos tambem uma vista para o que se passou em Modder. Lord Methuen foi aqui infantilmente illudido. As patrulhas e os espiões disseram-lhe que os boers não occu-

(1) La Guerre sud-africaine; pag. 263.

pavam Modder, mas Spytfontein. N'esta crença mandou avançar a sua columna, mas logo que se aproximou de Modder foi recebido pelo fogo da artilharia boer. Perante esta realidade, a illusão desappareceu e deu ordem para a sua artilheria entrar em bateria para começar a preparação do combate. Dentro de pouco tempo o duello estava travado, mas como ao cabo de duas horas (1) o fogo da artilheria ingleza não tivesse produzido effeito algum, manda avançar a sua infanteria em ordem dispersa. Porém, como os boers não se importaram com isso, a infanteria britannica foi avançando até que a 600 metros rompe simultaneamente um fogo infernal das posições boers que a obriga a lançar-se por terra, não a deixando nem avançar nem recuar. (2)

Perante isto não se poderá concluir que é impossivel preparar o combate desde que o defensor esteja abrigado e occulto? Certamente é, e como é possivel occultar-se o defensor, como já provamos, parece de boa logica admittir que é impossivel a preparação. Pelo menos Methuen não o pôde conseguir durante duas horas com o emprego de toda a sua artilheria.

Em Magersfontein os exemplos levam á mesma conclusão, sendo, não obstante, mais concludentes, pois que Methuen, reconhecendo que tinha sido devéras illudido em Modder, procurou aqui ser mais prudente e cauteloso. A má sorte, porém, acompanhava-o, e apesar de muitos esforços não conseguiu ser mais feliz, o que, devemos reconhecer, não foi principalmente causado pelo seu errado proceder, mas antes pela estranha e rara maneira como os boers se portaram e pelo habil partido que souberam tirar das polvoras chimicas e das armas de repetição.

Mas vamos narrar o caso que nos leva a affirmar tudo isto. Methuen, tendo informações pouco exactas das posições boers, mandou a 9 de dezembro effectuar um reconhecimento offensivo contra Magersfontein, para o que mandou entrar em acção umas vinte peças, fazendo uso da liddyte, e a brigada de cavallaria. Sendo, porém, esta recebida pelo fogo por umas avançadas boers, teve de retirar immediatamente sem ter colhido informações precisas.

---

(1) L'offensive boer; pag. 281.
(2) Precis de quelque campagnes contemporaines. Bujac, pag. 344.

No dia seguinte Methuen organisa então um grande destacamento mixto para effectuar o reconhecimento, e que era composto pela brigada de cavallaria, pela brigada dos Hyghlanders, por 3 baterias montadas, por uma a cavallo e por uma de obuses, sendo tudo auxiliado pelo *Joe Chamberlain*, de grosso calibre.

Esta parte da columna avançou ás 2 horas da tarde e sendo a cavallaria recebida pelo fogo d'uns commandos boers que estavam á direita, toda a artilheria toma posição e dirige o seu fogo contra os *copjes* de Magersfontein, que produziu o effeito de verdadeiras erupções vulcanicas, mas ao qual os boers não responderam.

Perante este silencio os inglezes concluiram que Magersfontein não podia estar muito guarnecido e commetteram a imprudencia de effectuar um ataque de noute. Como se vê pela descripção que fizemos, a decepção foi então completa. No dia seguinte, necessitando accudir á brigada dos Hyghlanders, entram os inglezes immediatamente em combate, empenhando todas as forças, sem preparação alguma.

Vemos, portanto, que em Magersfontein a preparação foi impossivel, embora se tentasse effectuar com uma força de effectivo consideravel.

Se este exemplo é concludente, o que nos fornece Paardeberg ainda o é muito mais, porque vemos os grandes effectivos inglezes e os heroicos esforços que fizeram quebrados, inutilisados, perfeitamente impotentes durante 8 dias contra os boers que se tinham entrincheirado e que faziam fogo sem ser vistos, enterrados, recolhidos como toupeiras, embora sobre as suas cabeças passassem constantemente os projecteis que lhe arremessavam as 90 peças inglezas.

Perante estes e outros tantos exemplos que podiamos citar não se poderá concluir que a preparação do combate de frente é difficil de effectuar, senão impossivel? Parecenos bem que sim, porque além dos exemplos ha a pura intuição que leva á mesma conclusão. Para isso bastará que o defensor se saiba occultar das vistas adversas e que rompa o seu fogo sómente no momento em que elle seja efficaz. O defensor assim disposto não deve temer o fogo da artilheria, porque este, como adeante provaremos, é inefficaz desde que não seja feito contra um alvo nitido e bem visivel. Os boers, em todos os combates em que os inglezes tentavam preparar a grande distancia os ataques

pela artilheria, lançavam-se ao silencio e bem occultos deixavam tranquillamente que gastassem as munições. Seja, porém, possivel, seja impossivel, na guerra tudo é realisavel, o que com seguro fundamento se deve concluir é que as polvoras chimicas e a boa utilisação do terreno difficultam em extremo a preparação do ataque.

David Rodrigues
Tenente d'inf.ª

SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

Allemanha. — **Experiencias com uma arma automathica.** — Teem-se realisado ultimamente interessantes experiencias, nos arredores de Metz, com uma arma automathica, cujo alcance é egual ao do modelo em serviço. Pode disparar 300 tiros por minuto, isto é, pode produzir o effeito de 40 atiradores, dentro da mesma unidade de tempo.

Com o fim de dar a conhecer esta nova arma aos officiaes de infanteria do 16.º corpo d'exercito, nomearam-se 5 commissões, composta cada uma de 30 officiaes e 40 soldados, que praticam o tiro duas vezes por semana em cinco fortes dos arredores de Metz.

Parece que esta arma será destinada á defeza dos pequenos pontos fortificados, onde se pode reabastecer com facilidade de munições, ficando assim a infanteria livre para obrar em campanha.

Novo regulamento para alimentação das tropas. — Pelo novo regulamento, ultimamente publicado, dá-se na Allemanha, ao soldado, em tempo de paz, tres refeições por dia, em vez de duas como até aqui. A primeira, de manhã, consta de sopa ou café ; a segunda, dada ao meio dia, consta de alimentos quentes, muito variados; e a terceira, de tarde, consta tambem de alimentos quentes ou frios, conforme a estação e trabalho.

O referido regulamento contém tambem prescripções rigorosas ácerca do funccionamento e administração das cosinhas e rancho, assim como indicações detalhadas para a preparação das comidas e maneira de confeccionar os ranchos nos bivaques.

Batalhão de instrucção de Potsdam. — Será constituido este anno, em 4 de outubro, por 4 capitães, 2 tenentes, 8 alferes, 58 sargentos, 12 corneteiros, 12 tambores e 640 soldados. Todo este pessoal será fornecido pelos regimentos de infanteria do 15.º corpo d'exercito prussiano, pelos corpos saxões 12.º e 19.º, e pelo 13.º corpo.

Este batalhão ficará assim constituido até ás proximas manobras de 1903.

Inglaterra. — **Pratica de tiro.** — E' hoje a Inglaterra um dos paizes em que se ministra a instrucção de tiro com mais cuidado. Para alguma cousa serviu a lição do Transwaal, que os inglezes, verdade seja, com tanto senso pratico, estão aproveitando em tudo.

Pelas novas instrucções, todo o recruta fará o fogo chamado de *qualificação*, que vem a ser executado de pé, de joelhos, deitado e assentado sobre alvos fixos. Além dos fogos collectivos executados nos respectivos campos de tiro, todo o recruta deve executar mais o tiro chamado *miscellanea*. Este tiro é feito em series de exercicios variados. Por exemplo : sobre um alvo de eclipse que apenas permanece visivel 4 segundos ou sobre um alvo constantemente fixo, fazendo fogo em 4 segundos.

Para os recrutas já instruidos ha mais tres classes de tiro: de escola, de varias classes ou *miscellanea* e de campanha. O primeiro executa-se de pé, sentado ou deitado, fazendo fogo á vontade, por descargas e de repetição, estando sempre cuidadosamente abrigados. O segundo executa-se como o primeiro e sobre alvos moveis. O terceiro executa-se na hypothese d'um thema tactico muito simples.

Os officiaes executam o mesmo tiro dos soldados.

Austria-Hungria. — Cartuchos para exercicios de tiro. — Para evitar os desastres causados principalmente pelos ricochetes, que lançam as balas para fóra das carreiras e campos de tiro, empregaram-se ultimamente na Austria uns cartuchos com bala especial. Estas balas, systema Weiss, são de chumbo não endurecido e dividido, de mais a mais, em quatro troços ou bocados. A camisa deixa a ponta completamente livre, de maneira que se fraccionam mal tocam qualquer obstaculo resistente, não dando, devido a isso, origem a ricochetes.

Este cartucho é feito de maneira a ter as mesmas propriedades balisticas.

E' uma medida que se devia pôr em pratica entre nós, porque auxiliava a resolver o difficil problema da escolha de local para carreiras de tiro, além de que os abrigos não necessitam ter tanta espessura, etc.

Russia. — Tiro comparativo entre artilheria e infanteria. — No poligono de Skohelen executaram-se este anno exercicios de tiro verdadeiramente interessantes pela maneira como foram feitos.

Os alvos eram tombantes e contra elles fez fogo uma bateria e uma companhia de 192 homens. A parte interessante d'estes exercicios constava no facto de pôr fóra do combate o homem correspondente ao alvo que cahia, de sorte que o effeito do tiro era avaliado pelos homens que deixavam de fazer fogo, o que equivale a dizer que se partia da hypothese de que eram os alvos que faziam fogo.

A 14 de junho teve logar um d'esses exercicios. A companhia queimou 1:080 cartuchos e perdeu o capitão, 3 sargentos e 70 soldados. A bateria lançou 56 granadas e perdeu 7 homens. Este exercicio foi executado a 2:000 passos.

A 17 do mesmo mez teve logar outro exercicio.

A companhia queimou 1:270 cartuchos e perdeu o capitão, 3 sargentos e 71 soldados. A bateria lançou 30 granadas e perdeu 1 official e 20 soldados. Este exercicio foi executado a 1:500 passos.

Republica Argentina. — De todas as nações do Novo Mundo é a Republica Argentina aquella que maiores progressos tem realisado debaixo do ponto de vista militar. A guerra do Paraguay, que ha cerca de 20 annos teve logar, fez radicar no povo d'esta nação o espirito de independencia. Mas recentemente a guerra do Deserto, effectuada atravez dos Pampas desconhecidos contra as tribus d'indios selvagens, deu ao povo argentino um caracter muito guerreiro.

No fim d'essa campanha, porém, dispunha a Republica Argentina apenas de 12:000 soldados, mal a mados, com equipamentos mediocres, com fraca disciplina e pouca instrucção, formando um exercito sem organisação e com um caracter mais mercenario do que nacional. Necessario era, portanto, depois dos triumphos do Paraguay e da campanha do Deserto, organisar o exercito em bases solidas, seguras e nacionaes afim de constituir um exercito moderno que garantisse a posse dos louros que tanto lhe tinham custado a ganhar.

O general Roca, o heroe da campanha do Deserto e o actual presidente da Republica, auxiliado poderosamente pelo ministro da guerra, o coronel Richeeri, reconhecendo essa necessidade, tratou de estudar as organisações militares européas e adaptal-as, no que fosse possivel, ao seu paiz. Realmente assim fez, e seguindo proximamente a organisação franceza, organisou o seu exercito nos seguintes moldes:

1.º *Exercito de 1.ª linha.* E' formado por voluntarios e pelo recrutamento obrigatorio. Ao cabo de 6 mezes de instrucção, faz-se o sorteio, ficando nas fileiras por dois annos os mancebos marcados pela sorte.

2.º *Reserva do exercito permanente.* E' formada por sete classes que são frequentemente chamadas a fazer um periodo d'instrucção de 20 dias.

3.º *Milicia.* Comprehende 12 classes, dos 29 aos 40 annos, sendo cada classe chamada a fazer quatro periodos de instrucção de 15 dias.

4.º *Territorial.* Comprehende 3 classes, dos 41 aos 45 annos, sendo chamada cada uma a um periodo de quatro dias de instrucção.

Regiões militares A Argentina, que é uma republica federal, é dividida em 7 regiões militares, sendo cada uma d'ellas commandada por um general.

Alto commando. E' feito pelo ministro da guerra.

Estado maior general. Tem por missão occupar-se da instrucção, inspecção e mobilisação do exercito.

Escolas militares. Na escola militar ha um curso preparatorio de 1 anno, e os cursos especiaes de 3 annos. Tem tres secções distinctas, infanteria, cavallaria e artilheria. Ha tambem uma escola para os sargentos que aspirem ao officialato. A' escola superior de guerra, com um curso de dois annos, pódem concorrer officiaes das tres armas.

Escola de tiro. Todos os officiaes são obrigados a frequental-a durante 6 mezes.

Escola de sanidade. É frequentada por aspirantes a medicos militares

Infanteria. E' formada por 14 regimentos, com 1 batalhão effectivo e 2 de reserva. O batalhão é formado por 4 companhias. A companhia tem 1 capitão, 2 tenentes, 1 alferes, 10 sargentos, 18 cabos e 70 soldados. Em pé de guerra tem um effectivo de 180 homens. A arma adoptada é a Mauser. Cada soldado transporta uma pá Linnemann e uma tenda abrigo, que, com o equipamento, dá o peso de 26 kilos. Empregam a mochileta.

Infanteria montada. Tem dois regimentos de infanteria montada.

Andinos. Ha mais 3 regimentos andinos, destinados á defeza da cordilheira dos Andes. Os batalhões d'estes regimentos estão armados com a Mauser e metralhadoras.

Tiro nacional. Na argentina ha um grande gosto pelo tiro e o tiro nacional está muito divulgado. Contam-se 600 sociedades com 70 :000 atiradores. Não ha villa, por modesta que seja, que não tenha a sua sociedade de tiro, sendo as carreiras muito frequentadas aos domingos. Graças a isto a instrucção de tiro dos soldados é muito simplificada Os argentinos, n'este ponto, só podem ser comparados com os suissos. Os bons atiradores teem vantagens grandes no momento do alistamento no exercito.

SECÇÃO OFFICIAL

Licença da junta — Praças regressadas do ultramar

Circular n.º 24 da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 10 de setembro de 1901.

Determinando que se envie mensalmente uma relação de todas as praças que estejam no goso de licença da junta por haverem regressado do ultramar.

Desistencias de servir no ultramar

Ord. circular da 1.ª divisão militar de 7 d'outubro de 1901, transcrevendo a nota n.º 83 da 2.ª repartição da secretaria da guerra.

Diz que de futuro não são acceites desistencias ás praças que se offerecerem para qualquer serviço nas provincias ultramarinas desde que as relações dos que se offerecerem forem remettidas ás estações officiaes.

Defensores por escolha

Ord. circular da 1.ª divisão militar n.º 48 de 25 d'outubro de 1901, transcrevendo a nota 227-A da 3.ª repartição da secretaria da guerra.

Determinando que os officiaes do exercito que acceitarem a missão de defensor por escolha dos réus que hajam de responder em conselho de guerra ou de disciplina não teem direito aos abonos de marcha e de residencia nem a transporte por conta do estado.

Commandos d'infantaria e cavallaria — Attribuições

Ord. circular da 1.ª divisão militar n.º 49 de 20 de novembro de 1901, transcrevendo a nota 245-A da 3.ª repartição da secretaria da guerra.

Determinando que os directores geraes dos serviços de infantaria e cavallaria tenham as mesmas attribuições que no regulamento das escolas para praças de pret eram commettidas aos commandos geraes das referidas armas, cessando as attribuições dos commandos das brigadas sobre as escolas regimentaes.

Remonta

Circular da 4.ª repartição da secretaria da guerra, de 26 de novembro de 1901.

Determinando que todos os assumptos relativos a remonta devem ser resolvidos pela Direcção geral dos serviços de cavallaria.

Methodo Guerreiro da Costa

Circular n.º 10 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 7 de dezembro de 1901.

Manda adoptar para o ensino dos aprendizes de musica o *Methodo* (1.ª parte) do mestre reformado José Guerreiro da Costa.

Quartêto de 2.ª classe

Circular n.º 10 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 26 de dezembro de 1901.

Que os musicos de 2.ª classe que fazem parte do quadro effectivo das bandas são os que constituem o quartêto de 2.ª classe.

Bandas de musica

Circular do commando da 1.ª divisão, de 7 de janeiro de 1902.

Determina que cada domingo ou dia santificado seja nomeada uma banda de prevenção, não podendo o seu pessoal affastar-se do quartel.

Musicos de 2.ª classe

Circular da 2.ª repartição da secretaria da guerra, n.º 16, de 9 de janeiro de 1902.

Determina que os musicos de 2.ª classe não podem mudar de instrumento, sem concessão d'aquella secretaria.

Licenciamento para a reserva

Circular da 2.ª repartição da secretaria da guerra, n.º 106, de 25 de janeiro de 1901.

Que continua o licenceamento para a reserva no fim do 2.º anno, nos termos da base 2.ª da carta de lei de 14 de julho de 1899, com relação aos voluntarios, recrutados e compellidos, ficando assim entendido o artigo 4.º e § 1.º do artigo 8.º do regulamento de 24 de dezembro de 1901. Com respeito aos refractarios será observado o disposto no artigo 172.º do mesmo regulamento.

Recrutas para as escolas praticas

Circular da 2.º repartição da secretaria da guerra, n.º 6, de 27 de janeiro de 1902.

Que o disposto no artigo 120 º do regulamento de 24 de dezembro de 1901, comece a ter execução em 1 de janeiro de 1903.

Reservistas

Circular da 3.ª repartição da secretaria da guerra, n.º 31 A, de 29 de janeiro de 1902.

Instrucções sobre a matricula dos reservistas e districtos de que fazem parte, que é o do seu domicilio.

5.º Anno Outubro de 1902 N.º 10

REVISTA DE INFANTERIA

SOLDOS E GRATIFICAÇÕES

I

Ha já muito tempo que andamos com vontade de nos referir a este assumpto. Temos, porém, resistido a esta tentação, bem como aos muitos pedidos e variadas cartas que sobre este mesmo assumpto temos recebido, porque sempre entendemos que a necessidade de augmentar os soldos e gratificações se tornára tão evidente que não necessitava de palavras extranhas que a pozessem em relevo. Mas agora reconhecemos que prolongar mais o nosso silencio seria commetter uma falta perante as necessidades dos nossos camaradas, perante os interesses do exercito e mesmo perante os destinos da patria, tal é a urgencia em voltar as attenções para este assumpto. O exercito está atravessando uma crise a que é indispensavel valer quanto antes. Para o comprehender não é necessario fazer um complicado estudo de psycologia social, basta dizer que os soldos actuaes datam de 1887, as gratificações, as miseras gratificações, de 1872, e que os descontos teem augmentado d'uma maneira assombrosa, chegando mesmo a absorver 20 a 30 % do soldo, já por si tão magro.

Além d'isso, em flagrante contraposição, vemos que as exigencias augmentam dia a dia, que os encargos se mul-

tiplicam d'uma maneira vertiginosa e que os meios de vida se tornam cada vez mais caros e n'um crescendo assustador, não podendo, por isso, como ninguem ignora, os magros e reduzidos vencimentos fazer face a tão imperiosas necessidades.

N'estas condições o desequilibrio financeiro e economico é fatal, porque os recursos que o Estado garante não são sufficientes para fazer face aos encargos que a sociedade exige, nem ás despezas que a familia reclama. E tanto assim que se tudo encarece d'uma maneira progressiva e bem notoria, para que o desequilibrio se não désse era indispensavel que os vencimentos augmentassem na mesma proporção. Nada, comtudo, d'isso se dá. Antes pelo contrario. Os vencimentos em logar de terem augmentado, teem sido diminuidos pelos impostos que por varias vezes lhe teem sido lançados, sem ninguem se lembrar que é exactamente a vida militar aquella que maiores encargos demanda pelo lustre que exige e pelo logar na sociedade a que tem direito. O militar não póde, não deve viver como qualquer cidadão, porque precisa subordinar a sua linha de conducta aos altos e imperiosos interesses da classe a que pertence, que deve ser intangivel e conservada immaculada para ser obedecida e respeitada. Mas, para todos terem uma linha de conducta identica, irreprehensivel, sem nodoas, sem manchas e sem vergonhas, é necessario que o Estado lhe garanta os recursos necessarios para poder fazer face aos encargos que lhe são exigidos pelo logar que lhe impõe dentro da sociedade. Lançar encargos que manifestamente não se pódem satisfazer, é contrasenso que repugna admittir. Mas, admittindo, por hypothese, que o Estado não se importe com o exacto e fiel cumprimento dos nossos deveres, a sociedade que é implacavel, não perdôa, chegando mesmo a afastar, com desdem e despreso, como filhos espurios, todos aquelles que não possam sustentar o logar que a sua posição social lhe garante e marca, sem haver quem se lembre que a culpa não é do individuo, mas sim da nação, embora arrastada e violentada pelas suas más finanças.

Assim o official se vê obrigado a retrahir-se, a afastar-se dos homens de sociedade para viver parcamente n'um meio de menores exigencias.

Nós, porém, que somos militares, não podemos deixar de encarar a questão por outro prisma, e este talvez de mais interesse para a classe e para o proprio exercito. Se

o official não tem hoje os meios necessarios para viver decentemente, se lucta mesmo com difficuldades para arrostar com os encargos de representação que a vida militar demanda, se se vê embaraçado para sustentar a familia e educar os filhos, se não tem portanto a vida garantida, é evidente que um desfallecimento lhe turvará muitas vezes a dedicação e o interesse que ao paiz é necessario e imprescindivel que votemos á nossa profissão.

E' um circulo vicioso este em que cahimos. Por um lado importa assegurar e garantir á classe militar, a mais mal remunerada dos servidores da nação, os meios necessarios para a sustentação da nossa posição social, por outro lado esta garantia reverte toda em beneficio do paiz porque se traduz em dedicações, em profiado trabalho, em mais nitida e efficaz garantia para a defesa nacional.

E' uma despeza productiva, além de ser um dever moral.

Para que a nossa profissão possa ser encarada como um sacerdocio, para que a nossa alma abrasada no santo amor da patria possa sempre sorrir a todas as vicessitudes e contrariedades e trabalhos e fadigas que se erguem a cada passo debaixo dos nossos pés, é mister que a parte material, mas implacavelmente dominadora da existencia, tenha senão um completo conforto pelo menos um relativo desafogo.

E assim todos nós teriamos o prazer e a ventura de vermos desapparecer essas mil e uma maneiras com que legitima e honradamente todos procuram augmentar um pouco os seus magros vencimentos, exercendo funcções estranhas á nossa profissão, mas com que, aliás, muito prejudicam os verdadeiros interesses da defeza nacional.

O problema tem mais vastidão do que á primeira vista parece. Correlacciona-se com os mais altos interesses do Estado.

E é por isso que nós affirmamos que não são sómente as necessidades evidentes dos nossos camaradas nem os interesses do exercito que nos levam a pedir, como medida extremamente necessaria, augmento de soldos e melhoria de gratificações. No principio d'este artigo servimo-n'os como argumento, dos destinos da patria para chegar a essa conclusão. Muitos julgarão que esse argumento sirva sómente para lançar ao vento palavras que impressionem. A esses dir-lhe-hemos, antes de mais nada, que quando os destinos da patria não são apoiados fortemente por um vigoroso exercito fica a propria patria á mercê dos aven-

tureiros de poucos escrupulos que a podem pôr em retalhos com um outro tratado de Fontenaibleau ou que a pódem esmagar e calcar aos pés como uns outros Filippes. Quem o ha de impedir se os officiaes, para manter uma vida honesta, precisam roubar tempo ás occupações militares?

Mas não queremos continuar n'esta ordem de idéas para não pôr em relevo a situação precaria a que se deixou chegar a corporação dos officiaes, pois que a culpa não é d'elles. Procuremos, em exemplo extranho, argumentos que nos levem á mesma conclusão, á conclusão que nos mostre ser necessario garantir-lhe uma vida independente e desafogada. O celebre general *von der* Goltz, no seu livro, notavel por tantos titulos, de *Rosbach & Iena*, antes de descrever a primeira batalha mostra-nos o estado prospero do exercito allemão e a vida desafogada que tinham os seus officiaes, mas 50 annos depois d'esse triumpho, descrevendo o desastre de Iena e procurando em seguida as suas causas, é levado a concluir que uma d'ellas é devida ao estado de dependencia e miseria a que se tinham, durante esses 50 annos, deixado chegar os officiaes do seu exercito. A analyse d'essa causa, que é feita em menos de meia duzia de paginas, é tão cheia de verdade e de tal maneira sugestiva que, quando as lemos, chegámos a duvidar se se trataria de nós mesmos.

Nós, que não podemos dar conselhos, limitar-nos-hemos a recomendar essas paginas vibrantes de realidade. N'ellas se encontram argumentos de sobejo que radiquem essa necessidade. A experiencia, que é a mestra da vida, e a historia, que é a lição do passado e o espelho do futuro, quando apresentados d'uma maneira tão clara, não pódem deixar de convencer a todos, se a pratica diaria não é bastante para só por si levar a essa mesma convicção.

Para resolver a crise financeira porque estão passando os officiaes do exercito, principalmente os de infanteria, ha tres processos a seguir. O primeiro e evidentemente o mais efficaz e de effeitos seguros, é o augmento de soldo. O segundo, é a melhoria de gratificações. O terceiro, é o conjuncto de medidas tendentes a suavisar e tornar mais economica a vida do official.

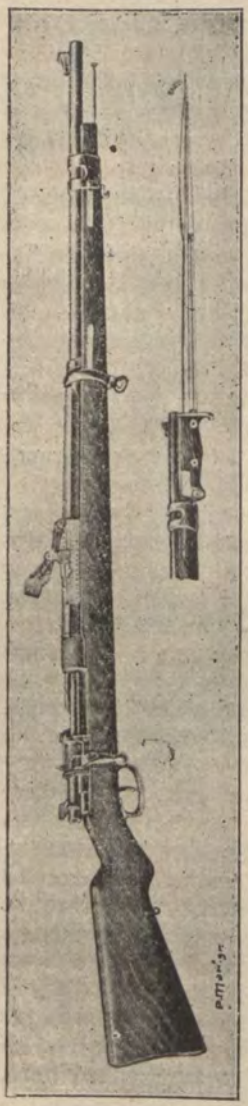
Em breve indicaremos, segundo o nosso criterio, o que sobre cada um d'estes processos se póde fazer.

(Continua).

David Rodrigues
Tenente d'inf.ª

A espingarda allemã

(Modelo 1898)



Já tivemos occasião de dizer que a Mannlicher allemã ia ser substituida pela Mauser. Hoje, devido aos dados que nos fornece a primorosa publicação illustrada — *Revista Encyclopedica* — podemos completar essa noticia.

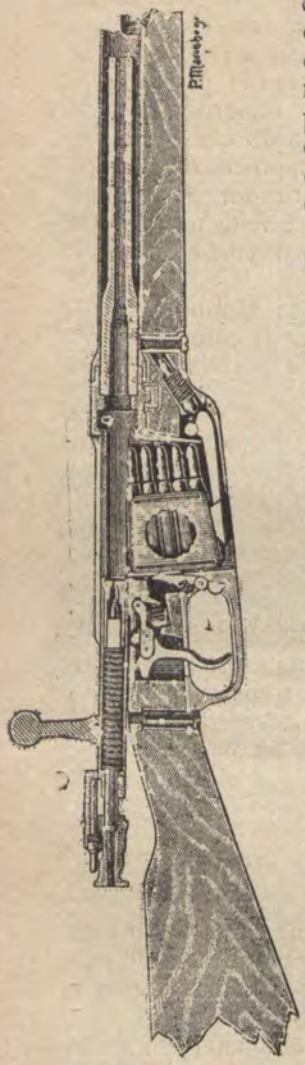
Uma das particularidades da Mannlicher, que a salientava de todas as mais, consistia n'um envolucro metalico dentro do qual estava collocado o cano, deixando um pequeno intervallo, havendo, portanto, entre o cano e o envolucro uma camada d'ar.

Esta disposição original tinha por fim evitar o aquecimento progressivo do cano pela acção do fogo rapido. Segundo, porém, experiencias do dr. Hebler, reconheceu-se que os resultados obtidos eram exactamente contrarios áquelles que se esperavam, o que aliaz é facil de comprehender, porque a camada d'ar, não se podendo renovar facilmente, evitava a irradiação calorifica, que se dá nas outras armas.

Mas ainda não tinha só este inconveniente. Para compensar o augmento de pezo resultante do emprego do envolucro metalico, diminuiram os allemães a espessura do cano. D'aqui, como é facil de ver e se reconheceu dentro em pouco, o cano não offerecia a resistencia devida e os desastres succediam-se.

Para evitar este inconveniente e

aproveitar as vantagens da Mauser, é que os allemães adoptaram esta arma, com as modificações que vamos indicar.



O cano é formado por troncos de cone envolvendo-se por maneira que os exteriores reforçam os interiores, ficando, muito principalmente na parte correspondente á camara, com uma espessura muito superior á da Mannlicher, evitando-se assim os desastres que d'antes se succediam com frequencia.

O deposito, collocado no fuste, como na Mannlicher, differe em não ser vasado de lado a lado, mas fechado na parte inferior, junto ao guarda mato, evitando-se assim a entrada dos corpos extranhos, que impediam o regular funccionamento.

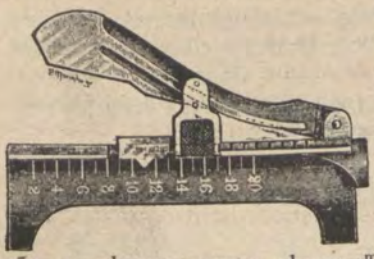
O carregador antigo era formado por uma lamina recurvada que segurava os cartuchos pelo estrangulamento, cahindo pela fenda inferior.

O actual prende os cartuchos pela base, sendo por consequencia menos pesado. Para carregar o deposito não se introduz a lamina, como no antigo, mas collocam-se os cartuchos conforme a figura junta e com o dedo pollegar fazem-se cahir no deposito, deitando depois a lamina fóra ou arrecadando-a para outros cartuchos.

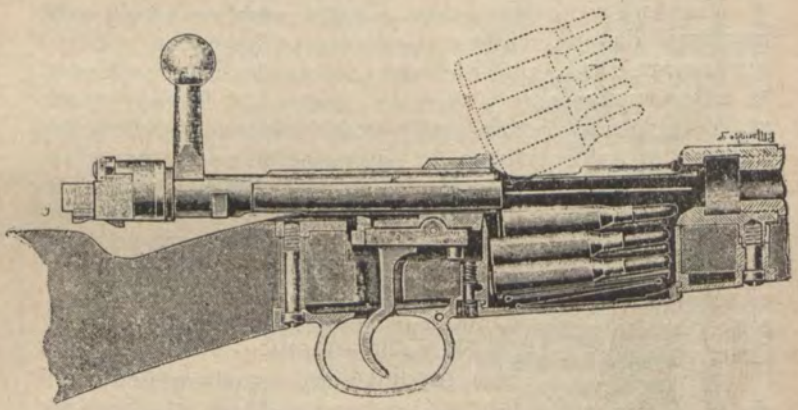
Na culatra tambem se fizeram algumas modificações de somenos importancia.

Uma das modificações mais curiosas e originaes é a que foi feita na alça, que forma hoje um modelo unico. Compõe-se, conforme se vê da figura junta, de uma lamina articulada com a base da alça, ao longo da qual corre um cursor munido d'um ponteiro que o atirador faz corresponder com a divisão indicadora da distancia a que se pretende fazer fogo. O cursor tem uma orelha de cada lado com duas peque-

nas cavilhas, que entrando nas ranhuras correspondentes ás divisões da alça, determinam a posição da lamina. Como se vê da figura, aproximando o cursor da articulação da lamina, esta eleva-se. O contrario succede quando se afasta, estando portanto as distancias maiores do lado da articulação e as menores do lado opposto, ou seja do lado do atirador. A graduação, em hectometros, de 200^{m} a 2:000^{m}, é feita na base da alça, ficando os numeros pares do lado direito e os impares do esquerdo.



O antigo punhal, de 0^{m},3, da antiga Mannlicher, foi substituido por um sabre-bayoneta de 0^{m},5 de cumprimento, com a forma rectilinea junto ao punho e um alargamento



curvilineo entre a parte media e extrema, terminando esta em ponta muito aguçada. Para evitar a perturbação nas vibrações do cano resultantes do tiro, é fixado ao fuste e não ao cano.

O calibre de 7,^{mm} 9 é o mesmo da Mannlicher, podendo assim utilisar as mesmas munições.

A velocidade inicial é de 630,^{m} o alcance maximo de 4:000,^{m}, atravessando a 100 metros 0,^{m}8 d'espessura de

madeira de pinho secca, 0,m5 a 1:800m e a 306 metros uma chapa de ferro de 0m,007 d'espessura.

Esta arma está-se fabricando actualmente nas fabricas do estado de Spandau, Erfurt e Dantzig e na propria fabrica Mauser.

Está já distribuida ao 10.º corpo de exercito e já foi empregada pelo corpo expedicionario á China.

EQUIPAMENTOS DA INFANTERIA

(ESTUDO COMPARATIVO)

I

Vamos hoje começar um estudo comparativo do equipamento das principaes potencias militares europêas e norte-americanas, que nos parece será devéras interessante e instructivo para os nossos camaradas. Para o estudo ser completo e convenientemente illucidativo faremos primeiramente a descripção do equipamento usado em França, Allemanha, Inglaterra, Austria, Belgica, Dinamarca, Hespanha, Estados-Unidos, Italia, Noruega, Hollanda, Russia e Suecia para depois os podermos comparar e confrontar com o nosso. Assim esperamos ter por comparação elementos que nos illucidem d'aquillo que nós temos bom e se deve conservar e do que temos mau e se deve modificar, alterar, pôr de parte ou augmentar.

As condições do soldado, devido ao recrutamento e á duração dos effectivos, conjunctamente com as exigencias da guerra moderna, bem differentes da guerra preconisada ha uns annos, teem obrigado a pôr de parte muitas coisas que d'antes se reputavam boas. Os equipamentos teem seguido esta evolução e hoje é universalmente reconhecida a necessidade de aligeirar o soldado o mais possivel. Não são sómente as grandes barretinas do tempo de Napoleão, ou da nossa campanha peninsular, que teem sido postas de parte com um geral desdem; os equipamentos pezados d'essa epocha, verdadeiros fardos, teem soffrido identico destino.

Para que este estudo seja completo, não podendo deixar duvidas para tirar as conclusões a que pretendemos chegar, seguiremos as pizadas do major do exercito francez Lavisse, juntando sempre grande numero de gravuras para tornar mais comprehensiveis as descripções.

Comecemos pela França.

França

Mochila. E' de tecido negro impermeavel, sustentado por um quadro de madeira. Tem a altura de $0^m,27$, largura de $0^m,34$ e a espessura de $0^m,12$.

Na parte superior tem dois passadores para os francaletes do capote. Entre estes dois passadores ha um outro que dá passagem a uma correia que prende os utensilios de bivaque. Lateralmente tem outros dois passadores para os francaletes que prendem as extremidades do capote. A mochila peza $1^k 750^g$.

Fig. 1

Os *suspensorios,* que se ligam pela frente ás cartucheiras por meio d'um gancho metalico (fig. 1) prendem se á mochila por meio d'um gancho bifurcado e ligam-se na parte superior e posterior das costas a um annel de ferro que está prezo a uma correia que se liga posteriormente ao cinturão.

As *cartucheiras,* ligadas ao cinturão, teem na parte superior e posterior collocado o annel de suspensão, a que se prendem os suspensorios. Cada uma comporta 40 cartuchos.

O *bornal,* de forte tecido de côr escura, é sustentado pela correia que se vê na fig. 1 e que passa da direita para a esquerda.

O pequeno equipamento consta d'um pequeno copo de metal, d'um estojo contendo

linhas, agulhas, thesoura, dedal e pente. Leva mais na mochila o soldado francez duas camisas de flanella, uma calça de brim, umas ceroulas, dois lenços, um cinto de flanella, uma gravata, um par de polainas de tecido, uma marmita, pensos, escovas, um bilhete de identidade e a caderneta.

Fig. II

O cantil, que tem a capacidade de 1 litro, é de folha estanhada, está coberto com um tecido escuro e é sustentado pela correia que se vê na figura 1 e que parte da esquerda para a direita.

Além da marmita individual o soldado francez transporta os seguintes *utensilios collectivos:* 1 marmita para 8 homens, 1 marmita para 4 homens, 1 moinho de café para 30 homens, 1 pá, saccos para distribuição e 1 balde para 12 homens. Estes artigos em muitos exercitos são transportados nos carros regimentaes. Os francezes distribuem-os pelos soldados em caso de mobilisação. N'estes mesmos casos certos corpos devem ir munidos de tendas-abrigos, transportando o soldado os pannos, as cordas e as estacas respectivas.

A cada soldado é fornecido um par de sapatos altos, systema *boat* inglez, e um outro par de sapatos bastante decotados, quasi sandalias. Aquelles são empregados em campanha e estes no serviço de quartel.

Transporta mais o soldado francez a arma e 120 cartuchos.

O pezo total varia de $25^{k}817^{g}$ a $26^{k}337^{g}$ conforme transporta sómente o equipamento individual ou alguns dos artigos *collectivos* de acampamento.

BATALHÕES DE CAÇADORES

O § 3.º do decreto de 24 de dezembro de 1901 diz:

«Em cada batalhão de caçadores haverá um pelotão de sapadores e outro de cyclistas, e em cada companhia d'estes batalhões uma secção de metralhadoras com a constituição que para essas unidades for determinada.»

No quadro n.º 11 da Ordem do Exercito que insere o referido decreto vem a *composição* de um batalhão.

Sobre a *constituição* dos batalhões, isto é, sobre a qualidade do pessoal, regulamentos diversos e qualidade de material, cremos que serão prestadas informações por uma commissão que para esse fim vae ser nomeada.

O assumpto é melindrosissimo, não sendo portanto para desprezar as opiniões dos officiaes da arma que se dediquem ao estudo das differentes especialidades incumbidas aos novos corpos de caçadores.

Seja-nos pois licito, emquanto é tempo, lembrar alguns pontos a que, na nossa humilde opinião, se deve attender sobre a maneira porque devem ser constituidos esses corpos d'*élite*.

a) Os officiaes deverão ter o curso da arma.

b) Os sargentos deverão ter o curso da escola central de sargentos.

c) Os soldados deverão ser recrutados dentro dos regimentos da divisão a que for attribuido cada batalhão, sendo preferidos:

1.º Os que souberem lêr e escrever.

2.º Os de melhor aspecto. (1)

3.º Os voluntarios

---

(1) Insistimos n'esta qualidade para que não se continue a ver, fardados de caçadores, especies de anthropomórphos representando a *élite* da nossa infanteria.

d) Em cada companhia deverá haver 8 signaleiros, fazendo parte do seu equipamento uma bandeira de signaes com haste articulada, que será conduzida facilmente.

Isto é tanto mais necessario, quanto é certo que não ha na infanteria pessoal especialmente encarregado do serviço importantissimo de signaes.

e) Os sapadores, como está determinado, deverão constituir um pelotão por batalhão.

Para que esse pelotão tenha força proximamente egual á dos pelotões dos regimentos de infantaria, deverá ter em pé de guerra:

1 official subalterno.
2 segundos sargentos.
4 primeiros cabos.
48 segundos cabos e soldados.

Em pé de paz deverá ter:

1 official subalterno.
1 segundo sargento.
6 primeiros cabos.
24 segundos cabos e soldados.
6 aprendizes.

f) A instrucção deverá versar sobre as I, III, IV, e V partes do *Manual do Sapador de infanteria e cavallaria*, que comprehemdem:

1) Fortificação.
2) Pontes improvisadas.
3) Destruição parcial das vias de communicação.
4) Destruição de obstaculos.
5) Reconstrucção parcial de estradas ordinarias.
6) Passagens de nivel.
7) Caes de embarque.
8) Trabalhos accessorios de acampamento e bivaque. (1)

g) A instrucção tactica de infantaria nos corpos de caçadores, deverá versar especialmente sobre:

1) *Ordem dispersa*, empregando sempre a maxima flexibilidade.
2) *Serviço de exploradores*. (2)

---

(1) Os sapadores dos regimentos de infanteria deverão unicamente receber instrucção sobre fortificação, sapas e trabalhos accessorios de acampamento e bivaque (I, II e V partes do «Manual»).

(2) Como programma de instrucção especial dos esclarecedores tomamos a liberdade de lembrar o precioso trabalho do distincto capitão de infantaria J. Gil, publicado n'esta Revista.

3) *Surprezas e emboscadas.*
4) *Marchas de velocidade e de resistencia.*

h) O armamento deve ser a carabina por ser mais leve e muito convir aligeirar o mais possivel o soldado de caçadores.

i) Os corneteiros deverão usar *requinta* e ser armados tambem com carabina, transportando-a em bandoleira ou a tiracollo.

j) Em campanha os musicos terão a missão de maqueiros, sendo os instrumentos transportados n'uma viatura.

k) As companhias dos batalhões de caçadores ficariam constituidas pela seguinte forma, sem alteração do effectivo de paz fixado no citado quadro n.º 11, e com menos 33 soldados no effectivo de guerra, o que nos parece de grande vantagem para a mobilisação d'aquelles corpos de *élite*.

Companhias		Pé de paz	Pé de guerra
Capitães		1	1
Tenentes ou alferes		2	4
Primeiros sargentos		1	1
Segundos »		3	6
Primeiros cabos	apontadores	2	4
» »	sapadores	1	1
» »	esclarecedores	4	12
Corneteiros		2	4
Aprendizes de corneteiro		1	—
Segundos cabos ou soldados	Cyclistas	2	4
	Serventes de metralhadora	4	8
	Aprendizes de servente	2	—
	Conductores	4	8
	Sapadores	4	12
	Aprendizes de sapador	1	—
	Signaleiros	4	12
	Esclarecedores	48	144 [1]
Total		86	221

l) *Emblemas*—Os officiaes usariam nos dois extremos da golla uma trompa de caça em metal dourado, tendo ao centro o numero do batalhão em metal prateado.

Os emblemas das praças de pret seriam de latão e

[1] Um pelotão em pé de paz e tres em pé de guerra.

usar-se-hiam na parte superior do canhão, devendo ser os seguintes:

Sargentos: Uma trompa de caça.
Cyclistas: Uma bicycleta.
Metralhadores: Um *A*, um *S* ou um *C*, atravessado por um raio em zig-zag, conforme a praça fosse apontador, servente ou conductor.
Sapadores: Duas picaretas ....
Signaleiros: Duas bandeiras ... } em cruz
Esclarecedores: Duas carabinas

m) Em campanha e em manobras seria attribuido a cada brigada de infanteria um grupo de duas companhias de caçadores.

n) Os batalhões de caçadores não deveriam fornecer deligencias nem destacamentos.

Nada mais se nos offerece dizer por agora, esperando que estas ligeiras notas não deixarão de ser ponderadas pela commissão.

G. V.

No Sul da Africa

2.ª PARTE

(Continuado do n.º 9—5.º anno)

IV — *Os ataques de frente são d'uma execução difficil, e mesmo impossivel se o defensor estiver occulto.*

Depois do que temos dito é facil de ver que assim seja. Não tendo informações exactas, positivas e seguras da posição e dos effectivos do adversario, não podendo effectuar uma preparação do ataque, que abale e obrigue a desmascarar as intenções, e não tendo finalmente um alvo visivel e saliente sobre o qual se possa fazer fogo, fatalmente o

atacante que se encontrar n'estas condições tem a luctar com difficuldades verdadeiramente insuperaveis, porque além de obrar e proceder ao acaso vê-se envolvido por uma infernal chuva de balas que lhe apparecem sem positivamente saber d'onde lhe vem.

Devido a essa incerteza e ao poder das armas modernas os inglezes, no Transvaal, foram quasi sempre infelizes em todos os combates de frente. Assim os vemos em Colenso sem saberem para onde fazer fogo, porque não viam o inimigo, mas em contraposição, vemol-os subjugados por um fogo invisivel e de tal maneira intenso que os obrigou a larçar por terra.

Em Modder o exemplo foi mais frizante. Não tinham informações do inimigo, não poderam preparar o ataque e quando toda a infanteria avançava para atacar de frente as posições boers, são surprehendidos por um fogo de tal sorte vivo, certeiro e intenso, que «a esta distancia (600 metros) o tiro dos boers torna-se d'uma espantosa intensidade e precisão. As balas Mauser chovem, sem que se possa distinguir d'onde vêem. Responde-se ao acaso, com esses fogos de descargas tão queridos dos inglezes, mas como os homens cahem ás duzias, como o terreno completamente descoberto não lhes offerece abrigo algum, fazem-n'os deitar por terra» [1] onde, a maior parte, permaneceu o dia inteiro. O correspondente do *Daily Chronicle* accrescenta — «Todo o homem que se levantasse era immediatamente ferido,» o que parece ser verdadeiro porque o fogo foi tão intenso que os proprios inglezes, segundo o *Times* affirma, se encontraram na dura situação de «cada um dos nossos soldados, cavar onde se encontrava, um abrigo de atirador com a propria bayoneta». [2]

Já vemos por estes dois exemplos que os inglezes tentaram atacar de frente as posições boers, mas não podendo avançar por causa da intensidade, precisão e justeza do fogo contrario, ficaram na situação de não os poderem vencer pela bayoneta, porque não se podiam approximar.

Magersfontein offerece-nos identicos exemplos e que não vale a pena estar a reproduzir.

Não se julgue em todo o caso que por estes exemplos nós queremos fazer regra geral e condemnar *in limine*

---

[1] *La Guerre Sud-Africaine* — pag 205.
[2] *La Guerre au Transwaal* — pag. 291.

os combates de frente. Se nas batalhas que descrevemos não deram resultado é porque os effectivos eram proximamente eguaes e porque os boers tinham d'ante-mão preparado tão prudente como cautelosamente as suas posições defensivas,

Casos ha, porém em que os combates de frente dão resultado. Nos dois primeiros combates de toda a campanha, Glencoe e Elandeslaat, os inglezes foram felizes talvez devido ao facto de os boers não terem organisado previamente as suas posições.

Houve tambem um combate de frente do qual não podemos deixar de dar uma ideia geral, e com tanto mais prazer o fazemos quanto é certo que já em tempos n'esta mesma Revista indicamos que os combates dados assim deviam ser garantia de bons resultados. No combate de Graspan, que é ao que nos estamos referindo, 7 batalhões de infanteria approximaram-se de noute a 250 metros das posições boers. Com os primeiros alvores são recebidos pelos boers com uma descarga geral e simultanea, que partindo do alto dos *copjes* que ficavam na frente, causaram grandes baixas nos inglezes, mas, não obstante, estes desenvolveram-se rapidamente e com as bayonetas nas pontas das armas conseguem levar os boers de vencida.

Não nos deixemos, comtudo, seduzir pelas bellezas e facilidades da theoria apoiada por um exemplo já historico. Como muito bem diz Gilbert.. «Nenhuma operação é mais seductora em theoria, mas nenhuma outra reclama tantos cuidados e condições felizes na pratica.» [1]

Realmente assim é. Para poder executar um combate d'esta natureza é necessario, primeiro que tudo, conhecer muito bem o terreno, os caminhos e as distancias, assim como a posição exacta do adversario que se pretende bater. Se isso faltar, o desastre pode ter consequencias graves, que foi o que succedeu aos inglezes em Stormberg. Tendo de fazer durante a noute um trajecto de 14 kilometros em caminho de ferro e um outro a pé de 12 kilometros, foram cahir ao romper do dia d'encontro ao *copjes* occupado pelos boers, que tentaram escalar, como em Belmont, mas que não poderam porque as encostas eram formadas de rochas escarpadas.

---

[1] *La Guerre Sud-Africaine*, pg. 244.

Para fallarmos com toda a justiça, como o caso reclama, deve dizer-se que uma das causas que muito contribuiu para que os ataques de frente tentados pelos inglezes não dessem resultados, foi a maneira como os executaram. Os inglezes, verdadeiramente, nunca tinham experimentado um combate em regra, não tinham a experiencia nem a pratica. Devido a isso apresentaram-se no Transvaal fazendo uso da tactica de 70, e, esquecendo por completo as subtilezas que o combate moderno exige, soffreram derrotas formidaveis. Apresentando-se a peito descoberto contra um inimigo invisivel que lhe envia constantemente saraivadas de chumbo, perderam soldados sem limites e officiaes sem conta, porque uns e outros combatiam a peito descoberto, offerecendo por isso um excellente alvo. Assim, expostos, combatendo em massa, não aproveitando o terreno e desprezando os effeitos do tiro adverso, não conseguiram em geral, levar a cabo um ataque de frente.

De maneira diversa procederam os boers. «Rastejando e sustentando um fogo continuo e d'intensidade progressiva, obtiveram, apezar da desproporção enorme dos effectivos, uma superioridade cada vez maior [1].» Realmente assim procederam sempre e foi devido a isso que elles, tomando a offensiva, conseguiram em Farquhar's Farm, Cezar's Camp e Spion Kop, quasi os unicos combates em que tomaram a offensiva tactica, vencer os inglezes. Em Spion Kop executaram uma marcha d'avanço tão habilmente que, diz Gilbert — «Escalaram com toda a segurança as encostas ao abrigo das vistas... [2]» e assim, chegados á distancia efficaz dos seus fogos — «contentaram-se em encerrar a posição ingleza n'um semi-circulo de atiradores embuscados, não obrando senão pelo fogo, mas por um fogo verdadeiramente desencadeado [3]» que foi o bastante para os vencer.

De identica maneira procederam nos mais combates em que optaram pela offensiva. Se os inglezes tivessem procedido com a mesma prudencia e identicas cautellas é crivel que tivessem obtido melhores resultados e é certo que teriam poupado muitas vidas.

---

[1] *Revue des Deux Mondes*, d'um artigo attribuido ao general francez Negrier — 15 de junho de 1901.
[2] *La Guerre Sud-Africaine*, pag 335.
[3] Idem.

Ora n'estas condições, estando o inimigo occulto e tão bem abrigado que não seja possivel destinguir ao certo a posição que occupa, o que é possivel, como já vimos, e tendo além d'isso, de soffrer a acção desmoralisadora d'um intenso fogo invisivel, como se ha-de tentar avançar se esse mesmo fogo obriga os soldados a lançarem-se instinctivamente por terra? De frente certamente não, porque embora se consiga fazer progredir o combate será sómente á custa de muitas perdas.

Os inglezes, cegos pela ignorancia e impulsionados pelo stoicismo da sua raça, abalançaram-se nos primeiros periodos da campanha a esses combates de frente sem effectuarem o mais pequeno movimento sobre os flancos ou envolvente, e soffreram-lhe as duras consequencias. A propria experiencia mostrou-lhe, embora tardiamente, que esse processo se tornava extremamente caro e foi então que elles deixaram essa tactica velha, essa tactica escalonada, para empregarem as linhas extensas que lhe permitissem os ataques de flanco e mesmo o envolvimento completo do inimigo. Paardeberg foi a primeira batalha ferida n'estas condições. Roberts, conhecendo a causa dos desastres de Colenso, Modder, Magersfontein, Stormberg e o preço porque lhe tinham ficado os outros combates e batalhas em que os inglezes ficaram vencedores, viu a necessidade de pôr de parte as linhas escalonadas e os combates de frente e reconheceu vantagem de empregar as linhas extensas para effectuar os movimentos envolventes.

Desde então as frentes do adversario foram consideradas quasi como invenciveis e apenas vulneraveis os flancos e a retaguarda, o que a ordenança ingleza, ultimamente publicada, confirma plenamente.

David Rodrigues.
Tenente d'inf.ª.

As manobras na 2.ª divisão

Em cumprimento da ordem do ministerio da guerra foi convocada a 1.ª reserva dos districtos n.os 9 e 14 que formam a 3.ª brigada d'infanteria, constituindo com um grupo de baterias d'artilharia 2, um grupo d'esquadrões de cavallaria 7 e 8 e respectivos serviços auxiliares, uma brigada mixta (partido oeste) que se reuniu em Vizeu no dia 3 de setembro para, em harmonia com o plano d'exercicios, cobrir o flanco esquerdo e retaguarda d'um corpo d'exercito, concentrado no valle do Mondego, entre Celorico, Mangualde e Ceia.

O inimigo (partido leste) era figurado pelo 3.º batalhão d'infanteria 14 a 3 companhias, devendo cada companhia conservar a frente correspondente a um batalhão, uma secção d'artilharia indicando duas baterias e um pelotão de cavallaria que figurava 2 esquadrões.

Dispense-nos os nossos leitores de indicar mais detalhadamente o plano d'exercicio, que de todos já é conhecido pela imprensa diaria.

Vamos fazer resahir alguns ensinamentos, dos que são possiveis sempre aproveitar, n'estas incomparaveis lições para os exercitos durante a paz, cujo complicado mechanismo, onde a harmonica travação das suas partes, a consonancia dos seus orgãos, a regularidade e perfeição dos seus regrados movimentos, são o penhor da sua efficacia e energia.

Sentimos verdadeiro prazer em registar aqui, quanto se tem regularisado e progredido na execução dos differentes

serviços de campanha, o que só se poderá conseguir, vivificando-os com este genero d'instrucção.

Foi extraordinariamente rapida a incorporação dos reservistas em ambos os districtos, fazendo-se a apresentação de 1:200 homens no 1.º dia em 5 horas, sem difficuldades nem confusões, destinando-se n'este curto espaço de tempo a cada um o seu logar nas companhias, chegando no dia seguinte os restantes que traziam dois dias d'itinerario. As falhas deram a media de 3,5 por cento, incluindo os dispensados por motivos justificados.

Isto vem confirmar como a nossa gente, reunindo á virtude heroica do soldado o esforço na marcha, impassiveis em presença de numerosas contrariedades, sabe empregar todos os esforços para no momento opportuno estar affeita a morrer ou a vencer e triumphar em defeza da patria.

E' tudo pouco, quanto se diga da forma brilhante como os reservistas se apresentaram n'essas manobras. Como era curioso ver a forma de esplendida disposição como elles entravam em Vizeu, a seguir aos exercicios, parecendo que iam para uma festa e tendo ás vezes já percorrido 25 a 30 kilometros sob o peso do equipamento, e em andamento accelerado.

*

No dia 3, apenas tem logar a concentração das forças em Vizeu. No dia 4, marchou ás 5 horas da manhã um batalhão d'infanteria e um esquadrão de cavallaria para os postos avançados, tendo a linha de vigilancia e de resistencia que passar pelo alto do Picoteiro.

Esta cobertura de segurança do corpo principal, exageradamente afastada para a infanteria, contrastou bastante com a distancia da cavallaria, que ficou quasi agarrada á linha de vedetas.

A valer seria impossivel, o corpo principal soccorrer a tempo os postos avançados.

Um facto que se manifesta quasi sempre em todos estes exercicios e que não nos devem levar a mal que o digamos.

E' uma falta sensivel d'instrucção de detalhe.

O nosso espirito ficaria satisfeitissimo ao vermos estabelecer serviços de postos avançados ou de segurança em marcha ou em qualquer reconhecimento, levando cada escalão o competente serviço de segurança na frente, como cremos que se fará quando o inimigo esteja na frente a

valer e o proprio instincto os ha de aconselhar que se faça; mas tambem é certo que adquirido o habito de se fazer bem um determinado serviço elle conserva-se e difficilmente se perde. Nota-se muitas hesitações, algumas perfeitamente indesculpaveis e que serão perdas de tempo sempre prejudiciaes.

A guerra moderna não se faz sómente com a boa vontade e as bravezas de Nuno Alvares; é pelo estudo continuado que aprimora e adelgaça a vocação, não desprezando insignificancias, porque a maneira vertiginosa como se precipitam os acontecimentos não dá tempo para aprender em campanha.

Bons tempos em que se fazia um Junot só com a escola do campo de batalha.

Hoje, a verdadeira pratica será cada um lançar mão da synthese dos seus conhecimentos.

Por isso gostariamos muito de ver a par dos bons resultados colhidos nas manobras, a emancipação dos quadros (cada um dentro da sua iniciativa) desprendendo-se mais dos officiaes do estado maior, não se hesitar em procurar as posições indicadas, em vista da carta, ir occupal-as, etc.

Tudo se corrige com uma instrucção de quadros bem orientada e methodica.

Em todos os exercitos ha epochas em que a preparação dos quadros se faz com poucos soldados.

Precisavamos d'uma boa orientação nos exercicios preparatorios para os quadros.

Não queremos por forma alguma indicar que os quadros não trabalhem. Não senhor, queremos methodos bons e proveitosos podendo-se talvez até trabalhar menos com melhores resultados.

Habituar a dar as differentes ordens, pois que a arte de as redigir é das mais difficeis; a boa redacção de relatorios e participações é tão difficil como a das ordens e tanto aqui como acolá o essencial é a clareza.

*
* *

No dia 5 de setembro teve logar o combate, vindo tambem confirmar como é difficil a ligação dos dois ataques, demonstrativo e decisivo.

Houve alguma demora no ataque decisivo. Na condu-

cta da infanteria para a linha de fogo, produziu magnifica impressão a forma como esta cuidou tomar as formações sucessivas para se apresentar o menos vulneravel possivel e como os quadros animados da maxima boa vontade e dignos de tanto maior elogio por serem alguns estranhos aos regimentos, faziam aproveitar todas as dobras do terreno a esta onda humana sempre crescente que se encaminhava para o alto do Picoteiro, procurando desalojar o inimigo.

A carga da cavallaria, apesar da pouca felicidade na escolha do local, foi magnifica, dominando-se perfeitamente a refrega, e muito a tempo.

*
* *

A seguir a um descanço de 20 minutos, teve logar a revista, desfilando perante o nobre ministro da guerra as tropas que tomaram parte nos exercicios na força de 3700 homens e 300 solipedes.

Espectaculo magnanimo n'aquelle pitoresco terreno que constituia um quadro maravilhoso, emmoldurado tão caprichosamente pela serra da Estrella e do Caramulo.

Os elogios á rainha das batalhas são unanimes.

Não é o nosso espirito d'arma que o diz, nós apenas nos deixamos commover pelos bravos sinceros e enthusiasticos que faziam echo ao sahirem do fundo do peito dos mais indifferentes.

E' que realmente, ninguem vio ainda melhor.

Apesar da forma imponente como se apresentou a optima infanteria, o aspecto das outras armas não deixou duvida de que os nossos homens nunca se preoccuparam na guerra com o numero para medirem a victoria, nem as longanimidades pelos maximos revezes.

Todos os serviços foram dignos do maior elogio, procurando que falta alguma se fizesse notar.

E assim succedeu. Dizemol-o sem favor.

Bem haja quem tem a tempera necessaria e a vontade de animo para arrostar com tantas difficuldades, n'um meio idiosyncrasico onde a predisposição é para depreciar até mesmo o que tem por fim instruir e educar para a campanha, o idolo para que todos hão de lançar os olhos e as esperanças quando a patria seja ameaçada — o exercito.

J. S.

AS MANOBRAS D'OUTOMNO

NA

1.ª DIVISÃO MILITAR

Realisaram-se este anno, manobras entre Cintra e Mafra, que foram cheias d'interesse e verdadeiramente instructivas pela maneira como foram executadas e pelas peripecias a que deram logar, que se podem considerar verdadeiros episodios de guerra e feitos d'armas.

Nem outra coisa era de esperar desde que se aboliu a manobra obrigatoria, essa forma *rigida* e anachronica, para dar logar á manobra livre em que cada um procede conforme as circumstancias e em harmonia com o seu criterio. E' assim que d'hoje para o futuro se deve fazer, porque é assim que se procederá na guerra. Tudo que não seja isso será comprometter a verosimilhança e portanto o valor e a parte instructiva que esses exercicios possam ter. Nós sentimos tanto maior prazer em ver que assim succedeu, quanto é certo que corresponde a uma das grandes aspirações do exercito e que por mais d'uma vez temos advogado nas columnas d'esta Revista. Bem haja pois o ministro que ordenou esses exercicios com manobra livre.

Mas como iamos dizendo, estes exercicios foram devéras interessantes e instructivos, porque desconhecendo reciprocamente por completo o que o adversario ia fazer foi necessario proceder com a maxima cautella e circumspecção assim como com a maxima iniciativa, e tanto que, com prazer o confessamos, não podemos deixar de dizer que foi a primeira vez que vimos usar da iniciativa sem haver

entraves que a isso se oppozessem, porque não houve invasão de attribuições. E comprehende-se que assim succedesse, porque sendo a manobra livre e tendo cada um a responsabilidade dos seus actos, não sobrou tempo a ninguem para invadir as attribuições dos outros. Aquelle que desempenhava bem o seu papel já não tinha pouco que fazer.

Se a manobra fosse *rigida* certamente já assim não succedia, porque formado o plano e pormenorisada a execução, o que competia, principalmente á direcção e ao commando, era *fiscalisar*, pois não conhecemos outro termo mais apropriado, se se cumpria á risca o que outros tinham feito, isto é, todos seriam uns automatos sem iniciativa propria.

Estes exercicios, verdadeira semelhança da guerra, despertaram em todos, tanto em soldados como em officiaes, o maximo interesse, não só porque todos esperavam novidades e se dessem verdadeiros episodios de guerra, mas tambem e principalmente porque sabendo-se que por uma falta que se commettesse se podia compromettter o partido a que se pertencia, submettido a um exame, se exforçavam por proceder sempre com a maxima cautella. Realmente para estes exercicios serem instructivos não ha nada como dar a maxima responsabilidade ao par da maxima iniciativa.

O partido sul, com um papel defensivo e na presença d'um inimigo audaz que, utilizando a velocidade, propriedade caracteristica da cavallaria, o podia comprometter, teve que proceder sempre com a maior prudencia e cautella, o que realmente fez e tão bem, que empregando a cavallaria muitos esforços para o pôr em cheque, como adiante veremos, conseguiu frustrar-lhe sempre os intentos e surprehendel-a a tempo e de forma a inutilizar os seus esforços. Devido a tudo isso a hostilidade, a rivalidade entre os dois partidos foi manifesta e de tal forma que se pode mesmo dizer que se deu livre curso ás paixões humanas, pois que outra cousa não significam os aprisionamentos que se fizeram, o que por mais d'uma vez ia dando origem a conflictos serios da parte dos soldados dos partidos contrarios, o que teria succedido se não fosse a intervenção a tempo dos officiaes. Durante esses dois dias de verdadeira campanha os soldados dos dois partidos não se consideraram soldados nem do mesmo exercito, nem filhos da mesma patria, nem irmãos que vestiam a mesma farda.

Se alguem quizesse ter uma pallida ideia do que seja a guerra civil, a guerra entre irmãos, se alguem quizesse fazer um estudo psycologico dos sentimentos humanos e do caracter guerreiro d'um povo bastaria acompanhar os soldados durante esses dois dias de campanha, porque os desejos de fazer uma *partida* ao adversario ou a vontade de a evitar os excitou ao ultimo ponto.

Quando o referver de paixões excitadas pelos desejos de comprometter o adversario, chega a esse ponto não ha fadiga a que o soldado se poupe nem trabalhos e canceiras a que fuja. Foi o que tivemos occasião de ver. Houve inclemencias, houve intemperies, houve marchas fadigosas, noutes passadas ao relento, houve chuva que chegou ao corpo, houve noutes de vigilias, mas tudo isso não evitou que o nosso soldado andasse sempre alegre, disciplinado, que passasse horas e horas na linha de vedetas sempre álerta, vigilante e prompto a dar um tiro mal um soldado do partido contrario se aproximava. No combate, devido á mesma causa, não desprezava os obstaculos que o podiam occultar, não cessava de fazer fogo e estava sempre prompto a avançar logo que lhe era ordenado, sendo mesmo frequente ver lanços executados com tanta presteza que só nas paradas dos quarteis se podem exceder, o que nos orgulha e o que nos alimenta esperanças. Devido a tudo isso devemos declarar que vimos por muitas vezes forças empenhadas na lucta com tanto ardor que chegamos mesmo a ter uma verdadeira illusão, pois que se agarravam ao terreno d'uma tal forma e com um tal afinco e interesse que só no combate assim pode succeder.

Vem agora a proposito fazermos uma declaração. Temos por mais d'uma vez dito n'esta Revista que nos exercicios de tactica applicada se attende muito ao rigorismo das formas geometricas com menosprezo da utilisação do terreno. Assim tem succedido por vezes. Este anno, porém, nada d'isso notámos e não podemos deixar de consignar, o que aliás fazemos com verdadeiro prazer, que esses rigorismos foram postos de parte para attender simplesmente á sabia utilisação e applicação do terreno, que foi tão habil e perfeita que chegou mesmo a desvanecer-nos. Nós, que iamos com essa preoccupação, tratámos por varias vezes de nos certificar e para isso escolhemos sempre posições apropriadas d'onde podessemos proceder á verificação. Tivemos então occasião de ver que as posições eram occupadas com o maximo cuidado e com todas as regras.

Succedeu-nos até avançar propositadamente para a frente de posições para melhor procedermos á verificação o que nos deu occasião de notarmos que só a custo e com auxilio d'um bom binoculo se conseguia descobrir d'onde a onde uma ou outra cabeça. Se da parte de todos não houvesse verdadeiro interesse pelo que se estava fazendo, o que não succede nos exercicios de manobra obrigada em que, com grande antecipação se sabe o que teem a fazer e se não conta com surprezas, não succederia o mesmo. Estamos crendo.

Já nos vamos demorando muito n'esta serie de considerações. E' pois tempo de entrarmos na descripção technica dos exercicios e no seu decurso completaremos estas considerações geraes com aquellas que os factos nos forem suggerindo.

1.° Exercicio, dia 12

Como já dissemos a manobra era livre, isto é, os dois partidos procediam conforme as circumstancias, havendo sómente duas restricções. Uma d'ellas era o local em que os exercicios se deviam realisar; a outra era a missão dos partidos, sendo o do norte atacante e o do sul defensor. A primeira d'aquellas restrições limita a iniciativa sómente debaixo do ponto de vista estrategico. Debaixo do ponto de vista tactico havia a maxima liberdade, pois que o partido norte não conhecia as disposições defensivas do partido sul, nem este tinha conhecimento da maneira como seria atacado pelo partido contrario.

O partido norte era constituido por dois regimentos de cavallaria, 2 e 4, por um grupo de duas baterias a cavallo e pelo batalhão de caçadores n.° 5.

O partido sul era constituido por uma brigada mixta formada por dois regimentos de infanteria a tres batalhões, por um grupo de duas baterias de campanha e por um esquadrão de cavallaria.

Estas forças reuniram-se todas no dia 11 de manhã nos terrenos da Porcalhota, ao sul da Venteira, onde o nobre ministro da guerra lhe passou revista, o que constituiu um espectaculo imponente e grandioso, desfilando depois as tropas aos seus destinos pela via ordinaria, excepto o batalhão de caçadores n.° 5, que partiu para Mafra pelo caminho de ferro.

No momento em que as tropas desfilavam para os seus destinos deu-se uma pequena confusão, motivada pela má interpretação d'uma ordem, que separou os trens regimentaes das suas unidades, demorando-lhe a marcha, o que aliás não admira muito pela falta de pratica. Marchas successivas de unidades constituidas não deixam de constituir um exercicio util, pois que é sempre difficil deslocar tropas com toda a *impedimenta*.

Vencido esse pequeno senão, as tropas da brigada sul chegaram a Ranhollas, a sudoeste de Cintra, ás 3 horas da tarde, dando-se logo a seguinte ordem de estacionamento:

BRIGADA MIXTA—PARTIDO SUL

Ordem para o estacionamento de 11 de setembro de 1902

Localidade — Ranhollas.

Commandante — Commandante da brigada.

Quarteis ...
- 1.º d'infanteria 5 — Valle de Porcas — Valle de Milho.
- 2.º d'infanteria 5 — Estephania — Lourel.
- 3.º d'infanteria 5 — Ranhollas.
- Infanteria 16 — Ranhollas.
- Artilheria — Ranhollas.
- Engenheria — Ranhollas.
- Cavallaria — Lourel.
- Ambulancia — Ranhollas.

Serviço ....
- Official superior de dia e ronda — Major Menezes d'infanteria 2.
- Guardas — As de policia e a do quartel general fornecida por infanteria 2.
- Sentinellas — Devem ser collocadas nas fontes e chafarizes pelas unidades que ahi se abastecerem.

Distribuições
- Pão
- Carne
- Generos
- Lenha
- Vinho
- Forragens

Em Ranhollas na quinta do Bacalhau.

Agua .....
- Infanteria 5 proximo dos seus bivaques. Infanteria 16 na quinta do Anjinho; artilheria e engenheria no Ramalhão. Cavallaria em Lourel.

Doentes — São evacuados pelo caminho de ferro.

Ordens particulares para o dia:

1.º — Podem tirar-se correias, fazer toques, e desapparelhar.

2.º — As praças não podem afastar-se dos bivaques a não ser em serviço.

3.º — As viaturas logo que estejam descarregadas serão enviadas ao local de distribuição para receberem os generos em conformidade com as instrucções de 9 do corrente.

4.º — Ordem ás 9 horas.

(a) *Gama Lobo.*
Coronel

Passado pouco tempo os postos avançados estavam estabelecidos e os bivaques montados, procedendo-se immediatamente á distribuição de generos e construcção de cosinhas para a confecção do rancho, o que tudo foi feito com regularidade, ordem e methodo, distribuindo-se o rancho das 8 para as 9 da noute.

Para o dia 12 deu-se a seguinte ordem:

PARTIDO SUL

Quartel general da brigada mixta

Ordem d'operações n.º 2

ORDEM DE MARCHA

Ranhollas, 11 de setembro de 1902 ás 9 horas da noute

I — O inimigo acha-se ainda ao norte de Mafra.

II — A brigada vae occupar defensivamente a margem esquerda da Ribeira de Chelleiros.

III — Para isso far-se-ha o seguinte:

a) a brigada marchará ámanhã pela estrada Ranhollas—Estephania—Lourel—Granja—Pero Pinheiro—Chelleiros, conforme o quadro de marcha junto.

b) os postos avançados serão levantados logo que a guarda avançada passe Lourel; e os batalhões que hoje estão n'este serviço de postos avançados constituirão os ultimos elementos do corpo principal.

c) o esquadrão de cavallaria constituirá a cavallaria da guarda avançada e fará explorar cuidadosamente a estrada de Chelleiros á Egreja Nova e o caminho da Maceira.

d) os trens de combate (carros de munições e carros sanitarios) acompanham as suas unidades.

IV — Marcho na testa do corpo da guarda avançada.

(Segue-se o quadro de marcha).

(a) *Gama Lobo.*
Coronel

ESTÁ CONFORME
João Pereira Bastos
Capitão

O ponto inicial da marcha foi em Lourel, passando ahi a cavallaria ás 4 horas e 30 minutos da manhã.

Quando a cavallaria chegou á descida para a ribeira de Chelleiros avistou na margem opposta, descendo pela estrada, uma patrulha de cavallaria. Fazendo esta communicação para a retaguarda, o sr. coronel Gama Lobo, subindo ao alto do Outeiro para passar uma inspecção ao terreno, faz expedir d'essa posição a seguinte ordem de combate:

PARTIDO SUL

Quartel general da brigada mixta

Ordem d'operações n.º 3

ORDEM DE COMBATE

Alto do Outeiro, 12 de setembro de 1902, ás 7,30m da manhã

I — Forças inimigas passaram a ribeira de Chelleiros e occupam a sua margem esquerda.

II — A brigada vae atacar essas forças a fim de as forçar a passar de novo a ribeira, se isso ainda fôr possivel.

III — Para isso far-se-ha o seguinte :

a) o 1.º batalhão da guarda avançada tomará posição nos moinhos de Montelavar, o 2.º a leste da estrada real, dando a direita dos moinhos da Maceira.

b) o 3.º batalhão de Infanteria n.º 16, á sahida de Pero Pinheiro apoiará a linha dos 1.º e 2.º batalhões, servindo-lhe de reserva.

c) a artilheria tomará posição, aqui, no Alto do Outeiro, ao sul de Montelavar.

IV — Os batalhões de Infanteria n.º 5 vão — o 3.º para os casaes do Paço, a sul de Pero Pinheiro; o 2.º para os moinhos das Pedras Alvas, a NO. dos Casaes do Paço; o 1.º para A da Fação. Estes tres batalhões escalonar-se-hão em profundidade e esperam ordens.

V — A cavallaria guarda os flancos, mandando um posto de observação para os moinhos do Barregacho e uma forte patrulha para o logar da Maceira.

VI — A ambulancia será estabelecida em A da Fação.

VII — O quartel general em Montelavar, para onde devem ser dirigidas todas as communicações.

(a) *Gama Lobo.*
Coronel

ESTÁ CONFORME
João Pereira Bastos
Capitão

Descripção do combate

Para bem se comprehender este exercicio vamos nós desenvolvel-o por phases:

1.ª Phase — Encontro das cavallarias

Logo que a flecha da cavallaria do partido sul avistou do caminho comprehendido entre o Murganhal e o casal da Ermida uma patrulha inimiga que descia da Egreja Nova para Chelleiros, fez alto e collocou-se em observação, ficando o grosso do esquadrão ao norte de Pero Pinheiro, estabelecendo no entretanto um posto de observação no Barregacho e mandando uma patrulha para os moinhos da Maceira.

Passada uma meia hora, a patrulha inimiga chegando ás alturas de Murganhal, fez fogo contra a cavallaria sul, que retirou, por imposição superior, deixando assim que a patrulha se fosse collocar em observação na estrada real, nas alturas dos moinhos do Barregacho, movimentos estes que foram, apezar d'isso, sempre vigiados pela cavallaria do partido sul.

No entretanto a infanteria e a artilheria do partido da defeza tomou as posições ordenadas, indo o 1.º batalhão de infanteria 16 para os moinhos de Montelavar, o 2.º, na mesma altura, para a direita da estrada real, o 3.º para o norte dos moinhos da Maceira, a artilheria para o alto do Outeiro e infanteria 5 para as posições indicadas, movimentos estes que foram executados com rapidez e perfeitamente ao abrigo das vistas da patrulha inimiga.

Tomadas estas posições, todas as forças se collocaram na defensiva e á espera de serem atacadas, o que demorou cerca de meia hora, que foi o tempo que se esteve sem notar movimento algum importante do partido norte. Podemos affiançar que foi uma meia hora de verdadeira anciedade e talvez uma meia hora bem amarga, porque todos receavam, como é crivel, uma surpreza da cavallaria.

2.ª Phase — Ataque demonstractivo

Passada essa meia hora vê-se dos moinhos de Montelavar uma forte columna de cavallaria, que seguindo o caminho que passa pelo casal da Ermida e Arrebanca, se occultou com os pinhaes que existem á direita da estrada

real. Passado pouco tempo os muros que limitam a orla d'esses pinhaes, estavam coroadas de cavalleiros que, tendo-se apeado, faziam fogo contra o 2.º batalhão de infanteria 16, que estava a leste da estrada real. Immediatamente este batalhão, e por iniciativa do respectivo commandante, responde ao fogo dos cavalleiros. Como porém este batalhão era um pouco batido d'enfiada, o seu respectivo commandante manda immediatamente, e com todo o accerto, fazer á companhia do flanco esquerdo um colchete offensivo, podendo assim bater de frente a cavallaria adversa.

N'este meio tempo vê-se uma bateria do partido norte subir para o moinho do Murganhal, rompendo immediatamente o seu fogo a artilheria da defeza, collocada no Alto do Outeiro, difficultando por isso que aquella bateria tomasse posição. Passado pouco tempo esta bateria consegue tornar a estabelecer-se e contrabate a adversa, ficando assim travado o duello entre as duas baterias.

Como, porém, a linha dos cavalleiros apeados se prolongasse um pouco para o seu flanco esquerdo, o 3.º batalhão de infanteria entra tambem em acção, estendendo em atiradores a noroeste dos moinhos da Maceira e como reconhecesse que, pela posição que occupava, batia de flanco a linha contraria, não se limitou á defensiva e, aproveitando os muros de pedra solta foi sempre avançando contra a orla do pinhal. Quando já proximo, a cêrca de 100 metros, vê na orla do pinhal e no extremo flanco esquerdo dos cavalleiros, estabelecer-se em posição uma bateria inimiga. Redobrando a intensidade do fogo e executando mais uns lanços, uma companhia chegou mesmo a dar um assalto contra ella. Diremos a proposito, despindo todos os preconceitos de critica, que esta bateria não se deve, por aquelle facto, considerar prisioneira, mas sim posta fóra de combate.

A cavallaria do partido sul, quasi toda empenhada em guarnecer o flanco direito, é digna d'uma referencia especial pela maneira habil e solicita como se desempenhou. Foi verdadeiramente incomparavel.

3.ª Phase — Combate decisivo

N'esta altura o combate estava generalisado e evidentemente com manifesta superioridade para o partido sul, e a tal ponto que tendo os cavalleiros apeados formado uma

linha pouco extensa, o 1.º batalhão de infanteria 16, que estava em Montelavar, não teve occasião de abrir o seu fogo, nem necessidade de ir em auxilio de qualquer dos outros. Não obstante, por qualquer razão que para nós é desconhecida, o partido sul recebe ordem de retirar, o que se fez em boa ordem, indo os batalhões de infanteria 16 occupar a posição entre os moinhos da Maceira e Pero Pinheiro.

Effectuada ella a cavallaria carrega sobre a infanteria, seguindo cavallaria 4 pela estrada real e caminho da Serração a Montelavar; dois esquadrões de lanceiros pelo caminho da Maceira a Pero Pinheiro; e a restante pela estrada real. Ao mesmo tempo a bateria a cavallo que se tinha estabelecido no Murganhal mette a galope e vem estabelecer-se ao sul dos moinhos de Montelavar, a 800^{m} da infanteria. Todos estes movimentos, tanto da cavallaria como da artilheria, foram executados debaixo do fogo por descargas que lhe fazia infanteria 16, da ultima posição acima referida.

4.ª Phase — Retirada

Não avançando a cavallaria para sul de Montelavar, infanteria 16 retirou pela estrada para sudoeste de A da Fação e a artilheria veio de novo estabelecer-se no Alto do Montijo, movimentos estes que foram feitos sob a protecção de infanteria 5 que n'esta altura occupava defensivamente A da Fação e Pedras Alvas.

(Continúa)

SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

Effectivos de guerra do exercito allemão. Segundo calculos recentes feitos sobre documentos officiaes a Allemanha pode mobilisar 7.600:000 homens com instrucção completa. As 25 classes, de 1876 a 1901 fornecem 4.983.103 e 200:000 voluntarios d'um anno, ou seja um total de 5.183.103 homens. Admittindo um disfalque de 20 % ficam em numeros redondos, 4.000:000 disponiveis para entrar em guerra.

Ha além d'isso 100:000 homens que se podem empregar como obreiros ou serviços auxiliares.

Juntando agora os effectivos da reserva de recrutamento e os do primeiro *bando* da Landsturm obter-se-ha a cifra de 7:600:000 homens instruidos e promptos a serem lançados para as fronteiras, 4 milhões, immediatamente e 3 milhões ao cabo de poucas semanas.

C. Alvarez
Murganha
Ancos
Ribeira
Montelavar
Alto do Outeiro
Pero Pinheiro
Pé da Serra
Armeis
Olmeiro
C. do Valle
F. Secca
Alem
Copeis
Cabecinha
A. do Facão
M. das Pedras Alvas
Q. da Cascada
Alto do Carr.
Morlenas
Alto do Montijo
Paço
Escala 1:20.000

5.º Anno Novembro de 1902 N.º 11

REVISTA DE INFANTERIA

HISTORIA DA INFANTERIA PORTUGEZA

INTRODUCÇÃO

II

A infanteria da Peninsula Iberica anteriormente á fundação da monarchia portugueza.

E' extremamente confusa e apresenta um insignificante grau de veracidade a historia militar da Iberia em todo o tempo que vae além das invasões carthagineza e romana.

Não offerece duvida que a Peninsula foi successivamente invadida por povos differentes e de tambem differentes proveniencias, attrahidos pela exhuberancia do sólo e pelas riquezas mineiras da Hespanha, povos que além de luctarem com os primitivos habitantes para conseguirem estabelecer-se e dominar n'ella, tiveram tambem, por vezes, pugnas renhidas, contendas encarniçadas entre si para prevalecerem como dominadores e para destruirem o poderio dos rivaes que se haviam antecipado na occupação e colonisação do afamado territorio peninsular.

Ha d'isso vestigios notaveis, e os modernos estudos, por deduções logicas e em face de monumentos comprovati-

vos, confirmam de uma maneira positiva um tal facto historico.

Mas é difficiente e incompleta, por carencia de fundamentos, por escacez de documentos, que não foram nem facilmente podiam ser legados á posteridade, a conscienciosa classificação ethnographica d'algumas das mais primitivas d'essas collectividades, e ainda mesmo a determinação precisa da epocha em que se fixaram no solo da Iberia.

Tal classificação, porém, em que os competentes, os que modernamente mais se têm dedicado ao improbo trabalho de desvendar os mysterios que a envolvem, estão em absoluto desacordo, não nos deterá em demoradas considerações, mesmo porque tenue luz derramariam no estudo que nos propomos fazer.

Apenas procuraremos referir o pouco que se sabe sobre os seus habitos e costumes guerreiros e conhecer a sua organisação militar e especialmente a da sua peonagem, se organisação militar se póde chamar ao processo primitivo dos homens se prepararem para a lucta com o seu similhante, em obediencia a um impulso natural.

E n'esse campo quasi nada se adeanta por falta de elementos de estudo. Pouco mais temos para guiar-nos n'elle do que as noticias confusas e incompletas, e a maioria das vezes phantasticas, dos escriptores da antiguidade.

Quem procurar embrenhar-se n'um tão melindroso assumpto é levado a concluir, como unico ponto verdadeiro, que ácerca d'elle pouquissimos factos devem merecer o grau de certeza sufficiente para serem considerados como genuinamente historicos. Meras presumpções baseadas em hypotheses nem sempre prudentes e justificadas, nada mais. De ahi á verdade ha uma notavel distancia.

Tambem nos não occuparemos dos nossos tão longiquos e remotos antepassados, quando meros troglodytas, ainda em periodo anterior áquellas invasões, porque tudo o que lhes diz respeito jaz mergulhado na mais intensa e desoladora escuridão.

As investigações linguisticas e ethnologicas apresentam-nos dominando na Peninsula dois povos, duas raças distinctas, de origem e feições diversas, os *iberos* e os *celtas* ou *celticos*.

Os iberos, povo semita, que além da Peninsula se presume habitaram tambem as ilhas do Mediterraneo, a Italia e a costa meridional da França, parece não offere-

cer duvida que tiveram a mesma origem dos povos da Africa septentrional, e os celtas, de raça indo-europeia, vindos do norte da Europa pelos Pyrinéos, constituindo o grupo ethnico dos cantabros, dos vasconços e dos asturos ao norte, e gallaicos e lusitanos ao occidente. [1]

Guerrearam-se mutuamente e por ultimo fundiram-se, e da sua mistura com os indigenas formou-se essa mescla a que se accordou denominar *celtiberos*.

O advento d'estas duas raças é o primeiro pronuncio d'essa serie de encontros que a historia nos aponta tendo como theatro a Peninsula. E' que ella pela sua situação geographica [2] parece naturalmente destinada para vasto campo de choque das convulsas ondas de povos que dos confins septentrionaes da Europa desceram em demanda de nova prêsa, em busca de novos meios de actividade e de vida.

Os achados archeologicos da epocha neolithica na Peninsula [3] indicam que n'ella existiam povos que desconhecendo os metáes tinham já chegado á perfeição de polir a pedra e de dar alguma graça esthética aos productos do seu uso e do seu culto.

As suas armas offensivas eram de osso e de sylex e as defensivas de esparto. [4]

Não passa d'uma simples presumpção que fossem es-

---

[1] *Alexandre Herculano—Historia de Portugal—Introducção.*

[2] A Hespanha actual é o resto d'um continente terciario, unido á Africa por Gibraltar, que fechava n'um lago o Mediterraneo e que estendendo-se para noroeste, em territorios depois submersos, ia talvez chegar á America.

As profundas revoluções que assignalam o inicio da nossa edade geologica, separaram-na da Africa, pondo em communicação o Atlantico e o Mediterraneo, limitando a Peninsula pelo norte ao mar cantabrico e secando as fontes que alimentavam os logares anteriores, erguendo contra o mar o formidavel dique das elevações cretaceas da Byscaia, deixaram a nú o fundo d'esses vetustos lagos que constituem hoje ferteis campinas, immensamente povoadas e sulcadas por novos rios— *Oliveira Martins — Historia da Civilisação Iberica — Introducção.*

[3] Entre os objectos d'esse periodo pre-historico os mais preciosos são os encontrados proximo de Albuñol, em Hespanha, na provincia de Granada, junto á costa. Foi grande o numero de cadaveres alli encontrados que trasiam comsigo as suas armas, enfeites e utensilios; attribue-se esse necropole aos iberos. Christovão Ayres — *Historia do Exercito Portuguez.*

[4] Essas armas consistiam em machados—lanças—flechas—punhaes —arpões etc. Usavam como armas defensivas uma rodela de corda de esparto, fortemente entrelaçada, em vez da *cetra* ou *pelta* que viria

ses os habitantes da Peninsula quando os iberos a invadiram, muito embora reproduzissem os caracteristicos da população hispanica durante o periodo neolithico.

Que relação de similhança, que pontos de contacto existiram entre elles e os iberos pelo que respeita aos usos e armas de guerra, é o que não será facil asseverar sem cahir em erro.

Os celtas entraram na Peninsula no seculo XV, pelos Pyrinéos; seguindo o curso do Douro e estabelecendo-se nas costas do Atlantico. Divisam-se nos seus primeiros tempos com o feitio rude d'um povo bellicoso e indomavel, mas sem o caracteristico d'uma civilisação defenida. Altos, robustos e esforçados, combatiam semi-nús, e predominava entre elles a gente de pé. Tinham por armas offensivas machados de pedra, e, mais tarde, machados e espadas de bronze e de cobre. Defendiam-se com escudos d'aquelles metaes ou de madeira, cobertos de couro, [1] e usavam capacetes redondos de bronze.

Alguns ethnologos fallam tambem da colonisação dos phenicios, incontestados semitas. E' porém diversamente considerado o valor d'esta migração maritima assim como incerta a epocha em que realisaram a occupação. Emquanto uns consideram como de origem phenicia, alguns nomes geographicos principaes, ainda hoje usados, taes como Luzitania, Guadiana e o proprio nome de Hespanha; outros, entre elles Mommsen, affirmam que os iberos só por intermédio dos gregos conheceram o alphabeto phenicio. A incerteza sobre a epocha da occupação é tal que uns a consideram anterior e outros posterior á invasão dos celtas. [2]

* * *

O inicio da historia militar da Peninsula é determinado por assim dizer, pelo momento em que entram em scena d'um lado os lybi-phenicios de Carthago e do outro os romanos. Foram elles que imprimiram caracter e produ-

---

mais tarde; tunicas curtas de tecido de esparto curado ou de pelle curtida de sufficiente resistencia contra o golpe das armas de sylex fasendo o papel do que mais tarde servia a *loriga* ou *galéa*. Com cobertura um gorro de esparto.

Idem, Idem.

[1] D. Francisco Danville y Collado — *Trajes de los antigos españoles.*

[2] Oliveira Martins — *Historia da Civilisação Iberica—Introducção.*

siram a modificação das instituições guerreiras na Iberia, moldando-as pelo seu modo de ver.

A primeira invasão que se nos desenha clara e nitida é a dos carthaginezes.

De origem phenicia esse povo que deixou de si tão predoravel lembrança, depois de absorver sob o seu dominio uma parte consideravel da Africa septentrional, funde-se com os indigenas, e produz uma nova classe que se denominam lybi-phenicia.

Cinco seculos antes de Christo os phenicios de Cadiz, em lucta com os turdetanos, chamaram em seu auxilio Carthago — povo fraterno — que era já então uma poderosa nação maritima. Concedido o auxilio reclamado, ficam victoriosos os phenicios e os portos da Iberia abrem-se aos carthaginezes.

Como inicio da sua expansão colonial estabelecem feitorias nas costas da Betica; a conquista commercial converte-se depois em dominio militar n'um lento trabalho de muitos annos.

Carthago, a formosa republica, disputava a Roma, a sua incarniçada rival, o dominio maritimo e commercial do Mediterraneo. Pelos azares da primeira guerra punica perdia Carthago a Sardanha e a Secilia. Como compensação pensou-se logo em vir á Hespanha fronteira procurar novas conquistas, expandir os seus dominios. Era ella uma região propicia pelas suas riquezas, não só para indeminisar a republica Mauritana, em que a familia dos Barcas exercera a autocracia, das perdas soffridas, como tambem para resolver a gravissima difficuldade que assoberbava todos os pequenos povos, cujo imperio procurava dilatar-se, estender-se por vastas regiões — a falta de soldados.

Tudo nos leva a crer que os carthaginezes foram sempre benevolamente recebidos na Iberia.

Pelo menos os historiadores não nos apresentam o quadro desolador de combates, de ondas de sangue que quasi sempre acompanham as invasões peninsulares. Ha até quem queira ver em tão benevolo acolhimento a prova da similhança da origem ethnologica entre os novos occupadores e a dos anteriores habitantes da Peninsula. [1]

---

[1] O sabio historiador Alexandre Herculano não só demonstra na introducção á historia de Portugal a relação de origem ethnica entre

Ou fosse pela affinidade de raça ou por qualquer outro motivo é certo que as relações entre carthaginezes e hespanhoes não eram as de vencedores e vencidos. O proprio Annibal se consorciou com uma formosa mulher de Castulo, sendo o seu exemplo seguido por grande numero dos seus compatriotas.

Fosse como fosse, é facto que os designios dos invasores tiveram completa realisação.

Fora encarregado da empresa Amilcar, guerreiro experimentado nas guerras africanas e na subordinação dos mercenarios revoltosos, que fez avançar até ao Ebro a fronteira das suas conquistas.

A Hespanha forneceu aos exercitos carthaginezes o melhor e o mais numeroso das suas forças. A infanteria celtibera, a cavallaria andaluza e os fundibularios baleares constituiram o principal elemento, o nervo de resistencia d'esses famosos e aguerridos exercitos com que Annibal assolou a Italia. [1]

Após annos de luctas para a consolidação do dominio carthaginez, vence o Barca fundador da Peniscola (Acra Leuka) e de Barcelona. Succede-lhe Asdrubal, seu genro, o fundador do Carthagena, politico habil, que, depois de se impor pela força, lançava raizes de coração no solo conquistado, desposando uma princeza celtibera, e assegurava a boa harmonia com Roma, que pretendia proteger as colonias gregas contra os barquidas, com o celebre tratado que estabelecia o Ebro como fronteira commum e com a clausula de ser respeitada a liberdade de Sagunto e d'outras colonias gregas ou povoações nativas de Hespanha.

Mas o destino cruel, arma o braço d'um escravo para vingar em Asdrubal a morte do seu senhor.

Entra em scena o general Annibal incendido no odio contra a altiva Roma — odio que se diz tivera a solemne consagração exigida pelo progenitor obrigando-o, ainda creança, a jurar sobre as áras de Baal-Moloc, em Carthago, que vingaria a patria logo que a edade lhe permittisse em-

---

os carthaginezes e os peninsulares, mas até apresenta os hespanhoes, sobre tudo os lusitanos, de que nos occuparemos em capitulo especial, e os demais povos que luctaram sob as ordens de Viriato como os representantes da idéa e dos sentimentos carthaginezes ainda meio seculo depois d'estes terem sido expulsos da Peninsula.

[1] Historia da Civilisação Iberica. Oliveira Martins.

punhar e brandir uma espada. O heroe de Cannes calca aos pés os tratados, não respeita compromissos nem fronteiras.

Roma, senhora de toda a Italia, da Corsega e da Sardanha, dominando na Gallia Cisalpina e na Iberia, contava na Peninsula como aliados Emporion, Marselha e Sagunto. Os carthaginezes dominavam em toda a costa do norte da Africa, nas Baleares e na Peninsula do Tejo ao Ebro, tendo em Carthagena uma magnifica posição estrategica.

Annibal ataca Sagunto, que resiste heroicamente, esperando em vão o auxilio da poderosa alliada. Não resiste ao lendario cerco e cae tragicamente em poder dos Carthaginezes, entregando a Hespanha Oriental á mercê do novo conquistador.

Trava-se a segunda guerra punica, que, como a primeira, constituiu para o soldado da peninsula uma genuina e proveitosa escola. A Hespanha foi para os carthaginezes o ponto de reabastecimento dos seus exercitos e o quartel temporario dos seus soldados.

Se a conquista dos carthaginezes teve socialmente a vantagem benefica de começar a obra da unidade nacional, aproximando as tribus affastadas e estranhas e até as inimigas, formando ligas entre as varias cidades e interessando-as na defesa d'uma causa commum, debaixo do ponto de vista militar fundia as populações no seio d'um exercito submettido a uma disciplina uniforme.

Transplantou para a peninsula os principios da sua organisação militar.

Deixemos pois Annibal realisando essa perigosa e admiravel marcha atravez dos Pyrineos e dos Alpes, pondo em pratica o mais arrojado, o mais sabio e o mais eminente plano estrategico, indo ferir o seu mortal inimigo no coração da Italia, e tentemos estudar a organisação militar dos carthaginezes e especialmente da sua infanteria, procurando ver até que ponto ella influe na organisação da infanteria da peninsula.

(Continúa).

J. Gil

Capitão de inf.ª

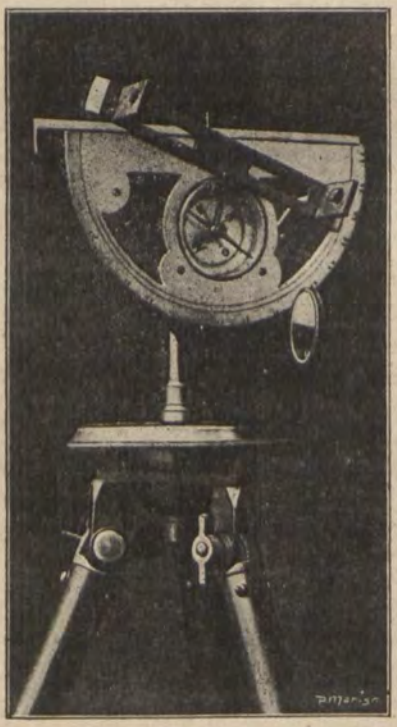
EQUIPAGEM TOPOGRAPHICA

O nosso amigo, sr. capitão Antonio Vieira Lucio, apresentou ha tempos á commissão de aperfeiçoamento da arma de infanteria um apparelho topographico devéras interessante e util e do qual vamos dar uma rapida e ligeira ideia.

Consta de:

a) *Alidade-eclimetro-stadia.*
b) *Esquadro.*
c) *Base, com regua quadrada, nivel e declinatoria.*
d) *Estojo prancheta.*
e) *Tripé elastico metalico.*

Este instrumento, destinado a medir distancias e os angulos de inclinação e azimuthaes, tem um limbo semi-circular graduado da direita para a esquerda e vice-versa, em graus e meios graus de 0—180°, sobre o qual assenta uma alidade que tem as extremidades providas de nonios directos a 6 divisões, com a natureza $\frac{30}{6}$, o que dá uma approximação de 5'.



A alidade, não conforme a figura que juntamos, mas segundo uma recente modificação feita pelo auctor, é constituida por duas reguas metalicas sobrepostas, tendo a inferior $0^m,17$ de comprimento, articulada ao limbo por um eixo. A pinula sobreposta a esta tem $0^m,19$ de comprimento e gira sobre uma corrediça de maneira a approximar ou affastar a pinula objectiva, que está assente sobre esta regua movel. Este movimento faz-se sobre uma cremalheira e o movimento é transmittido por um parafuzo apropriado. As pinulas podem-se afastar até $0^m,3$. Uma das pinulas tem tres olhaes e a outra uma fenda vertical. N'esta pinula gira um cursor, que tem um systema de 4 fios horisontaes e paralellos, servindo os dois centraes, que são affastados a $0^m,004$, para a apreciação das differenças de nivel, estan-

do as pinulas afastadas até $0^m,2$, e os dois extremos servem para medir distancias até 500 metros, podendo as pinulas afastarem-se a $0^m,3$. As graduações estão marcadas no lado direito da pinula.

O limbo liga-se solidamente a um plano triangular

Um pendulo tem o seu ponto de suspensão na perpendicular baixada do centro do limbo sobre o plano triangular referido, que é suspenso por dois cutellos, visto ser a melhor disposição para evitar os attrictos. Este pendulo tem um ponto de referencia no vertice do triangulo opposto á base e que serve para definir a posição do limbo.

No centro do limbo está collocada, conforme se vê na figura que juntamos, uma declinatoria commum.

Um pequeno espelho ligado ao instrumento, segundo a disposição da gravura junta, dá a imagem do pendulo quando se mede a pulso o angulo de inclinação, e o da agulha da declinatoria, a fim de se manter esta na mesma direcção, emquanto se procura determinar com a alidade o azimuth.

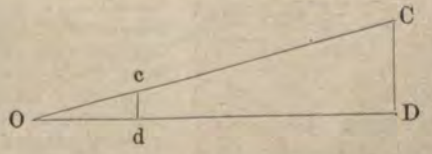
O triangulo a que já nos referimos liga-se a um esquadro, que por sua vez estabelece a ligação com o tripé, ou a um estojo-prancheta de madeira devéras engenhoso e que serve de caixa para arrecadar todas as peças do instrumento, ou da prancheta quando se quer fazer um levantamento rigoroso.

Este instrumento dá directamente distancias reduzidas ao horizonte e a differença de nivel, expressa em metros, entre o ponto observado e a estação. E' n'isto que reside a sua principal vantagem.

Para obter o nivelamento sem fazer uso de mira pode-se empregar o instrumento a pulso ou apoiado. A pulso é necessario manter perfeitamente horizontal a linha do limbo 0—180°, para o que serve o espelho e o pendulo. Quando este coincidir com o traço de referencia indicada no vertice do triangulo opposto á base, aquella linha está horizontal. Porém, como esta coincidencia não se pode vêr no momento em que se faz uso das alidades, emprega o sr. capitão Lucio, e muito engenhosamente, o espelho a que já nos referimos, que por reflexão nos dá a imagem do pendulo e da agulha, de sorte que ao mesmo tempo que se fazem as miradas, se nota, sem esforço e sem ser necessario afastar a cabeça, a coincidencia do pendulo com o traço de referencia, o que define a horizontalidade da linha do limbo 0– 180°.

Se porém, o limbo estiver ligado ao tripé, então esta operação é facil de fazer, porque, devido á estabilidade, é facil de conseguir e verificar aquella coincidencia.

Supponhamos agora que com o instrumento apoiado ou a pulso se quer conhecer a differença de nivel entre os pontos C e D. Estabelecendo a coincidencia do pendulo com o traço de referencia faz-se a mirada para o ponto C e supponhamos que o raio visual passou pela divisão c da pinula objectiva. Pela semelhança dos triangulos O C D e O c d temos



$$\frac{C\,D}{O\,D}=\frac{c\,d}{O\,d}\quad \text{d'onde } C\,D=O\,D\times\frac{c\,d}{O\,d}$$

Como cada divisão da pinula é de $0^m,002$, designando por X a differença de nivel, por n o numero de divisões da pinula, por K a distancia horizontal e por y a distancia que separa as pinulas, temos

$$C\,D = X = K \times \frac{n}{y}$$

Tambem se pode determinar esta differença de nivel fazendo uso do eclimetro. Para isso temos

$$\frac{c\,d}{O\,d} = tg\ \alpha = cotg\ \Delta$$

sendo Δ o numero de graus correspondentes á inclinação da alidade e marcadas no limbo.

Querendo que funccione como instrumento de auto-reducção, colloca-se o limbo horizontal e firme, fazendo-o girar sobre a peça triangular, empregando então as pinulas e a mira de 2 metros, que só deve ser empregada até 100 metros. Para as distancias superiores a alidade funcciona como alidade simples.

Resumindo, notamos que o instrumento do sr. capitão Lucio pode servir:

1.º Para medir, pela auto-reducção, distancias horizontaes até 100 metros e dentro d'este limite differenças de nivel até 60 metros.

2.º Para avaliar distancias até 500 metros quando haja um alvo de $1^m,63$ ou um de $2^m,5$ (infante ou cavalleiro).

3.º Para todos os trabalhos de planimetria e nivelamento, quer empregado a pulso, quer em tripé.

4.º Finalmente, para todos os levantamentos, quer rigorosos, quer expedictos.

Consta-nos que o instrumento em questão foi approvado pela commissão de aperfeiçoamento da arma.

Nós felicitamos das columnas d'esta Revista o distincto capitão da nossa arma e nosso presado amigo, sr. Antonio V. Lucio que tanto e com tão notavel aproveitamento se tem dedicado aos estudos da topographia, e ao mesmo tempo manifestamos os nossos desejos de que as suas aspirações sejam realisadas. Justiça aos merecedores e recompensa aos que trabalham.

EQUIPAMENTOS DA INFANTERIA

(ESTUDO COMPARATIVO)

II

Allemanha

O equipamento actualmente em serviço data de 1895.

A *mochila* é de pelle de veado bordada a couro amarellado, tendo interiormente um quadro de madeira que lhe dá a forma. A altura é de $0,^{m}33$, a largura de $0^{m},34$. A parte interna é forrada com um tecido escuro impermeavel. Nas costas ha um amplo bolso para alojar uma camisa, um lenço e uma calça, bem como dois outros, junto á parte inferior, destinados a alojar cada um uma caixa com 3 carregadores, ou sejam 15 cartuchos de cada lado, e ainda mais um outro para alojar os viveres. Na parte interna e superior tem um estojo para os accessorios da tenda-abrigo.

FIG. 1

Na parte media e inferior do fundo da mochila tem uma almofada, sobre a qual assenta a caixa com a carne de conserva e em volta da qual se collocam as escovas, os sapatos, chamados de repouso, systema *boot* inglez, bem como os accessorios de costura e limpeza. Nas partes superiores e lateraes ha tres francaletes, que servem para segurar o capote.

Os *suspensorios* compõem-

se de duas correias. A principal, que se vé na Fig. II, liga directamente, por meio d'um gancho, com as cartucheiras da frente; a secundaria, ligando-se áquella por meio d'um botão na altura dos sovacos, passa por baixo d'estes e vae prender-se a um gancho collocado na parte inferior da mochila por meio d'um annel triangular. Os suspensorios, que são proximamente como os do nosso equipamento, ligam-se á mochila de identica forma.

FIG. II

As *cartucheiras* são de couro enegrecido e rigido, ligam-se ao cinturão por meio de francaletes, e comporta cada uma 45 cartuchos. Os allemães não usam patrona; o soldado transporta 30 cartuchos na mochila e 90 nas cartucheiras, o que dá o municiamento de 120 cartuchos.

O *bornal*, de tecido escuro inpermeavel, tem dois compartimentos e é ligado ao cinturão do lado direito por meio de dois francaletes. Quando o soldado não levar cinturão, tem uma correia que permitte transportal-o a tiracollo.

O *cantil* do modelo já empregado por nós, é de aluminio e liga-se ao burnal por meio d'uma correia e suspende-se do cinturão, conforme indica a fig. I.

A *marmita* é de aluminio enegrecido e em tudo identica ao modelo ultimamente adoptado entre nós. Tem uma capacidade de dois litros. A tampa, que é movel, pode servir de frigideira ou de prato, podendo n'aquelle caso sustentar-se com uma asa especial, que faz parte da marmita.

Cada soldado transporta um calção amplo, que se pode empregar como calça, escovas, caixa de graixa, uma caixa para café, uma lata para sal e outra para assucar, um par de sapatos, duas camisas e dois lenços. E mais uma *tenda*

abrigo de forma quadrada com 1,^{m}65 de lado, de tecido de algodão escuro impermeavel com botões de aluminio.

O panno da tenda serve para enrolar o capote, que se prende em volta da mochila. As estacas e os outros accessorios são transportados na mochila no estojo a que atraz nos referimos.

O soldado allemão, ligado á bayonetta, transporta uma pá e viveres para tres dias, que constam de 0,^{k}75 de biscoito, de 0,^{k}825 de carne de conserva, de 0,^{k}475 de legumes e 0,^{k}75 de sal e café, o que augmenta o pezo, com os recipientes, em 2,^{k}390.

A *arma*, descripta no numero anterior d'esta Revista, é de modelo 1898 com o calibre de 7,^{mm}9 e peza 4,^{k}100.

A cada soldado allemão, assim como ao francez, são distribuidos dois pares de botas, conforme indicam as figuras, e dois pares de sapatos, systema *boot* inglez, com atacadores lateraes.

O peso total que o soldado allemão transporta é de 26,^{k}706.

AS MANOBRAS D'OUTOMNO

NA

1.ª DIVISÃO MILITAR

(Continuado do N° 10 — 5.° anno)

No numero anterior indicámos como tinha procedido o partido sul no primeiro dia de manobras.

Hoje, porém, vamos ver, pela transcripção das ordens, como procedeu o partido norte.

Depois da revista, passada na Venteira, os dois regimentos de cavallaria, as duas baterias a cavallo e a secção de telegraphistas seguiram pela via ordinaria para Mafra, onde bivacaram. O batalhão de caçadores n.° 5, com o effectivo de seis companhias, embarcando na estação da Porcalhota, seguiu pelo caminho de ferro até á estação d'aquella

localidade, seguindo depois a pé até á Egreja Nova, percorrendo 15 kilometros, onde bivacou.

Pelo thema geral supponha-se que estas forças vinham do norte, seguindo a estrada de Torres Vedras-Mafra. Tendo de continuar no dia seguinte, 12 de setembro, a sua marcha para effectuarem o reconhecimento das posições de Cintra, foi dada a seguinte ordem:

PARTIDO NORTE

Quartel general da brigada de cavallaria

Para 12 de setembro de 1902

ORDEM DE MOVIMENTO

Quartel general da brigada em Mafra, 11 de setembro de 1902 ás 6 horas da tarde

1.º — Do inimigo não se obtiveram novas informações.

2.º — A brigada vae proceder ao reconhecimento da posição de Cintra, marchando n'uma só columna pela estrada Mafra – Chelleiros – Pero Pinheiro.

3.º — Ponto inicial da marcha na Porta Vermelha.

4.º — A guarda avançada será constituida pelo 1.º e 2.º esquadrões do regimento de cavallaria n.º 4 e 1.ª bateria de artelharia a cavallo.

Commanda a guarda avançada o sr. tenente-coronel do regimento de cavallaria n.º 4.

5.º — Os postos avançados, depois que a nova guarda avançada tenha ultrapassado a sua linha de vigilancia, concentram-se em valle de Banho e incorporam-se na cauda do corpo principal da columna.

6.º — O posto de observação e o posto optico do Cartaxo, reunem-se ás suas unidades junto dos proprios locaes em que estão estabelecidos.

7.º — O 3.º esquadrão do regimento de cavallaria n.º 2 estabelecerá um posto fixo de correspondencia na ponte de Chelleiros.

8.º — Das 9h,40' ás 11h da manhã terá logar um grande alto para toda a columna.

9.º — Marcho na testa do corpo da guarda avançada.

O commandante da brigada

(a) *José Honorato de Mendonça*

Coronel

ESTÁ CONFORME

Corrêa Mendes

Capitão

Como complemento d'esta ordem foi dada mais a seguinte:

PARTIDO NORTE

Quartel general da brigada de cavallaria

3.ª Repartição

ORDEM PARA A GUARDA AVANÇADA

Serviço de exploração para 12-9-902

Quartel general da brigada em Mafra, 11 de setembro de 1902 ás 6 horas da tarde

1.º — Do inimigo não se obtiveram novas informações.

2.º — O 1.º e 2.º esquadrões do regimento de cavallaria n.º 4 e a 1.ª bateria de artilheria a cavallo constituem a guarda avançada sob o commando do sr. tenente-coronel d'aquelle regimento.

3.º — Tres patrulhas d'exploração com as composições, itinerarios e zonas d'exploração em seguida indicadas, sahirão do bivaque ás 5 horas da manhã:

Patrulha n.º 1 — Constituida por 6 praças sob o commando de um official; seguirá pela estrada real até Valle do Banho, e d'aqui por Mepres, Carvalhal, Moinhos da Costa, Funchal, Moinho d'Alcovar, Paião, Moinhos de Cabrella, Casaes, Alcombral de Cima, Fervença e Ral a S. Romão, vigiando a zona limitada a *O* pela estrada Ericeira, Cintra, e a *L* pelo caminho Valle do Banho – Murtal – Castello, ribeira da Gargantada em direcção ao Moinho do Cavalleiro e Campo Raso.

Patrulha n.º 2 — Constituida por 1 pelotão devidamente commandado, marchará pela estrada seguida pela columna até ao entroncamento d'esta com a de Cintra, seguindo d'ahi para A dos Rolhados, vigiando a zona limitada a *O* pelo limite *L* da patrulha n.º 1 e a *L* pela linha Egreja Nova, Malta Grande, Malta Pequena, C. da Pera Parda, Valle da Pipa, Maceira, Moinho de Vento, Morlenas, Coutinho Affonso, Maria Dias.

Patrulha n.º 3 — Constituida por 6 praças sob o commando de um sargento; acompanha as patrulhas n.ºs 1 e 2 atè Valle do Banho, seguindo d'aqui por Louriceira, C. de Rei, Luxim, Farellos, Anços, Moinho das Longas, Ormal, Palmeiros, C. do Condinho, vigiando a zona limitada a *O* pelo limite *L* da patrulha n.º 2 e a *L* pela estrada Mafra — Lage e via ferrea.

4.º — A distancia media entre as patrulhas de exploração e a guarda avançada será de 10 km.

5.º — Toda a columna terá um grande alto das 9h,40′ ás 11h m.

6.º — As patrulhas farão o primeiro alto ás 7h,10′ da manhã no caminho que margina pelo *N*, a ribeira da Chelleiros, communicando as do flanco com a central; um segundo alto em identicas condições se deverá realisar na linha *C* da Ribeira, Montelavar, Pero Pinheiro, Granja dos Serrões ás 8h e 36′ da manhã; finalmente um terceiro alto

será realisado na linha Campo Raso, A dos Rolhados, Maria Dias, Casal do Condinho ás 10h e 30' da manhã, estacionando n'ella até novas ordens.

7.º — Os srs. commandantes das patrulhas de exploração apresentar-se-hão n'este quartel general immediatameate á recepção d'esta ordem, a fim de receberem instrucções.

8.º — Marcho na testa do corpo da guarda avançada.

O commandante da brigada

(a) *José Honorato de Mendonça*

Coronel

ESTÁ CONFORME

Corrêa Mendes

Capitão

No numero anterior ja dissemos que quando a flexa da cavallaria do partido sul tinha chegado ás alturas do Murganhal, avistou a patrulha central, a que se refere esta ordem, descendo a encosta norte da ribeira de Chelleiros, e que fôra repellida pelas forças d'esta patrulha. Logo, porém, que esta avistou a cavallaria contraria, participou isso mesmo para a retaguarda e então foi dada a seguinte ordem para o combate:

PARTIDO NORTE

Quartel general da brigada de cavallaria

3.ª Repartição

N.º 5

ORDEM PREPARATORIA DE COMBATE

Quartel general da brigada em marcha, Chelleiros, 12 de setembro de 1902

(Vide mappa publicado no numero anterior d'esta Revista)

1.º — Forças inimigas avançam pela estrada de Cintra em direcção a Pero Pinheiro e Montelavar.

2.º — A brigada do meu commando, tendo por missão proceder ao reconhecimento das posições de Cintra, vae atacar o inimigo procurando desalojal-o das suas posições avançadas.

3.ª — A guarda avançada, continuando a marcha, vae desenvolver-se a um lado e outro da estrada, na altura do Murganhal. A bateria da guarda avançada vae occupar este ultimo alto. (181).

4.º — Os primeiros dois esquadrões do corpo principal da columna

reforçam a guarda avançada, indo occupar a orla do pinhal a *L* da estrada (194).

Todas estas forças sob o commando do sr. coronel do regimento de cavallaria n.º 4.

5.º — As restantes forças da brigada irão occupar ao *N* do pinhal o caminho que da estrada se dirige ao Casal da Ermida.

Estas forças, constituindo uma reserva sob o commando do sr. coronel do regimento de cavallaria n.º 2, teem por missão especial, effectuar um ataque ao flanco direito do inimigo.

6.º — A ambulancia estabelecer-se-ha em Chelleiros, destacando um posto de soccorro para o Casal da Arrebanca.

7.º — Os trens regimentaes vão estacionar na Egreja Nova, aguardando ordens.

8.º — Estaciono na orla do pinhal (194) junto à estrada.

O commandante da brigada

(a) *José Honorato de Mendonça*

Coronel

ESTÁ CONFORME

Corrêa Mendes

Capitão

Tomadas estas disposições e dada a ordem de marcha, teve logar o exercicio, que foi executado como indicámos já no numero anterior e que aqui não reproduzimos por ser surperfluo. Terminado elle, foi dada a seguinte ordem:

PARTIDO NORTE

Quartel general da brigada de cavallaria

3.ª Repartição

N.º 6

ORDEM DE ESTACIONAMENTO

Para 12 de setembro de 1902

Quartel general em Pero Pinheiro, 12 de setembro de 1902
ás 12 horas da manhã

1.º — O inimigo abandonando as posições avançadas que occupava retira sobre Cintra.

2.º — A brigada, aguardando reforços das tropas á retaguarda, vae bivacar nos terrenos a *N* de Pero Pinheiro e Montelavar, no maximo grau de preparação para o combate, com a seguinte disposição:

Artilheria — Em linha, no largo de Montelavar, frente a *S*.

Cavallaria n.º 2 — Em columna aberta de esquadrões nos terrenos a *N* de Pero Pinheiro a *O* da estrada de Mafra, frente a *S*.

Cavallaria n.º 4. — A *L* da estrada de Mafra e na altura do bivaque de lanceiros.

Esquadra de telegraphistas — Em linha, á retaguarda de cavallaria n.º 4.

Serviços administrativos — A' retaguarda dos telegraphistas

Ambulancia — A' retaguarda de cavallaria n.º 2.

3.º — A cavallaria da guarda avançada estabelece-se nos terrenos proximos ao moinho da Ritta, cobrindo-se com postos avançados na linha Granja do Marquez (146) Cortegaça — Palmeiros.

4.º — A esquadra de telegraphistas ligará telegraphicamente a guarda avançada com o quartel general e este com o bivaque.

5.º — Durante o bivaque os solipedes conservam-se apparelhados e as praças equipadas, sendo prohibidos os toques e fogos de bivaque.

6.º — O signal de alarme será dado por toque de clarim, devendo a brigada estar montada e prompta a marchar nos locaes dos respectivos bivaques, 10' depois do toque.

7.º — A guarda de segurança ao bivaque será fornecida pelo regimento de cavallaria n.º 2, com a composição resultante do numero de sentinellas que o sr. official de ronda superior julgar indispensavel para a vigilancia do bivaque.

8.º — O regimento de cavallaria n.º 2 fornecerá uma guarda de 1 cabo e 3 soldados para o quartel general.

9.º — Os homens e solipedes doentes serão evacuados para Mafra.

10º — As distribuições de generos e forragens serão feitas no local de bivaque dos serviços administrativos com a assistencia de um official de ronda superior e pela seguinte ordem: artilheria a cavallo, cavallaria, telegraphistas, ambulancias e serviços administrativos.

11.º O pessoal será abastecido de agua e o gado alojado nos locaes indicados no quadro seguinte:

Unidades	Locaes de abastecimento para pessoal	Locaes onde o gado é alojado
Cavallaria	Poços de Ant. Vistas e Albogas.	Granja do Marquez e Condado.
Ambulancia	Idem.	Idem.
Artilheria	Montelavar.	Montelavar.
Serviços administrativas	Idem.	Tanque de Pero Pinheiro.
Quartel genera	Poço de Ignacio Mirandella.	
Caçadores	Poços de Manoel José e José Joaquim.	Tanque da estrada em Pero Pinheiro.
Guarda avançada	Sotura do aqueducto até junto da pyramide.	Tanques da Cortegaça, Morlena e Quinta do Paço.

12.º — Official de ronda superior o sr. major do regimento de cavallaria n.º 2, ronda de visita, um subalterno de artilheria.
13.º — O quartel general acantona em Pero Pinheiro, na hospedaria da Paquita.
14.º — Ordem ás 6 da tarde.
15.º — Santo, incluso.

O commandante da brigada

(a) *José Honorato de Mendonça*
Coronel

ESTÁ CONFORME
Corrêa Mendes
Capitão

Depois das tropas comerem o rancho frio, procedeu-se ao estabelecimento dos postos avançados, para o que se deu a ordem seguinte:

PARTIDO NORTE

Quartel general da brigada de cavallaria

3.ª Repartição

N.º 7

ORDEM PARA OS POSTOS AVANÇADOS

Para 12 de setembro de 1902

Quartel general em Pero Pinheiro, 12 de setembro de 1902
ás 12 horas do dia

1.º — O inimigo abandonando as posições avançadas que occupava, retira sobre Cintra.
2.º — A brigada, aguardando reforços de tropas á retaguarda, vae bivacar a *N* de Pero Pinheiro e Montelavar, com o quartel general em Pero Pinheiro, Hospedaria da Paquita.
3.º — A cavallaria da guarda avançada (1.º e 2.º esquadrões de cavallaria n.º 4) estabelece-se nos terrenos proximos do Moinho da Ritta, cobrindo-se com postos avançados na linha Granja do Marquez (145) Cortegaça-Palmeiros.
4.º — Dois postos de observação, na força de 6 praças cada um, sob o commando de subalternos, installar-se-hão respectivamente nos altos do Montijo e Palmeiros, devendo recolher á reserva dos postos avançados durante a noite, para recomeçarem o serviço ao romper do dia.
5.º — A esquadra de telegraphistas mandará estabelecer dois postos opticos, junto aos postos de observação, mencionados no n.º anterior, os quaes se corresponderão com a reserva dos postos avançados.
6.º — Patrulhas de reconhecimento serão lançadas na direcção de Campo Raso - A das Rolhados e Palmeiras-Casal do Coutinho.

7.º — Durante a noite a parte fixa do serviço de postos avançados recolhe á sua reserva e não se estabelece sem nova ordem.

8.º — Em caso de ataque os postos avançados retiram sobre a sua reserva e esta procurando manter-se durante 15', reflue sobre Pero Pinheiro.

9.º — Os viveres e forragens serão conduzidos pelos trens regimentaes ao Moinho da Rita.

10.º — O rancho será cosinhado na reserva dos postos avançados.

11.º — Santo, incluso.

O commandante da brigada

(a) *José Honorato de Mendonça*

Coronel

ESTÁ CONFORME

Corrêa Mendes

Capitão

Como vimos no numero anterior as forças do partido sul concentraram-se entre o Montijo e Pedras Alvas, onde tomaram segundas posições para combate. Como porém o inimigo não proseguisse nos seus intentos foi dado um descanço para comerem o rancho frio, e transmittida a seguinte ordem de retirada:

PARTIDO SUL

Quartel general da brigada mixta

Ordem de operações n.º 4

ORDEM DE RETIRADA

Quartel general no Moinho das Pedras Alvas, 12 de setembro de 1902 ás 11 horas da manhã

1.º — O inimigo mantem-se na margem esquerda da ribeira de Chelleiros.

2.º — A brigada vae guarnecer as posições de Cintra pela forma seguinte:

a) — O regimento de infanteria n.º 5 vae bivacar a Ranholas;

b) — O 1.º batalhão de infanteria n.º 16 vae bivacar a Ranholas;

c) — O 2.º e 3.º batalhões de infanteria n.º 16 vão constituir postos avançados na linha Campo Raso–A dos Crivos–Sacotes. Esta localidade de Sacotes é guarnecida por uma companhia;

d) — Commanda os postos avançados o sr. coronel de infanteria n.º 16.

e) — A cavallaria bivaca em Loredo, á disposição do commandante dos postos avançados, devendo conservar o contacto com o inimigo;

f) — A artilheria vae bivacar a Ranholas;

g) — Os sapadores mineiros ficam á disposição do commandante dos postos avançados em Campo Raso;

h) — A ambulancia recolhe a Ranholas;

i) — O sr. commandante dos postos avançados fornecerá ao commandante do pelotão de sapadores o pessoal preciso para organisar defensivamente a posição Campo Raso-A dos Crivos-A dos Rolhados.

3.º — Ordem em Ranholas ás 7 horas da tarde.

4.º — O quartel general permanece em Ranholas.

(a) *Gama Lobo*
Coronel

ESTÁ CONFORME

(a) *João Pereira Bastos*
Capitão

*
* *

2.º EXERCICIO, DIA 13

Immediatamente estas ordens foram cumpridas d'um e outro lado e pouco depois do meio dia estavam montados os postos avançados. Emquanto o partido sul collocava as suas vedetas, varias patrulhas de cavallaria inimiga percorriam o terreno em todas as direcções com o fim de bem o reconhecerem, movimentos estes que se notaram com mais ou menos espaço durante o dia.

No entretanto as tropas iam preparando os ranchos, cuja distribuição se effectuou quasi com a regularidade do quartel, o que foi devido ás medidas tomadas, á boa execução dos serviços administrativos e ao bom funccionamento das cantinas.

A proposito devemos dizer que o habito velho ainda revelou alguma tendencia para a antiga cosinha, de construcção demorada e com qualidades nem sempre praticas.

Depois da distribuição do rancho da tarde e logo que a noite se approximou, os sapadores-mineiros começaram a construcção de 7 fogaças pedreiras, a uns 100 metros a poente de Campo Raso. Ao mesmo tempo, os sapadores de infanteria construiram tambem trincheiras abrigos para organisar defensivamente Campo Raso, A dos Crivos e A dos Rolhados, em conformidade com a ordem anterior.

O trabalho feito pela engenharia e pelos sapadores de infanteria, foi de muito boa vontade. A falta porém de material obstou a que os sapadores de infanteria podessem concluir todo o trabalho projectado.

Cabe n'este logar uma referencia especial á importan-

cia crescente que tem para nós, infanteria, a adopção de uma ferramenta portatil, que sobre ser indespensavel para o proprio soldado cavar um abrigo debaixo de fogo, seria, como no caso presente, de tanta utilidade que com ella conseguiria a infanteria organisar completamente a sua posição defensiva, reputada essencial para o combate que ia travar-se.

Como cahissem grossas bategas d'agua e a noite estivesse muito escura, foi necessario por vezes recorrer á luz dos archotes para executar estes trabalhos.

Durante a noite, assim como durante o dia, as patrulhas do partido norte continuaram, aliás muito acertadamente, com os mesmos reconhecimentos, e como pela luz notassem os trabalhos que o partido sul estava executando, tentaram impedir que fossem levados a cabo. Approximando-se, para isso, foram surprehendidas pelas vedetas de infanteria, que estavam collocadas mais á frente, o que deu origem a que estas, reforçadas com os pequenos postos, tivessem que recorrer ao fogo para as repellir. Repetindo-se estes movimentos resultou que durante toda a noite se ouviu tiroteio, com maior ou menor intervallo. Esta parte do exercicio, feita com toda a realidade, foi uma das mais interessantes e instructivas, embora para as tropas dos postos avançados representasse uma grande fadiga, o que, em todo o caso, não evitou que no combate que se seguiu se portassem galhardamente.

De madrugada, debaixo d'um ceu calliginoso, que por vezes se desfazia em torrentes d'agua, as tropas tomaram o café, entraram com toda a regularidade na fórma, promptas a marchar.

No partido norte, para levar a cabo a missão de reconhecer as posições de Cintra, deu-se a seguinte ordem de marcha:

ORDEM DE MOVIMENTO

Para 13 de setembro de 1902

Quartel general em Pero Pinheiro, 12 de setembro de 1902
ás 6 horas da tarde

1.º — O inimigo, na força de uma brigada mixta, occupa posição a *NE* de Cintra.

2.º — A brigada de cavallaria reforçada com um batalhão da guarda avançada das tropas á retaguarda, vae proseguir na sua missão, marchando n'uma só columna pela estrada Pero Pinheiro—Cintra.

3.º — Ponto inicial de marcha no entroncamento das estradas de Cintra e Sabugo.

4.º — A guarda avançada será constituida pelo 1.º e 3.º esquadrões do regimento de cavallaria n.º 2 e 2.ª bateria de artilheria a cavallo, ficando sob o commando do major d'aquelle regimento. Destacará 3 patrulhas d'exploração, que mantendo-se a 2 km. do corpo da guarda avançada, seguirão em direcção a Campo Raso, Maria Dias e Sabugo.

5.º — Os postos avançados depois que a nova guarda avançada tenha ultrapassado a sua linha de vigilancia, concentram-se na Granja do Marquez e encorporam-se na cauda do corpo principal da columna.

6.º — Os postos de observação e opticos reunem ás suas unidades depois do desfilamento da columna.

7.º — Os trens regimentaes e secção de quarteis manteem-se em Pero Pinheiro, aguardando ordens.

8.º — Marcho na testa do corpo da guarda avançada.

O commandante da brigada

(a) *José Honorato de Mendonça*

Coronel

ESTÁ CONFORME

Corrêa Mendes

Capitão

O partido sul, que tinha por missão evitar que o partido norte effectuasse aquelle reconhecimento, deu a seguinte ordem:

PARTIDO SUL

Quartel general da brigada mixta

ORDEM PREPARATORIA DE COMBATE

Quartel general em Ranholas, 12 de setembro de 1902

1.º — O inimigo está de posse de ambas as margens da ribeira de Chelleiros; a sua cavallaria occupa Pero Pinheiro e ha todas as presumpções de ser a brigada sul atacada ámanhã. Os postos avançados da brigada sul guarnecem a linha Campo Raso-A dos Crivos-Sacotes.

2.º — A brigada tem por missão interceptar ao inimigo as estradas da Granja-Cintra e Granja-Algueirão.

3.º — Para isso far-se-ha o seguinte:

a) Os postos avançados continuam guarnecendo a linha Campo Raso-A dos Crivos-Sacotes, fazendo percorrer por patrulhas de cavallaria as estradas e caminhos que conduzem a Terrugem, Pero Pinheiro e para o nascente do alto de Maria Dias.

b) O batalhão de infanteria n.º 16 que está bivacado em Ranholas, irá estabelecer-se a *O* de A dos Crivos, como reserva do seu regimento.

c) O regimento de infanteria n.º 5 irá estabelecer-se a *S* de A dos Crivos, na baixa entre os Moinhos do Guião e da Cavalleira.

d) O grupo de baterias irá estabelecer-se em posição de vigilancia nas proximidades do Moinho da Cavalleira, só rompendo o fogo quando lhe fôr ordenado.

e) O pelotão de sapadores mineiros é posto sob as ordens do commandante do batalhão de Campo Raso.

f) A cavallaria estabelecerá dois fortes postos de observação do commando de official, tendo por missão vigiar ; o da esquerda os caminhos que do inimigo conduzem a Villa Verde e a Rál, e o da direita os caminhos que do lugar de Coutinho Affonso e da estrada Pero-Pinheiro-Sabugo conduzem ao casal da Barrosa (alto de Maria Dias) e lugar de Algueirão.

O restante do esquadrão irá para o lugar do Algueirão.

g) Logo que a infanteria tenha tomado as posições que ficam indicadas, a companhia que está em Sacotes irá estabelecer-se em A dos Rolhados, avançada da posição, e duas companhias de infanteria n.º 5 irão guarnecer Sacotes.

h) Os trens regimentaes do grupo de baterias, do regimento de infanteria n.º 4 e do batalhão de infanteria n.º 16 bivacado em Ranholas, ficam nos seus bivaques. Os trens regimentaes dos batalhões de infanteria n.º 16, que estão em Campo Raso e A dos Crivos, bem como o dos Sapadores mineiros, retirarão até Lourel e irão abrigar-se no espaço que fica entre as estradas de Lourel-Villa Verde e Lourel-Campo Raso,

i) A brigada achar-se-ha em posição ás 7h,30' da manhã.

j) Os exploradores de infanteria só abrirão fogo depois do inimigo ter esboçado o seu ataque. A' medida que o inimigo for avançando, abrir-se-ha o fogo por pequenas fracções, conservando-se as restantes completamente abrigadas e na formação em ordem unida que melhor se adequar ao terreno.

4.º — O quartel general vae estabelecer-se no alto do Moinho da Cavalleira.

(a) *Gama Lobo*
Coronel

ESTÁ CONFORME

(a) *João Pereira Bastos*
Capitão

Esta ordem foi transmittida na noite do dia 12 ás diversas unidades. No dia seguinte as forças do partido sul, bivacadas em Ranholas, seguindo pelos caminhos mais proximos foram tomar as posições indicadas, o que se effectuou com regularidade e promptidão.

As forças do partido norte, segundo a ordem de marcha anterior, pozeram-se em marcha pela estrada Pero Pinheiro – Cintra, lançando para a frente tres patrulhas de exploração. A patrulha que seguia por esta estrada, encontrando a do partido sul, que tinha sido mandada para a frente em exploração, fel-a retirar e avançando até perto de Campo Raso, transmittiu para a retaguarda que a posição Campo Raso e A dos Rolhados estava egualmente guarnecida. Immediatamente se deu no partido norte a seguinte ordem:

PARTIDO NORTE

Quartel general da brigada de cavallaria

ORDEN PREPARATORIA DO COMBATE

Quartel general em A da Fação, 13 de novembro de 1902

1.º — Forças inimigas foram vistas nas proximidades de Campo Raso e A dos Rolhados.

2.º — A brigada do meu commando vae atacar o inimigo procurando reconhecer as posições que elle occupa.

3.º — A cavallaria da guarda avançada, desembaraçando a estrada, procura attrahir a attenção da artilheria inimiga, e vae em seguida abrigar-se junto á Granja do Marquez, protegendo o estabelecimento da 2.ª bateria no alto da cota n.º 145 a *N* do pinhal.

4.º — O batalhão de caçadores, seguindo pela estrada de Algueirão, desenvolve-se para *SE* d'esta estrada em direcção a dos Rolhados.

5.º — O esquadrão testa do corpo principal, abandonando a columna em A da Fação, seguirá por Lameiras, Penedo, Fervença em direcção ao Ral, executando uma diversão por este lado.

6.º — O regimento de cavallaria n.º 4 e a 1.ª bateria de artilheria a cavallo, sob o commando do coronel d'aquelle regimento, seguindo pela estrada do Sabugo, vão effectuar um movimento envolvente pela encosta *L* de Maria Dias ás posições inimigas.

7.º — A ambulancia, estabelecendo-se no Moinho da Ritta, destacará 2 postos de soccorro para a Granja do Marquez e para o cruzamento dos caminhos da encosta *L* do alto Maria Dias.

8.º — Os trens regimentaes manteem-se na sua situção.

9.º — Estaciono junto ao entroncamento das estradas de Cintra e Algueirão.

O commandante da brigada

(a) *Jasé Honorato de Mendonça*
Coronel

ESTÁ CONFORME

Corrêa Mendes
Capitão

*
* *

DISCRIPÇÃO DO EXERCICIO

Devemos nós, assim como fizemos no primeiro exercicio, dividir este tambem por phases, para tornar mais clara e methodica a descripção.

1.ª Phase — Encontro das cavallarias

Esta phase teve pouco de interessante, porque a cavallaria do partido norte, não encontrando forças de cavallaria que lhe opozessem resistencia, pôde avançar sempre nas direcções indicadas na ordem acima transcripta.

2.ª Phase — Ataque demonstrativo

O ataque demonstrativo foi executado pelas forças da guarda avançada. Para isso, seguindo por caminhos differentes, e principalmente pelas estradas Pero Pinheiro–Cintra e Pero Pinheiro–Algueirão, atacou bruscamente as posições defensivas. Como, porém, á medida que se iam aproximando eram recebidas, d'aqui e d'ali, com fogo por descargas, foram obrigadas a retirar, o que só fizeram depois de varias investidas.

No entretanto, as forças do partido sul iam-se desenvolvendo nas posições mais dominantes, conforme indica o mappa junto, para o que tiveram de executar varios movimentos, á excepção do 2.º batalhão de infanteria n.º 16, e pelotão de sapadores, que se estabeleceram defensivamente nas trincheiras abrigos, e onde se conservaram durante todo o combate.

A artilheria do partido sul, avistando o esquadrão que de A da Fação se dirigia ao Rál, abriu o seu fogo contra elle, mas n'este meio tempo, rompendo o fogo a bateria a cavallo, que se tinha estabelecido na Granja do Marquez, fez tambem fogo contra ella, assim como tambem alvejou outras forças de cavallaria, que, com persistencia, tentaram a passagem.

N'esta altura já a posição de Maria Dias se achava guarnecida com duas companhias de infanteria n.º 5.

3.ª Phase — Ataque decisivo

O ataque, devido ao facto de ter retirado a cavallaria que tentou a acção demonstrativa, estava pouco generalisado. Passado, comtudo, uma meia hora, começando a desenvolver-se o batalhão de caçadores n.º 5 entre as estradas Pero Pinheiro–Cintra e Pero Pinheiro–Algueirão, o combate generalisou-se, porque no flanco direito combateu a pé um esquadrão de cavallaria e porque ao mesmo tempo abriu o seu fogo a bateria a cavallo, que se estabeleceu em Coutinho Affonso, além de que, outras forças de cavallaria, seguindo por diversas direcções não cessaram de tentar a passagem, o que lhe foi sempre impedido por forças que, fazendo fogo por descargas, lhes surgiam de todos os lados.

Cavallaria n.º 4, que se achava de apoio á bateria a cavallo que tomou posição em Coutinho Affonso, manobrou

constantemente sobre o flanco direito da brigada, chegando a tentar tomar por surpreza a posição Maria Dias, defendida por 2 companhias de infanteria 5.

A' medida que caçadores n.º 5 avançava por lanços na direcção de A dos Rolhados, os batalhões de infanteria n.ºs 5 e 16, que estavam mais proximos d'esta povoação, foram avançando tambem de encontro aos caçadores. Mas quando as forças do partido sul estavam a uns 100 metros para a frente d'esta povoação, os dois partidos estavam já muito proximos, as forças do partido sul mais avançadas chegaram a armar bayoneta.

N'este meio tempo deu-se um episodio digno de ser registado: Um pelotão de cavallaria, sob o commando de um alferes, tentando temerariamente a passagem por entre A dos Crivos e A dos Rolhados, foi surprehendido por uma força de infanteria, ficando prisioneiro, pelo que foi mandado apear. As forças de reserva de infanteria n.º 5, que estavam á direita do Moinho do Guião, fizeram tambem fogo contra este pelotão.

4.ª Phase — Retirada

N'esta altura, reconhecendo o batalhão de caçadores n.º 5 que era insustentavel a sua posição, inicia a sua retirada, e mandando pouco depois o ex.mo general director dos exercicios fazer o toque de *alto — cessar fogo*, terminou o 2.º exercicio.

Reunindo-se immediatamente as diversas unidades, deu-se um descanço para comer o rancho frio, seguindo logo depois as forças dos dois partidos para as posições do dia anterior. As tropas montadas recolheram n'esse mesmo dia a quarteis, e as tropas a pé no dia seguinte.

E assim terminaram os exercicios da 1.ª divisão deixando em todos a mais viva impressão de agrado, e merecendo o nobre ministro da guerra sinceros applausos, porque é a S. Ex.ª a quem o exercito deve, principalmente, o desenvolvimento que os exercicios de outomno tem tido entre nós, como grande escola de applicação, imprescindivel, flagrantemente necessaria.

SOBRE GYMNASTICA

No numero 9 — Setembro — da nossa Revista dissémos, a proposito dos exercicios finaes realisados este anno na Escola Pratica de Infanteria, o seguinte: *Na gymnastica notámos com agrado o desapparecimento de exercicios espectaculosos e até certo ponto improprios da nossa profissão, a par de um grande desenvolvimento de optimos exercicios racionaes e methodicamente encaminhados, exercicios que conduzem ao avigoramento physico e á destreza.*

O nosso collaborador sr. L. Corrêa de Souza, distincto tenente de infanteria, julgando que estas palavras não fossem a expressão da verdade do que vimos e notámos, escreveu-nos uma carta pedindo que lhe respondessemos aos seguintes quesitos:

«1.º — Quaes os *exercicios espectaculosos e até certo ponto improprios da nossa profissão*, executados na Escola em concursos anteriores;

«2.º — Qual a linha divisoria entre propriedade e impropriedade de exercicios destinados á educação physica das tropas;

«3.º — Quaes os *exercicios optimos, racionaes e methodicamente encaminhados* a que, como progresso, se deu este anno grande desenvolvimento;

«4.º — Finalmente, qual a superioridade, sob o ponto de vista do *avigoramento physico e da destreza*, dos exercicios agora *notados*, sobre os que anteriormente se executaram »

Responderemos por partes. Quanto á primeira pergunta achamo-l'a devéras extranha e descabida, porque todos que viam os exercicios complicados, difficeis e por vezes perigosos que se executavam em argolas, barras e paralellas, notavam que não eram proprios da *nossa profissão*. N'um circo esses exercicios teriam todo o cabimento, para uma escola militar com certeza não eram proprios. Se não é assim o nosso camarada que o conteste. A nossa opinião é que na Escola Pratica e nos corpos se deve fazer *gymnastica militar* e foi isso o que vimos este anno na Escola.

Quanto á terceira pergunta diremos que esses exercicios foram todos aquelles que na Escola se podem fazer com caracter de applicação militar, taes como subidas de pranchas, passagem de portico, saltos e escaladas, corridas em pista d'obstaculos, exercicios estes que sempre foram precedidos de movimentos livres, o que d'antes não se fazia. Este anno intermearam-se os exercicios livres com os exercicios de applicação militar. A judiciosa combinação que notámos é que nos levou a empregar

a palavra *racional*, e a maneira como foram executados, obedecendo sempre a um crescendo constante, a palavra *methodo*.

A resposta á quarta pergunta, que nos causou tambem profunda extranheza, levar-nos-hia muito tempo e roubar-nos-hia muito espaço, que infelizmente não podemos dispôr.

Com magoa deixamos ficar aqui sobre a nossa banca um optimo trabalho de um mestre de gymnastica, mas que esperamos ainda ter occasião de o publicar para satisfazer a natural curiosidade do nosso amigo e camarada o sr. Correia de Sousa.

Todavia sempre lhe queremos dizer que, em nosso juizo, tanto a gymnastica sueca, como a gymnastica allemã, duas escolas oppostas, a primeira uma gymnastica pedagogica, a segunda athletica e talvez, mais propriamente acrobatica, são improprias e portanto improductivas na sua applicação a mancebos physiologicamente perfeitos, como *devem* ser os mancebos recrutados. A superioridade notada está exactamente em se ter abandonado o acrobatismo, em não se ter seguido a gymnastica pedagogica, mas antes o schema racional da gymnastica militar.

Finalmente, á segunda pergunta, pelo que já dissémos, fica a resposta dada. Em todo o caso, como a determinação d'essa *linha divisoria* devia constituir um estudo interessante e instructivo, nós declaramos que nos escasseia um pouco a competencia *especial* para o fazer, mas como o nosso camarada tem essa competencia e mais a obrigação de a ter, pois foi durante annos instructor e director d'essa instrucção, pedimos-lhe que o faça, para o que gostosamente desde já lhe pômos á sua disposição as paginas d'esta Revista.

Se o sr. tenente Corrêa de Souza tivesse ao menos confrontado o programma d'este anno com o dos annos anteriores, temos a certeza que não nos dirigia a carta, com que, aliaz, devéras nos honrou.

BIBLIOGRAPHIA

Administração Militar em Campanha — Por Alberto David Branquinho, alferes do corpo de officiaes de administração militar.

Estamos verdadeiramente envergonhados de ainda não termos tido tempo nem espaço para agradecer a amabilidade de camaradas nossos que nos teem honrado offerecendo os seus livros.

E o embaraço é tanto maior quanto, a despeito mesmo do nosso grande desejo, ainda nos encontramos inhibidos n'este numero de podermos cumprir integralmente esse dever. Esse grato dever.

Porque é sempre com o mais vivo desvanecimento que nós registamos o desenvolvimento crescente que a litteratura militar vae tendo entre nós.

Applaudir os que trabalham honestamente, sinceramente, inflammados no mais nobre dos amores, o amor da patria; incitar e estimular esses benemeritos, no caminho encetado, para novos triumphos e novas glorias, é uma das mais sympathicas missões d'este sacerdocio da imprensa, sacerdocio que com tanto amor e desinteresse abraçamos ha perto de 30 annos.

O nosso camarada, o sr. alferes Branquinho, produzio um livro bem feito, um livro pratico, um livro de incontestavel utilidade.

Por isso o felicitamos, não havendo n'estas palavras nem favor nem lisonja.

Ninguem desconhece a extraordinaria importancia que os serviços administrativos teem no exercito, tanto na paz como na guerra.

Felizmente entre nós ha já um progresso assignalado em tudo o que se correlaciona com os serviços administrativos do exercito, e com orgulho podemos affirmar que a administração militar estuda, trabalha com affinco, e procura conscienciosamente acompanhar o movimento evolutivo dos progressos militares para poder cabalmente preencher a sua nobilissima missão.

O livro do sr. Branquinho é um repositorio onde se acham concatenados, em corpo de doutrina, os principios essenciaes para o serviço de administração militar em campanha.

Não só deve ser compulsado com vantagem e interesse por todos os officiaes do serviço administrativo, mas será até um auxiliar de grande valor para os alumnos das Escolas.

Está methodicamente urdido, escripto em linguagem simples e elegante e sobre tudo está feito com muita clareza e muita precisão.

Estuda a mobilisação, os transportes estrategicos, a concentração. Depois investigando os serviços das operações activas trata da 1.ª linha, estudando os viveres de reserva, viveres dos trens regimentaes, columnas de viveres, padarias de campanha. Nos serviços da 2.ª linha, estuda a zona das estradas, zona dos caminhos de ferro, zona das vias navegaveis, reabastecimento pela retaguarda, estacionamento, e marchas prolongadas.

Estuda a questão do fardamento e a questão de fundos para as despezas do exercito.

N'uma palavra, resume em poucas paginas tudo quanto é essencial ao official de administração militar para bem poder desempenhar a sua tão ardua quanto utilissima missão em campanha.

E' um bello serviço prestado ao exercito pelo sr. Branquinho, e oxalá que tão bello exemplo seja seguido por todos aquelles que o poderem acompanhar.

Reiterando os testemunhos das nossas sinceras felicitações, agradecemos a amabilidade da offerta.

SECÇÃO DO ESTRANGEIRO

As despezas militares dos estados da tripilce alliança. A triplice alliança, ha pouco renovada por mais doze annos e ainda não ha muito tempo estreitada pelos abraços cordeaes do rei de Italia e imperador d'Allemanha, juntamente com as saudações que juntos fizeram ao rei da Austria, tem andado na tella da discussão. Abstrahindo das vantagens ou inconvenientes que ella possa ter sobre a paz europêa, indicaremos as despezas que as tres nações fazem com os seus exercitos, o que nos parece interessante, e tanto mais que no nosso paiz se chora e lastima toda e qualquer despeza que se faça com o nosso exercito; veja-se e compare-se.

As despezas totaes da Allemanha são de 5.072.050.000 francos, os da Austria 2:932 893.821 e os da Italia de 1.748.118.772.

As despezas com o exercito e a marinha, não contando as reformas, são: Allemanha 1:020.402 887 francos, Austria 477.185.727 e Italia 360:000.000, o que representa para a Allemanha, sobre as despezas totaes, 21,23 % para a Austria 19,97 % e para a Italia 16,27 %, o que dá para as despezas feitas sómente com os exercitos, para a Allemanha 16,23 %, para a Austria 14,78 % e para a Italia 14,43 %.

Como se vê é a Italia a nação da triplice que menos gasta com o seu exercito.

Inglaterra. —**Metralhadoras na infanteria do exercito da India.** Todos os regimentos de infanteria de campanha do exercito das Indias vão dentro em pouco ser dotados com metralhadoras Maxim, que ficarão a cargo d'officiaes e soldados previamente escolhidos.

O pessoal de cada metralhadora constará de 1 sargento e 6 soldados, 3 effectivos e 3 de reserva, sendo cada grupo commandado por 1 official. Cada metralhadora dispõe de 1:000 cartuchos para exercicios e de 2:900 com bala. Tanto em manobras nomo em campanha as metralhadoras marcham com as suas unidades, excepto quando o commandante da brigada der ordem para as reunir. O commandante do regimento dará aos officiaes chefes de grupo uma ideia geral do papel que tem a desempenhar no combate, deixando-lhe toda a liberdade para a execução das suas ordens.

A duração real do serviço militar nas principaes potencias europêas. Durante estes ultimos annos tem andado na tella da discussão a duração do tempo effectivo de serviço. Como em tudo, as theorias contradizem, mas não obstante os factos accusam dia a dia uma diminuição no tempo de serviço passado nas fileiras. Não se julgue, contudo, como deverá suppor-se, que esse facto é devido a sentimentos humanitarios para assim suavisar o duro encargo da contribuição de sangue. Nada d'isso. Essa reducção é unica e exclusivamente devida ás exigencias economicas e á necessidade, cada vez maior, de apresentar em combate, o maior numero de homens. Estas duas causas são verdadeiramente antagonicas, pois que a instrucção que demanda a segunda mal se quaduna com as imposições da primeira. Mas é do justo equilibrio que depende o accerto. Se não fossem as exigencias economicas seria de toda a conveniencia que os soldados se demorassem nas filei-

ras o mais que fosse possivel; como é, porém, necessario attender a essa razão e como é indispensavel que todos venham ás fileiras, mandam-se os instruidos embora o mais depressa possivel para não aggravar o thesouro e para deixarem logar a outros.

Sendo isto em todos os paizes um principio assente, não se faz, contudo, d'uma maneira uniforme. Assim vemos que na Allemanha essa duração é de 2 annos para as tropas a pé, 1 anno para as tropas de trem e de 3 annos para a cavallaria e artilheria a cavallo.

Na Russia a duração do serviço é, em geral, de 5 annos. Comtudo esses 5 annos reduzem-se a 4 annos para os mancebos que teem os cursos das escolas elementares, a 3 annos para os que teem os cursos das escolas de instrucção secundaria e a 2 annos para os das escolas superiores. Os que fizerem os cursos das escolas regimentaes teem tambem grandes reducções.

Na Austria essa duração tambem é regulada por processos varios, podendo dizer-se que é de 2 annos e meio.

A Inglaterra ainda não tem o recrutamento obrigatorio.

Na Italia a duração legal é de 3 annos, mas esta disposição só é cumprida na cavallaria. Nas outras armas os soldados são licenceados ao cabo do 2.º anno.

Na França essa duração tem ultimamente sido muito discutida, mas parece que dentro em breve passará a ser de 2 annos.

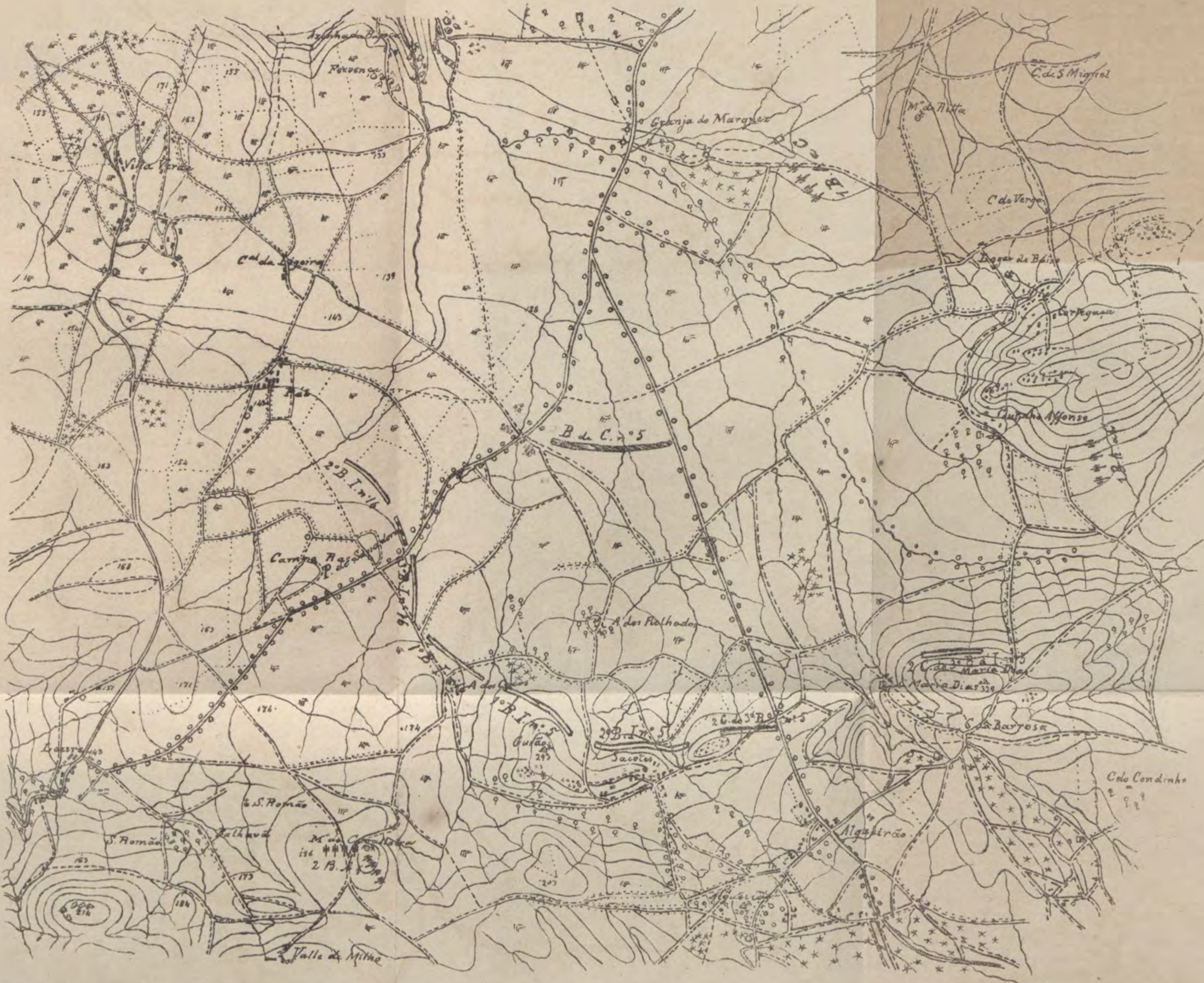
Em França a encorporação faz-se na proporção de 78 %, na Allemanha 51 %, na Austria 41 %, na Italia 33 %, na Russia 19 %, sendo os restantes dispensados por diversos motivos. Por estes numeros se vê que é na França que o recrutamento pessoal e obrigatorio é cumprido com mais rigor.

Allemanha. — **Os officiaes dos estabelecimentos technicos.** — Foi ha pouco regulado que os officiaes empregados nos estabelecimentos technicos de infanteria e artilheria, formarão um só corpo especial, com o mesmo uniforme, differençando-se apenas no emblema, duas espingardas cruzadas para os de infanteria e duas boccas de fogo para os de artilheria.

Os officiaes dos estabelecimentos technicos dependem da *Direcção Geral do Material*. Os de infanteria prestam serviço nas fabricas de armas de Spandau, Danzig e Erfurt, e na fabrica de munições de Spandau; os de artilheria nas fabricas de artilheria de Spandau, Deutz, Strasbourg e Danzig; na fundição de canhões de Spandau; na fabrica de projecteis de Siegburg; nos laboratorios de pyrotechnica de Spandau e Siegburg, e nas fabricas de polvora de Spandau e Hanau.

Inglaterra. — **Experiencias com canhões automaticos.** — A commissão do material de artilheria acaba de assistir no campo de Okchampton a certas experiencias feitas com dois canhões automaticos Vickers-Maxim de tiro rapido. Estas experiencias deram um bom resultado. Uma vez regulado o tiro, a peça pode disparar continuadamente sem que seja necessario rectificar a pontaria.

C. de S Miguel
C do Verga
Logar de Baixo



Ferrenço
Granja do Marquez
C. de S. Miguel
Mº da Rolta
Villa Verde
Cal da Bageira
C. de Verge
Carregueira
B. de C. nº 5
2º B. I. nº 16
Camara Rasa
Odrinhas Affonso
A. dos Rolhados
A. dos Cães
2º B. I. nº 5
Gulães
Sacotes
Maria Dias
C. da Barrosa
Lourel
S. Romão
Algueirão
C. do Condinho
Valle de Milho

5.º Anno Dezembro de 1902 N.º 12

REVISTA DE INFANTERIA

SOLDOS E GRATIFICAÇÕES

II

Vamos hoje entrar na analyse das medidas que, segundo o nosso criterio, se podem e devem tomar com o fim de dar solução ao problema economico que tão manifestamente está compromettendo a vida do official e mesmo até os mais sagrados interesses do proprio exercito e, portanto, da nação. De todas as medidas aquella que, como já anteriormente tivemos occasião de dizer, tem a primazia, é o augmento de soldos. Antes, porém, de começarmos a pedir que elles augmentem, é necessario pedir que não diminuam, como errada e funestamente tem succedido até hoje com os varios impostos com que por vezes teem sido sobrecarregados. Comecemos, pois, por pedir a extinção d'esses impostos, e sobre este assumpto prenderemos hoje a nossa attenção.

A legalidade e o direito de sobrecarregar os funcionarios do Estado com impostos tem sido contestada por

tratadistas d'economia politica, não só porque constitue uma medida d'effeitos verdadeiramente contraproducentes, mas tambem um facto immoral, por ser uma manifesta confirmação dos maus principios d'administração publica. O funccionario, n'estes casos, é a victima dos erros accumulados pelos dirigentes.

O Estado tem sempre o dever de garantir a vida dos seus servidores e de lhe dar o necessario e indispensavel para poder occupar dignamente, sem manchas, nem vergonhas, nem humilhações, o logar que lhe é marcado na hierarchia social. Pela mesma ordem de ideias tirar-lhe hoje o que hontem se reconheceu ser necessario, e muito principalmente depois de manifestamente se reconhecer que a vida encarece dia a dia, constitue um facto que repugna adimittir, porque dar e tirar é um principio que não se coaduna com a logica nem com a sã razão.

Deixando, pois, a generalidade e cahindo no campo restricto a que nos estamos referindo, não podemos deixar de dizer que os impostos que se teem lançado sobre os vencimentos dos officiaes do exercito constituem uma medida que mal se justifica e difficilmente se defende. Portanto, para cessar o effeito, que é contraproducente e immoral, como já vimos, é necessario fazer cessar por completo a causa, que é quasi indefensavel.

Ha, porém, casos anormaes e de excepção na vida dos Estados que podem justificar, pelo menos momentaneamente, essas medidas. Quando uma crise economica ou financeira proveniente de causas extranhas e independentes da acção dirigente reclame o concurso de todos para ajudar a fazer face aos damnos que causou e perigos que pode trazer, deve-se admittir, mesmo como fim patriotico, a reducção nos vencimentos. Tal é o caso da crise de 1891.

Grave como foi e ameaçadora como se apresentou, levou os officiaes do exercito a offerecerem expontaneamente o seu concurso, que sendo acceite com a promessa formal de durar um anno esse encargo, se converteu em pouco no imposto chamado de *salvação publica*.

Admittida assim a legalidade do acto praticado e evidenciado o fim patriotico, nobre e verdadeiramente altruista do offerecimento, não podemos deixar de dizer que passado o anno a crise estava debellada, mas que, apezar de tudo, esse encargo, esse imposto, continuou até hoje sobrecarregando os vencimentos d'aquelles que nobremente se offereceram ao sacrificio. Nada tem sido respeitado,

nem o compromisso formal, nem o acto generoso que os officiaes do exercito praticaram, que encheu de verdadeiro e santo orgulho o coração de todos os bons portuguezes, assim como tambem não se tem attendido nem ás consequencias contraproducentes, nem ao effeito immoral que o facto em si envolve.

Assim, este imposto, tornado hoje illegal, pois que a crise foi debellada, bem como todos os outros, cuja legalidade nunca se conheceu, é necessario que acabe. Se isso se conseguisse prestar-se-hia um bom serviço ao exercito; e dizemos exercito e não — officiaes — porque embora estes sejam os interessados immediatos, aquelle, a grande corporação guiada, instruida e illucidada por elles, é o que recebe os fructos como interessado mediato e mais directo, porque um exercito é bom quando os seus officiaes são bons. Temos fé e esperança de que o nobre ministro da guerra que mostrou, na ultima sessão legislativa, quanto deseja accudir ás precarias circumstancias em que se encontra o official, propondo a abolição da decima de renda de casas para os officiaes arregimentados, e que por um concurso de motivos que nos pareceram estranhos á sua vontade, não pôde ver convertido em lei esse generoso pensamento, não ha de consentir que continue eternamente a pesar no exercito um imposto que tanto aggrava a economia do official.

E é tanto maior a nossa fé quanta é a convicção intima em que estamos de que este é o pensamento do nobre ministro, e que por esta ideia justa ha de S. Ex.ª empenhar o melhor dos seus esforços.

Não obstante isto, julgamos conveniente reforçar a nossa these transcrevendo uma passagem do livro. — *Nação Armada* — de von der Goltz:

«Um corpo de officiaes, diz elle, que não occupa senão uma posição social precaria poderá fornecer perfeitos cidadãos, pacificos e laboriosos, mas será pobre em soldados emprehendedores e audaciosos. Sem os seus privilegios sociaes, cahirão fatalmente muito baixo, porque na vida civil é a riqueza que, a maior parte das vezes, fixa a demarcação das classes...

O exemplo (dado aos subordinados pelos officiaes) exerce uma acção bem mais efficaz do que a lei escripta e as palavras.»

Mas, perguntamos nós agora, como ha-de o official por-

tuguez dar este exemplo, se na vida, que com enthusiasmo abraçou ainda novo, não encontra os meios proprios para poder desasombradamente entregar-se á sua difficil, espinhosa, e embora honrosa missão?

E' mister que os taes privilegios sociaes, a que se refere judiciosamente von der Goltz, venham contrabalançar até certo ponto a deficiencia dos magros vencimentos dos officiaes. Seria até de toda a justiça e de toda a conveniencia nacional que os officiaes do exercito fossem isentos do pagamento de todos os impostos; mas, o que é inqualificavel, iniquo, vexatorio e até humilhante é que o official do nosso exercito pague todos os impostos que impendem sobre os cidadãos portuguezes e mais um. E esses impostos traduzem-se em descontos tão grandes que absorvem uma boa parte dos vencimentos, que regula por 20 % sobre a totalidade.

A vida encarece de dia para dia, o Thesouro Publico ainda se não acha sufficientemente desafrontado para ir elevando o soldo dos officiaes á medida que essa carestia vai incidindo no paiz, e portanto para a nossa these o unico meio é ir alleviando os officiaes do exercito de impostos que são immoraes, porque são de excepção.

Quer dizer, em vez de se praticar entre nós o pensamento generoso de von der Goltz, para que possamos ter soldados *emprehendedores e audaciosos,* creando ao corpo de officiaes privilegios sociaes que contrabalancem a demarcação entre as classes que a riqueza fixa na vida civil, pratica-se a inversa, isto é, sobrecarrega-se o official com todos os impostos e mais o imposto de rendimento!!

Em toda a Europa só em dois exercitos isto acontece— no portuguez e no hespanhol.

Mas, e aqui vem o mas de todas as cousas cá d'este mundo, ainda ha pouco o coronel Segui apresentou no Congresso hespanhol uma proposta de lei para ser abolido o imposto sobre o vencimento dos seus camaradas. E esta proposta, tão justa e tão moral, encontrou echo sympathico no Senado, onde o marquez de Perijáa, apezar de paisano, directamente desligado do exercito, renovou a proposta do coronel Segui, precedendo-a de uma interessante e illucidativa exposição.

D'este modo tudo se encaminha para que fiquemos unico exemplo na Europa, devendo notar-se que a Hespanha ainda ha pouco acabou de passar por uma guerra medonha que lhe arrebatou as suas colonias, a sua expansão

commercial, e, talvez, até o affecto mais querido do seu coração. E nós, temos vivido em paz.

O exemplo extranho ahi fica, restando-nos comtudo a esperança e a fé de que o nobre ministro da guerra não consentirá n'esta excepção humilhante para o nosso exercito.

DAVID RODRIGUES
Ten. d'Infant.

EQUIPAMENTOS DA INFANTERIA

(ESTUDO COMPARATIVO)

III

Inglaterra

Fig. I

A Inglaterra é de todos os paizes da Europa aquelle que tem o soldado mais aligeirado além de que junto a isto ha a acrescentar a boa disposição dos artigos de equipamento. Nem mesmo era de esperar outra cousa d'um paiz essencialmente pratico. Não entrando desde já em comparação, que reservamos para mais tarde, passaremos a descrever o equipamento inglez, que só por si, e independentemente de mais detalhes, será o bastante para confirmar o que acima nos abalançamos a affirmar.

A *mochila* é substituida por um *sacco-mochileta* de couro envernisado de preto que se prende aos hombros por meio de duas correias. No interior divide-se em dois compartimentos. A altura é de $0^m,27$, a largura de $0^m,38$ e a largura das costas de $0^m.07$. O sacco-mochileta deve-se collocar de tal forma que o seu bordo su-

Fig. II

perior exceda a linha dos hombros. Duas correias que passam por cima dos hombros e se afivelam aos suspensorios servem para o prender ao corpo. Para lhe dar mais fixidez, a correia central que se vê na Fig. II, das tres que servem para fechar a aba exterior, pode-se prender aos suspensorios, na parte posterior, a meio das costas. Como se vê, tanto na parte anterior como na posterior, a mochileta liga-se directamente aos suspensorios.

Os *suspensorios* são duas correias fortes, que, ligando-se ao cinturão na parte posterior, encruzam no meio das costas, passam por sobre os hombros e vem novamente prender-se ao cinturão na parte anterior, junto ás cartucheiras, que se veem na Fig. I.

O *cinturão*. que é tambem uma correia forte, tem fivellas de metal para fixar os suspensorios.

As *cartucheiras*, de couro com a côr natural, como todas as correias, alojam, cada uma, 50 cartuchos e ligam-se ao cinturão na parte anterior, conforme indica a Fig. I.

O *capote*, depois de enrolado, é apertado com duas correias que se fixam á parte posterior dos suspensorios.

A *marmita*, de folha, é envolvida por um panno esverdeado, apertado com uma correia que a prende tambem aos suspenserios na parte posterior, ficando sobre o capote como indica a Fig. II.

O *bornal*, de tecido impermeavel, é supportado por uma correia que se apoia sobre o hombro direito, Fig. I.

O *frasco*, identico ao nosso, é sustentado por uma correia estreita que se apoia sobre o hombro esquerdo, Fig. I.

Os artigos do pequeno equipamento são; um guarda-napo e um sabonete, dois pares de sapatos, cordões para

sapatos, uma escova para fato, e um estojo contendo um pente, uma navalha de barba, uma colher, uma faca e um garfo, fio, agulhas, além de duas camisas de flanella, um cinto da flanella e pensos.

A cada soldado é distribuido um panno de tenda-abrigo com 1,^{m}49 sobre 0,^{m}90 de largo.

Ao soldado inglez é distribuida uma pá portatil, que se suspende do lado esquerdo do cinturão. Egualmente a cada soldado é distribuido um dia de viveres de reserva.

O calçado é o sapato alto de atacadores, systema *boot* inglez, que é usado com polainas, que nas colonias são substituidas por umas de panno que se ligam á perna com uma correia apertada em helice.

A arma empregada é a Lee-Enfield, modificação da Lee-Medetfort.

O pezo que o soldado inglez transporta é de 23^{k},650.

INSTRUCÇÃO ESPECIAL DOS EXPLORADORES

(Continuado do n.º 7 — 5.º anno)

§ 2.º

Pontos principaes a reconhecer

Generalidades. Os exploradores pelo seu serviço especial devem estar habilitados a reconhecer o terreno em geral, os logares habitados, logares arborisados, os desfiladeiros, cursos d'agua etc., muito embora taes reconhecimentos não possam attingir um elevado grau de perfeição. Serão comtudo completados pelo commandante, o qual transmittirá aos chefes das unidades á retaguarda todos os esclarecimentos obtidos.

Os principaes detalhes sobre que devem versar os reconhecimentos são:

Alturas. Situação, elevação, natureza, declives, caminhos para chegar á crista e para as transpôr.

Planicies. Extensão, natureza, culturas principaes, muros e vedações, fossos, pantanos, caminhos, logares povoados, aldeias etc, e em geral todos os obstaculos que possam impedir a marcha das tropas.

Desfiladeiros. Natureza, extensão, se podem ser transpostos, modo de restabelecer ou interceptar a passagem, entradas e sahidas, caminhos que a elles concorrem, alturas dominantes.

Logares habitados. Casas, situação e natureza dos muros que as cercam, coberturas, andares, dependencias, recursos que n'ellas se encontram, sahidas, jardins, vedações, pomares, poços, forma geral da localidade, limites, circuito meios de transporte etc.

Bosques. Posição topographica, extensão aproximada, se ha probabilidade de se defenderem com defensas accessorias, principalmente por meio de abatises, clareiras, estradas e caminhos no interior que vão dar á orla, carreiros e atalhos, forma da orla, forma e naturesa do terreno que os cerca, se têm matto etc.

Cursos d'agua. Classificação, pontos de passagem, vaus, pontes, alpondras, profundidade, se dão passagem a todas as armas, sabendo-se que para a artilheria as poder transpor devem ter a maxima profundidade de $0^{m},65$, 1^{m} para infanteria e $1.^{m}20$ para cavallaria, natureza das margens e do leito, barcas de passagem, barcos, velocidade da corrente e sua direcção, casas nas margens, moinhos, açudes atc.

Canaes. Largura, pontos de passagem, diques, escuadouros ou desaguadouros, estado e largura dos caminhos marginaes, barcos etc.

Estradas e caminhos. Natureza e direcção, largura, declive, se são orladas de muros, de sebes, de arvores, se são de nivel, enterradas ou a meia encosta, cursos d'agua que as atravessam, localidades porque passam, estado de conservação etc.

Vias ferreas. Estado da via e largura, numero de vias, tuneis, se a via é em aterro ou desaterro, pontes, passagens de nivel, caminhos e estradas que a atravessam, estações, agulhas, depositos d'agua, depositos de carvão, viaturas, locomotivas etc.

§ 3.º

Modo de proceder aos reconhecimentos

1.º Logares arborisados [1]

a) **Grupos de arvores e pequenos bosques.** Se os exploradores marcham constituindo um unico grupo, devem-se fazer preceder por uma patrulha (guarda avançada). Ao aproximar-se a patrulha do bosque, dois exploradores contornam-o, e o commandante da patrulha atravessa-o, seguindo o 3.º explorador um pouco á retaguarda do referido commandante.

Se os exploradores marcham dispersos, logo que se aproximem do grupo d'arvores, tres d'elles acceleram a cadencia e procedem como ficou indicado, isto é, dois contornam-o e um atravessa-o.

b) **Um bosque extenso.** *1.º Generalidades.* Um bosque d'uma certa extensão, pinhal, olival, vê-se geralmente bem a distancia, não deve por isso a sua existencia ser ignorada pelo commandante dos exploradores, assim como pelos commandantes das differentes unidades, além de que pelo estudo sobre a carta da zona do terreno em que se vae operar é denunciada a sua situação, por isso o commandante dos exploradores ao ter conhecimento d'elle, tomará logo as disposições convenientes para o mandar reconhecer com uma certa segurança. O reconhecimento feito pelos exploradores a um local arborisado é principalmente realisado para observar se ahi se encontra o inimigo e portanto, para evitar qualquer surpresa. O subalterno ou sargento que os commanda é que deve effectuar o reconhecimento debaixo do ponto de vista tactico, para poder fornecer ás forças que precedem todos os esclarecimentos convenientes e necessarios.

2.º Pratica. Conduzidos os exploradores ás proximidades d'um bosque, são exercitados em proceder ao seu reconhecimento, isolados e grupados.

Estando grupados, devem ser precedidos de uma ou mais patrulhas, sendo indicadas pelo instructor o numero d'ellas e a sua constituição.

---

[1] Sobre o reconhecimento do terreno propriamente dito já foram dadas indicações no capitulo 3.º.

Nos primeiros exercicios as patrulhas são só constituidas pelos exploradores já instruidos, e seguidamente pelos novos e antigos, e por ultimo só pelos que recebem instrucção.

Os soldados a instruir são divididos em tantos grupos quantos as patrulhas, seguindo á retaguarda d'ellas para observarem como se procede ao reconhecimento.

O instructor faz as convenientes indicações e observações.

Depois de fazer avançar as patrulhas, verifica se se cumprem os seguintes principios:

1.º Se a marcha se realisa por lanços de 50 a 100 metros aproximadamente, segundo a extensão e natureza do bosque;

2.º Se os exploradores no fim de cada lanço fazem alto para escutar e observar, mantendo sempre ligação com as patrulhas visinhas;

3.º Se ha tambem a necessaria ligação entre a patrulha e os grupos á retaguarda;

4.º Se o ultimo lanço excede a sahida do bosque, sendo necessario que antes de abandonar a orla, que deverá ser o terminus do referido lanço, as patrulhas observem a frente e os flancos sem serem vistos do exterior.

Se ao penetrar no local arborisado se surprehender o inimigo, as patrulhas occultam-se o mais que poderem, reconhecem-no e communicam-no ás patrulhas visinhas e ao commandante, esperando instrucções.

Se o inimigo fôr visto estando já as patrulhas internadas no bosque, deve immediatamente ser avisado o commandante, e este ou as mandará reforçar ou recolher conforme as circumstancias aconselhem.

No caso do inimigo ser observado á sahida do bosque, se estiver em estacionamento, o commandante dos exploradores avançará rapidamente, e auxiliado por alguns homens escolhidos observa-o, sem ser visto, de differentes pontos da orla, dando depois conta para a retaguarda do resultado do reconhecimento.

Se o inimigo vae em marcha, sendo em força inferior ou egual á dos exploradores, toma o commandante as suas disposições para o surprehender; se é superior communica ao chefe, espera ordens e procede conforme as suas indicações que se basearão na importancia e necessidade da occupação do bosque, no numero de exploradores, na força e disposição do adversario, e tambem nas circumstan-

cias do tempo e do logar, devendo em cumprimento d'ellas, ou constituir uma linha avançada e iniciar o combate ou retirar sem denunciar a sua presença ao inimigo.

No caso de os exploradores marcharem separados, ao aproximarem-se da orla do bosque, adeantam-se aos que forem indicados pelo commandante e procedem ao reconhecimento, devendo seguir os mesmos principios indicados para as patrulhas; os restantes contornam o bosque e observam os flancos.

2.º Logares habitados

a) **Uma casa isolada.** *1.º Generalidades.* Antes de chegarem junto da casa, alguns exploradores ou uma patrulha designada, conforme marcharem isolados ou em grupos, [1] acceleram a cadencia, e adeantando-se, verificam se o inimigo está occulto por detraz das paredes da casa. Se nada indicar a sua presença, dois exploradores penetram n'ella, e um terceiro, fica fóra, junto da porta, em observação, para de viva voz ou por meio de signaes convencionaes avisar um homem que estabelece communicação com a secção dos exploradores.

Os dois exploradores interrogam o dono da casa ou qualquer pessôa que n'ella encontrem, recebendo indicação de todos os compartimentos, andares, lojas, celeiros etc. etc., que percorrerão.

A linha dos exploradores avança sempre e se ao chegar proximo da casa, ainda o reconhecimento não estiver completo, faz alto e toma posição; se, pelo contrario, já se tiver effectuado, as patrulhas ou exploradores tomam o seu logar no cordão ou grupo.

Da mesma forma se procede para reconhecer um recinto murado, jardim, parque, quintal etc.

Se fôr denunciada a presença de o inimigo no exterior ou dentro de casa, procurar-se-ha surprehendel-o, far-se-ha fogo ou retirar-se-ha, conforme a sua força.

2.º Pratica. Variando a escolha das casas e dos recintos, o instructor ensinal-os-ha a proceder ao reconhecimento como ficou indicado, seguindo sempre o principio de os

---

[1] Constituindo um grupo unico esse destaca uma patrulha para fazer o reconhecimento.

fazer executar primeiro pelos exploradores instruidos e em seguida pelos novos.

b) **Um casal, uma aldeia.** Em chegando a uma certa distancia do casal, da aldeia, a linha dos exploradores faz alto, e occulta-se com qualquer accidente do terreno, com a frente para a aldeia, mas de forma que possa observar o que se passa na sua frente.

Destacam uma patrulha a qual, sem seguir os caminhos, rodeando muros, sebes, vae collocar-se n'um ponto d'onde veja facilmente a maior parte das casas. Estabelece-se ali em alto guardado e espera a passagem d'um habitante que interroga e ao qual pede esclarecimentos sobre o inimigo, sendo depois mandado apresentar ao commandante dos exploradores, que, por seu turno, o interroga tambem.

Se, porém, depois de longa permanencia, nenhum habitante pode ser interrogado, a patrulha não fica inactiva, avança e procede ao reconhecimento da primeira ou primeiras casas da aldeia como ficou indicado.

Varios casos podem dar-se:

1.º **Não ha indicios do inimigo.** Se a patrulha não descobre o menor signal que lhe indique a presença do inimigo, o commandante dos exploradores, que tem sido d'isso informado, ordena que duas ou mais novas patrulhas, conforme a importancia do povoado, contornem a aldeia, explorando os varios pontos e vão tomar posição na saida d'outro lado da aldeia. Percorrem rapidamente os quintaes e mais dependencias das casas exteriores, procurando ligar-se com outras patrulhas que atravessam a aldeia.

As patrulhas que a atravessam reconhecem os principaes logares e vão tambem tomar posição na sahida do lado opposto.

2.º **Ha indicios da presença do inimigo.** Se ha indicios de o inimigo estar nas proximidades, a patrulha escolhe um local proprio e estabelece-se ahi em observação. Informado o commandante d'este facto, ordena que algumas patrulhas explorem as ruas, as principaes habitações, estalagens, tabernas, e outras contornem a aldeia, marchando aquellas com todas as precauções de casa para casa. Se nada se oppõe á sua marcha, reunem-se á sahida e tomam posição.

Informado o commandante, atravessa a localidade com bastantes exploradores.

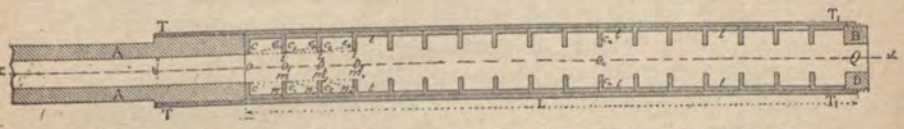
3.º **No caso de encontro com o inimigo.** Se este se compõe apenas de algumas patrulhas, o commandante dos exploradores toma as suas disposições para o aprisionar, se

é em força superior. as patrulhas abandonam a aldeia, ou combatem se forem atacados, retirando para a linha dos exploradores, cujo fogo desmascaram.

Prevenido verbalmente, ou pelo fogo, o commandante ou reforça as patrulhas ou as recolhe para resistir ou retirar conforme as circumstancias.

Nota. O instructor nos exercicios praticos deverá principalmente nas suas explicações mostrar e fazer conhecer os varios casos que se dariam realmente em tempo de guerra.

J. Gil.
Cap. dinf.ª.



O INVENTO DO CORONEL HUMBERT

Já tivemos occasião de dizer n'esta Revista [1], que o coronel Humbert, depois de varios annos de trabalho, tinha apresentado um apparelho que, collocado na bocca das armas ou peças, evitava se notasse, na occasião do tiro, o fumo, o clarão e o som.

Hoje, graças á descripção que d'esse apparelho faz a publicação illustrada parisiense — *Armée et Marine* — podemos completar essa noticia e fornecer aos nossos leitores uma ideia mais completa do invento do coronel Humbert, de que alguma cousa se tem fallado entre nós.

O apparelho consta de um tubo d'aço T T (figura junta) cujo comprimento varia com o calibre da arma ou peça, pois se póde applicar indistinctamente tanto a uma como a outras, com a velocidade do projectil e as dimensões dos elementos constitutivos do proprio tubo.

N'uma das extremidades liga-se á arma ou peça e na opposta tem aparafusada uma especie de rolha metalica D D, tendo um orificio Q com um diametro ligeiramente superior ao calibre da arma.

---

[1] Vidé n.º 8 — *Secção do extrangeiro* — França.

No interior tem collocados pequenos cylindros *t*, t_1, t_2, fechados n'uma das extremidades, conservando comtudo um orificio *o*, o_1, o_2, com um diametro tambem ligeiramente superior ao calibre da arma.

Tanto o centro de todos estes orificios como o centro do proprio tubo coincidem perfeitamente com o eixo do cano.

O funcionamento do apparelho é de grande simplicidade. Depois da inflamação da polvora se produzir e logo que a parte posterior do projectil excedeu a bocca da arma, *o*, uma parte dos gazes que o precedem, devido á sua expansibilidade, espalha-se segundo o tronco do cone *c e* e *c n*, que é retida pela parte fechada do primeiro pequeno tubo *e l* e *m n*, ficando ahi retidos ou pelo menos retardados. Por consequencia, os gazes que atravessam o orificio *o*, já não são senão uma parte dos gazes que sahiram da bocca da arma.

Da mesma forma, os gazes que passaram o orificio o_1, devido tambem á sua expansibilidade, tendem a espalhar-se segundo o tronco do cone *c e*, e *c n*, ficando, portanto, n'este segundo pequeno tubo, retardada uma parte dos gazes que atravessou o orificio o_1. Da mesma sorte e devido sempre á mesma causa, uma parte dos gazes que consegue atravessar o orificio o_2, é retardada pelo terceiro pequeno tubo e dando-se sempre esses retardamentos nos mais tubos succede que, quando o projectil atravessa o orificio Q já não é acompanhado senão por uma muito pequena quantidade de gazes da polvora, pois foram successivamente retardados pelos tubos, não se notando, por consequencia, nem o fumo, nem o clarão, nem o som.

Os gazes, que apenas foram retardados momentaneamente pelos pequenos tubos, vão sahindo depois lentamente pelo orificio Q.

O recuo parece que tambem é sensivelmente atenuado.

Como se vê, o apparelho é muito simples, mas, não obstante, tem um contra que certamente o não torna pratico, que é o grande comprimento que precisa ter. Para as armas de calibre 8 parece que necessita ter um comprimento superior ao do sabre bayoneta, o que o não torna portatil nem mesmo commodo, quer nos transportes, que pode ser preso á mochila, nem na occasião do fogo, pois alonga a arma demasiadamente.

METRALHADORAS

IV

Depois de termos descripto as principaes machinas de guerra, que com o nome generico de metralhadoras têem sido adoptadas pelos diversos estados, segue-se naturalmente o colligirmos n'estes apontamentos a forma por que cada estado tem successivamente admittido o moderno engenho de guerra, se moderno se pode chamar. Começaremos pela

Suissa

As primeiras tentativas de introducção das metralhadoras na Suissa datam de 1887.

Maxim apresentou ao Conselho Federal a sua *espingarda de tripé*, n'esse anno. Feitas as experiencias, o Conselho Federal informou a Assembléa Federal [1] de que um atirador podia fazer, com aquella arma, 500 tiros por minuto *bem apontados*, com as munições ordinarias da in-

---

[1] Para mais facil comprehensão d'este artigo permittimo-nos recordar ao leitor, em poucas linhas, o mecanismo legislativo da Republica Suissa.

O poder legislativo reside na *Assembléa Federal*, composta de duas camaras distinctas: *Conselho dos Estados*, eleito pelos conselhos legislativos dos cantões; e *Conselho Nacional*, eleito directamente pelo povo.

O poder executivo reside no *Conselho Federal* (7 membros), eleito pela Assembléa Federal.

Submettida qualquer proposta de lei a uma das camaras, é alli discutida, e enviada, com parecer, á outra camara. Se os resultados são conformes entre si, é o projecto remettido ao Conselho Federal para ser tornado publico. O Conselho Federal fixa um praso para se conhecer a opinião publica em relação ao projecto. Se, findo o praso, não ha opposição da parte do povo á execução da nova lei, é esta posta em vigor; porém, se appareceu uma petição de, ao menos 30.000 eleitores, reclamando o *plebiscito*, procede-se a votação geral, em todo o paiz, para deffinitiva approvação do projecto.

Se a maioria popular vota pela approvação, o Conselho Federal faz executar immediatamente a lei; se vota pela regeição, é o processo devolvido á Assembléa Federal com a declaração de não haver sido admittido pelo povo, o que, aliás, não é politicamente considerado um desaire para aquella Assembléa.

fanteria. O coronel Pfyffer que elaborara a informação, propoz, fundado nas experiencias realisadas, que se augmentasse a força do exercito creando secções de metralhadoras tanto na cavallaria como nos batalhões d'infanteria.

Além dos modelos entregues para experiencia á cavallaria, alguns mais foram distribuidos á artilharia de posição de S. Gothard.

Pensava-se n'esse tempo que era principalmente nos desfiladeiros das altas montanhas onde mais necessario se tornaria produzir um fogo intenso d'infanteria, aproveitando um limitado numero de combatentes. A par das experiencias mais especialmente tacticas realisadas pela cavallaria nas grandes manobras, as experiencias technicas realisadas em S. Gothard demonstraram o enorme valor das metralhadoras como arma de guerra. Após cerca de seis annos de experiencias, o Conselho Federal propoz á assembléa federal, em mensagem de 14 de novembro de 1893, introduzir a nova machina de guerra nos regimentos de cavallaria, e n'essa conformidade foi admittida a creação de baterias de metralhadoras no projecto de organisação elaborado em 6 de Dezembro do mesmo anno.

O Conselho dos Estados, que tem prioridade de voto, approvou em 28 de março de 1893 uma moção, em que, considerando a introducção das metralhadoras propostas em 6 de dezembro de 1893 como uma alteração profunda na organisação da cavallaria, e que portanto só deveria tratar-se d'isso quando se pensasse em reorganisar aquella arma, resolveu não entrar na discussão da mensagem especial do Conselho Federal de 14 de novembro de 1893, quanto a este assumpto.

Pelo seu lado, o Conselho Nacional adheriu em 5 d'abril de 1895 á innovação proposta, embora para isso tivessem que ser modificados os artigos militares da constituição federal, visto tratar-se de uma reorganisação completa do exercito. Em 28 de junho de 1895 voltava a questão ao Conselho dos Estados, resolvendo este continuar a manter a sua decisão de 28 de março de 1894.

Em seguida, em uma votação popular de 3 de novembro de 1895, a reorganisação total do exercito foi regeitada, ao passo que eram approvadas as modificações apresentadas em 1893, que passaram a lei do estado em 1897 e que eram uma nova organisação da artilharia, augmento da cavallaria divisionaria e reorganisação da infantaria de *landwehr*.

Em 15 de dezembro de 1897 o Conselho Nacional, adherindo á resolução do Conselho dos Estados, devolvia ao Conselho Federal o projecto para a creação de secções de metralhadoras, pedindo-lhe, ao mesmo tempo, que submetesse sem demora ás camaras um novo projecto.

O Conselho Federal apresentou effectivamente, em 15 d'abril de 1898, um projecto em que eram creadas quatro companhias de metralhadoras a cavallo, cada uma das quaes destinada ao seu corpo d'exercito. O effectivo de cada companhia é assim constituido:

Capitão commandante	1
Primeiro tenente	1
2.os tenentes	2
1.º sargento	1
Furriel	1
2.os sargentos (dois dos quaes espingardeiros)	4
Cabos (dois dos quaes espingardeiros)	10
Corneteiros	1
Ferreiros	2
Selleiros	1
Metralhadores	40
Sargento do trem	1
Soldados do trem	7
Cavallos	67

Para a organisação immediata das companhias foram buscar pessoal á cavallaria, mas já o decreto previa que, nos recrutamentos subsequentes, seriam destinados soldados para *metralhadores*, como para qualquer das outras armas.

E' assim que a Suissa tem 4 companhias de metralhadores Maxim adjuntas aos quatro corpos de exercito.

Veremos nos artigos seguintes como ellas foram adidas á infanteria na Russia, na Inglaterra, em Hespanha (Cuba) etc.

M. Roquette.
Tenente d'Inf.

No Sul da Africa

2.ª PARTE

(Continuado do n.º 10 — 5.º anno)

V — Um ataque de frente deve ser sempre combinado com um ataque de flanco.

Julgamos que este principio é verdadeiramente intuitivo, mas, não obstante, diremos alguma cousa que o confirme. Antes de o fazermos, porém, precisamos declarar que os principios indicados para os ataques de frente teem, com força de razão, plena applicação aos ataques de flanco.

Nas guerras de 1866 e 1870 procurou-se sempre o envolvimento estrategico como preludio do envolvimento tactico.

O general Blume, na sua *Estrategia*, diz — «A melhor garantia do successo na offensiva reside na marcha envolvente e simultanea de todas as forças contra a frente e flancos do inimigo».

Dito isto simplesmente, para não ir mais longe em citações, necessitamos dizer, como esclarecimento, que é necessario saber em que altura acaba a estrategia e em que ponto começa a tactica. Dando a nossa opinião, em resumo, diremos que a estrategia deixa o logar á tactica logo que se está em presença do inimigo. Os movimentos executados debaixo das vistas do adversario, mas fóra da acção das suas balas, constituem o que se chama a estrategia-tactica ou estrategia do combate. Vamos, pois, referirmo-nos só-

mente a esta, porque não temos a pretensão de fazer um estudo de estrategia.

A estrategia do combate ou os movimentos na presença do inimigo como preparação e preludio do combate executados pelos inglezes foram d'uma simplicidade primitiva, rudimentar, pois que se limitaram simplesmente, supposta ou conhecida a posição adversa, a atacal-a de frente, indo direito a ella sem hesitar nem torcer caminho. O resultado, salvo o pittoresca da comparação, foi serem farpeados e passados de *muleta* á vontade e sem grandes incommodos da parte dos boers.

Pelas descripções e transcripções que já temos feito vê-se claramente que os inglezes em Colenso, Modder River, Magersfontein, Graspan, Stormberg etc. etc. desenvolveram em linha na frente das fortes posições fortificadas dos boers sem tentarem sequer nem um ataque de flanco nem o mais pequeno movimento envolvente. Avançando assim, umas vezes em columna, outros sem terem feito a preparação conveniente e aproveitando sempre muito mal o terreno, foram victimados cruelmente pelo fogo boer que lhe era lançado de bom alcance. Não fazendo movimento algum que intimidasse os boers, cometteram os inglezes um erro grave, e tão grave que as consequencias foram bem notorias e funestas.

Ha, porém, uma excepção digna de menção. Lord Roberts, certamente um general habil, avaliando o preço porque lhe tinham ficado as batalhas de Modder e Magersfontein etc. pelo facto de atacar aquellas posições sómente de frente, resolveu tomar uma linha de conducta contraria e envolver os boers mesmo em Magersfontein por Sul e Leste. N'esta ordem de ideias, concebe o seu plano, o unico grandioso que houve em toda a campanha, e dispõe as suas tropas n'esse sentido. Porém, quando ellas estavam em marcha, Cronje retira para Leste e obriga Roberts a modificar o seu plano, não na essencia, mas na forma como devia ser executado. Obedecendo á unica ideia de envolver Cronge, consegue, nas alturas de Paardeberg, que uma divisão se antecipasse aos federados. Sendo feliz n'esta execução, começou logo por collocar Cronje em difficuldades. Como, porém, este esteve hesitante, as columnas de Roberts poderam chegar a tempo proximo da posição dos alliados, executando-se então movimentos em todos os sentidos, devido aos quaes conseguiram envolver Cronje n'um *circulo de ferro*, d'onde sahiu prisioneiro.

Se nos outros combates tivessem os inglezes procedido assim, é facil de ver que embora os resultados não fossem tão favoraveis, pois que nem o podiam ser pela falta de effectivos, deviam ao menos attenuar um pouco as consequencias desastrozas que soffreram.

Isto que estamos dizendo já teve dos inglezes uma sancção official, e tanto que na sua *ordenança*, recentemente publicada, lemos — «Um inimigo bem armado pode sómente ser vencido d'uma forte posição envolvendo parcialmente a sua frente, ou surpreendendo-o com um fogo mais intenso e certeiro do que o seu e, eventualmente, carregando-o á bayoneta. Avançar debaixo d'um fogo intenso é, contudo, uma operação longa e difficil».

E n'outro ponto acrescenta: — «E' geralmente essencial que o ataque seja dado simultaneamente contra a frente e flancos. O effeito moral do ataque de flanco é tão grande que o esforço principal deve ser dirigido contra qualquer dos flancos do inimigo». [1] Indicando depois, n'esta ordem de ideias, a maneira de os effectuar.

Se estas disposições já estivessem na ordenança anterior é crivel que não se tivessem abalançado a tanto ataque de frente, mas como procederam segundo os principios da tactica antiga, suffreram baixas sem numero.

Sobre o mesmo assumpto escreve o major inglez Callewell — «A tendencia da tactica moderna consiste no envolvimento do inimigo pelo flanco. A zona perigosa extende-se tão longe da frente da linha defensiva que as tropas que atravessarem esse espaço estam sujeitas a serem aniquiladas antes que possam chegar ao alcance do adversario, ou antes, não se podem aproximar a ponto de lhe poderem fazer mal com o seu fogo». [2] Callewell, porém, ainda não fica contente com isto acrescenta depois — «Destacamentos devem avançar formando uma longa linha de maneira a envolver os flancos do adversario, até que por fim uma consideravel força possa atacar a retaguarda do adversario», que foi exactamente e que lord Roberts fez em Paardeberg, com notavel resultado.

O proprio Lord Roberts, n'um interessante artigo publicado na *United Service Magazine*, diz que a marcha em frente, mesmo havendo possibilidade de encontrar bons

[1] Infantry training (provisional). — 1902.
[2] Tactics of to day (tactica d'hoje). — 1902.

abrigos, só será possivel se fôr protegida por uma numerosa artilheria e por fogos de flanco de infanteria.

Mas se os inglezes não procederam conforme hoje preconisam, os boers, guiados por officiaes extrangeiros mais ao facto das exigencias da guerra moderna que a theoria já deixava antever, procederam d'uma maneira bem diversa nas poucas vezes que optaram pela offensiva tactica. Citaremos um unico exemplo que mostre isto mesmo, que nos é fornecido pelo combate de Spion Kop.

Pela descripção vimos que os boers, logo que souberam que aquella forte posição tinha sido tomada por surpresa pelas tropas britanicas, formaram duas columnas que marcharam direitas á posição. Como reconheciam, não obstante, que era necessario ameaçar os flancos da linha ingleza, foram-se afastando e... «adoptando desde então a mais sabia linha de conducta, contentaram-se *em encerrar a posição ingleza n'um semi-circulo* de atiradores embuscados fazendo sómente uso do fogo, mas d'um fogo verdadeiramente desencadeado». [1]

Quer dizer, trataram de envolver o inimigo para o bater com fogos d'enfiada e para, ao mesmo tempo, lhe ameaçar a retirada. E tanto effeito produziram que os inglezes, vendo-se dizimados e quasi com a retirada cortada, tiveram que abandonar a posição que lhe abria as portas de Ladysmith.

Parece-nos, depois de tudo que fica dito, que temos rasão para pedir que nos exercicios de armas combinadas que entre nós se fazem, se attenda um pouco a estes principios e que não nos limitemos simplesmente a effectuar o contra-ataque sacramental.

David Rodrigues.
Ten. d'inf.

---

1 La guerre sud-africaine. pag. 340.

IMPEDIDOS DE OFFICIAES

Não deixa de ser interessante o que nos principaes exercitos succede com os impedidos de officiaes. Para que os nossos camaradas possam ajuizar do que se passa lá por fóra, ahi têm umas notas interessantes.

Em *França,* o numero de impedidos, não entrando em conta com os do exercito colonial, prefaz a bella somma de 25:000 homens, dos quaes 3:500 são só para os officiaes não arregimentados, em differentes serviços não affectos a commandos de tropas. Esta questão veio a lume depois das discussões por causa da reducção do tempo de serviço. Para evitar este mal, perfeito flagello que tira das fileiras um tão grande numero de soldados, já se chegou a propôr a supressão dos impedidos aos officiaes não arregimentados e de lhes dar em troca uma subvenção mensal. O que é verdade é que esta medida, applicada simplesmente a esses officiaes seria o bastante para fazer entrar nas fileiras nada menos do que o effectivo de uma brigada em pé de paz.

A *Russia* preoccupa-se especialmente d'esta questão. Cada anno, está calculado, passa á reserva um numero tal de impedidos que prefaz o effectivo de uma divisão em pé de guerra. Perante tal numero é facil de prevêr quão grande é o numero de soldados afastados, por este facto, das fileiras do exercito, e o quanto isto, por consequencia, affecta os respectivos serviços. E tanto mais que os soldados, n'este paiz, logo que passam ao serviço do official,

não são chamados para mais coisa alguma. Devido a isso os commandantes de companhia escolhem para estes serviços os soldados mais mal instruidos, o que, junto á circumstancia de não mais serem chamados, faz com que essa divisão de impedidos passe annualmente á reserva com instrucção quasi nulla. Para evitar este inconveniente obrigam os impedidos a servir nas fileiras durante o 5.º anno, mas como durante os annos anteriores adquirem outros habitos, já não é possivel fazer d'elles bons soldados, continuando, portanto, a passar á reserva soldados mal instruidos.

Na *Austria* todos os officiaes, até coronel, funccionarios de justiça, medicos e capellães teem direito a soldado impedido. Os generaes não teem direito a impedido. Todos os officiaes acima mencionados que não queiram impedido teem direito a uma subvenção mensal de 16 *corôas*, ou seja, proximamente, 3$500 réis, faculdade esta de que se costumam geralmente utilisar os officiaes solteiros.

Os tratadores de cavallos teem uma cathegoria especial e são sustentados pelos officiaes.

Os impedidos não comparecem nos exercicios nem revistas e trazem o uniforme do corpo a que pertencem com um bracelete no braço direito. São sustentados pelo corpo, mas os officiaes são obrigados a dar-lhe uma gratificação mensal, que não deve ser inferior a 6 *florins*, ou seja cerca de 1$300 réis.

Na *Allemanha* teem direito a impedido todos os officiaes e funccionarios militares. Os soldados só podem ser impedidos depois de terem um anno de serviço e terem tomado parte nas grandes manobras, o que dá origem a que os officiaes de infanteria mudem de impedido todos os annos e os das armas montadas de dois em dois annos.

Além d'isso, e ao contrario do que succede na Russia, só podem ser impedidos os soldados bem instruidos e bons atiradores, além da obrigação de assistirem ás revistas, aos exercicios principaes e de tomarem parte em todos os exercicios de fogo.

Os impedidos são sustentados pelos corpos, mas os officiaes teem obrigação de lhes dar uma gratificação mensal de 3 *marcos*, ou seja cerca de 700 réis. Os impedidos podem vestir á paisana ou á militar.

Na *Italia* os soldados podem ser impedidos logo depois da recruta, mas teem obrigação de comparecer ás revistas e exercicios.

Como vemos, só na Austria os officiaes que não quizerem utilisar-se dos serviços do impedido tem direito a uma subvenção mensal. Affigura-se-nos esta medida de grande alcance, não só para o official que o não precise, como aliaz ha muitos, podendo por isso augmentar os seus vencimentos, mas tambem para os proprios interesses do exercito, visto representar soldados que se tiram a menos das fileiras, razões estas que nos levam a pedir que se faça outro tanto entre nós.

Medalha "Rainha D. Amelia"

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Esta medalha, criada por decreto de 23 de novembro de 1895, foi destinada a estimular as nobres aspirações e brios generosos dos militares, que tanto se teem distinguido pela sua abnegação e patriotismo nas expedições ao ultramar, sendo reformada mais tarde, por decreto de 6 de junho de 1896.

No primeiro decreto determinava-se que a medalha tivesse d'um lado a effige de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, e do outro a legenda — *Expedição a Moçambique 1894* ou *Expedição á India 1895*.— No decreto que a modificou, tornou-se a medalha extensiva a outras expedições que, de futuro, venham a ser organisadas para assegurar o dominio colonial da nação, e que, por decreto, sejam julgados dignos d'aquella distincção.

Determinou-se mais que a fita, orlada de encarnado, será na parte central de côr differente para cada expedição.

Ora, desde então, as expedições succederam-se umas

apoz outras, e no espaço de 7 annos muitas foram enviadas ao ultramar, e para estas expedições criaram-se dez medalhas differentes, porque, segundo o determinado n'aquelles decretos, cada uma d'ellas deve ter uma legenda especial.

Abstrahindo já da côr que terá a faxa central, porque sendo esta a unica variavel para cada medalha, difficil será de futuro encontrar-se uma côr que distinga a insignia de fórma patente e visivel, como pretende o respectivo decreto; referimo-nos simplesmente á legenda que deve ter cada medalha, por ser esta especialidade a que torna difficil a sua acquisição no mercado, em vista do pequeno numero que é necessario para cada expedição.

Não continuando ellas a serem fornecidas pelo Estado, como o foram as commemorativas das expedições enviadas a Moçambique e á India, e como aliás determina o artigo 6.º do decreto de 6 de junho de 1896, Sua Ex.ª o nobre ministro da guerra prestaria um relevante serviço aos officiaes e a algumas praças de pret que ainda se encontram nas fileiras, se por ventura determinasse que a medalha fosse a mesma para todas as expedições, por assim poderem facilmente obter-se no mercado, em vista do maior numero que seria preciso cunhar. Julgamos não haver inconveniente n'isto, porque, pretendendo-se á primeira vista conhecer de que expedição tinha feito parte o militar que trouxesse ao peito uma medalha de tal ordem, lá estava a fita a dizel-o.

De resto, até julgamos que a propria fita podia ser egual para todos.

A ordem da Torre e Espada, que se confere por motivos muito differentes, tem uma unica fita e as legendas das respectivas insignias são as mesmas. O sr. presidente do conselho se por acaso tivesse ostentado a sua Gran-Cruz ao lado do fallecido conselheiro Antonio Ennes, nada nos diria que uma tinha sido concedida por serviços na metropole e outra por serviços de campanha no ultramar.

A ordem de S. Thiago, que tambem é concedida, tanto aos artistas como aos homens de sciencia, segundo é conferida a estes ou áquelles, tambem nada tem de particular que a distinga.

Parece-nos, pois, que se a legenda da medalha da Rainha D. Amelia tivesse uma fórma generica, que podia ser a de—*Expedições Coloniaes*—, uma mesma medalha serviria para todas as espedições, embora a fita se mantivesse

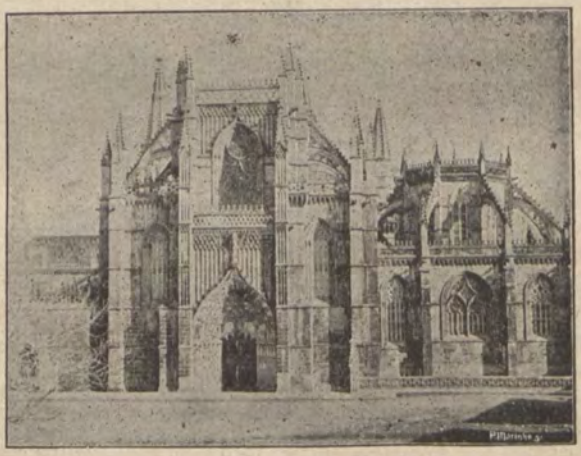
differente, e então, assim, haveria facilidade em obtel-as no mercado.

E' este o desejo de todos os militares, que tendo direito a uzal-a, não possuem a respectiva medalha, e ficamos convencidos de que, se estas linhas forem passar debaixo dos olhos do nobre ministro da guerra, Sua Ex.ª nenhuma duvida terá em determinar tão justo alvitre.

X.

Nota da redacção. Consta-nos que o sr. ministro da guerra, de accordo com o sr. ministro da marinha, tem em preparação um novo decreto referente á *Medalha D. Amelia* que resolverá cabalmente o problema.

MONUMENTOS MILITARES



Santa Maria da Victoria

D'entre as mais finas joias d'arte que possue o nosso paiz é a primeira sem duvida.

Quem uma vez a viu não a póde jámais esquecer.

Commemoração solemne da gloriosa batalha d'Aljubarrota, é um padrão magestoso d'essa dymnastia *d'élite* que o Mestre fundou. E quem lêr com attenção *A aboboda*, de

Herculano, depois ao visitar a Batalha, como o povo lhe chama, não precisa ter uma grande imaginação de poeta nem uma alma essencialmente romantica, para evocar a imagem fulgurante de D. João I, passando atravez aquellas naves que repercurtiram o tenir dos ferros das armaduras, e a do bom Affonso Domingues, já cego, coitadito, seguindo o traço d'aquella renda prodigiosa.

(Continúa).

BIBLIOGRAPHIA

Manual do Colono — pelo tenente Alfredo de Leão Pimentel

E' o primeiro volume de uma serie que este nosso querido amigo e collega na *Revista de Infanteria*, pretende publicar.

Revela este trabalho sobre *hygiene colonial*, um estudo muito conscienciosо da parte do auctor, estudo que traz entre mãos ha muitos annos, com uma vontade de ferro e com a nitida consciencia da sua utilidade, mas que nunca quiz publicar sem primeiro ver com os seus olhos e sentir com os seus proprios sentidos, o que eram as nossas colonias e como d'ellas se poderia fazer alguma coisa de util á mãe patria.

A experiencia entra como factor importante n'este livro.

Conhecemos muito de perto o formoso caracter do auctor, a sua lucida intelligencia e as suas notaveis faculdades de trabalho.

E' um crente, animado da mais viva fé patriotica, e ha de ser sempre um official prestadio.

E quem lançar o seu olhar para as colonias, quem empregar o seu estudo, o seu esforço no trabalho abençoado da valorisação d'esse nosso patrimonio, que é a nossa riqueza e deve constituir a grande esperança da nossa regeneração economica, é, sem duvida, um benemerito.

A *Revista de Infanteria* exulta com verdadeiro jubilo vendo a dedicação com que Alfredo de Leão Pimentel se consagra, com tanta probidade scientifica quanta sinceridade de soldado, á resolução dos mais importantes problemas coloniaes.

Na primeira pagina do seu livro vem uma gravura suggestiva — a saudação á bandeira nacional no commando militar de Chicomo.

Aquelles que tomaram parte na campanha de 1895 não podem deixar de sentir uma grata impressão de saudade, ao vêr aquella *bayéte*, porque o Chicomo foi a base de operações a essa campanha gloriosa, que teve por consequencia o completo desbarato e anniquilamento do poder dos vatuas.

Lendo o *Manual do Colono*, meditando nas suas lições, reflectindo

e estudando os seus conselhos, para logo nos convencemos que nenhum official deve ir servir nas colonias sem que leve no fundo da sua mala tão precioso livro.

A hygiene é o maior auxiliar da saude, mas, em Africa, a hygiene constitue a grande barreira, e que se torna muitas vezes invencivel, que o europeu deve oppôr á invasão do morbus indigena, filho d'essa alliança infernal do calor com a humidade.

Falta-nos o espaço para desenvolvermos a nossa these e demonstrar que quem vae para a Africa, e sobre tudo um official que pode encontrar-se, e encontra-se com certeza muitas vezes, commandando soldados sem ter o auxilio de um medico, deve possuir uma certa bagagem scientifica sobre pathologia e therapeutica das mais salientes doenças tropicaes, para não cruzar os braços diante do mal dos seus subordinados.

E não se julgue que Alfredo de Leão Pimentel se abalançou, sob sua unica responsabilidade, a entrar no campo de uma sciencia que elle cultiva por amor ao estudo e pela convicção plena da sua incomparavel utilidade nas nossas colonias.

O tenente Pimentel submetteu o seu trabalho á critica do notavel homem de sciencia e nosso querido amigo tambem, o capitão-medico dr. Eduardo Pimenta, solicitando-lhe uma cuidada e escrupulosa revisão.

O dr. Eduardo Pimenta é auctor de uma notavel monographia sobre febres palustres, e durante o tempo em que foi expedicionario consagrou-se ao estudo das doenças tropicaes. E', portanto, e com duplicada razão, auctoridade na materia.

E por isso, seja-nos permittido ao terminar esta ligeira noticia, em que desejamos principalmente felicitar o nosso collega pela sua obra e incital-o a que continue com a mesma fé e com a mesma devoção civica com que tem emprehendido trilhar a escabrosa estrada da vida publica, fazel-o com as proprias palavras do dr. Pimenta do final do seu prefacio.

«A minha divagação preambular finalisa, não por uma apresentação no salão das lettras do conscienciosо publicista, o que, feito por mim, seria immodestia injustificada. Mas antes, em nome de uma leal camaradagem e por uma affinidade de ideaes, vimos os dois, de braço dado, solicitar a benevola attenção do publico, para uma obra, cujo objectivo capital se fulcrisa em juntar mais um elemento elucidativo dos processos racionaes de bem viver em climas, onde o homem necessita de alliar a maxima prudencia, na defesa da sua integridade physica, á mais alta differenciação cerebral, para lhes vencer a acção damnificadora, ferindo uma aguerrida lucta com uma natureza exuberantemente opulenta.»

Theorias nas Casernas.—pelos tenente-coronel Ribeiro Arthur e capitão Pimentel Maldonado

Já em tempo tivemos o prazer de publicar n'esta *Revista* uma pagina inedita do livro, então em preparação, que hoje temos o prazer de vermos diante dos nossos olhos.

E' um livro duplamente util, porque ensina e educa. Falla á intelligencia e falla ao coração

A intenção generosa com que elle foi escripto honra sobre modo os nossos camaradas e amigos que metteram hombros á empreza.

Ensinar e educar o soldado para o fortalecer n'essa lucta gigantesca que elle tem de sustentar para bem cumprir sempre o seu dever, dia a dia, hora a hora, é a mais ardua e difficil missão do official.

Erguer no coração de cada soldado um altar onde a Patria seja venerada, não apenas por instincto, mas na mais nitida comprehensão do valor d'esse amor, que é capaz de fazer de cada soldado um heroe, e de cada heroe um martyr glorioso, é cimentar, com indestructivel argamassa, os alicerces onde se firma a honra da nossa nacionalidade, a sua independencia, a sua vida autonoma.

O soldado deve sempre merecer-nos os nossos maiores desvellos, as nossas mais solicitas dedicações. Elle é fundamentalmente bom, e quando bem guiado e bem dirigido, só por excepção sae fóra do caminho do dever.

Educar o soldado é fortalecer a disciplina.

Educar o soldado é assegurar ao paiz a garantia do direito que as sociedades cultas teem ao respeito pelas leis.

Educar o soldado é fazer reviver n'esta nossa raça bemdicta de patriotas, a indomavel coragem e inexcedivel arrojo dos tempos epicos da nossa brilhante historia.

Por isso consideramos sempre como benemeritos aquelles que, inflammados por essa scentelha divina do amor patriotico, procuram, no remanso do seu gabinete, nas cogitações do seu espirito e na generosa sentimentalidade da sua alma, fornecer elementos para nos ajudar a ensinar e educar o soldado.

O livrinho que temos presente é modelar.

Felicitamos os seus auctores pelo seu bello trabalho, applaudindo-os com a mais viva sinceridade pelo bem que procuram fazer.

SECÇÃO DO ESTRANGEIRO

Allemanha. — As manobras imperiaes. — Não vamos dar uma noticia detalhada das grandes manobras imperiaes allemãs que este anno se realisaram, mas apenas referir-nos a tres pontos verdadeiramente dignos de estudo, taes são: a carga de cavallaria commandada pelo proprio imperador, o emprego da tactica boer e os ensaios da telegraphia sem fios.

Para a carga de cavallaria foi escolhido um terreno apropriado, entre Posen e Francfort sobre o Oder, tendo cerca de 100 milhas de comprimento por 50 a 60 de largura. A carga executou-se no dia 11 de setembro, nas condições seguintes: depois de ter reunida toda a cavallaria dos dois partidos — *vermelho e azul*, — formando ao todo 16 regimentos, o Imperador Guilherme tomou o commando, e, desembainhando a espada e mettendo esporas ao cavallo, carregou sobre o partido vermelho, que occupava uma posição defensiva. As tropas d'este partido, principalmente constituido por infanteria, logo que viram que o imperador se approximava, abandonaram as posições e retiraram

mesmo desordenadamente. Entretanto o imperador não os poupou, pois que galopando sempre perseguiu a infantaria até 5 milhas de distancia.

A imprensa ingleza, devido ás licções do Transwaal, tem criticado asperamente esta phantasia guerreira do imperador Guilherme e toda ella é de opinião de que esta carga seria impossivel de levar a cabo contra uma infanteria servindo-se das armas modernas e metralhadoras.

A tactica boer foi empregada no terceiro dia de manobras. Como se sabe, a tactica boer é a tactica irregular, a tactica individual, a tactica da iniciativa, a tactica sem formas rigidas nem geometricas. Indica-se as posições que se devem occupar e os commandantes de companhia levam para lá os seus soldadas conforme podem. Com este fim a infanteria desenvolveu-se em ordem dispersa sem se occupar com formação alguma regular. Cada soldado, cada esquadra aproveitava as irregularidades do terreno que se lhe deparavam com o fim de se porem a coberto das vistas do partido contrario. Devido a isso não houve lances vistosos, nem descargas de effeitos scenicos.

A artilheria procedeu de identica forma. Cada bateria escolhia posição para si d'onde melhor podesse bater a inimiga e onde, com mais possibilidade, se podesse occultar das vistas.

Os resultados obtidos com as experiencias da telegraphia sem fios parece terem dado bons resultados. O exterior do apparelho empregado era o de uma simples caixa de ferro de forma cubica montada sobre uma carreta semelhante a um armão de artilheria. Preso a este carro elevava-se a umas centenas de pés um pequeno balão, destinado a elevar o fio receptor, o que não impedia que o carro podesse marchar com toda a velocidade atravez dos campos, necessitando estar parado sómente no momento de transmittir.

A importancia d'estes apparelhos é obvia. No entretanto, para melhor salientar as suas grandes vantagens, diremos que no dia 12, os corpos de cavallaria estiveram sempre em communicação com o quartel general, o que permittiu retardar ou apressar a marcha, conforme o general quiz, durante as 32 milhas que n'esse dia percorreram no serviço de exploração.

Hespanha. — **A padroeira da arma de infanteria.** — Em Hespanha cada arma tem a sua padroeira; a da infanteria é Nossa Senhora da Conceição, que se festeja no dia 8 de dezembro.

Para esse fim, organisam-se em todos os corpos e em todas as guarnições festas em cada regimento ou collectivas, que por vezes chegam a tomar um brilhantismo desusado. Os officiaes do mesmo regimento, ou todos os de infanteria da mesma guarnição, cotisam-se e, com o seu producto, organisam festas religiosas, saraus, banquetes, etc. Os sargentos fazem outro tanto, e até os proprios soldados, com o apoio dos officiaes e sargentos, engrinaldam as suas casernas e organisam tambem as suas festas de caracter popular e militar. Emfim, o dia 8 de dezembro é um verdadeiro dia de alegria para todos aquelles que têm a honra de pertencer á *valerosa* infanteria.

A importancia d'uma festa d'estas é bem manifesta, pois é sempre um excellente meio para despertar e desenvolver o espirito de corpo e de arma, sempre tão necessario n'aquelles que abraçam a mesma vida e que no momento de perigo teem de partilhar das mesmas honras e supportar as mesmas agruras. Alem d'isso, a infanteria hespanhola, com a realisação d'esta festa patriotica, põe em relevo a boa união que en-

tre ella existe e a boa camaradagem que reina entre os seus membros, desde os generaes, que mandam, até aos soldados, que obedecem.

Nós, que não possuimos festa alguma com este caracter, declaramos que invejamos á infanteria hespanhola esta patriotica tradicção.

França. — **Supressão da esgrima «á épée».** — Por decreto de 6 de novembro ultimo, a instrucção de esgrima á *épée* foi suprimida nos corpos de tropa de infanteria colonial.

Esta medida foi devida a uma exposição do ministerio da guerra em que fazia ver que esta instrucção se tinha tornado inutil na infanteria colonial, visto a sua arma ser principalmente o revolver.

Esta instrucção custava mais de 60:000 francos por anno, além de absorver muitos homens, impedidos n'isto, de exigir muito tempo e de ser necessario uma ou mais salas especiaes, que podem ser destinadas para outros serviços.

Russia. — **Concurso de rancheiros.** — Eis uma pratica que se não é invejavel de todo não deixa não obstante de ser util. Na Russia, todos os annos, se organisa no campo de Hrausueê Selo, onde é vulgar reunirem-se mais de 40:000 homens, um concurso entre os rancheiros do corpo da Guarda. Os premios são geralmente constituidos por artigos uteis ao soldado, relogios e dinheiro, os quaes são comprados pelo legado do principe Oldemburg, expressamente destinado á compra de objetos para premiar os rancheiros que prepararem melhor sopa de hervas e a *kaeha*. Todos os corpos enviam os seus melhores rancheiros ao concurso, cujo jury é formado por officiaes superiores e subalternos, á rasão de um official por divisão de infanteria e cavallaría e por brigada de caçadores e artilheria.

Hespanha. — **Estado do exercito hespanhol.** — Em janeiro ultimo na escala do exercito activo havia 525 generaes para uma força permanente de 80:000 homens resultando aproximadamente um general para dois coroneis e 150 soldados para cada um d'estes, enquanto que na Allemanha, para um effectivo de 562:184 homens, que constituem a força permanente em pé de paz, ha 420 generaes ou seja 105 a menos do que no exercito hespanhol, o que dá 1:340 homens para cada general.

Outros dados importantes com relação ao numero de officiaes em relação dos demais exercitos. Para cada 100 soldados de infanteria ha 4 1/2 na Austria, 4 1/8 na Allemanha, ao passo que na Hespanha ha 23. Para egual numero de homens de cavallaria ha 3 officiaes na Austria, 5 1/2 na Allemanha e 26 em Hespanha. A relação de officiaes subalternos e capitães para officiaes superiores é de 11 na Austria, 15 na Allemanha e 18 em Hespanha.

Finalmente, como dado estatistico que mostre o grande excesso de officiaes que ha em Hespanha basta dizer que emquanto o por cento de aquelles com relação ás tropas permanentes é de 14,324 %, na Allemanha é de 4,12, na Austria de 7,36, na Belgica 7,12, na Dinamaca 9,10, em França 5,14, na Inglaterra 4,41, na Grecia 8,01, na Italia 2,98 nos Paizes Baixos de 5,41, em Portugal de 2,70, na Russia de 4,18 na Suecia e Noruega de 5,23 e na Suissa não chega a meio por cento.

Pelo estudo comparativo vê-se que a Hespanha é de todas as nações da Europa aquella que tem maior numero de officiaes e que Portugal é um dos paizes que tem, em relação ás tropas do exercito permanente, um menor numero.